



CENTRO DE COMPETÊNCIA DE ARTES E HUMANIDADES

**A RTP MADEIRA:
UM MARCO CULTURAL ENTRE 1972 E 2012**

Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural

João Roberto Gonçalves Correia

Orientadora: Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento

FUNCHAL

2013

AGRADECIMENTOS

Após quase dois anos de intenso trabalho e dedicação, não existem palavras que descrevam a minha gratidão para com aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, neste projeto de dissertação.

Mas quero deixar aqui registado o meu agradecimento:

À minha Orientadora, Professora Doutora Teresa Nascimento, por toda a disponibilidade e amabilidade, e pela confiança que sempre depositou em mim.

Aos antigos jornalistas da RTP Madeira: Maria Luísa e Roquelino Ornelas, pelos seus preciosos testemunhos, pelo carinho demonstrado e pelo tempo que lhes retirei para a realização das entrevistas.

À RTP Madeira, pela visita guiada ao Centro Regional e disponibilidade no fornecimento dos registos audiovisuais e outras informações que foram fulcrais para a elaboração da história do percurso do canal.

À Sandra Silva, pela valiosa ajuda na consulta das grelhas de programação da RTP Madeira.

À minha família, pelo tempo em que me ausentei para a realização deste trabalho.

À minha irmã Andreia Correia, à Maria da Paz Pestana, à Carolina Sousa, à Joana Silva, à Dr.^a Nivalda Gonçalves e demais colegas do Mestrado em Gestão Cultural pelo apoio incondicional.

A todos os meu Muito Obrigado!

RESUMO

O isolamento do Continente face às ilhas foi uma das razões determinantes para a implementação de um canal regional na Madeira. No contexto dos *media*, o “regional” e o “local” foram assumidos como espaços de ampla importância, pela sua singularidade e necessidade de absorver e transmitir informação. A chegada da televisão à Madeira propiciou um momento de mudança na sociedade insular que, a partir de então, podia acompanhar o seu quotidiano através de imagens e de sons.

Em 1972, a RTP Madeira deu os primeiros passos com uma programação totalmente assegurada pela RTP, tendo apenas iniciado em 1976 a sua produção regional com o programa *Dentro do Espaço e de Tempo*. Com a chegada dos anos 80 e 90, a televisão regional experimentou uma fase de aprendizagem e de profissionalização, onde se destacam Maria Virgínia Aguiar e Armindo Abreu, que, enquanto diretores do Centro, foram responsáveis por um grande número de produções que aproximaram a RTP Madeira dos seus telespectadores. Já na entrada do novo milénio, assiste-se no canal a uma grande intensificação da produção própria, norteadas pelo serviço público, uma missão que na fase final da primeira década do Século XXI acaba por ver-se comprometida por um horário de exibição entre as 19 e as 23 horas, imposto pelo XIX Governo Constitucional, e num cenário de indecisão quanto ao futuro da estação regional.

Com “A RTP Madeira: um marco cultural entre 1972 e 2012” poderemos acompanhar o percurso do Centro Regional da Madeira, através dos seus programas e agentes. Perante nós ecoam vozes e perpassam memórias que desejamos ajudar a perpetuar.

Palavras-chave: televisão regional; programação; produção regional; serviço público; marco cultural

ABSTRACT

The isolation of the Continent face the islands was one of the main reasons for the implementation of a regional channel in Madeira. In the context of *media*, the "regional" and "local" spaces were assumed to wide importance, for its uniqueness and need to absorb and transmit information. The television in Madeira provided a time of change into insular society thereafter people could track their daily life through images and sounds.

In 1972, RTP Madeira took the first steps to a schedule assured entirely by RTP, but was only in 1976 that RTP Madeira started its own production with the regional program *Dentro do Espaço e do Tempo*. With the arrival of the 80th and the 90th regional television experienced a learning and professionalization phase, which stand out Maria Virgínia Aguiar and Armindo Abreu, who, as directors of the Centre, were responsible for a large number of productions that approach RTP Madeira and its viewers. Right from the beginning of the new millennium, we witness at the channel a great intensification of self production oriented by public service, a mission that in the final phase of the XXI Century last decade find itself restricted by a display time between 7pm to 11pm imposed by XIX Constitutional Government, at a scenario of indecision about the future of the regional station.

With "RTP Madeira: a cultural landmark between 1972 and 2012" we follow the route of the Regional Centre of Madeira, through its programs and agents. Before us echo voices and memories that we wish to perpetuate.

Key words: regional television; programming; regional production; public service; cultural landmark.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| | |
| PARTE I | |
| Capítulo I - O Contexto Espacial dos <i>Media</i>: Global, Regional e Local..... | 11 |
| Capítulo II - A Televisão Regional: Uma TV de Proximidade..... | 19 |
| | |
| PARTE II | |
| Capítulo I - A Televisão em Portugal: Dos Canais Públicos aos Privados..... | 26 |
| Capítulo II - A Chegada da Televisão à Madeira..... | 31 |
| | |
| PARTE III | |
| Capítulo I - ANÁLISE EVOLUTIVA: 1972 – 1980 | 39 |
| 1 - Início das Emissões da RTP Madeira..... | 39 |
| Emissões experimentais..... | 40 |
| A chegada das emissões regulares..... | 42 |
| Os primeiros protagonistas da televisão madeirense..... | 43 |
| 2 – Grelha de Programação Assegurada pela RTP..... | 46 |
| 3 – A Representatividade do Regime Ditatorial na TV Madeirense e a Nova Era Pós 25 de Abril de 1974..... | 54 |
| 4 – As Primeiras Produções Regionais: Um Difícil Pequeno Grande Passo..... | 56 |
| 5 – A Chegada do Novo Género Televisivo: a Telenovela | 61 |
| 6 – Remodelações na Delegação e Alargamento da Rede Televisiva Regional | 62 |
| Novo <i>Telejornal</i> e nova grelha de programação | 63 |
| 7 – A Emissora Regional Dirige-se ao Foco da Aluvião de janeiro de 1979 | 65 |
| | |
| Capítulo II - ANÁLISE EVOLUTIVA: 1980 – 1990 | 67 |
| 1 – A Criação dos Centros Regionais | 67 |

| | |
|--|------------|
| O Acordo de Saneamento Económico e Financeiro..... | 67 |
| 2 – A Preparação Para as Primeiras Emissões a Cores..... | 71 |
| Primeira transmissão direta para todo o país a partir da Madeira | 72 |
| 3 – Aperfeiçoamento Técnico do Centro e Início das Emissões a Cores | 73 |
| 4 – Produção Regional dos Anos 80: a Busca Pelas Raízes da Terra | 76 |
| 5 – Extensão da Rede às Zonas Rurais e Reestruturação da Sede..... | 77 |
| 6 – Novas Produções e Início das Transmissões Especiais | 80 |
| 7 – Armindo Abreu na Direção do Centro Regional | 82 |
| A informação regional adquire novos contornos..... | 88 |
| 8 - Produções de Notoriedade Chegam à TV Regional..... | 91 |
| RTP Madeira acolhe evento de projeção internacional | 92 |
| | |
| Capítulo III - ANÁLISE EVOLUTIVA: 1990 – 2000 | 95 |
| 1 - A Chegada da Concorrência Direta dos Canais do Serviço por Cabo | 95 |
| 2 – Continuidade da Aposta na Produção Própria..... | 98 |
| 3 – A RTP Madeira no Foco dos Acontecimentos | 99 |
| 4 – RTP Madeira: a Nova e Tão Aguardada Casa..... | 103 |
| 5 – Retoma da Aposta na Ficção | 107 |
| 6 – Novidades da Programação no Horário Nobre..... | 108 |
| 7 – Emissões da RTP 1 na Madeira..... | 110 |
| 8 – A Lei da Televisão e Suas Consequências nos Canais Regionais..... | 112 |
| | |
| Capítulo IV - ANÁLISE EVOLUTIVA: 2000 – 2012 | 114 |
| 1 – A Era da Intensificação da Produção Regional e o Serviço Público de Televisão. | 114 |
| 2 – Cobertura da Inauguração do Novo Aeroporto da Madeira | 116 |
| 3 – Inovação e Variedade | 117 |
| A Informação ganha predomínio na grelha do canal..... | 120 |

| | |
|--|------------|
| 4 – Novas Produções e Grandes Transmissões Especiais | 120 |
| 5 – Estação Pública Passa a Sociedade Anónima..... | 123 |
| 6 – Leonel de Freitas na Direção do Centro Regional..... | 124 |
| <i>O Bom Dia Madeira</i> na programação matinal e novos espaços informativos | 125 |
| Cultura, História, Botânica, saúde e lazer em destaque na programação | 126 |
| Transmissão do maior espetáculo de fogo de artifício do mundo | 126 |
| A Polémica Lei das Finanças Regionais | 127 |
| 7 – Novos Programas e Séries Documentais | 128 |
| 8 – Afirmação da Produção Própria | 132 |
| 9 – 20 de fevereiro de 2010: os Relatos da Tragédia..... | 133 |
| 10 – Programação Fundamentada no Serviço Público de Televisão..... | 137 |
| A atual oferta informativa da RTP Madeira | 138 |
| O regresso aos primórdios do canal: Emissão das 19 às 23 horas..... | 139 |
| 11 – Grande Incêndio é Tema de Emissão Especial Para Todo o País | 140 |
| 12 – Presente Uniformizado | 141 |
| Das políticas de austeridade à incerteza face ao futuro do canal..... | 142 |
| RTP Madeira: Serviço televisivo a manter e a melhorar..... | 143 |
| CONCLUSÃO..... | 146 |
| BIBLIOGRAFIA | 154 |
| ANEXOS | 162 |
| Anexo 1 – Discurso de Inauguração da RTP Madeira..... | 162 |
| Anexo 2 – Mapa das Áreas de Serviço da RTP Madeira em 1978..... | 165 |
| Anexo 3 – Guiões das Entrevistas | 166 |
| Anexo 4 – Transcrição das Entrevistas | 167 |

INTRODUÇÃO

O aparecimento da televisão em Portugal, a partir de meados do século XX, veio revolucionar o campo dos *media* e instaurar um momento charneira de extrema importância para a consolidação e preservação da nossa identidade. Considerado o sucessor da rádio, este meio de comunicação, que reproduz imagens e sons de forma instantânea, a que se junta a componente essencialmente lúdica e informativa, surgiu e apoderou-se do nosso quotidiano como um produto necessário para garantir o nosso conforto. Vista como um importante pólo na aquisição de conhecimentos, a “caixa mágica” oferece-nos diversos formatos e géneros televisivos capazes de desempenhar significativas funções que permitem a partilha de informação e possibilitam a aproximação entre culturas, além de contribuir como complemento alternativo na educação de várias camadas etárias. Também cabe a cada canal televisivo o papel fulcral de transmitir, dinamizar e salvaguardar em seu arquivo a cultura de um país ou de uma região, assim como colocar os seus telespectadores a par dos principais acontecimentos nas mais variadas áreas, mitigando-lhes a sede de informação.

A televisão tem o poder de condicionar a opinião pública, sendo suscetível de desencadear um conjunto de opiniões favoráveis ou desfavoráveis relativamente a determinado assunto, personalidades ou grupos, influenciando ou até contribuindo para a modificação e criação de novos hábitos culturais. Nos dias de hoje, os conteúdos disponibilizados pela televisão dependem de aprovação ou contestação por parte da opinião pública, a quem cabe delinear aquilo a que pretende assistir. Não podemos deixar de evidenciar que, com o 25 de Abril de 1974, a opinião pública ganhou mais notoriedade com o fim do regime ditatorial, ocasionando o aparecimento da liberdade de expressão na sua variável crítica, a poder exercer-se de modo reivindicativo contra determinados assuntos que assolam a vida pública, entre as quais se destacam as duras medidas impostas pelo Estado. É neste contexto que este meio de comunicação passa a ter um papel fulcral, enquanto espaço de questionamento dos principais problemas do país, sendo um dos instrumentos mais utilizados na denúncia da injustiça social. Significativamente, porém, a televisão não deixa de ser alvo de críticas no que diz respeito à progressiva redução do espaço dedicado à opinião pública.

As principais críticas hoje dirigidas aos canais televisivos dizem respeito à programação cada vez mais assente num mimetismo, o que não garante ao telespectador

uma opção de escolha relativamente àquilo a que pretende assistir. Observa-se, frequentemente, tanto por parte da estação pública como dos canais privados, a tentação da escolha de uma programação sem qualidade através do grotesco televisivo, baseado no exagero da realidade para tirar proveito da comoção social com vista a atrair o maior número possível de públicos. Ultimamente, as estações públicas têm fugido ao seu paradigma inicial e têm-se inspirado no modelo de gestão dos canais privados, no que diz respeito ao número de anúncios e à aposta em programas de maior audiência, o que infringe o Serviço Público de televisão. Para inverter esta situação, os operadores televisivos devem apostar na diversidade, pois estão muito carentes de novas ideias que sustentem qualidade, e, ao mesmo tempo, conquistem o agrado do seu público.

É inquestionável, que a televisão permanece como um poderoso meio capaz de mover massas, apesar de na atualidade registar uma maior perda de seguidores seduzidos pela Internet. Esta concorrência requererá uma maior aposta por parte dos canais televisivos na transmissão da emissão em direto via *online*. E a história da televisão, herdeira de muitas praticas da radio convencional, parece mostrar ser capaz de estar à altura deste desafio, tendo sabido acompanhar a evolução tecnológica e cultural: a televisão a preto e branco, a cores, a introdução de ficção, os programas jornalísticos, de entretenimento, os programas educativos, entre muitos outros (Freire Filho, 2004). O aumento da largura de banda, a criação da fibra ótica e métodos de compressão de dados foram fundamentais para o desenvolvimento, a difusão e o sucesso dos canais de televisão em rede, pois sem estas funcionalidades seria impossível transmitir tantos *bits* na rede a uma grande velocidade e qualidade (Monteiro e Boavida, 2000). O hábito de assistir à televisão a partir da Internet veio para ficar, os espectadores passam cada vez mais tempo em frente ao computador e os canais que não têm emissão *online* na rede correm o sério risco de extinção, muito devido à sua incapacidade de imposição perante a rápida evolução tecnológica.

Cumpre igualmente destacar o papel ocupado pela “caixa mágica”, enquanto acervo de um legado para recordar no futuro. A RTP é detentora de um arquivo valioso, que contém boa parte da memória das nossas artes, com uma vasta referência aos vários géneros televisivos. Acondicionam-se, igualmente, imagens e sons de entrevistas a personalidades que já não estão entre nós e registos de eventos históricos de rara significação para a História e Cultura do país. As imagens e as histórias que constituem o

espólio de uma televisão permanecem até ao presente e aguardam a memorização para a reconstituição do passado. A sua preservação constitui a salvaguarda de um legado para gerações futuras.

É objetivo desta dissertação refletir sobre o legado televisivo da RTP Madeira procedendo a uma análise evolutiva sobre o seu percurso, desde a abertura das emissões em 1972, com particular interesse pela oferta programativa e suas especificidades enquanto canal regional. Mencionar-se-á a cobertura de determinados momentos de extrema importância para a região, tendo em vista a elaboração de um testemunho histórico, partindo da consulta da imprensa escrita da época e da visualização de reproduções audiovisuais passadas, datadas do início das primeiras emissões televisivas na Madeira, mais concretamente da década de 80, dado que a maior parte da produção regional da década de 70 se deteriorou e ficou perdida no tempo, lamentavelmente, devido à falta de condições das primeiras instalações do canal, que sem espaço para a criação de um arquivo, impossibilitaram que se fizessem chegar até à atualidade os importantes registos dos primórdios da produção própria da RTP Madeira. E assim, partindo do passado, também, procuraremos realizar uma discussão conceptual, sobre a RTP Madeira e sua atual configuração. A metodologia utilizada basear-se-á no estudo de caso com recurso a técnicas Histórico-descritivas, bibliográficas, documentais e entrevistas a algumas das personalidades ligadas ao canal, nomeadamente Maria Luísa e Roquelino Ornelas. Através do diálogo com estes jornalistas pretende-se construir testemunhos de uma vida dedicada ao serviço da população insular à frente de um canal que marcou várias gerações. Assim, o trabalho iniciar-se-á com o contacto com o *corpus* em análise, constituído, essencialmente, por gravações de emissões televisivas disponíveis no arquivo da RTP Madeira, que armazena a memória de registos audiovisuais de enorme importância, alguns periódicos da época do aparecimento da televisão na Madeira, para uma possível análise das primeiras grelhas de programação, além da consulta de alguma bibliografia adicional composta por livros inerentes à temática em estudo.

A escolha do tema da presente dissertação está vinculada ao gosto pelo assunto a ser trabalhado e, também, à inexistência de trabalhos de pesquisa sobre o percurso da televisão na Madeira. Pretende ser um trabalho enriquecedor ao realçar a importância da existência da emissora regional da RTP na sociedade madeirense.

Em termos de estruturação, o texto obedecerá a uma divisão em três partes. A

primeira elucidar-nos-á acerca do meio para o qual a televisão opera e em torno da definição de televisão regional; a segunda apresentará uma breve perspectiva histórica da televisão em Portugal Continental e na Madeira; na terceira, serão traçadas quatro balizas temporais, com vista a sintetizar tudo aquilo que se produziu e a que se assistiu na televisão madeirense, de modo a estabelecer um enquadramento geral dos principais acontecimentos mediáticos.

Teoricamente, na primeira parte do trabalho, e para procurar conhecer a delimitação do espaço geográfico onde opera a RTP Madeira, torna-se imprescindível a abordagem conceptual dos termos “local”, “região”, “regional” com o intuito de evidenciar o modo como estes interagem e influenciam no surgimento dos *media* no contexto regional. Partindo da fundamentação de vários teóricos, nomeadamente Renato Ortiz, Roque Amaro, Cicília Peruzzo, Rogério Bazi e Manuel Castells, procuraremos demonstrar que o contexto local ou regional pode influenciar um determinado território, originando o aparecimento dos meios de comunicação. Também, de acordo com o conceito de televisão regional, apresentado por Miquel de Moragas Spà, procuraremos evidenciar as principais funções da RTP Madeira, enquanto canal regional ao serviço dos madeirenses, tendo por base os critérios apresentados pelo autor e as propostas de Cassiano Ferreira Simões, Teresa Santoro e Rogério Bazi.

De seguida, na segunda parte, acompanharemos numa breve síntese o percurso histórico da televisão em Portugal, desde a televisão pública aos canais privados, o que nos servirá de mote para a entrada no *corpus* do tema deste trabalho, precedido pela viagem aos primórdios da RTP Madeira, onde serão dados a conhecer os passos que deram origem à implementação do canal regional, com ênfase na justificação do seu aparecimento e importância numa região que atravessava uma difícil conjuntura.

A terceira parte e última será destinada à análise evolutiva da RTP Madeira entre 1972 e 2012. Em quatro grandes capítulos seguiremos a trajetória de 40 anos de emissões da RTP Madeira, dando especial atenção à sua programação, aos seus protagonistas e à cobertura de grandes acontecimentos a nível regional.

Com esta dissertação, procuraremos, de igual modo, demonstrar a pertinência da existência de um serviço de televisão regional, com maior ênfase na avaliação da sua oferta programativa, propondo soluções para a captação do interesse dos madeirenses, que cada vez menos acompanham a RTP Madeira.

PARTE I

Capítulo I

O Contexto Espacial dos *Media*: Global, Regional e Local

A globalização da comunicação, gerada pela rápida evolução tecnológica, teve um crescimento bastante acentuado nos últimos anos, o que propiciou a quebra de barreiras entre os povos e originou o interesse das pessoas pelas suas origens. O imenso oceano, as cordilheiras mais altas do mundo, ou até a distância mais ínfima da Terra, deixaram de ser um problema para o Homem globalizado, pois onde quer que ele esteja não perderá contacto com o que quer que seja. Milton Santos (1996) transmite, assim, essa ideia:

A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em 'sistema-mundo' de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único 'mundo' e assiste-se a uma refundição da 'totalidade-terra'. (1996: 48)

A globalização pode ser encarada como uma evolução do Homem, causada pelo aperfeiçoamento da "tecnociência", uma "nova fase da história humana" que "constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspetos da realidade contemporânea" (idem, p. 48). O Homem carece de compreender o mundo em que vive, precisa de ficar a par dos últimos acontecimentos, daí surgiu a necessidade de criar instrumentos de comunicação que lhe permitissem uma maior proximidade com os factos. Para satisfazer essa ânsia de informação, os meios de comunicação depressa responderam com a sua descentralização, resultado da globalização, estando agora ao alcance de todos. As regiões ou locais, onde, antes, se pensava ser impossível a televisão chegar, encontram-se, hoje, muito bem equipadas com dispositivos que permitem a transmissão de grande número de canais televisivos. A título de exemplo: a chegada da televisão à Madeira e aos Açores, embora estabelecida tardiamente, muito devido ao seu afastamento e às condições adversas na colocação das infraestruturas necessárias, foi reconhecida como uma conquista para as populações insulares, que tanto ansiavam pelo aparecimento da "caixa mágica" que no outro lado do Atlântico já apaixonava os portugueses.

A implementação de uma operadora de televisão está inerente à ideia de permitir à

população ter um meio onde possa expor as suas preocupações e tomar conhecimento do que ocorre ao seu redor. Neste sentido, para compreendermos melhor o processo de descentralização da estação pública na Madeira, julga-se necessário refletir sobre os fatores que suscitaram a criação de um canal regional com produção própria e exclusiva para a região onde opera.

Alguns investigadores na área da Comunicação Social procuraram definir as circunstâncias que possibilitaram o surgimento dos *media* num contexto regional, isto mediante vários estudos relacionados com o meio, sejam eles de amplitude “local” ou “regional. Assim, no ensaio “TV Regional e identificação com os públicos: O caso Tem Notícias”, elaborado com o intuito de demonstrar a relação entre a produção jornalística de uma televisão regional brasileira e os seus públicos, Marcelo de Oliveira Volpato e Roberto Reis de Oliveira (2007) principiam a sua investigação com a conceptualização dos termos “região” e “regional” e “local”, e de seguida apresentam ideias sobre a descentralização socioeconómica, resultante da globalização, para definir aquilo a que designamos por televisão regional. Esta é uma observação que pode muito bem ser adaptada à realidade da televisão regional madeirense, para assim procurarmos compreender as razões que levaram à sua implementação. O estudo da delimitação da área de atuação da televisão regional madeirense, torna-se fulcral para a definição do seu modelo, ao qual não bastam as configurações regionalizadas, presentes nas orientações e características da produção noticiosa e de índole cultural, mas necessitam também de profissionais para lidar com a realidade regional.

No início do seu trabalho, os investigadores partem da reflexão de Peruzzo (2002), quanto à “revitalização dos *media* locais e regionais”, que pode ser entendida como “uma forma de explicar que os cidadãos reivindicam o direito à diferença” (2002: 67). No contexto em análise nesta dissertação, a dissemelhança está assente na autonomia, no isolamento da região relativamente à restante parte do país, ou até na existência de relações económicas e políticas que determinam a subsistência da sociedade. Estas características constituem a diferença dos cidadãos madeirenses, relativamente aos outros, e justificaram o aparecimento dos *media* na região, começando, inicialmente, pelos primeiros periódicos, de seguida a rádio e, num período considerado recente, a televisão na Madeira em 1972.

Assim a “diferença” salientada por Peruzzo, Marcelo Volpato e Roberto Oliveira, procura compreender o meio onde opera a televisão regional, partindo do conceito de

“local”. Deduz-se que o local possa ser o epicentro da “diferença”. A ideia de local associa-se, inicialmente, a uma noção geográfica, definida como uma delimitação e proximidade física, um lugar de menores proporções que constitui, ao lado de tantos outros, a região, entendido como o berço das tradições que, hoje, constituem a cultura da região. Ortiz (1999) considera-o como:

[...] Um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos quotidianos. O ‘local’ se confunde, assim, como o que nos circunda, está ‘realmente presente’ em nossas vidas. Ele nos reconforta com a sua proximidade, nos acolhe com a sua familiaridade. (1999: 59)

A conceptualização de Ortiz refere o “local” como um lugar de pequenas dimensões, constituído pelos vários traços peculiares que o definem, o que constitui a herança de uma região. O “local”, enquanto foco de origem das raízes de uma região, possui um legado de extrema importância que necessita de ser salvaguardado. Marcelo Volpato e Roberto Oliveira consideram que:

O local não se restringe à demarcação de fronteiras físicas, além de carregar sentidos de uma determinada região, no qual indivíduos estão inseridos e partilham sentidos, ou seja, o espaço que lhes é familiar, o espaço com o qual se identificam, aonde os fatos lhes dizem respeito, aonde há relação de identificação entre os atores e os acontecimentos. Em boa medida, trata-se da questão dos valores regionais, da busca pelas raízes. (2007: 2)

Os autores introduzem, pertinentemente, na sua abordagem opinativa acerca do termo “local”, definido por Ortiz, a questão da “partilha de sentidos” e existência da “relação entre os atores e os acontecimentos”, o que determina o interesse pela informação e o estar informado. Os mesmos concluem a afirmação, caracterizando as relações locais como uma “questão de valores regionais”, inerente à “busca pelas raízes”, ideia que é, depois, intensificada pela opinião defendida por Peruzzo (2002):

[...] um espaço vivido em que há elos de proximidade e familiaridade, os quais ocorrem por relacionamentos (económicos, políticos, vizinhança etc.) e laços de identidades os mais diversos, desde uma história em comum, até a partilha dos costumes, condições de existência e conteúdos simbólicos, e não simplesmente em decorrência de demarcações geográficas. (2002: 69)

Peruzzo esclarece, com um conceito chave, a importância do espaço no que diz respeito às relações económicas, políticas e de vizinhança, sem esquecer os diversos laços de identidades, o que em si torna este lugar num meio de extrema riqueza capaz de centralizar as atenções.

Por sua vez, Roque Amaro (2001) identifica, da seguinte forma, o “local”, enquanto meio de origem das identidades, que por si definem o espaço geográfico da comunidade regional, reconhecendo nos afetos e relações pessoais as principais fontes para a construção desse meio:

O local é o resultado duma construção de identidades; há um grupo de interesses que se assume, que se identifica e onde são mobilizáveis ações de solidariedade concreta [...]. O local é por natureza integrado, tudo tem a ver com tudo, o que pressupõe um trabalho de parceria, a cooperação, a definição de ações conjuntas, a negociação dos conflitos e das solidariedades locais. (AMARO, 2001: 166)

Apesar de constituir um conceito mais direcionado para a vertente social, não deixa de ter alguma importância no campo da comunicação. É a partir dos grupos de interesse e das relações pessoais que se constrói a identidade de uma região, pois a proximidade entre pessoas e a noção geográfica procuram ter um significado sociológico. O espaço geográfico passa a ser um lugar de encontro, de aproximação, de afinidade, de identidade cultural em termos de valores e comportamentos, características que estimulam a contestação da sociedade que apela ao seu direito de se fazer representar no contexto mediático.

A mesma opinião é defendida por Cristina Santos (2001) que atribui ao “local/regional” uma importância significativa, indicando que reside nas aspirações localistas a vontade própria pela reivindicação e valorização do seu espaço geográfico:

As aspirações localistas e a emergência social do local/regional são aliás condições para a sobrevivência das regiões enquanto consciência regional. E a ela não ficam alheios os projetos de TV regional posto que, renovam e idealizam sentimentos de pertença, tão importantes no âmbito dos quais se pretende reagir contra a exclusão e desigualdade. (SANTOS, 2001: 94)

Os indivíduos necessitam de se “ver” na televisão e, também, procuram estar a par das ocorrências do quotidiano da região onde vivem. É neste sentido que surge o aparecimento dos canais de televisão nas Regiões Autónomas, com o intuito de identificar

e reforçar os valores culturais e especificidades nos espaços regionais, que antes se encontravam isolados dos principais centros de comunicação.

Segundo Ortiz (1999), a rápida evolução da tecnologia fez diminuir as distâncias entre os pólos de comunicação, criando uma espécie de “um outro território” conquistado pelo avanço dos *media* (1999: 54). A expressão o “outro território” caracteriza um novo espaço que coincide com o globo terrestre, como um lugar único, invadido pela globalização, resultante da descentralização dos *media*, que já chega às zonas mais recônditas do globo. Ortiz salienta que “as distâncias se encurtaram, a tal ponto, que já não mais faria sentido afirmar a sua existência. Não apenas as fronteiras entre as nações teriam sido ultrapassadas, até mesmo o mundo da fabulação se confundirá com o real” (idem, p.54). O desenvolvimento tecnológico proporcionou uma maior interação entre os indivíduos, originando aquilo a que Herbert Marshall McLuhan (1967) designou por “aldeia global”. McLuhan acrescenta que a televisão é o meio de comunicação que melhor exemplifica esta teoria, já que a forma de comunicação é unidirecional. Embora tenha sido ultrapassada pelo computador, a televisão tem a capacidade de levar o indivíduo a todos os lados do globo, mantendo-o sempre informado acerca dos principais acontecimentos que marcam os vários pontos que constituem a aldeia global.

Por sua vez, é importante referir que a globalização é um fenómeno que tem por base o território e a sua identidade cultural que são dinamizados com a implementação dos meios de comunicação. A extensão dos *media* à Madeira e aos Açores acarretou o desenvolvimento destas regiões, proporcionando um maior interesse a futuros investidores. Estas regiões deixaram de ser compreendidas enquanto espaços recônditos e passaram a ser vistas como parte integrante do mundo globalizado.

Volpato e Oliveira procuraram articular as relações entre o “espaço/meio físico” e os “fenómenos sociais”, para a compreensão de qual o serviço televisivo que deve ser prestado pelas estações televisivas que operam em contexto local e regional. Para tal, sustentaram-se na ideia criada por Bazi (2001):

[...] pensar o regional como um campo, uma vez que além de representações mentais (língua, sotaque, dialeto, carácter etc.) existem representações objetivas em coisas (emblemas, bandeiras, hinos, indumentárias etc.) e em atos estratégicos de manipulação simbólica, com o objetivo de determinar representações mentais que funcionam na prática e são orientadas para a produção de efeitos sociais. (2001: 16)

Bazi descreve-nos os elementos representativos de uma região, aquilo a que chama de “objetos mentais” e “objetais”, o que, em si, constitui uma afirmação identitária que nos transporta de novo para a questão da “diferença”. O próprio Bazi, para a criação deste conceito, tem em conta, não só, a questão geográfica, mas também o estilo característico que define o falar regional, o que transmite a ideia fundamental de diferenciação do espaço.

Mediante fenómenos sociais como a “globalização e a desterritorialização”, Volpato e Oliveira chamam a atenção para a existência de outros elementos de extrema pertinência para além da delimitação geográfica. Milton Santos (1997) caracteriza o espaço como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”, a região, também, pode ser considerada “como um lugar, desde que a regra de unidade e da continuidade do acontecer histórico se verifique” (1997: 132). Empregando ideias de vários teóricos a fim de analisar os conceitos de “local” e “regional” e conjugando-os com a globalização, a desterritorialização e o espaço, Volpato e Oliveira efetuam uma mestiçagem de conceitos que procuram traduzir a ideia de que o homem nunca esteve tão próximo do outro como agora. A relação de proximidade com os outros, trazida pelo aparecimento dos *media*, também pode ser vista de outra forma como comprovam os autores do artigo:

“O próximo” relaciona-se muito mais com laços de identidades do que por razões geográficas e territoriais. Embora a questão geográfico-territorial seja importante, se somada às demais, como singularidades, diversidades e identidades sócio-culturais, históricas, ecológicas, económicas, etc., enriqueceremos ainda mais o conceito de espaço, região e regional. (VOLPATO e OLIVEIRA, 2007: 3)

Volpato e Oliveira apontam uma particularidade que, além da pertinência da questão da delimitação geográfica, é preponderante para a afirmação e enriquecimento do espaço “região” e “regional”. As questões relacionadas com a “singularidade, diversidade e identidades socioculturais, históricas, ecológicas e económicas” constituem o pilar fundamental para a construção e consolidação da região.

Nesse sentido, Souza (2006) sugere:

[...] o termo regional, a exemplo de muitos outros que viraram moda, perdeu força explicativa: precisa ser resgatado, reconstruído, ressignificado. Não pode ser pensado apenas pelo consenso imposto pela dimensão espacial. Há fatores de toda sorte

(políticos, económicos, sociais, tecnológicos, culturais) determinando seu destino. É uma construção social importante. (2006: 10)

A ideia apresentada por Sousa corrobora as anteriormente referidas por Volpato e Oliveira, o que evidencia que o “regional” não está, apenas, ligado ao contexto de território e que existem outros fatores determinantes que contribuem para aquilo a que Souza define como “uma construção social importante.” Volpato e Oliveira assumem que o “regional” pode ser confundido com o que está próximo, como uma questão de familiaridade, e neste sentido, o que está em causa reflete-se numa “busca pelas raízes” (Ortiz, 1999: 59). Os mesmos autores apontam ainda que “o social é algo intimamente ligado com o território que lhe garante familiaridade” (Volpato e Oliveira, 2007: 3).

Assim, assiste-se, portanto, a uma ligação entre o “regional” e o “território”, apesar de este último não se limitar ao aspeto geográfico, como provam Volpato e Oliveira, com base em Peruzzo, quando este indica que “os elos de proximidade e familiaridade ocorrem muito mais pelos laços e identidade de interesses e símbolos, do que por razões territoriais” (2003: 4).

Para a fundamentação dos conceitos sobre “região” e “regional” os autores encontraram vários questionamentos sobre os quais se debruçaram “regional/local, desterritorialização, globalização, proximidade, familiaridade, raízes, identidade e cultura”. Todos estes conceitos constituem os elos que numa era de globalização propiciaram o aparecimento dos *media* locais e regionais. Atinge-se, portanto, mediante estes fatores, um estado supremo, como indica Castells (2000):

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. (2000: 85)

Assiste-se, deste modo, a uma dinâmica global que interage com o “local”, criando e recriando identidades globais e locais. Castells reconstitui os efeitos da globalização ao compatibilizar a sua opinião com a anteriormente referida por Ortiz (1999). Pode-se considerar, segundo esta opinião, que a globalização já atingiu o seu pico mais alto, o que induziu o Homem a uma situação de aprisionamento do qual se pretende libertar. Essa libertação que o Homem tanto anseia só pode estar no reviver as suas memórias e raízes.

Contudo, é num contexto de valorização das origens do Homem local que emerge a descentralização dos meios de comunicação. Prova disso é o aparecimento da RTP Madeira, por via da descentralização da estação pública, que vem dar voz a um povo autónomo que necessita de reivindicar a sua diferença através da afirmação da sua cultura. Enquanto meio de pequenas proporções e isolado da restante parte do país, a Madeira é um local propício à geração da sua própria matéria noticiosa, capaz de proporcionar a criação de um noticiário local, o que constitui um meio de excelência difusor de comunicação. E além da vertente noticiosa, predominam outros conteúdos da produção regional, nomeadamente, programas de entretenimento voltados para a sua comunidade e que valorizem o meio. Uma emissora televisiva regional deve olhar, eficientemente, para as potencialidades da região onde opera e extrair o máximo quociente com o intuito de oferecer um serviço televisivo que dignifique o seu público-alvo.

Perante o estudo em questão, não podemos olhar para o termo “regional” como uma imposição para a implementação de um canal de televisão, mas sim como uma alavanca para a quebra das barreiras que impedem a comunicação, o diálogo e a divulgação do meio. Nestas circunstâncias, a televisão que se estrutura a partir do contexto regional deve acompanhar, pertinentemente, as transformações vividas pela região para onde transmite, deixando de lado qualquer ligação com questões políticas que impossibilitem o seu regular funcionamento, recorrendo a uma emissão televisiva que lhe seja identitária e que lhe permita uma maior aproximação com o seu público.

Capítulo II

A Televisão Regional: Uma TV de Proximidade

Para a compreensão do papel da RTP Madeira na preservação da identidade cultural madeirense, julga-se necessário analisar alguns conceitos criados em torno da designação “televisão regional”. Alguns estudiosos, como Moragas Spà e Bazi, tentaram definir o universo da televisão regional com o objetivo de clarificar o seu tipo de programação e o serviço que deve prestar à região em que se insere. Moragas Spà (1996) considera a “televisão regional” como um meio de informação cingido a um contexto “local/regional”, representativo dos costumes e das tradições de uma determinada região. Nas palavras do investigador:

[...] el próprio concepto de ‘televisión regional’ se ha utilizado com frecuencia para presentar un modelo de televisión al que se supone reservada la información local e folklore. Por outra parte, la misma idea de regional se ha unido, en la mayoría de casos, al costumbrismo y a la mera descentralización administrativa. (1996: 42)

Moragas Spà considera a “televisão regional” investida da missão de informar a população sobre o seu quotidiano, sem esquecer o seu papel fulcral no fortalecimento e preservação da cultura regional. Este tipo de televisão descentralizada deve retratar os assuntos regionais de modo a criar uma identificação entre o público e a peça a ser transmitida, assim estabelecendo um acordo mútuo em forma de compromisso com os seus telespectadores.

Por sua vez, Souza (2006) destaca um conjunto de importantes características que permitem fundamentar e identificar uma emissora regional, enquanto entidade prestadora de serviço televisivo para um determinado local ou região. Segundo o autor:

A compreensão de televisão regional contempla cinco características: empreendedores locais; autonomia em relação a grade de programação da rede a quem se afilia; liberdade de comercialização de espaços mediante uma tabela de preços definida em função das características regionais; investimento permanente na construção e consolidação de uma grade própria de programação; e liberdade de criação e construção de um jeito de fazer próprio, sem compromissos com os padrões técnicos e estratégicos pré-estabelecidos. (2006: 109)

A “televisão regional” desfruta de uma certa autonomia que lhe permite gerir da melhor forma a sua linha de produção de conteúdos e de programação dirigidos à região para o qual é transmitido o seu sinal, isto mediante os recursos de que dispõe, sejam eles provenientes de lucros publicitários ou de verbas estatais.

Cabe, também, às emissoras televisivas regionais o papel preponderante para a formação da sociedade, na promoção e aperfeiçoamento educativo e cultural dos telespectadores locais, visando, assim, a criação de mentes abertas à discussão de questões de interesse público, conforme expõe Teresa Santoro (1999):

Uma emissora local possibilita ao grupo e região em que atua que intercomunique e se autoidentifique, o que possibilita o fornecimento de informações coerentes e adequadas às necessidades e interesses de uma comunidade. Estimula a formação de consciências críticas e revaloriza a formação local. (1999: 29)

A emissora local tem, assim, a missão de atuar no sentido de possibilitar a intercomunicação e autoidentificação entre a região e o público, criando uma espécie de acordo que permita a partilha de saberes que, por sua vez, favorecerão a formação de mentes críticas para o enriquecimento intelectual da comunidade local. A televisão deve estabelecer com o público um clima de empatia, assente num compromisso de dependência, com o intuito de o orientar e consciencializar sobre as ocorrências e transformações a decorrer no seu meio. Nestas circunstâncias, a RTP Madeira aparece na década de 70 como um instrumento didático que vem ocupar o vazio cultural na sociedade para mantê-la formada e informada.

Por sua vez, na perspetiva de Regina Festa e Luiz Santoro (1991), as estações de televisão regionais, também, podem estar “vinculadas a poderes políticos locais, que retransmitem as grandes redes nacionais e valorizam o jornalismo local como uma forma de fortalecimento dos pólos de poder” (1991: 186). Os investigadores articulam as redes regionais com os órgãos políticos locais e estabelecem uma relação de proximidade entre ambos. É criada, aqui, uma dependência que irá ditar o benefício de um em prol do trabalho de outro, o que levará ao fortalecimento dos pólos de poder. Um outro dado importante está assente na retransmissão de conteúdos das grandes redes nacionais, a par da produção regional, que determinará a consolidação da política local. Nestes casos, é importante realçar que grande parte destes meios de comunicação depende do financiamento do poder político para sobreviver. A descentralização da RTP, iniciada nos

anos 70, permitiu o aparecimento dos canais regionais (Centros Regionais da RTP), isto numa fase em que apenas emitiam curtos blocos noticiosos e alguma produção própria, mas com grande dependência de uma programação, inteiramente, assegurada pela estação pública. A continuação do rumo da televisão regional portuguesa fez-se com o incremento da produção regional, o que requereu a continuidade e aumento do financiamento por parte do Estado. Ao acarretar com os dispendiosos encargos da estação pública, o governo central ficou obrigado de encontrar a sobrevivência das emissoras regionais que sempre posicionaram um olhar atento aos problemas das populações insulares.

Retomando a questão em análise, Bazi (2001) encara a “televisão regional” como “aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região e que tenha sua programação voltada para ela mesma” (2001: 16), garantindo um serviço televisivo de excelência para o seu público. No entanto, Bazi levanta algumas questões que empobrecem este tipo de emissões:

[...] as tv's regionais por uma série de questões procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante de sua região. Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver maior razão. (2001: 16)

Bazi salienta que o sinónimo de “televisão regional” pode nem sempre significar que o público que assiste terá a garantia de se ver representado na programação da televisão em causa. Neste sentido, a cobertura televisiva dos canais regionais deve acompanhar, pertinentemente, o espaço para o qual opera, sem deixar de parte a cobertura nos locais mais longínquos da capital. As zonas rurais são profícuas em acontecimentos culturais, que a cada dia que passa caem em desuso, e que merecem especial atenção na sua valorização e dinamização por parte dos meios de comunicação. Contudo, as emissoras regionais são muito criticadas por desvalorizarem o quotidiano rural, onde dizem não poder marcar presença, devido à insuficiência de meios técnicos para a realização da cobertura informativa.

Estamos em crer que, atualmente, a crise económica só vem agonizar os problemas das estações televisivas em contexto regional que correm sérios riscos de extinção, o que torna a situação ainda mais complexa. No entanto, lamentavelmente, os poderes políticos

esquecem a importância das emissoras regionais para o desenvolvimento das comunidades locais, que usufruem deste meio de comunicação também como meio de reivindicação. É neste sentido que os *media* pretendem atuar, com o intuito de dar voz ao povo como forma de contestar a injustiça social. Torna-se, por isso, muito importante chegar aos lugares mais distantes da região e mostrar a realidade social e cultural, mesmo que os meios técnicos sejam escassos. Se a televisão pretende obter reconhecimento por parte do seu público, deve fazer uso dos meios que tem de forma proveitosa com vista a conseguir uma cobertura total do quotidiano regional. E por vezes, mesmo com meios técnicos diminutos, existe a possibilidade de realizar conteúdos programáticos de extrema qualidade, o que permite conferir à “televisão regional” uma certa notoriedade e estimular a aquisição de novos reforços.

Ainda para a compreensão do papel da televisão em contexto regional, são diversos os critérios, de acordo com Cassiano Ferreira Simões (2006) que conferem carácter regional a uma dada emissora de televisão:

[...] sua localização geográfica, ausência de participação em uma rede suprarregional, quantidade de comerciais ou quantidade de programas produzidos pelas afiliadas, quantidade de comerciais ou programas produzidos por cada afiliada (e qualidade e duração/tempo destes programas). Mais uma questão: haveria traços de regionalismo/regionalização na tipificação das emissoras pelo seu funcionamento (público, pela audiência ou publicidade comercial) ou pela sua propriedade (estatal, privada ou pública não estatal). (2006: 28)

Pertinente é, igualmente, a distinção entre as emissoras de televisão locais e as redes regionais. Cassiano Ferreira Simões propõe um olhar diferenciado entre as “redes” regionais de televisão e as “emissoras” regionais, quando sugere que “uma TV regional é, em geral, uma emissora local e não uma rede.”¹ De acordo com a explicação de Simões, não podemos confundir “rede” com “emissora”. O termo “rede” está inteiramente ligado aos grupos mediáticos que efetuam a cobertura de todo o território nacional, sendo que todos os telespectadores a podem acompanhar através do uso de descodificador. Neste grupo estão incluídos os canais de televisão públicos e os privados. Por sua vez, a “emissora regional” constitui um canal televisivo que efetua uma menor cobertura mediática, e até pode ser uma ramificação de uma estação pública que emite para todo o

¹ idem, p. 32.

território nacional, mas cuja programação se cinge, apenas, a uma localização geográfica. A título de exemplo deste caso, temos os Centros Regionais da estação pública: a RTP Madeira e a RTP Açores.

Bazi introduz uma outra visão no conceito de “televisão regional”, estabelecendo a sua ligação com um determinado grupo mediático que veicula “a programação da rede nacional somada às produções regionais e locais, principalmente os noticiários e os programas informativos, exibidos nos horários cedidos pela cabeça-de-rede” (2001: 45).

Nas emissoras regionais, além da transmissão da programação de outra rede, existem outros horários vagos, designados por Bazi, como “periféricos”, destinados à exibição de produção própria. Isto é o que ocorre no caso dos Centros Regionais da RTP, que desde a sua criação dependeram inteiramente da programação da estação pública para preencher a sua grelha programativa, a par da pouca produção regional, uma realidade que atualmente deixou de ocorrer devido à extensão da rede de televisão por cabo às regiões.

Atualmente, e devido ao corte orçamental para os Centros Regionais, a RTP Madeira transmite horas intermináveis de conteúdos informativos, ao entrar com uma emissão simultânea com o canal RTP Informação, o que descredibiliza a sua missão enquanto canal regional. Já na grelha da RTP Açores, verificamos, precisamente, o contrário, apesar da tão falada austeridade da estação pública, na região autónoma vizinha há uma maior preocupação em agendar uma grelha mais diversificada, destinada a todos, sem recorrer a um ataque massivo de informação. Por vezes, uma boa gestão dos recursos, sejam eles provenientes de financiamento ou da rentabilidade do negócio, poderá constituir o ponto de partida para a realização de um trabalho cada vez mais autónomo por parte dos canais regionais. Deste modo, também, salienta-se a importância da criação de boas relações de proximidade com as diversas entidades regionais, colocando de lado questões políticas, o que possibilita a realização de uma cobertura televisiva de excelência que, apenas, difunda a veracidade dos factos. A “televisão regional” deve comprometer-se com a região para a qual opera com o intuito de a promover, possibilitando atrair novos investidores locais e para tal é necessário um trabalho que deve envolver o esforço de ambas as partes.

Fernandes e Oliveira (2006) salientam que a implantação de uma emissora de televisão regional está inserida num amplo contexto que:

[...]faz parte de um processo económico, político e técnico, que se inicia com a verificação da viabilidade económica na emissora por meio de projeções da captação de investimentos por parte dos agentes económicos regionais, depois pela perceção da sua capacidade de inserir-se na comunidade regional como um intermediário entre a sociedade e as autoridades, e, ainda, depende das condições de transmissão de sinais e da velocidade com que uma equipa de reportagem será capaz de deslocar-se por essa região. (2006: 129)

Segundo a mesma fonte, os fatores económicos são imprescindíveis para a criação da “televisão regional” e dependente “da verificação do potencial de produção e consumo de determinada região dependerá o processo de captação de anúncios publicitários” (2006: 5). Os autores indicam que “os recursos advindos dos anúncios publicitários são a forma encontrada pelas emissoras de televisão para financiar seus investimentos e gerar o lucro” (2006: 131), o que contribui para a expansão do núcleo do canal na procura pelo aperfeiçoamento e aquisição de novos veículos de comunicação que possibilitem um melhor envolvimento na produção de conteúdos com melhor qualidade. Para tal, julga-se necessária a aposta num investimento em produções jornalísticas seladas com caráter identitário, que as permita distinguir de todas as outras existentes em outras emissoras devido à sua unicidade. Assim, a “televisão regional” deve abrir novos horizontes, tanto por si como pela região para onde transmite, na procura pela sua afirmação através da aposta em trabalhos de campo, como as reportagens, na busca pelo destaque de gentes e acontecimentos de extrema importância, em cada local dentro da atmosfera regional, a fim de caracterizar a relação existente entre as gentes e a sua terra, uma vez que o material difundido poderá, eventualmente, gerar interesse por outros e criar ocasiões de consumo.

Bazi esclarece que o contexto de globalização dos meios de comunicação “proporciona às empresas do ramo, no caso a televisão, ampliar horizontes publicitários e sua abrangência” (2001: 17). No entanto, os lucros provenientes das campanhas publicitárias não deixam de ser benéficos para a região, pois a “televisão regional” surge como meio de projeção da força dos mercados locais, o que justifica a extrema dependência que existe entre a emissora e a região.

Nos dias que passam é importante refletir sobre as dificuldades que os canais regionais atravessam, quer pelas dificuldades económicas que se agravam com a atual conjuntura, quer pelo baixo número de telespectadores que acompanham as suas emissões. A situação conturbada, marcada pela extrema austeridade afeta a produção regional, obriga à extinção de conteúdos de importância significativa para a preservação e dinamização da

cultura local. As regiões, apesar da sua pequena extensão territorial, são detentoras de um legado cultural interminável, com igual peso ao de uma nação, pelo que, em televisão, ainda há muito que se faça. E se uns indicam que a missão dos Centros Regionais está concluída, outros apontam que, ainda, não teve início, pois nos canais regionais, ainda, há muito por fazer, cabendo à “televisão regional” estabelecer uma reaproximação com os seus telespectadores, a partir da adoção de estratégias de envolvimento com as localidades e comunidades dentro da região a fim de dinamizar campanhas que permitam atrair os telespectadores que cada vez mais imigram para canais do serviço por Cabo e para a Internet.

PARTE II

Capítulo I

A Televisão em Portugal: Dos Canais Públicos aos Privados

A televisão em Portugal, surgida pelas mãos da RTP, apresentou uma história interessante em relação ao seu desenvolvimento. Nascida nas grandes cidades, tornou-se nacional e com as transformações ocorridas nos *media*, passou a explorar novas opções de mercado, o regional.

Falar da RTP Madeira, implica, julga-se investigar as suas raízes, mais propriamente na RTP, a empresa estatal de televisão, que impulsionou a ideia de introduzir os canais televisivos nas regiões autónomas, o que, porventura, durante os anos 70, período muito conturbado para o país, todos achassem quase impossível. Este foi, sem dúvida, um grande passo para a RTP, que assim alargou as suas emissões à Madeira e aos Açores. O contacto com um novo meio de comunicação, para além da rádio, veio revolucionar os hábitos de vida de grande parte da população madeirense e açoriana, que outrora se via desligada do fenómeno que já conquistara o país. A rádio apenas lhes permitia “ouvir sem ver” os acontecimentos que em Lisboa e no mundo ocorriam. A chegada da televisão trouxe consigo uma nova realidade, juntando a voz à imagem. A interação direta entre o telespectador e a peça em exibição ostentava algo de mágico que deliciava os telespectadores que acompanhavam, atentamente, os espaços informativos, os festivais de música, peças de teatro e o primeiro cinema português ou estrangeiro.

A criação do primeiro canal de televisão em Portugal surgiu ao abrigo do Decreto-Lei n.º 40 341, de 18 de outubro de 1955, conforme deliberação do Governo liderado por António de Oliveira Salazar, durante o Estado Novo (1933-1974), como se pode ler na edição número 226 da I série do Diário da República:

Decreto-Lei n.º 40 341 – Permite ao Governo promover a constituição de uma sociedade anónima de responsabilidade limitada com a qual contrate a concessão do serviço público de televisão em território português, nos termos das bases anexas ao presente decreto-lei.

Na tentativa de garantir ao país o acompanhamento das novas tecnologias já implementadas nos países europeus, o Governo português decidiu, então, criar uma

sociedade anónima, constituída a 15 de dezembro de 1955, designada por RTP – Radiotelevsão Portuguesa, S.R.A.L, com um capital social de 60 milhões de escudos, tripartido entre o Estado, emissoras de radiodifusão privadas e particulares, para a prestação do serviço público de televisão, o que viria a revolucionar por completo o campo dos *media* nacionais.

Depois do início das emissões experimentais, em 1956, seguidas com bastante interesse, na Feira Popular de Lisboa, Portugal assistiu às primeiras emissões televisivas a 7 de março de 1957, a partir do Canal 1 da RTP, rede principal de televisão da Rádio e Televisão de Portugal, atualmente denominada por empresa pública de rádio e televisão.

A estreia deu-se às 21 horas e 30 minutos, após a abertura com o genérico da RTP, e pela voz de Maria Helena Varela Santos ouviram-se as boas vindas ao início das emissões da RTP com o “boa noite, senhores espectadores”, antes do anúncio da programação. Depois, durante cerca de 8 minutos, Domingos de Mascarenhas falou sobre o presente e o futuro da RTP, realçando os projetos em curso e as perspetivas que se viriam a rasgar para a televisão portuguesa. Após esta intervenção, surgia o primeiro programa de estúdio da RTP *Canções a Granel* (1957) com produção de Francisco Mata, realizado por Ruy Ferrão, e que contava com a presença de Maria de Lurdes Resende, Rui de Mascarenhas, o conjunto Domingos Vilaça e Raul Solnado. Às 22 horas, os telespectadores foram presenteados com o *Jornal de Atualidades*, o primeiro espaço informativo, com apresentação de Gomes Ferreira e Luís Arnaut Pombeiro, com a divulgação de imagens referentes a acontecimentos do País e do estrangeiro. O informativo foi seguido de um intervalo de 5 minutos, preenchido com imagens fixas numa sequência de diapositivos sobre Paris e eis que chegou a vez de Domingos Lança Moreira falar de futebol, na rubrica *Miradoiro* (1957). Os jogos entre as seleções militares de Portugal e da França foram o motivo, com imagens dos encontros, em Lisboa e Paris, e um dos jogadores nacionais (Rocha) foi o entrevistado. Com o fim do programa desportivo, seguiu-se o documentário *A TAP por Dentro* (1957) que antecedeu uma outra rubrica de estúdio, cujo cenário já estava montado para a próxima peça de teatro, antes do breve regresso da locutora para introduzir o último programa, o do terceiro cenário de um bailado com a participação de Águeda Sena, Fernando Lima, Wanda Ribeiro da Silva e João d’Ávila. Os bailarinos dançaram “Os Enganos do Amor”, ao som da música de Tchaikowsky, numa produção de Tomás Ribas e realização de Artur Ramos. Um dia de

estreia memorável a terminar as primeiras duas horas de emissões regulares com um breve serviço informativo, *Últimas Notícias*.

Segundo os dirigentes da RTP na época, e conforme informações da página comemorativa dos 50 anos da RTP², o resultado da primeira emissão da RTP 1 superou as expectativas. Recordando as palavras proferidas na altura:

Obtiveram-se notáveis resultados desta primeira experiência, considerada a falta de prática e de conhecimentos relativos à TV dos dirigentes e dos executantes [...] Para satisfazer o interesse do público e compensar a dedicação à arte dos executantes, que bem merecem toda a consideração pelos sacrifícios suportados até agora, os espetáculos de bailado na TV devem continuar.

O regular funcionamento da emissão atesta que para uma primeira experiência televisiva não correu nada mal, o que propiciou a continuação da arte de fazer televisão e a aposta na melhoria das transmissões dia após dia.

Para além da informação veiculada sobre os acontecimentos e factos da época, totalmente controlada pela ditadura, o entretenimento, acompanhado do brilho das luzes e da grandiosidade do espetáculo, foi uma das apostas que mais movimentou massas, com a transmissão de festivais musicais, clássicos cinematográficos e concursos que depressa se tornaram tema de conversa de rua. A título de exemplo, o *Festival da Canção*, cuja primeira edição data de 1964, constitui uma das imagens de marca da RTP, dada a grande afluência de público que este certame movimentava para a frente do televisor.

Seguindo o percurso da estação pública, em 1968, foi lançado um novo canal de televisão - Canal 2 da RTP - com o intuito de oferecer um serviço alternativo à sociedade civil, que possa reforçar, pela diferença, os princípios de universalidade, coesão e proximidade do Serviço Público de televisão, mantendo uma identidade própria como meio de comunicação complementar ao Canal 1 da RTP.

E se em Lisboa o número de telespectadores que iniciava o seu contacto com a “caixa mágica” aumentava de dia para dia, relativamente à Madeira e Açores não se poderia dizer o mesmo. A população insular ansiava pelo dia da chegada da televisão, mas, por enquanto, apenas, dependia da rádio para ficar a par dos principais acontecimentos.

Eis, então, na década de 70, que o sonho insular se concretizou, com a extensão da

² <http://ww2.rtp.pt/50anos/> - Acedida em 2 de novembro de 2011.

transmissão da RTP às regiões autónomas através da criação de duas delegações regionais de televisão: a primeira, na Madeira, a RTP Madeira, canal regional sobre o qual se desenvolve esta dissertação, cujas emissões tiveram início em 6 de agosto de 1972; e a segunda, nos Açores, a RTP Açores, no ar desde 10 de agosto de 1975.

Em 1977, o Canal 1 da RTP começou a exibir ficção brasileira, *Gabriela* (1975) foi um dos maiores fenómenos mediáticos em Portugal. Com o aparecimento das emissões a cores em 1980, a televisão ganhou novos contornos e novo brilho, conferindo um tom mais real à imagem. Anos mais tarde, em 1982, o Canal 1 da RTP decidiu criar a sua própria ficção, tendo apostado neste campo com a transmissão da primeira telenovela portuguesa, *Vila Faia* (1982), que repetiu o êxito da ficção brasileira. Desta forma, a RTP deteve, até finais dos anos 90, um monopólio, onde predominava como líder absoluta de audiências, lugar que veio a perder com a emergência de dois novos canais privados: a SIC, em 1992, e a TVI em 1993.

Três anos após o seu surgimento, a SIC tornou-se líder de audiências, com o investimento numa programação com vista ao alcance de sucesso mediático, que juntava como ingredientes programas de entretenimento, *Buééré* (1996), programas informativos e discussão social, *O Juíz Decide* (1994) e ficção brasileira, *O Rei do Gado* (1997). A SIC apresentava-se com um leque variado de programas de sucesso para determinados tipos de públicos, até que com o passar dos anos a sua criatividade entrou em decréscimo, tendo-se iniciado uma fase de estabilização. A implementação de *talk shows* nas manhãs e nas tardes, partindo do modelo já seguido pelo Canal 1 da RTP, pela SIC e TVI marcou o início da era de competição pelas audiências entre os três principais canais de televisão. A SIC, na primeira década do século XXI, com uma programação dominada por *talk shows* e telenovelas brasileiras, começou a demonstrar indícios de fragilidade nas suas audiências, encetando assim uma nova era televisiva.

No ano de 2000, a transmissão do *reality show Big Brother* veio revolucionar a televisão em Portugal e tornou-se um fenómeno mediático. Esta aposta, aliada ao projeto de arranque de produção de ficção nacional, revelou-se drástica para a SIC e RTP 1 que notaram grande transferência de públicos para a TVI. Bastaram várias edições do *reality show*, o que fidelizou o público ao canal e à sua programação, para que em 2005 a TVI superasse a SIC, tornando-se líder de audiência incontestável. Hoje, a TVI baseia-se na mesma programação que a levou à vitória e disponibiliza ao seu público conteúdos dentro

dos mesmos moldes que acabam por se tornar saturáveis, o que possivelmente causou a migração do público para outros canais.

Atualmente, o concorrente feroz das emissoras generalistas, como alternativa ao serviço público, é constituído, sem dúvida, pelos canais da televisão por Cabo, criada em 1994, que vem ganhando cada vez mais adeptos. É alucinante a mudança que ocorreu na televisão portuguesa nos últimos anos. Aos dois canais iniciais da RTP e posterior coexistência de outros dois canais generalistas privados, sucedeu-se a paisagem “estilhaçada” das centenas de canais do serviço de Cabo, passando pelos gravadores digitais que permitem visionamento diferido, até chegarmos hoje à possibilidade de ver televisão através da Internet.

E é neste panorama televisivo que se encontram os canais regionais que, há muito, deixaram de ter lugar cativo entre os preferidos nas comunidades das ilhas. A criação da RTP Madeira e RTP Açores veio alterar por completo a vida das populações insulares, que passaram a dispor de um canal de televisão próprio que se tornou essencial até finais da última década do século XX. A entrada do serviço de Cabo nas regiões autónomas fez preferir os canais regionais, que apesar de incluídos nesta rede perderam grande número de seguidores. De entre as causas para tal facto, salientam-se a inexistência de uma emissão *online* dos canais regionais, a emigração dos telespectadores para outros canais e a exclusão das emissões regionais no serviço por Cabo em território nacional.

A televisão em Portugal é detentora de uma História que abrange meio século de existência, marcado, essencialmente, pela criação de um canal estatal com grande peso hegemónico no panorama mediático nacional e pelo aparecimento dos jovens canais privados que vieram revolucionar o percurso televisivo na guerra pelas audiências. A “caixa mágica”, enquanto precursora do “cimento social”, agregador de milhares de portugueses, foi o meio transmissor dos principais acontecimentos mediáticos ocorridos em Portugal, tendo-se tornado o ponto de encontro com o mundo e com o outro. Assim, a televisão apoderou-se da vida de cada um como objeto indispensável para a sobrevivência, além de ter permanecido como meio de rememoração desses acontecimentos que marcaram a História do país, que o garante do acervo que os perpetuará para eventuais futuras consultas.

Capítulo II

A Chegada da Televisão à Madeira

O aparecimento da televisão na Madeira ocorreu durante a década de 70, mais propriamente no ano de 1972, numa época muito conturbada, marcada por limitações técnicas e financeiras e debaixo do tenso controlo da ditadura militar. Estes fatores foram decisivos para a elaboração da primeira grelha de programação da RTP Madeira, que dependia inteiramente dos conteúdos produzidos e transmitidos pela estação pública, com enfoque em programas informativos, educativos e culturais, além de conteúdos importados de outros países. A produção regional foi, portanto, neste período, muito pouco representativa no que diz respeito às grades de programação, à variedade de géneros e à inovação e qualidade técnica.

Mediante este cenário, podemos dividir a história da televisão da Madeira em três fases: a instalação, ainda precária e experimental, na década de 70; a maturação, na década de 80, um momento marcado pela aprendizagem e profissionalização do fazer televisão e do avanço de inúmeras melhorias técnicas; e a situação de hoje, esboçada a partir de meados dos anos 90, com reflexos no grande aumento da produção regional que tem vindo a intensificar-se, gradualmente, até à atualidade.

As primeiras notícias que davam conta do alargamento do serviço televisivo à Madeira surgiram alguns anos após o início das emissões da RTP em território continental. A extensão da televisão ao arquipélago era vista, então, no início como uma mera possibilidade que dependia de dispendiosos recursos de ordem técnica e económica, o que na altura não era de todo viável, tendo em conta a situação precária do país. No início da década de 60, conforme se lê no Relatório do Conselho de Administração da RTP de 1959, a estação pública já tinha em mente um plano de expansão que incluía todo o território nacional, os arquipélagos da Madeira e Açores, abrangendo, também, Angola e Moçambique:

Não deixámos de considerar a possibilidade de estender o serviço de televisão às ilhas adjacentes, cuja população, por razões naturais, mostra o maior interesse em dispor deste meio de informação e diversão. O problema apresenta várias dificuldades de ordem técnica e económica e aguarda-se a conclusão de experiências em curso no arquipélago da Madeira, para se tomar posição definitiva.

Ainda assim, a implementação deste plano de expansão da RTP só veio a concretizar-se no início da década de 70, após a realização de avançados estudos com vista à definição dos locais mais convenientes para a instalação dos emissores e retransmissores destinados a servir os vários locais da região. Todavia, na Madeira, e conforme descrevem Vasco Hogan Teves e Lopes da Silva³, o início das emissões regulares na região estaria marcado para o ano de 1971, o que só viria a acontecer um ano depois, devido aos constantes atrasos dos trabalhos de colocação dos equipamentos inerentes à transmissão do sinal televisivo.

A chegada da televisão à região foi, também, tema de brincadeira no dia das mentiras, na edição de 1 de abril de 1972 do *Diário de Notícias da Madeira*. Fazendo jus ao tão aguardado momento, o periódico madeirense publicou como notícia de capa o início da primeira experiência televisiva para essa mesma noite às 21:30. A novidade caiu que nem uma luva numa altura em que tanto se especulava sobre a chegada da televisão à região e, também, porque já eram muitas as pessoas que estavam preparadas para esse acontecimento, possuindo um recetor e a respetiva antena, que, ainda assim, lhes possibilitava a captação das emissões da T.V espanhola. A notícia foi desmentida na edição posterior do *Diário de Notícias da Madeira*. Os madeirenses ficaram a saber que “Afinal o 1.º de abril não foi televisionado” por se tratar de uma peta, e que a televisão deveria demorar, ainda, alguns meses a chegar à Madeira.

Seria, igualmente, o mesmo periódico, com data de treze de maio de 1972, a veicular as primeiras notícias relativas aos trabalhos iniciais de ordem técnica, que permitiram o envio do sinal televisivo à casa dos madeirenses. Nesta edição, a notícia, intitulada “A televisão na Madeira quando as torres crescem”, pôs-nos a par dos trabalhos técnicos da colocação das estruturas metálicas que possibilitaram a difusão das emissões regionais, em alguns concelhos, a partir do emissor colocado no Pico do Silva, além das obras do estúdio da Delegação Regional da RTP:

Aproxima-se o dia em que será inaugurada a televisão na Madeira. Os trabalhos inerentes continuam a decorrer em bom ritmo e poderiam até estar mais adiantados se não se tivessem registado, especialmente na zona da Camacha, condições atmosféricas desfavoráveis com longos períodos de chuviscos e nevoeiro e que constituíram um importante fator negativo impossível de superar.

No entanto os técnicos especializados que se encontram na Madeira têm

³ No livro *Vamos Falar de Televisão*, 1971, p. 168.

desenvolvido uma atividade muito profícua e podemos informar os nossos leitores que se encontra já concluída a estrutura metálica da torre do Pico do Facho, em Machico, e que a torre do Pico do Galo, no Cabo Girão, tem já seis metros. O bom tempo surgiu finalmente e também a estrutura metálica da torre no Pico Silva tem «crescido» rapidamente encontram-se atualmente com 51 metros, portanto já próximo dos 75 metros que atingirá na sua fase definitiva.

Como foi oportunamente divulgado, funcionará neste local em edifício próprio já devidamente equipado, retransmissor principal da Televisão Portuguesa. Também as obras no estúdio na Rua das Maravilhas, se encontram praticamente concluídas com os equipamentos essenciais já montadas e em fase de afinação.

Portanto, em ambiente de natural expectativa a televisão na Madeira encaminha-se celeremente para a sua fase de concretização que se aguarda com maior interesse. (*Diário de Notícias da Madeira*, 13-05-1972: 1-2)

De acordo com a página “RTP 50 anos de História”, os trabalhos de implementação das infraestruturas metálicas teriam tido o seu início no ano de 1971, debaixo de condições atmosféricas muito adversas que impossibilitaram o lançamento das emissões, durante o segundo semestre desse ano, como chegou a ser anunciado:

Alguns atrasos verificados na entrega dos equipamentos e adversas condições climáticas encontradas durante os trabalhos de montagem das torres para as antenas de emissão impediram que se iniciassem, ainda em 1971, as emissões regulares de Televisão no arquipélago da Madeira. Só no termo do primeiro semestre de 1972 deve ser possível dar à população madeirense o benefício do acesso regular aos nossos programas de Televisão.⁴

A montagem das torres só ficaria, assim, concluída no fim de maio de 1972. De acordo com as informações disponíveis na página de comemoração dos 50 anos da RTP, os trabalhos de grande vulto realizaram-se em 4 locais escolhidos para a montagem do emissor e dos retransmissores: Pico do Silva (Camacha), Pico do Facho (Machico), Cabo Girão (Câmara de Lobos) e Arco da Calheta. A instalação mais importante localizou-se no Pico do Silva, na freguesia da Camacha, a 1111 metros de altitude. Foi necessário, para chegar ao local indicado, para a construção do edifício que albergaria o emissor de 2 kw, grupo eletrogéneo de emergência e outros equipamentos, onde também se erigiu uma torre metálica de 75 metros, a abertura de uma estrada numa inclinação bastante acentuada. No seu topo, por este funcionar como pólo emissor, foi colocado um sistema de antenas ligado por cabo coaxial ao emissor, que permitia a irradiação para o espaço de 20 kw de potência,

⁴ Relatório e Contas do Conselho de Administração de 1971.

respetivamente, para os 3 retransmissores de origem: Cabo Girão, Pico do Facho, em Machico, e Arco da Calheta, que distribuíam o sinal recebido do emissor e todo o conjunto teledifusor, chegando, assim, ao alcance de cerca de 60% da população da ilha da Madeira. “Essa cobertura irá estender-se por toda a costa Sul da Madeira, de Machico aos Prazeres, passando pelo Funchal, e, ainda, uma parte significativa do Porto Santo”⁵, sendo a restante, apenas, estabelecida no decorrer dos anos 80, já com o apoio do Governo Regional da Madeira. Manuel Mata, um dos técnicos de eletrónica responsáveis pela montagem dos primeiros emissores na Madeira, recorda que os trabalhos tiveram a duração de um ano, o que permitiu o início das emissões experimentais a 30 de junho sem grandes contratempos.

Concluída a primeira etapa, chegou a fase de experimentação que permitiu levar a casa dos madeirenses as primeiras emissões televisivas. O *Diário de Notícias da Madeira*, de três de junho de 1972, apontava para o início do mês de julho as emissões televisivas na Madeira, em regime experimental, isto segundo declarações do Dr. Ramiro Valadão, numa entrevista cedida ao *Diário de Notícias de Lisboa*. Na referida entrevista, transcrita pelo *Diário de Notícias da Madeira*, pode ler-se o seguinte:

A Madeira terá televisão a partir do mês de julho. De início, apenas um terço do arquipélago, incluindo a ilha do Porto Santo, beneficiará da existência deste importante meio de comunicação social. Dentro de um ano, finalmente, toda a população das duas ilhas poderá ver televisão. (*Diário de Notícias da Madeira*, 03-06-1972: 1)

Nesta mesma entrevista revelava-se que num futuro próximo todas as regiões do país seriam contempladas pela cobertura televisiva. Além da Madeira, o Presidente do Conselho de Administração da RTP indicava que os Açores constituíam o próximo passo da expansão da estação pública, não descartando a hipótese de abranger alguns dos países dos PALOP’S, nomeadamente Angola e Moçambique. Também esclareceu que o atraso na implementação das infraestruturas metálicas na Madeira se devia, em muito, ao vento, impossibilitando o desenvolvimento dos trabalhos a tempo. O trabalho mais moroso realizou-se na torre de 75 metros de altura, colocada no Pico do Silva, Camacha, “das quais já estavam construídos 60. Mas, à medida que se sobe, torna-se mais difícil e perigoso suportar a ventania. Por isso, nos dias excessivamente ventosos, torna-se necessário

⁵ Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988, p. 2

suspender os trabalhos.”⁶ Mesmo assim, apesar dos atrasos, no mês de julho já foi possível assistir às primeiras emissões televisivas na Madeira, embora em circunstâncias de experimentação.

Confrontado com a questão dos recursos humanos a adquirir para a Delegação Regional de televisão, o Dr. Ramiro Valadão destacou a importância em recorrer a pessoal da ilha, “não só para o quadro técnico – onde são particularmente importantes as funções de receção do material – como para o de locução que, em princípio, será constituído por um locutor e uma locutora”.⁷ A aposta em recursos humanos locais permitiu estabelecer uma maior proximidade com o público, o que revestia a emissora regional de características que a distinguem de todas as outras.

Já no que diz respeito à produção própria do canal regional, o responsável pela estação pública indicou que ela seria muito reduzida, sendo limitada, por enquanto, ao *Telejornal* local. Esta situação é explicada devido à inexistência de instalações para a produção própria, o que colocava a RTP Madeira na exclusiva dependência dos programas produzidos pela estação pública para o preenchimento da sua grelha de programação. Igualmente definido ficou o horário de funcionamento da grelha de programação da RTP Madeira, com uma duração inicial de 4 horas e meia a vigorar entre as 19:30 e a meia-noite. Durante este espaço de tempo os madeirenses tiveram a oportunidade de assistir a programas dos mais variados géneros, assente no tão aclamado serviço público de televisão.

Na página oficial da comemoração dos 50 anos da RTP, é-nos possível obter mais informações sobre os primórdios da televisão na Madeira, no que se relaciona com a definição do espaço que acolheu a sede da delegação regional da RTP e alguns dos procedimentos utilizados nas primeiras emissões do canal. O lugar que serviu de instalações, era tido como um prédio bastante antigo a necessitar de obras urgentes para albergar a sede da RTP Madeira, como surge descrito abaixo:

Paralelamente, no Funchal, à Rua das Maravilhas, um velho edifício acabado de ser adaptado a residencial, passa por novas obras, desta vez de readaptação a estúdios de televisão. Terminada esta fase passa-se à seguinte: num pequeno estúdio é colocada uma antiga câmara de telecinema adaptada para o efeito a câmara de estúdio. Numa

⁶ idem, p.8.

⁷ idem, p.8

pequena *Régie* e sala anexa, são instalados os «novos» equipamentos recebidos de Lisboa, com várias dezenas de anos de uso, pois tinham há muito sido retirados de serviço dos estúdios do Lumiar, exceção feita apenas a três videotapes (IVC 900) que apesar de nessa data constituírem uma inovação tecnológica, (gravação magnética Helicoidal em fita de uma polegada) não tinham características, nem qualidade profissional. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 2)

A natureza do edifício, com estilo de residência, requereu obras para a adaptação do espaço à nova realidade, neste que foi um pequeno grande passo para a chegada da televisão à Madeira. Foram construídos espaços necessários para acolher os novos equipamentos, com a instalação de telecinemas e videotapes que constituíam peças essenciais, dadas as características da programação a emitir; um pequeno estúdio equipado com uma câmara; uma *régie* de pequenas dimensões e gabinetes necessários para redação, produção, coordenação e manutenção. Vale ressaltar que todos os equipamentos instalados na RTP Madeira datavam das primeiras emissões da RTP nacional em 1957, o que obrigou os trabalhadores da empresa na Madeira a lavar máquinas, geradores e outros equipamentos com petróleo, tudo com muito cuidado e rigor, a fim de zelar pela boa conservação daqueles que foram os meios técnicos responsáveis pelas primeiras emissões da televisão em Portugal. Estava distante, ainda, a possibilidade de se utilizar o satélite, devido à inexistência de estações terrenas, tanto no Continente como na Madeira. Embora a rede de comunicação Marconi pensasse nisso no caso do arquipélago da Madeira, só foi possível tal viabilização em 1982. O único recurso era, pois, fazer chegar os conteúdos da programação por via aérea. Os suportes magnéticos de uma polegada e as bobines dos filmes, séries e programas eram recebidos no aeroporto de Santa Catarina e, depois, transportados até ao Funchal. De seguida, minimamente controlados, eram postos “no ar” pelos equipamentos de estúdio.

A inauguração da Delegação da RTP na Madeira ocorreu no dia 6 de agosto de 1972, na mesma data em que se iniciaram as emissões regulares. Para esta ocasião, o Governo fez-se representar pelo Dr. César Moreira Batista, Secretário de Estado da Informação e Turismo e pelo Engenheiro Adolfo Pinto Eliseu, Secretário de Estado das Obras Públicas, cuja chegada à Região ocorreu às 20:35 horas, de 5 de agosto de 1972, conforme o noticiado pelo *Diário de Notícias* de 6 de agosto de 1972. Além da presença de membros governamentais de Lisboa, a inauguração do canal regional contou com a comparência de muitas individualidades, entre elas o Governador da Madeira, Braamcamp

Sobral, o Presidente da Direção da RTP, Dr. Ramiro Valadão, o Diretor Geral da RTP, engenheiro Matos Correia e o primeiro chefe da Delegação da RTP na Madeira, e também engenheiro na Empresa de Eletricidade, Assis Correia, este último responsável pelo recrutamento dos primeiros colaboradores para o novo canal, numa escolha que privilegiou ex-militares com formação em Paços de Arcos na área das telecomunicações. Conforme o *Diário de Notícias*, de 6 de agosto de 1972, noticiou, os representantes governamentais obedeceram a um programa que se iniciou pela visita ao Emissor da Radiotelevisão no Pico do Silva, seguido da visita ao centro de emissão nos estúdios da RTP à Rua das Maravilhas, n.º 42, onde foi feita a bênção das instalações pelo Reverendo Bispo do Funchal, D. João António da Silva Saraiva. Adiante, após a cerimónia, o Dr. Ramiro Valadão proferiu o seu discurso, enquanto alto dirigente da empresa estatal, salientando que:

[...] a TV é um extraordinário meio de comunicação ao serviço das camadas sociais menos favorecidas, ou se quiserem, o grande espetáculo dos pobres (...) O que importa é que este magnífico e maravilhoso meio de comunicação social que é a Televisão sirva os superiores interesses da comunidade; e o que fundamentalmente importa à comunidade é possuir uma informação correta dos acontecimentos e ter uma noção exata do que pelo Mundo fora ocorre. (Página RTP 50 anos de História)

Depois, havia de referir o papel da RTP, “no conjunto das televisões europeias, a quarta em número de horas de emissão e das poucas que se desdobra para além das regiões do Continente, com a inauguração que hoje estamos a proceder.” Um desdobramento que concluiu apenas a sua primeira fase, já que o próximo passo se destina à expansão da rede noutra espaço insular - os Açores - aquele que, porventura, acarretou maiores custos devido ao número de ilhas.

A sessão de comemoração, dedicada à inauguração da televisão na Madeira, continuou com um almoço no Savoy Hotel, oferecido pela Rádio Televisão de Portugal. Já por volta das 19:30 horas, o Secretário de Estado da Informação e Turismo, Dr. César Moreira Batista, proferiu o discurso na circunstância da efeméride, transmitido em direto na emissora regional e seguido com muito interesse pelos telespectadores madeirenses. Na comunicação, publicada no *Diário de Notícias* de 7 de agosto de 1972, (anexo I) estão presentes as expectativas criadas em torno da chegada da televisão à região, assim como os objetivos que esta procurava imprimir na sociedade madeirense. Entre eles, destacam-se:

Benefícios para o espírito, utilizando-se os tempos livres recreando e formando: da simples diversão de adultos e crianças, à transmissão de grandes espetáculos nacionais e estrangeiros, de concursos, competições desportivas e de manifestações culturais. Em tão largos setores de interesse, a televisão há de encontrar e imaginar as soluções mais convenientes, rodeando-as de cuidadosa preparação e tornando-as atrativas. E não há de certamente esquecer como esta ilha está sendo cada vez mais procuradora por estrangeiros a quem não será indiferente virem encontrar uma televisão que lhes possa ir ensinando a conhecer melhor a Madeira e a aproveitar mais amplamente o tempo que desejavam passar nesta terra. (*Diário de Notícias da Madeira*, 07-08-1972: 5)

Nas palavras do Dr. César Moreira Batista, a introdução das estruturas de comunicação permitiram à Madeira abraçar um rumo com destino ao desenvolvimento nos mais variados setores, realçando a importância da televisão para a ilha, como importante veículo de informação e cultura, sem esquecer o benefício para o espírito, na ocupação dos tempos livres e na formação.

Já no que diz respeito à atividade turística, um dos pilares da região, o representante do Governo Civil abordou o papel da televisão como agente dinamizador, com o intuito de atrair e contribuir, ativa e positivamente, no incremento do Turismo do Arquipélago da Madeira. Num discurso meramente patriótico, onde houve lugar para enaltecer os feitos políticos do Presidente do Conselho, referindo a presença de inúmeros militares madeirenses na defesa do Ultramar, o Secretário de Estado da Informação e Turismo exaltou o momento da cobertura televisiva regional como um marco muito importante para a região no caminho do progresso económico e social.

PARTE III

Capítulo I

ANÁLISE EVOLUTIVA: 1972 – 1980

1 - Início das Emissões da RTP Madeira

A partir de 6 de agosto de 1972, a RTP deixava de emitir exclusivamente para o território do Continente ao implementar a sua primeira Delegação, que mais tarde, em 1980, passou a denominar-se Centro Regional, na Madeira, após a realização de uma fase de ensaios, que se iniciaram a partir de 30 de junho, de forma a permitir os indispensáveis ensaios e ajustes técnicos na rede de distribuição.

Assim, a edição do *Diário de Notícias da Madeira*, de 30 de junho de 1972, marcou o início das emissões da televisão na Madeira para o mesmo dia desta publicação, com o título de destaque: “Televisão na Madeira – emissões experimentais a partir de hoje”. Para a redação desta notícia, os jornalistas madeirenses tiveram como base considerações divulgadas no dia anterior, em Lisboa, que adiantavam informações relativas ao esquema e modo de programação e ao número de telespectadores abrangidos pelas primeiras emissões. Na mesma fonte, pode-se ler:

Lisboa, 29 – As emissões experimentais da televisão do Centro Regional da Madeira começam amanhã, imediatamente após uma semana de emissões em circuito fechado.

O esquema da programação é baseado no figurino das emissões do I Programa do Continente. De anotar, porém, algumas alterações sobretudo no que diz respeito ao serviço informativo, devido a não ser possível transmitir, na Madeira, igual número de edições do Telejornal ao do continente.

Neste aspeto porém, consta-se que a transmissão da edição principal, emitida no continente seja ampliada, brevemente, com noticiário regional.

Os programas serão transmitidos em gravações de «vídeo-tape» e filmes, pelo que a RTP expedirá, para o Centro Regional da Madeira, todos os dias, por via aérea, as rubricas a utilizar pelo respetivo emissor.

Quatro emissoras para uma população de 185 mil pessoas

Confrontando as duas programações – a do continente e da Madeira - verifica-se ainda que alguns programas mantêm as emissões no mesmo dia e no mesmo horário, apenas com a diferença de uma semana, caso, por exemplo da «Noite de Teatro». Quanto aos programas de atualidade, estes serão exibidos com a diferença de 24 horas. Foi igualmente estudado o caso das transmissões diretas, de modo a permitir que a sua

exibição, na Madeira, não ultrapasse, também 24 horas de diferença, em relação ao continente.

A cobertura inicial é feita através do emissor do Funchal e retransmissores de Câmara de Lobos e de Machico, esperando-se que entre em funcionamento, também dentro de dias, o retransmissor da Calheta, servindo os quatro uma população de 185 mil habitantes. (*Diário de Notícias da Madeira*, 30-06-1972: 5)

Com um número considerável de espectadores, que aguardavam o momento com alguma ansiedade, a televisão na Madeira iniciava, assim, os seus primeiros passos com as emissões experimentais. Para esta estreia, a programação seguiu o modelo do “I Programa do Continente”, com a transmissão de programas de atualidade, teatro, séries, cinema, um espaço de informação e outros dedicados ao entretenimento.

Emissões experimentais

A programação definida para a emissão experimental da RTP Madeira, adiantada pelo *Diário de Notícias da Madeira*, no já citado 30 de junho de 1972, numa Sexta-feira, marcava o início dos primeiros passos de uma televisão que viria a constituir a imagem de marca dos madeirenses. Assim, na tarde do último dia de junho de 1972, quando o relógio marcava as 19 horas e 30 minutos, teve início a abertura das emissões da RTP Madeira. Ocorreu, primeiramente, a sonoridade do sinal de abertura, com a duração aproximada de 2 minutos, o que viria a ser um marco sempre presente durante o início das emissões diárias. De seguida, às 19 horas e trinta e dois minutos, entrava em cena o programa *Auditório musical*⁸ com a exibição da nona sinfonia de Mahler, a maior do autor. Às 21 horas era chegada a altura de assistir à palestra “O Presente e o Futuro”, pela voz do Ministro do Estado Dr. Mota Campos, apresentada no mesmo horário que em Lisboa. Meia hora depois, era a vez do *Telejornal*, com a exibição das notícias do país e do mundo transmitidas no dia anterior no Continente. A Delegação Regional da RTP Madeira dependia das gravações das peças noticiosas exibidas no Continente que depois, de chegadas à Região, eram exibidas no noticiário do canal regional com locução de um jornalista local. Com o fim do espaço informativo, entrava em exibição a reportagem *Barreira de sombra* (1965) com um programa sobre a corrida de toiros, realizada na Praça do Campo Pequeno, em Lisboa. O fecho desta primeira emissão experimental da RTP

⁸ Para este programa e para todos aqueles cuja data não surja indicada, referimos não ter conseguido essa informação nas fontes que consultamos.

Madeira ocorreu às 24 horas.

O *Diário de Notícias da Madeira* do dia seguinte, 1 de julho de 1972, veiculava as primeiras reações à emissão experimental da televisão na Madeira, que segundo o periódico foi “seguida com muito interesse” e “aguardada com expectativa”, pois foram muitos os que às 19 horas e 30 marcaram presença em frente aos televisores “a fim de assistirem a um acontecimento aguardado desde há alguns anos.”

A emissão, apesar do caráter experimental, tinha proporcionado aos madeirenses “uma imagem nítida e boa pureza do som”, o que evidenciava o trabalho eficiente da equipa técnica a quem competiu a orientação do empreendimento. O *Diário de Notícias da Madeira* descrevia, assim, esse primeiro dia de emissão, um momento de grande valor histórico para a região:

Após uma excelente audição da 9.^a Sinfonia de Mahler, o sr. dr. Mota Campos, ministro do Estado, apareceu pela primeira vez nos «ecrans» dos televisores madeirenses proferindo uma brilhante palestra, no decorrer da qual analisou diversos aspetos do plano de fomento e da economia nacional.

No decorrer da leitura do Telejornal que ontem, tal como acontecerá futuramente, foi lido com uma diferença de 24 horas, em relação a Lisboa, pode-se seguir de perto diversos acontecimentos da atualidade nacional e internacional.

Viu-se o Patriarca de Lisboa falando ao clero aquando da homenagem que lhe foi prestada, por motivo do aniversário da sua nomeação para aquele elevado cargo eclesiástico.

Pode-se, também, observar em pormenor, as instalações das Radiotelevisão Portuguesa na Madeira, desde o estúdio até aos retransmissores.

Por último, a festa brava fez a sua aparição, com Shilbanga a dar «show» no Campo Pequeno. Uma tourada de grande nível que causou excelente impressão. (*Diário de Notícias da Madeira*, 01-07-1972: 5)

Com apenas um dia de teste, a primeira impressão da televisão na Madeira destacava-se pela positiva, com a expectativa de que, a cada dia que passasse, as emissões viriam a ganhar melhorias, nomeadamente no que respeitava à programação, segundo a opinião jornalística do *Diário de Notícias da Madeira*, que rejubilava com o gosto evidenciado pelos madeirenses pela estreia da televisão, aguardando ansiosamente, com o mesmo entusiasmo, pelo segundo dia de emissões.

As emissões experimentais da RTP Madeira tiveram a duração de um mês, tempo que foi fundamental para a integração da televisão e melhoria das condições de visualização, antes da abertura das emissões regulares. Durante este período, o horário de transmissão televisiva ficou compreendido entre as 19 horas e trinta e as 24, nos dias úteis.

Por sua vez, nos Sábados e Domingos, designados por dias dedicados ao descanso semanal, no qual as pessoas despendiam o seu tempo em frente à televisão, a abertura da emissão foi antecipada para as 15 horas. Para estes dias, a RTP Madeira definiu uma programação mais variada, com o intuito de estar mais tempo junto dos madeirenses.

Ainda assim, neste período de experimentação e acomodação do canal regional, chegavam à Região as primeiras produções televisivas que preenchiam a grelha de programação da RTP Madeira, “totalmente assegurada por programas “enlatados” recebidos de Lisboa, por via aérea, em suportes magnéticos de uma polegada”.⁹ Durante, aproximadamente um mês, numa fase preparatória que implicava alguns ajustes no sinal televisivo até à chegada das emissões regulares, os madeirenses puderam assistir a uma programação digna de um serviço público de televisão, assente numa enorme variedade de conteúdos, muito diferente daquilo que se verifica atualmente.

Programas informativos, desportivos, culturais, de entretenimento, espaços de entrevistas, cinema, séries nacionais e internacionais compuseram as emissões experimentais que antecederam a estreia oficial da televisão madeirense. Tudo isto numa fase de ensaio e de adaptação no meio regional, onde se testou com sucesso a abertura das emissões numa região que se vangloriava por esta conquista, embora, ainda, que fosse num momento de aperfeiçoamentos e ajustes com as habituais falhas de sinal analógico. E enquanto se aguardava pelo início das emissões regulares, foram muitos os madeirenses que se prepararam para o grande dia na corrida à compra de televisores. Alguns, embora, não tendo meios para adquirir uma televisão, passavam as tardes e as noites na casa dos vizinhos para poderem presenciar as emissões, movidos pelo interesse em acompanhar o tão badalado alarido em torno de um objeto, para a população rural mais antiga considerado como uma “caixa estranha”, que transmitia imagens e sons e que muitos identificam como a substituta do rádio.

A chegada das emissões regulares

Passado um mês e alguns dias, após o início das emissões experimentais, a 6 de agosto, foi oficialmente inaugurada a televisão na Madeira, com a presença das autoridades da Região e do Governo, marcando, assim, o início as emissões regulares da RTP Madeira. O arranque coincidiu com um Domingo, dia em que a programação se iniciava mais cedo.

⁹ Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988, p. 2

E quando o relógio marcava 15 horas, a população madeirense viu nascer a emissão definitiva do canal que viria, a partir de então, a fazer-lhes companhia todos os dias, sem interrupções derivadas das falhas de sinal.

Assim, a estreia da televisão na Madeira começou bastante bem e com um variado leque de escolhas para os seus telespectadores. Após o tradicional sinal de abertura, teve início a série estrangeira *Robin dos Bosques* (1955), seguida do programa *Feminino Singular* (1970); às 15:40 entrava em exibição a *Tarde de Cinema*; às 16:55 o espaço para os mais pequenos em *Desenhos Animados*, depois chegou a série *Lassie* (1954); às 17:45 entrou em cartaz o programa *Vária*, logo surgindo o espaço de música *Fados*; 18 minutos depois, o programa *Barreira de Sombra* (1965) e, posteriormente, *Se Bem Me Lembro* (1969), com Vitorino Nemésio; às 19:00 foi a hora do *Teledesporto* (1972), meia hora mais tarde entrou em direto a mensagem proferida pelo Secretário de Estado da Informação e Turismo, Dr. César Moreira Batista, na felicitação aos madeirenses pela inauguração das emissões regulares da RTP Madeira; às 19:40 a reportagem *Madeira Paralelo 33*, realizada pelo canal RTP 1 de Lisboa e, agora, transmitida no canal regional; às 20:05, passava o folhetim *Os Companheiros de Ball* (1968), seguida do *TV 7*; às 21:30, o *Telejornal* com as notícias nacionais do dia anterior, anunciadas com o plano de direto local; às 22:00 mais um momento de desporto com a transmissão de um jogo de hóquei em patins e antes da hora do fecho; às 00:10, passou a série estrangeira *Long Street* (1971).

Como se pode verificar, o primeiro dia das emissões regulares contou com uma programação bastante diversificada, com a presença de novos programas e de alguns já transmitidos aquando das emissões experimentais, onde se constata uma variedade de conteúdos que visavam responder a todos os gostos e, também, conforme a sua faixa etária. Registava-se uma grande predominância de conteúdos nacionais e de algumas produções estrangeiras, em detrimento da produção local, bastante reduzida, que só viria a vingar anos mais tarde em finais da década de 70.

Os primeiros protagonistas da televisão madeirense

Abel Gomes, o primeiro regente de emissão, testemunha que os primeiros colaboradores do canal, que não eram muitos, faziam de tudo um pouco para garantir a primeira programação, que era totalmente assegurada por bobines que vinham de Lisboa

com os noticiários nacionais a serem difundidos com um dia de atraso¹⁰. Contudo, foi com o noticiário regional que se revelaram as primeiras caras com que os madeirenses se habituaram a identificar o canal: Ramos Teixeira¹¹ e Armindo Abreu¹², como jornalistas, e Ana Bela Dionísio e Gilda Camacho como locutoras.

Gilda Camacho e Ana Bela Sousa Dionísio entravam em cena, antes do início de cada programa, informando os telespectadores sobre o que iam ver, numa espécie de *Cartaz TV* à moda antiga. Por sua vez, os primeiros jornalistas, Armindo Abreu e Ramos Teixeira, responsáveis pela apresentação do noticiário local, limitavam-se a ler textos, amplamente sujeitos à censura, previamente lidos pelo delegado, e que não dispensavam uma filtragem apertada, que obrigava, não raras vezes, os primeiros colaboradores a terem que ler e reler todas as notícias através do telefone, isto em caso de ausência do responsável da Delegação Regional.

Num pequeno estúdio, preparado para a ocasião, e equipado com uma velha câmara de telecinema vinda da feira popular de Lisboa, foi, precisamente, pela informação que a RTP Madeira deu os seus primeiros passos com a realização de planos em direto. A 6 de agosto de 1972, por volta das 21 horas e 30 minutos com o *Telejornal Madeira* chegavam à ilha as primeiras notícias do país, da região, e do mundo. Armindo Abreu deu as boas vindas à emissão da RTP Madeira e referiu a chegada da televisão à Madeira como “um fator de promoção cultural, sobretudo para aquelas populações a quem a televisão não chegava”.¹³ O bloco informativo, que era apresentado, alternadamente, com Ramos Teixeira, dependia, inteiramente, das imagens e das notícias transmitidas no dia anterior

¹⁰ Conforme as declarações prestadas no documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido a 6 de agosto de 2012.

¹¹ João Manuel dos Ramos Teixeira (1946-2002) – Iniciou a sua vida profissional como bancário e depois enquanto jornalista se distinguiu ao serviço da RTP Madeira. Foi o primeiro apresentador do *Telejornal* local desde o início das emissões do serviço público de televisão na Região, em 1972, função que exerceu durante vários anos, tendo sido também chefe de redação entre 1976 e 1981. Posteriormente desempenhou o cargo de chefe de produção no canal madeirense.

¹² Armindo Abreu – Jornalista de profissão, começou a sua carreira no jornal *Madeira Popular*; tendo depois ingressado no *Jornal da Madeira* e *Diário de Notícias da Madeira*. Neste último, desempenhou as funções de repórter e foi seu diretor interino durante um dos ciclos conturbados depois do 25 de Abril. Trabalhou também, como locutor na Emissora Nacional, da Estação de Rádio da Madeira e foi um dos pioneiros da RTP Madeira, onde foi repórter, apresentador de noticiários, chefe de redação e diretor.

¹³ Documentário *RTP Madeira 40 Anos*, transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

em Lisboa, que depois seriam úteis para a composição do noticiário local. A organização do *Telejornal Madeira* era assim descrita:

De origem local apenas os planos em direto, de estúdio, da locutora de continuidade e do jornalista que apresentava o serviço noticioso ilustrado com imagens do noticiário emitido na véspera no Continente. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 2)

Maria Luísa¹⁴, uma das caras do jornalismo do canal, na altura, recorda que no início das emissões o processo de execução do *Telejornal* local “era do mais artesanal possível” ao estilo de “um jornal radiofónico, um pouco mais simplificado”, onde “as notícias feitas na região eram vistas por uma mini censura.” A jornalista ainda atesta que a informação não suscitava qualquer interesse e os assuntos tratados nem pareciam ser notícia, muito por consequência do período de ditadura que se vivia no país, cenário que perdurou durante anos - “a televisão funcionou a fazer as coisas à base do que nos ia chegando em vez de sermos nós a procurar a notícia.” Além da reduzida incidência sobre a realidade regional, a RTP Madeira trabalhava com uma total dependência de Lisboa, que enviava todas as manhãs no primeiro avião de partida para a região, as bobines com as notícias passadas no continente no dia anterior a serem depois utilizadas na composição do noticiário regional, onde as imagens eram praticamente inexistentes. Curiosamente, foram vários os dias em que os madeirenses ficaram sem o *Telejornal*, devido ao fecho do aeroporto por condições meteorológicas adversas no arquipélago. Nestas circunstâncias, os espectadores locais teriam que esperar, pelo menos vários dias, até à normalização do estado do tempo para se manterem a par das últimas informações. Nesse caso, apenas poderiam visionar um *Telejornal* local mais curto com notícias lidas, num plano em direto, sem imagens ilustrativas dos acontecimentos que dominavam a altura.

No entanto, o privilégio de juntar imagens locais às notícias foi um feito que apenas se tornou possível em 1975, graças à montagem da redação e, também, devido à chegada das primeiras câmaras à delegação da televisão regional. E foi, precisamente, com uma

¹⁴ Maria Luísa - Jornalista de profissão. Começa a sua atividade profissional na equipa do célebre jornal rosa *Comércio do Funchal*. Em 1972 ingressou na RTP Madeira como administrativa. Em 1974 foi admitida como locutora de continuidade e em 1975 como jornalista após ter concorrido a um concurso interno. Foi das primeiras mulheres a apresentar o *Telejornal* regional, tendo sido uma presença assídua neste espaço de informação até à sua saída do canal. Ao longo do seu percurso pela RTP Madeira registam-se inúmeros trabalhos na área das reportagens e apresentação de espaços de entrevista.

peça jornalística sobre as emissões da RTP Madeira que o canal começou a sua missão no incremento da produção noticiosa. Em dia de estreia dos novos equipamentos, Armindo Abreu saiu à rua para acompanhar a receção da emissão em frente a uma loja de eletrodomésticos, onde os televisores transmitiam um jogo de hóquei em patins, que suscitava o interesse de todos os que por lá passavam. Feita a cobertura da ocasião, o jornalista ainda abordou várias pessoas que, entusiasticamente, louvaram a chegada da televisão, um momento há muito esperado, testemunhando assim o sucesso da “caixa mágica” na Madeira.

2 – Grelha de Programação Assegurada pela RTP

Com uma programação, maioritariamente, dependente de Lisboa, a RTP Madeira encetava os primeiros passos com uma oferta variadíssima de conteúdos, o que lhe conferia um certo estatuto de serviço público de televisão. E como não há muito que falar em produção local nesta fase embrionária da televisão madeirense, resta-nos apenas enunciar alguns dos programas “enlatados” de grande destaque que formaram a história inicial da RTP Madeira e que, ainda hoje, permanecem na nossa memória. Um dos primeiros, a marcar presença no canal regional, foi um programa de entrevistas, intitulado *Um Dia Com...* (1970), produzido por Martinho Simões, que acompanhava a vida de algumas das personalidades nacionais dos anos 70, representativas de variadas áreas, do desporto à cultura, tais como o ciclista Joaquim Agostinho, o fadista Carlos do Carmo e a pintora Lourdes Castro, entre muitos outros. Na mesma linha, também, surgiu o *Frente a Frente* (1970), um programa com realização e produção bastante avançada para a época, onde o apresentador, José Mensurado, mantinha, a cada emissão, uma conversa tranquila com os vários convidados. O espaço semanal informativo *TV 7* entrou em foco com a síntese dos principais temas que ocupavam a atualidade nacional e internacional dos anos 70, colocando-nos a par dos temas mediáticos e seus protagonistas.

Os documentários, um dos géneros mais interessantes e elaborados em televisão, trouxeram um novo modo de olhar o mundo à nossa volta. O telespectador encarava-os como uma ferramenta de aprendizagem que viria transmitir novos conhecimentos sobre as diversas áreas do saber. Também, não podemos esquecer a capacidade de este tipo de programa nos levar numa viagem por vários locais, que nos são desconhecidos, colocando-nos, assim, numa aventura, quer seja pelo passado ou presente, ao entrar em contacto com

outras culturas. Um dos primeiros documentários transmitidos pelo canal madeirense foi *A Terra, o Mar e a Gente* (1971), da autoria de Helder Mendes. Denotando uma preocupação com as questões ambientais e preservação da natureza, o programa mostrava-nos algumas imagens da região de Miranda do Douro, partindo depois para uma visão do seu quotidiano, através do testemunho diferente daqueles que dedicam a vida à sua terra. Este pode ter sido um dos pretextos para a RTP Madeira planear o seu investimento neste tipo de conteúdo, de forma a poder adaptá-lo à realidade local de um povo insular que, também, tem muito por contar e mostrar. Seguiram-se os documentários *50 Anos de História: A Vitória Aliada na Europa e na América (1944-45)*, acerca do fim da II Guerra Mundial; *As Grandes Batalhas* (1974) que se destacaram na História; *Portugal: Além da Europa* (1975); *Terra de Horizontes Sem Fim*; *As Flores e o seu Mundo*, entre muitos outros, que tratavam de temáticas de índole variada, reportando imagens e histórias dos recantos do país, que contribuíram, em grande parte, para o incremento da formação cultural da sociedade madeirense. Salienta-se, ainda, a transmissão da série de programas *Ao Serviço da Nação* (1965), “idealizada com o propósito – conseguido – de mostrar aos espectadores o quotidiano das Forças Armadas Portuguesas, nas suas missões de paz e de guerra”¹⁵. Esta produção, que marcou presença diária na RTP Madeira até à Revolução de abril, contou com a realização de Luís Miranda e do operador António Silva que estabeleceram contacto com os portugueses, incluindo também madeirenses, que lutavam em África pela possessão das colónias ultramarinas, sob orientação do regime do Estado-Novo. A exibição do programa *Ao Serviço da Nação* na Madeira serviu de janela aos acontecimentos que ocorriam por, esta altura, em África e que causavam angústia e sofrimento a muitas esposas que viam os seus maridos lançados numa guerra de mortes sem fim.

Já na programação destinada à cultura, onde houve uma forte aposta, ressalta-se a transmissão de vários programas de grande pertinência na divulgação daquilo que se produzia no país, nas mais variadas artes: *Dimensão* (1972) com especial enfoque nas artes plásticas, com direção de António Botelho e José Elyseu, que a cada semana nos oferecia uma calendarização das várias exposições realizadas no país, dialogando com os artistas que se expunham; no *Cinema 72* (1972), Batista Rosa pôs-nos a par das novidades cinematográficas nacionais e internacionais; em *Convergência* (1969) entrou Eduíno de

¹⁵ Página <http://seed2.rtp.pt/50anos/50Anos/Livro/DecadaDe60/RTPAos10Anos/Pag35> - Acedido em 17 de março de 2012.

Jesus com o seu programa quinzenal de atualidades literárias; na *Universidade na TV* (1967), programa cultural da Université Radiophonique et Televisuelle Internationale, criou-se uma nova via de ensino à distância e com *Os Pioneiros da Pintura Moderna* visitamos os ateliês e as grandes obras dos mestres da pintura mundial. Assim, como em *Presença do Passado* (1973), de Russell Cortez, com José Hermano Saraiva, também, viajamos até ao passado na busca pelas raízes da nação, em *O Tempo e a Alma* (1971), um programa que prendia o telespectador e que pretendia trazer até nós a cultura, quando o próprio historiador considerava que “o povo queria cultura, a televisão é que lha não dava!”¹⁶, isto numa época em que a população era, maioritariamente, ruralizada e analfabeta. David Mourão-Ferreira, um fenómeno na arte de comunicar, em *Imagens da Poesia Europeia* (1968), divulgou-nos um legado de autores e obras de renome da vasta História da Literatura Europeia, por seu turno Vitorino Nemésio, em *Se Bem Me Lembro...* (1969) abriu-nos “as fronteiras da cultura e do conhecimento”¹⁷. Na *TV Palco* (1974), Igrejas Caeiro colocou-nos a par do lugar de cena dos vários acontecimentos artísticos do nosso país, com especial relevo para o teatro nacional, e por sua vez, em *Cinamateca* (1972), António Ruano contou-nos a história do cinema e a sua evolução ao longo do tempo.

No panorama musical, Maria José Guerra surgiu com o programa *Dó-Lá-Si* (1963) dando-nos a conhecer os nomes nacionais de música ligeira, com a apresentação de entrevistas aos protagonistas dos temas que dominavam as rádios da altura; em *Povo que Canta* (1971), Michel Giacometti ofereceu-nos uma antologia da música popular portuguesa, a partir de recolhas etno-musicais feitas em cada região do nosso país; por sua vez, Pedro Homem de Melo apresentava-nos em *Danças e Cantares* (1969) os diversos espetáculos de grupos de folclore e orquestras, trazendo-nos assim os sons característicos de cada localidade do país. Uma hora antes do fecho da emissão, durante um dia por semana, houve espaço para transmissões musicais em *Concerto*, assim como sessões dedicadas à exibição de fados e a composições de grandes compositores europeus como Beethoven ou Tchaikovsky. A ópera aqui, também, teve espaço com a rubrica *Falando de Ópera*, algo raro na programação da época, onde se comentavam as diversas obras de compositores conhecidos. Num destes programas, “As Bodas de Fígaro”, obra-prima de

¹⁶ Página http://www.rtp.pt/web/historiartp/1970/tempo_e_alma.htm - Acedido em 17 de março de 2012.

¹⁷ Página do programa: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p16728> - Acedido em 17 de março de 2012.

Mozart, foi tema de conversa entre críticos desta arte, tendo a mesma sido transmitida durante o programa *Tarde de Ópera* pela Companhia de Teatro da Ópera de Hamburgo.

No entretenimento, uma das áreas mais apetecidas do público, *Variedades* (1963) apareceu na antena como uma surpresa e veio preencher a emissão noturna com muita música e boa disposição, pois cada programa trazia algo diferente para conquistar os telespectadores. Recordamos aqui as presenças de Nana Moskouri, de Charles Aznavour, de Juliette Greco e Nino Ferrer, que mantiveram na grelha o lugar exigido pela popularidade conquistada. Aqui, também, entrou em exibição um concurso de grande popularidade na televisão, o *Jogo do Galo* (1972), apresentado por Artur Agostinho, e o programa de humor *Silêncio! Vamos Rir*, com pequenos *sketches* de cinema mudo e imagens de acerto de emissão.

Dedicado ao público infantil, o espaço *TV Infantil*, coordenado por Maria do Sameiro Souto, deliciou os tempos de criança daqueles que hoje o recordam com ternura. Em cada emissão era contada uma história simples, onde o narrador reproduzia diferentes vozes, de acordo com as personagens e ações, enquanto alguém, por detrás de um suporte iluminado, uma espécie de quadro branco, ia desenhando a própria história.

No desporto, além da transmissão de importantes jogos de futebol e competições europeias, a rubrica *Momento Desportivo*, também, mereceu destaque, com a análise das principais modalidades desportivas nacionais, embora com maior evidência para o futebol do que para outras menos populares. Pelo programa passaram, com regularidade, diversos comentadores como Artur Agostinho, Martinho Simões e Fernando Pires, que nos mantinham a par das suas opiniões, numa espécie de debate, acerca das exibições dos desportistas nacionais. E, ainda, dentro desta secção, Mário Gonzaga Ribeiro conduziu um programa de automobilismo, *Motores em Marcha*, com as mais recentes novidades da época no desporto automóvel. A década na RTP Madeira foi também marcada pela transmissão televisiva dos “Jogos Olímpicos de 72”, em Munique, que contou com a participação portuguesa, acompanhada, diariamente, pelos madeirenses nas diversas provas das variadas modalidades, num grande evento que culminou com o atentado terrorista, conhecido como o massacre de Munique, que ocupou por longos dias as notícias do *Telejornal*. *A Volta a Portugal em Bicicleta* (1972), outro grande evento desportivo de renome, também esteve em destaque na grelha de programação do canal durante o verão, com a exibição da 35.^a edição, que ditou mais uma vitória para Joaquim Agostinho.

Diversas produções internacionais de grande sucesso, também, marcaram presença na grade programativa da RTP Madeira, hoje consagradas como autênticos clássicos da televisão mundial: as aventuras do oeste em *Bonanza* (1959), com Lorne Greene, Michael Landon e Dan Blocker; a divertidíssima série de grande sucesso *Casei Com Uma Feiticeira* (*Bewitched*) (1964), estrelada por Elizabeth Montgomery e Dick York; *Viver no Campo* (*Green Acres*) (1965), grande sucesso dos anos 70 na RTP, estrelada por Eddie Albert e Eva Gabor aconchegou-nos ao nosso espaço rural, fazendo-nos recordar alguns dos nossos aspetos peculiares; o folhetim *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*) (1967), baseado na obra homónima de Jane Austen; as sagas familiares de grande êxito: *A Família Forsyte* (*The Forsyte Saga*) (1967) e mais tarde *A Família Partridge* (*The Partridge Family*) (1970); o drama médico de *Dr. Marcus Welby* (*Marcus Welby, M.D*) (1969), interpretado por Robert Young; a história de *Os Caminhos de Noële* (*Noële Aux Quatre Vents*) (1970), uma adaptação de Jean Chouquet à novela de Dominique Saint-Alban (pseudónimo de Jacques Tournier), com Anne Jolivet e Jean-Claude Charnay nos principais papéis, que prendeu a atenção da classe feminina pelo seu estilo dramático, tendo ganho enorme popularidade entre o seu público; os dramas policiais *McCloud* (1970) de Dennis Weaver e *Columbo* (1971) com Peter Falk; a série de aventura e investigação criminal *Long Street* (1971) com James Franciscus no papel principal; *Leonardo da Vinci* (*La Vita di Leonardo da Vinci*) (1971), o relato ficcional da vida do artista com a interpretação de Philippe Leroy e as séries históricas *As 6 Mulheres de Henrique VIII* (*Henry VIII and His Six Wives*) (1972) e *Isabel I* (*Elizabeth R*) (1971). Estas foram algumas das séries lendárias que ocuparam a grelha da RTP Madeira, durante os seus primeiros passos, e que reuniram grande número de seguidores e amadores na década de 70, sendo, ainda hoje, muito recordadas.

Ainda nesta categoria, agora dedicada aos mais jovens, foram transmitidas séries internacionais de aventura com grande notoriedade na altura: *Lassie* (1954), a cadela mais famosa do mundo, que auxiliava os seus donos nas diversas situações do dia a dia, uma das séries mais aclamadas e recordada por todos; *Daniel Boone* (1964), protagonizada por Fess Parker, que permaneceu na grade durante as tardes do fim de semana; da Austrália chegaram a história do veterinário dos animais, *Woobinda* (1968) e *Skippy* (1967) que contava as estórias da família Hammond que passava por diversas aventuras na companhia de um canguru fêmea muito especial de nome Skippy. Animais que falavam e heróis que

realizavam o inalcançável juntaram os mais jovens num universo de aventura, onde a realidade procurava entrelaçar-se com a fantasia na procura pelo entretenimento e divertimento puro.

O cinema, outro dos grandes géneros televisivos, também, ocupou grande parte do espaço noturno e diurno da grelha do canal. Nas sessões noturnas deu-se lugar à exibição de ciclos de cinema de importantes produtores e realizadores mundiais na sessão *Noite de Cinema*, que teve início com os filmes do cineasta húngaro Alexander Korda: *Catarina, A Grande* (*The Rise of Catherine The Great*) (1934) com Elisabeth Bergner e Douglas Fairbanks nos principais papéis; *Os Amores de D. Juan* (*The Private Life of Don Juan*) (1934), que conjugou a parceria entre Douglas Fairbanks e Merle Oberon; a comédia romântica *O Divórcio de Lady X* (*The Divorce of Lady X*) (1938) estrelada, também, por Merle Oberon, e *Lady Hamilton* (1941) com Vivien Leigh e Laurence Olivier. Num outro ciclo, desta vez dedicado ao cinema francês: *Que Drama* (*Drôle de Drame*) (1937) do realizador Marcel Carné, protagonizado por Françoise Rosay e Nadine Voguel e *A Vaca e o Prisioneiro* (*La Vache et le Prisonnier*) (1959), de Henri Verneuil, com Fernandel e René Havard no elenco principal. Houve, ainda, lugar para o ciclo de cinema do Humor Europeu com a exibição de *As Raparigas de Roma* (*Le Ragazze di Piazza di Spagna*) (1952), entre outros; o ciclo do realizador Robert Wise com *A Defensora das Aves* (*Something For the Birds*) (1952) e *Os Ratos do Deserto* (*The Deserts Rats*) (1953); e, ainda, o ciclo John Ford com a transmissão de vários filmes seus, entre eles, *Tormenta a Bordo* (*The Long Voyage Home*) (1940) com John Wayne. De destacar, também, outras grandes produções cinematográficas europeias: *Breve Encontro* (*Brief Encounter*) (1945), de David Lean; *Ana Karenina* (*Anna Karenina*) (1948), baseado no romance de Liev Tolstói e produzido por Julien Duvivier, cuja personagem central foi interpretada por Vivien Leigh; o clássico polémico do neorealismo italiano *A Terra Treme* (*Terra Trema: Episodio del Mare*) (1948) de Luchino Visconti; *Carrossel Napolitano* (*Carosello Napoletano*) (1954), estrelado pela diva do cinema italiano Sophia Loren e *A Lei do Mar* (*Billy Budd*) (1962), de Peter Ustinov. Os clássicos do cinema português, também, tiveram aqui lugar com a exibição do filme de Vasco Santana *O Pátio das Cantigas* (1942) com o próprio Vasco Santana, António Silva, António Vilar e, ainda, *Aniki-Bónó* (1942), do realizador Manuel de Oliveira.

E, assim, como existiu uma *Noite de Cinema*, também, se criou lugar para a *Noite*

de Teatro, com a apresentação de peças teatrais que marcaram a época, onde se destaca a exibição de *A Senhora das Brancas Mãos* (1950), da autoria de Alejandro Casona, com representação de Fernando Gusmão, Alves da Cunha, Maria José, Aura Abranches e Carmen Dolores; *O Céu da Minha Rua* (1958), de Romeu Correia, que nos deu a conhecer o primeiro grande papel de Amália Rodrigues no teatro; *Frei Luís de Sousa* (1967), de Almeida Garrett, com Carmen Dolores, Luís Santos, Ana de Sá; *As Três Barcas* (1969), de Gil Vicente, por Óscar Acúrcio, António Augusto, Fernanda Borsatti, Maria Dulce e Rogério Paulo; *O Senhor Diretor Não é Feliz* (1972), de Victor Ruiz Iriarte, traduzido por Pedro Pinheiro do texto original espanhol *El Presidre y la Felicidad*, uma adaptação para a televisão, sob realização de Jorge Listopad, com carimbo da Direção dos Serviços de Espetáculos para a RTP e, ainda, *A Importância de Ser Constante* (1972), da obra de Óscar Wilde, com as brilhantes interpretações de Fernanda Borzatti, Manuela Cassola, Leonor Poeira, João Perry, Armando Cortez, Luís Pinhão e Virgínia Macieira. A ideia de introduzir o teatro na RTP Madeira veio de, certa forma, compatibilizar os diversos pólos artísticos, sem querer deixar de fora da grelha de programação uma das artes mais antigas da História da Humanidade.

Em outras categorias, nomeadamente programas de variedades, também, houve espaço para a transmissão de conteúdos com o tratamento de várias temáticas: o universo feminino esteve em destaque em *Feminino Singular* (1970) e *Nós, as mulheres*; noutra vertente, João Martins trouxe-nos *Ensaio* (1973), programa que abordava variados temas da vida em sociedade; de índole religiosa, *E a Vida Continua...* (1972), apresentado pelo padre Teodoro Marques da Silva, procurava em cada emissão transmitir uma abordagem sobre a importância da religião, da fé dos homens e da sua relação com Deus; em *Porta Aberta*, Artur Varatojo, especialista em criminologia, seleccionava e discutia vários casos inesquecíveis de investigação policial; um outro que mereceu destaque, pela atenção que, desde logo, lhe votaram espectadores e críticos, foi *O Caso da Semana*, que mostrava Luís Filipe Costa a intervir e a discutir alguns dos problemas do nosso quotidiano; no *Mini-decoração* (1970), Gustavo Fontoura pôs-nos a par das novas tendências decorativas; por esta altura, também, passou a rubrica *Há Só Uma Terra* (1972), produzida pela Comissão Nacional do Ambiente e sob a responsabilidade de Luís Filipe Costa, que alertava para a importância da preservação do planeta. O *TV Clube* (1962), programa de variedades da década de 60, que contou com a participação de artistas portugueses e estrangeiros,

proporcionou momentos mágicos e únicos aos madeirenses. Noutros géneros, Alice Cruz foi uma das anfitriãs do *Domingo à Noite* (1972), realizado e gravado no Teatro Maria Matos, e que, com a presença de diversos artistas nacionais, trouxe animação às noites da RTP Madeira, embora fosse transmitido durante os dias da semana, não coincidindo com o serão de Domingo como acontecia em Lisboa. O *Domingo à Noite* foi um dos programas preferidos do público que era levado ao êxtase em consequência dos números musicais, de bailado e de humor, neste caso protagonizados por Florbela Queiroz e Norberto de Sousa. E eis que também foi transmitido, não em simultâneo com a transmissão em Lisboa, a gravação do tradicional espetáculo *Natal dos Hospitais*, que a cada ano trouxe à televisão madeirense a comemoração do espírito natalício.

De salientar, também, a exibição de outros programas que estabeleceram uma certa proximidade com os interesses regionais, nomeadamente na área do turismo, um dos principais impulsionadores da economia madeirense. *Ponto de vista: Turismo* ou *Crónica: Cursos de Hotelaria* foram alguns dos espaços televisivos que, apesar de terem sido destinados ao turismo num contexto nacional, adequaram-se perfeitamente ao meio local, isto pela estimulação da atividade turística da Região no que se refere à forma de receber e lidar com os visitantes que escolhem a Madeira como destino de eleição.

Hogan Teves (1998, p. 188) indica que “a RTP Madeira no seu primeiro ano de existência (na realidade, menos de um ano) transmitira 782 horas de programação”, tendo atingido as 2065, em 1973, o que demonstrava um aumento bastante acentuado da sua carga horária televisiva, “um número já bem significativo, mesmo quando em confronto com os do Continente: 3837 h para o 1.º Programa, 1266 para o 2.º - um total, portanto, de 5105 h.”

Mas o aumento da carga horária de programação, durante os primeiros anos da RTP Madeira, não viria a resolver os problemas do recém-nascido canal, com vista a cumprir as suas funções enquanto televisão regional, pois este tinha vivido com enorme dependência da estação pública de Lisboa, em termos do planeamento da sua programação, muito devido à carência de equipamentos de reportagem e gravação, que possibilitassem o fomento da sua produção própria, o que fez com que a situação não se modificasse por alguns anos. Perante este cenário afirmava-se na *TV Guia*:

Tornava-se imperioso, por um lado, suprir diversas falhas e deficiências técnicas que se registavam diariamente e, por outro, proceder ao redimensionamento do centro

dotando-o dos recursos mínimos, quer técnicos quer humanos, que possibilitassem a cobertura televisiva dos acontecimentos de grande relevo que diariamente se registavam na Região. Sentia-se que a Televisão, mais do que qualquer outro órgão de Comunicação Social, poderia contribuir para o desenvolvimento sociocultural da população madeirense. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 3)

Na televisão madeirense a imensa oferta televisiva afiançada pelos programas vindos de Lisboa não seria suficiente para garantir o serviço televisivo a uma população insular que não se via representada na sua própria televisão. Pois, para haver identificação da população com o canal regional, deveria haver uma aposta na produção regional e na cobertura dos principais acontecimentos do interesse de todos os que viviam na Região.

3 – A Representatividade do Regime Ditatorial na TV Madeirense e a Nova Era Pós 25 de Abril de 1974

Durante os seus primeiros anos de existência, a RTP Madeira esteve sob domínio de uma rigorosa gestão militar, o que se repercutiu na sua primeira programação com a emissão de programas de índole patriotista como o *Ao Serviço da Nação* (1965) e *Portugal Além da Europa* (1971), este último promovido pela Agência Geral do Ultramar, que apelavam à salvaguarda e manutenção do território ultramarino que, segundo o regime em vigor, seria uma forma de fazer prevalecer o reconhecimento da importância do antigo império colonial português que tantas riquezas havia trazido e que futuramente poderia vir a responder às necessidades que o país atravessava. Após algum tempo sob chefia de Assis Correia, a sucessão dos acontecimentos que levaram à queda do Estado-Novo conduziram a gestão da RTP Madeira a Carlos Alberto Fernandes¹⁸, elemento, até então, pertencente ao quadro local do canal regional. Seguido de um período de exercício interino no cargo, foi sucedido por Manuel Correia. Estas mudanças no interior do canal possibilitaram o seguimento de uma linha de programação mais liberal e sem qualquer tipo de censura, como já se verificava na televisão do Continente. O fim da ditadura militar suscitou o aparecimento de novos programas de televisão, a nível da informação e entretenimento, que deixavam prevalecer a opinião pública e a crítica, importantes agentes responsáveis

¹⁸ Carlos Alberto Fernandes – Esteve ligado à RTP Madeira desde 1972, ano que marcou o início das emissões televisivas do canal regional. Começou por dirigir o Departamento Técnico, participando depois nos projetos de instalação da rede de difusão e desenvolvimento do Centro Regional da RTP Madeira. Foi também diretor do canal entre 1975 e 1976 e de 1997 a 2002.

pelo surgimento de ideias que possibilitaram a construção da atual identidade portuguesa.

De recordar, que a RTP Madeira registou após a Revolução de abril um dos momentos célebres da presença de madeirenses na Guerra do Ultramar, aquando do fim da permanência portuguesa nos territórios da discórdia com a cobertura do regresso dos retornados à Madeira. Um momento revestido de alegria, para uns, e, de tristeza para outros, que Armindo Abreu acompanhou através do registo do drama de inúmeras famílias que aguardavam com muita ansiedade rever e abraçar muitos dos homens que tinham partido e que, agora, regressavam da guerra colonial. Esta, que foi uma das primeiras reportagens do canal, é, também, aquela com a qual Armindo Abreu mais se identifica, a que mais guarda na memória, conforme uma entrevista que o jornalista concedeu ao *Diário de Notícias da Madeira*¹⁹.

Na perspetiva de Paquete de Oliveira, o início da era televisiva em Portugal ocorreu com o fim da ditadura salazarista, pois só a partir daqui viria a adquirir uma nova tessitura, o que a aproximou ainda mais da população portuguesa. Nas palavras do ex-provedor do telespectador:

[...] a televisão só nos anos 70 e, sobretudo, já depois do 25 de Abril de 1974 vem a conhecer um maior impacto social, político e cultural. Nascida em pleno salazarismo, a RTP tem a imagem de *estado* do Estado. Altamente controlada, política e culturalmente, com condições técnicas de difícil distribuição pelo país, sem telenovelas ou coisa parecida na sua programação, a televisão não conseguiu, nos seus primeiros tempos, entusiasmar grandemente a população portuguesa. Os próprios responsáveis da RTP reconhecem “os primeiros vinte e cinco anos [...] foram os do arranque, da estabilidade, da adaptação técnica.”²⁰ (1992: 1005)

Embora o seu nascimento tenha ocorrido em 1957, o fazer televisão, em plena democracia e liberdade, só se inicia com a supressão da censura no país. O mesmo é extensível à RTP Madeira que, após alguns anos sob chefia militar, dá início à produção regional, apenas, em 1976. Talvez, a intensa repressão e o medo em produzir algo que fosse contra os ideais do regime, ditassem as razões para a ausência da produção do canal regional.

¹⁹ In Revista do *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 43 953 de 02 de janeiro de 2011, p. 4 a 7.

²⁰ RTP, *25 Anos*, Lisboa, 1982.

Todavia, a mudança de sistema político possibilitou a chegada de novos programas ao canal de televisão madeirense, nomeadamente programas de opinião pública na área da informação: o *Página Sete* (1978) colocou em destaque os acontecimentos da semana; o *Primeiro Plano* (1978) revelou-nos uma análise à vida económica, política e social portuguesa; e na rubrica *Caixa Alta* (1978) foram discutidos temas de interesse geral. Estes programas, vistos no continente como novidades e na região como “enlatados”, ocupavam parte da grelha de programação do canal que ainda apresentava algumas lacunas, muito devido ao reduzido investimento na produção regional. No entanto, devemos reconhecer que as infraestruturas da Delegação Regional apresentaram grandes melhorias na rede de propagação do sinal televisivo, nomeadamente devido à complementação dos quadros de pessoal e à efetuação de obras de construção que permitiram adequar os locais aos novos equipamentos. Mais tarde, a chegada das primeiras videotapes portáteis possibilitou uma nova dinâmica na captação de imagem, servindo a programação informativa, nomeadamente o bloco noticioso local, mas, também, contribuindo, em muito, para as primeiras experiências de produção de programação regional.

4 – As Primeiras Produções Regionais: Um Difícil Pequeno Grande Passo

Três anos após à sua chegada à Madeira, a televisão assistia a novas mudanças. Carlos Azeredo, brigadeiro que presidia à Junta Governativa da Madeira, nomeava Rui Brazão para chefiar a delegação da RTP na Madeira, tendo destinado ao novo responsável do canal os seguintes objetivos: manter o afastamento da televisão de apetências ideológicas efervescentes; impulsionar a dinamização da estrutura televisiva nos variados aspetos; alertar e sensibilizar a administração em Lisboa sobre a carência dos meios técnicos existentes na delegação regional.

A entrada de Rui Brazão no canal propiciou o aparecimento dos primeiros programas de produção própria, onde se destaca o início da transmissão das missas dominicais. Armindo Abreu conta-nos que as pessoas que passavam junto à Rua das Maravilhas no momento da cobertura da eucaristia “pensavam que aquilo era uma igreja ou uma capela e, então, chegavam, cada vez mais, para assistir.”²¹ O número de interessados em assistir à missa era tão elevado que houve alturas em que as portas do

²¹ Entrevista a Armindo Abreu in Revista do *Diário de Notícias da Madeira*, edição n.º 43 953 de 2 de janeiro de 2011, p.5.

estúdio tinham que ficar abertas e os que por lá passavam, não tinham outra solução, senão a de ficar espalhados pelos corredores. Numa dessas homilias ocorreu um episódio que viria a causar polémica devido à utilização deste espaço televisivo, destinado à fé, para fazer propaganda política. Tudo aconteceu no dia das primeiras eleições livres na Madeira, em junho de 1976, quando durante a missa saiu a afirmação de “que as pessoas deveriam votar em todos, menos num determinado partido”²², o que depressa instalou o caos, entre as várias forças políticas, a RTP Madeira e o seu responsável Rui Brazão, que recorda a situação como um dos piores momentos, enquanto esteve na chefia da RTP Madeira.

Nesse mesmo ano, a administração da RTP colocou no Funchal os primeiros equipamentos que possibilitaram a realização das primeiras reportagens no exterior, que levariam à casa de todos os madeirenses as imagens da ilha onde vivem, e as videotapes portáteis que permitiram uma nova dinâmica na elaboração do *Telejornal*, e que, também, contribuíram em muito para a produção dos primeiros programas e reportagens.

Um dos primeiros programas da informação da RTP Madeira esteve a cargo de Maria Luísa e teve como tema o universo infantil, tendo sido mesmo emitido no dia que se celebrou o Dia Mundial da Criança de 1976. Com a duração de hora e meia e dividida em duas partes, a jornalista recorda que a reportagem abordava o ensino para crianças portadoras de deficiência, além de revelar a todos um dos grandes problemas da época: “as crianças abandonadas da zona de Câmara de Lobos e que dormiam debaixo das pontes do Funchal.” Na realização da reportagem, Maria Luísa deparou-se com a triste realidade de muitas crianças, o “que causava sensibilidade a qualquer pessoa”, emoções que, na sua perspectiva, não tencionava transmitir aos espectadores. Mesmo assim, conta-nos que a dor de estar em contato com este meio foi menos sentida, porque “o operador foi ótimo, e aí já não tive que ir, com ele, à noite, para debaixo das ribeiras ver as crianças ao abandono”, um cenário que traça, perfeitamente, uma radiografia à realidade social da Madeira da década da 70. Para Maria Luísa, “este foi um tipo de grande reportagem que deu bastante gozo de fazer, apresentar e criar”, um dos grandes trabalhos do primeiro jornalismo do canal.

A nova investida do canal permitiu que, a partir de então, os madeirenses se identificassem com a sua própria televisão, o que dignificava a importância do canal

²² Entrevista a Rui Brazão no documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012

regional enquanto órgão de comunicação responsável pelo desenvolvimento económico e sociocultural da região e espaço de denúncia dos problemas que assolavam uma sociedade profundamente mergulhada na pobreza.

Dentro do Espaço e do Tempo (1976), programa que contou com a colaboração e apresentação do escritor madeirense Horácio Bento de Gouveia, foi o ponto de partida da RTP Madeira na aposta da sua produção própria. Ao longo de várias crónicas quinzenais, Bento de Gouveia apresentou-nos uma abordagem das vivências da Região, estabelecendo um contacto próximo com as suas raízes, o que nos lembra um pouco a sua forma de escrita, que acompanha à lupa as peculiaridades da vida da população madeirense, com o intuito de dar a conhecer aos telespectadores as suas tradições históricas, literárias e etnográficas. A realização de *Dentro do Espaço e do Tempo* revelou-se de grande importância para a televisão regional, assim como para o meio cultural madeirense, por se enquadrar perfeitamente dentro dos moldes de programação definidos para um canal regional, pois veio responder às necessidades de produção local que se faziam sentir na RTP Madeira. Rui Brazão, em declarações ao documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012), contou que, na altura da produção do programa, chegou a percorrer com Horácio Bento Gouveia as freguesias que seriam palco para as gravações a cada emissão, acrescentando que no adro das igrejas o escritor madeirense dissertava sobre os antecedentes históricos de cada localidade.

Igualmente, no ano de 1976, vários acontecimentos mereceram destaque na informação do canal, dada a sua importância expressiva para o meio regional. A 20 de fevereiro desse ano, Ramos Teixeira destacava a notícia da cerimónia que empossou a Junta Governativa da Madeira por Carlos Azeredo. Ainda no âmbito político, a televisão, marcou presença na primeira sessão da Assembleia Regional da Madeira, decorrida a 19 de julho, e igualmente, presenciou a 1 de outubro à tomada de posse do primeiro Governo Regional da Madeira, então presidido por Ornelas Camacho, momentos que suscitaram a captação de imagens que constituem um marco da história política da Madeira contemporânea. No âmbito desportivo, a entrada do Clube Sport Marítimo, fundado em 1910, nas competições nacionais de futebol foi testemunhada pela RTP Madeira, que, também, assistiu à sagração da festa de subida do clube à primeira divisão da época 1976/1977.

A 12 de novembro de 1976 realizaram-se as primeiras eleições autárquicas em Portugal e a RTP Madeira acompanhava a par e passo, em modo de aprendizagem, a cobertura efetuada pela RTP. Para esse efeito, o canal regional manteve em Lisboa uma dupla de profissionais, constituída pelos jornalistas Armindo Abreu e Jorge Luís, numa ação de formação que acompanhou e integrou a equipa da RTP que fez a cobertura do ato eleitoral, adquirindo, assim, experiência que mais tarde seria determinante na cobertura das eleições regionais, que, segundo Jorge Luís, serviria de “momento para extravasar as capacidades dos jornalistas da estação local.”²³

Segundo Maria Luísa e conforme a entrevista que nos foi concedida: “As coisas que mais me marcaram na RTP Madeira estão relacionadas com ambos os acidentes dos aviões”. Estávamos na década de estreia da televisão madeirense, quando, inesperadamente, a RTP Madeira se deparava com um cenário trágico ao revelar ao mundo imagens de dois dos mais graves acidentes na história da aviação portuguesa, ambos em pleno espaço aéreo da Madeira.

O primeiro ocorreu no Aeroporto do Funchal, conhecido por Aeroporto de Santa Catarina, vitimando 131 pessoas, 6 tripulantes e 125 passageiros. E foi a equipa da RTP Madeira que cobriu este que é considerado o maior acidente de aviação em Portugal. Passavam 35 minutos das 21 horas, numa noite de temporal, quando, no dia 19 de novembro de 1977, o voo TP425 do Boeing 727-200, operado pela Transportadora Aérea Portuguesa, batizado com o nome Sacadura Cabral, galgou a pista e se precipitou no calhau do Petita, em Santa Cruz. Apesar das várias tentativas frustradas de pisar o solo, o comandante João Costa aterrou muito além dos limites aceitáveis, não possibilitando a travagem da aeronave que acabou por se despenhar entre o mar e o calhau. Este acidente, com um elevado número de vítimas mortais, teve um impacto negativo no turismo da região servido por um aeroporto com uma pista de, apenas, 1600 metros.

Armindo Abreu, que na ocasião efetuou a cobertura desta tragédia, contou-nos que esta foi sem dúvida “uma das reportagens mais exigentes”, que lhe couberam, durante toda a sua atividade profissional na RTP Madeira. O jornalista afirma que na hora do sucedido “estava em serviço, tinha acabado de apresentar o *Telejornal*, quando” foi informado, por telefone, que havia caído um avião na região. Como não estava a par da dimensão do

²³ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

acidente, depressa se apressou, juntamente, com o operador de câmara, António Açafrão, “o mesmo que tinha feito as imagens de transmissão do *Telejornal*,” e partiram para o local do acidente. À chegada deparou-se com um cenário trágico, onde permaneceu toda a noite com o operador de câmara. Foram registadas “as primeiras imagens por altura, portanto, dos primeiros socorros”, até às do nascer do dia com “uma visão profundamente lamentável.”²⁴ As imagens da tragédia captadas pela equipa de reportagem madeirense abriram durante toda a semana os noticiários da ilha, de Lisboa, e do mundo, e hoje permanecem na memória dos sobreviventes e das pessoas que pereceram neste que é o mais grave e mortífero acidente de aviação em Portugal até à atualidade²⁵.

O segundo acidente, cerca de um mês após o desastre aéreo com o Sacadura Cabral, aconteceu a 18 de dezembro e envolveu um avião Super Caravelle, da companhia suíça SATA – Societé Anonyme de Transport Aérien, que caiu ao mar na zona do Porto Novo, tornando 1977 um ano trágico para a aviação no território português. Tudo ocorreu por volta das vinte horas e catorze minutos, quando o avião suíço com o voo VS730, proveniente de Genebra, com 57 pessoas a bordo (52 passageiros e 5 tripulantes), na sua maior parte turistas suíços que vinham passar o Natal à Madeira, realizava os procedimentos de aterragem, que por falta de coordenação entre os pilotos e em resultado da ilusão ótica, amarrou pouco depois de efetuar a curva final de aproximação à pista, conforme o relatório do acidente efetuado pela Direção Geral da Aeronáutica Civil.

A notícia da tragédia chegou, inesperadamente, à RTP Madeira, conforme atesta a jornalista Maria Luísa: “eu estava no estúdio para a apresentação do *Telejornal* e telefonam-me da torre de controlo do aeroporto e dizem: Maria Luísa é só para informá-la que há um avião suíço da SATA que desapareceu no mar a seguir à ponta de S. Lourenço.” Após várias tentativas para apurar a confirmação do acidente, a emissão do *Telejornal* iria para o ar mais tarde, com Maria Luísa a anunciar em primeira mão a notícia de última hora sobre a queda de um avião em Santa Cruz. Para asseverar os efeitos da ocorrência, a RTP Madeira acabou por enviar uma equipa ao local, mas as imagens relativas às operações de

²⁴ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

²⁵ As imagens da tragédia podem ser recordadas na página do museu virtual da RTP em <http://museu.rtp.pt> – Acedida a 29 de outubro de 2012.

salvamento e aos testemunhos de quem presenciou o fatídico acidente só seriam transmitidas no noticiário do dia seguinte. A divulgação da notícia pela jornalista Maria Luísa permitiu ativar com rapidez as equipas de salvamento ao local, o que viabilizou a retirada de 21 pessoas com vida, incluindo o piloto, embora tenham perecido 36. Maria Luísa destacou este importante momento, recordando que após “ter dado a notícia houve um comandante de um dos rebocadores que arrancou de imediato e conseguiu salvar algumas das vítimas” e este homem sempre que a via dizia-lhe: “Se não fosse a sua notícia, não tínhamos socorrido a tempo alguns dos passageiros que se encontravam no mar.” Esta é uma frase que a jornalista tem sempre presente e que dificilmente esquecerá, pois tem um significado bastante grande para si, o que lhe dá a sensação de dever cumprido, mediante tudo aquilo que fez na informação da RTP Madeira.

Este foi sem dúvida um ano trágico para a região que viu a segurança do seu aeroporto colocada em causa pelo impacto das recentes fatalidades. A Secretaria do Turismo receou pela qualidade do destino e chegou a temer que o aeroporto de Santa Catarina entrasse na lista negra dos aeroportos, o que prejudicaria em muito a economia da região. Contudo, as conclusões do relatório de acidente vieram a mostrar que as condições do aeroporto não eram responsáveis pela ocorrência do acidente, resultado de negligência por parte da equipa que comandava o Super Caravelle, cujos destroços foram encontrados, em 2011, nos mares de Santa Cruz por dois mergulhadores portugueses, num trabalho realizado em parceria com o Centro de Mergulho do Clube Naval, a uma profundidade de 105 metros, tendo sido recolhidas imagens que suscitaram interesse em várias cadeias televisivas internacionais.

5 – A Chegada do Novo Género Televisivo: a Telenovela

A contrastar com estes acontecimentos funestos, a RTP Madeira introduzia na sua grelha um novo género televisivo: a telenovela, uma obra de ficção capaz de congregar grandes audiências dentro da esfera pública. Assim, em 1977 a programação da televisão portuguesa ganhava novos contornos com a chegada de *Gabriela* (1975).

E se no Continente a primeira telenovela a ser exibida conquistou uma grande audiência, o mesmo se adivinhava na Madeira, onde *Gabriela* chegou com um ligeiro atraso. Segundo relatos da época em que foi exibida, muitos espectadores, sejam homens ou mulheres, deixavam de parte as suas habituais tarefas para acompanhar a história de

Gabriela, interpretada por Sónia Braga, que se tornou num grande caso de sucesso. Exibida na região em finais de 1977 e no Continente entre:

[...] maio a novembro, cinco dias por semana, «Gabriela» fez vibrar o País inteiro, parando-o, não poucas vezes, modificando hábitos de vida, virando tema de conversas altamente participadas. «Perder tudo, menos a Gabriela», era assim como que uma senha para os espectadores fiéis – e quem não era? – na hora de rodar o botão do recetor e do aconchego no sofá da sala.²⁶

Transmitida quase sempre depois das 22:30, na grelha da RTP Madeira, *Gabriela* chegou desprovida de pudor e alterou por completo o modo de vida da sociedade portuguesa, que, até então, se encontrava ainda enclausurada no medo da repressão do regime ditatorial. A adaptação do romance de Jorge Amado para a ficção revelou-se um grande êxito, tendo incutido nos portugueses o hábito de assistir às telenovelas brasileiras. *O Casarão* (1976), de Lauro César Muniz, foi a que se seguiu, com uma história que prendeu a atenção do público feminino, até à chegada de outras produções de ficção que já eram motivo de intensas conversas de café em Lisboa.

6 – Remodelações na Delegação e Alargamento da Rede Televisiva Regional

O *Diário de Notícias da Madeira*, edição de 22 de outubro de 1978, trouxe novidades sobre os futuros projetos da RTP Madeira: obras no Centro de produção, criação de áreas de serviço e aumento do tempo de emissão diária com novos programas. As primeiras transformações ocorreram no momento em que a estação acabara de completar seis anos de existência e para a ocasião foi revelado um mapa da Madeira, no qual foram assinaladas as áreas de serviço em funcionamento e as futuras, cuja implementação permitiu a cobertura de três quartos da Região (anexo II). O periódico madeirense dedicou uma página inteira à televisão da Região onde anunciava muitas das necessidades do canal, nomeadamente a nível do setor técnico operacional e recursos humanos, “refira-se, a propósito que o Centro Regional da Madeira é o que de menos pessoal dispõe no País, com

²⁶ Destacável “RTP 30 Anos Ao Serviço dos Portugueses”: Revista *TV Guia*, edição n.º 471, semana de 13 a 19 de fevereiro de 1987, p. 14.

2,72 % dos efetivos da RTP”²⁷, isto numa altura em que se apostava numa nova e melhor oferta programativa.

Novo Telejornal e nova grelha de programação

As novidades introduzidas na programação da RTP Madeira consistiram na substituição dos conteúdos vindos de Lisboa por outros, também, “enlatados”, mas com maior variedade de programas. No que diz respeito à produção regional introduziu-se uma segunda emissão do *Telejornal*, que passou a ser exibida às 23 horas, apostou-se numa rubrica direcionada para o desporto regional e abriu-se mais uma hora de emissão diária. No entanto, o maior problema na programação continuava a ser o mesmo de sempre, a:

[...] ausência de produção regional – justificada em parte por motivos de ordem técnico-operacionais – pois nos nossos pequenos ecrãs apenas continuaremos a ver, em direto, diariamente os dois telejornais, a Missa Dominical e o Telefutebol-regional à segunda-feira. De resto os enlatados, com destaque para as séries portuguesas e a nova telenovela «O Astro» que ocupará os nossos serões durante oito meses.²⁸

A programação do canal tomava como paradigma o primeiro canal da RTP, “no qual foram substituídos alguns programas trazidos do 2.º canal.”²⁹ À região chegavam novidades, nas mais variadas áreas: *Comarca das Artes*, revista semanal de divulgação das atividades culturais; *A Comédia e a Vida*, espaço preenchido por filmes considerados como comédias de qualidade; *Eu, Cláudio (I, Claudius)* (1976), produção de origem inglesa que nos transportava aos tempos do Império Romano e às lutas fatídicas pelo poder; na rubrica *Ver Com Olhos de Ver* (1978), Lagoas Henriques expunha-nos o panorama das artes plásticas; em *Arte de Ser Português* (1978) Alberto Pimenta levava-nos numa viagem aos limites inesperados do quotidiano da nossa terra; a série *Raízes (Roots)* (1977), baseada no best-seller de Alex Haley, uma adaptação norte americana de sucesso, preencheu todas as noites da RTP Madeira às sextas-feiras; as *Grandes Batalhas do Passado* voltaram à grelha com novos episódios, acerca das mais importantes confrontos bélicos da História mundial; em *Gente de Paz* (1978), o professor José Hermano Saraiva regressava ao ecrã para falar

²⁷ *Diário de Notícias da Madeira*, edição n.º 34 215, 22-10-1978, p. 5.

²⁸ *Idem*, p.5

²⁹ *Idem*, p.5

de temas portugueses: História, Gente, Vidas e Costumes; o magazine de informação *País, País* (1978) reuniu o que de melhor se fazia nos 4 centros de produção da RTP, incluindo, portanto, a RTP Madeira; da produção estrangeira surgiram *Os Marretas (The Muppet Show)* (1976), série repleta de boa música e humor criada pelo célebre Jim Henson e o clássico *Homem Rico, Homem Pobre (Rich Man, Poor Man)* (1976); as séries dramáticas de produção nacional: *Amor de Perdição* (1978) e *O Homem que Matou o Diabo* (1979) inspiradas, respetivamente, nas obras de Camilo Castelo Branco e Aquilino Ribeiro; o espaço *All You Need is Love* (1978) reuniu uma série de 17 filmes com o título genérico famoso popularizado pelos Beatles que retratava a história da música popular; o mítico concurso *A Visita da Córnelia* (1977), apresentado por Raul Solnado; e do Brasil, após serem exibidas pelo canal 1 da RTP, *O Astro* (1978), da famosa novelista Janete Clair, e *Escrava Isaura* (1976), de Gilberto Braga, esta última, hoje, muito lembrada, que contou com Lucélia Santos no principal papel e que juntou na época um grande número de espectadores em frente ao ecrã.

Ainda do fundo do baú da RTP, refira-se a exibição na região do espaço musical *Grandes Êxitos de Max* (1959) onde, na companhia do conjunto Jorge Machado, o madeirense Maximiano de Sousa cantava alguns dos seus maiores sucessos. Exibido em 1977 pela RTP Madeira, este musical apresentado por Jorge Alves e com realização de Fernando Frazão, apesar da sua longevidade, assentou perfeitamente na grelha da RTP Madeira na data da sua exibição.

Em 1979, Max voltaria a ser motivo para uma emissão da RTP Madeira. O canal beneficiou da presença na ilha de um carro de exteriores do Estado-Maior General das Forças Armadas, e transmitiu, a partir do Casino do Funchal, o seu primeiro programa direto a partir do exterior, o espetáculo de *Homenagem da Madeira a Max*. Exibida a 29 de janeiro, desse mesmo ano, a gala de homenagem a Maximiano de Sousa, apresentada por Maria João Carreira e Armindo Abreu, foi transmitida logo após a emissão do noticiário e prolongou-se por três horas com direito a diversas atuações de luxo, onde nomes como Amália Rodrigues, Paco Bandeira, Mara Abrantes e Joel Branco interpretaram grandes temas do percurso musical do cantor para uma plateia lotada que se via passar em direto na sua televisão. Numa noite bem animada, os momentos de bom humor das estrelas da estação pública não faltaram com Raul Solnado, Nicolau Breyner, Herman José que, também, fizeram questão de felicitar, juntamente com Fialho de Almeida, esta que foi a

primeira experiência em direto da RTP Madeira. Em forma de homenagem, Virgílio Teixeira teceu palavras de agradecimento ao talentoso Max que, no preciso momento, se encontrava ausente do espetáculo, por questões de saúde, isto numa fase muito complicada da vida do artista madeirense que se encontrava hospitalizado em Lisboa, tendo falecido no ano seguinte.

O mesmo carro utilizado para a cobertura deste evento de tributo a Max, também, auxiliou na cobertura de um outro espetáculo, *Noite Madeirense* (1979), sucedido na Quinta Magnólia e que juntou diversos convidados musicais num ambiente de festa em comemoração da nova fase vivida pelo canal regional. E é, sobretudo, com este acontecimento que o *Telejornal* estabelece a sua primeira intervenção em direto do exterior no local do foco da notícia, minutos antes do início deste espetáculo, o que demonstrava já algum aperfeiçoamento no domínio de diversas técnicas adotadas no serviço televisivo.

A par destas novidades, o canal lançou na área do entretenimento novos programas que viriam a dar continuidade à produção própria e que, assim, vêm completar algumas faltas entre a grelha de programação do canal: *Encontros com ...* (1979), programa de entrevistas a personalidades a nível nacional e regional, comandado pela jornalista Fernanda Freitas, e *De quinze em quinze* (1979), concurso transmitido aos Sábados e que fazia companhia aos mais jovens, apresentado por Maria João Carreira, em colaboração com a escultora Manuela Aranha, são alguns exemplos. Fernanda Freitas, ex-chefe de programas, produção e arquivo, recorda-os como projetos emblemáticos na televisão madeirense, evidenciando que *De quinze em quinze* “tinha muita adesão das crianças, enfim de toda a gente, porque era uma novidade”³⁰ numa altura em que na região apenas existia a RTP Madeira.

7 – A Emissora Regional Dirige-se ao Foco da Aluvião de janeiro de 1979

A grande aluvião que atingiu a Madeira, entre 20 a 24 de janeiro de 1979, causando estragos um pouco por toda a região, embora com maior incidência na zona norte e oeste da ilha, foi acompanhada pela televisão regional que esteve presente nas zonas mais afetadas, testemunhando o desespero de muitas pessoas que perderam os seus familiares e tudo aquilo que tinham construído ao longo da sua vida. Uma tragédia, cujos resultados a

³⁰ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

ilha já conheceu no seu longo historial e que originou no balanço dos 5 dias 14 mortos. Para acompanhar esta tragédia, a RTP Madeira enviou ao local a jornalista Maria Luísa que reportou a ocorrência na zona da Calheta, onde recorda que “nessa altura houve pontes que ruíram. Houve carros e pessoas que desapareceram e deu-me prazer estar no local e imaginar aquilo que as pessoas estariam a ver em casa. Portanto, retratar com realidade o que se tinha passado”. A jornalista, ainda, afirma que as primeiras reportagens do canal se distanciam muito das de hoje, onde tudo antes “funcionava um pouco como um falso direto, o jornalista aparecia, identificava, estava presente e assinava no fundo a reportagem”, isto com uma “forma diferente de estar, onde hoje dizemos e assinamos”.³¹

Contudo, apesar da sua pequena dimensão, o espaço insular madeirense revelava-se bastante grande em acontecimentos que mereciam ser cobertos pela televisão que o representa. Ainda assim, a década de 70 caminhava para o seu fim e os jornalistas da RTP Madeira dispunham de meios que não eram muito eficazes e que por vezes dificultavam ainda mais o seu trabalho. Maria Luísa atesta as dificuldades sentidas no seu tempo, nomeadamente na realização dos noticiários que eram feitos a partir de cassetes marcadas, que estavam sujeitas a rotações e cujo número de voltas poderia não corresponder àquilo que se esperava, levando, sucessivamente, a erros de emissão que contribuíam para a frustração dos colaboradores que ansiavam pela chegada de equipamentos mais eficazes.

E enquanto o progresso tecnológico demorava a chegar, o serviço televisivo oferecido pela RTP Madeira ostentava um bom momento, no qual a produção regional começava a ganhar uma certa notoriedade, o que estimulou a Delegação Regional para fazer mais e melhor pela continuidade deste trabalho em prol das comunidades insulares. Com a aproximação de uma nova década, adivinhava-se uma melhoria do serviço televisivo oferecido pelo canal regional numa complementaridade entre a oferta televisiva vinda de Lisboa e as novas produções regionais.

³¹ Idem.

Capítulo II

ANÁLISE EVOLUTIVA: 1980 – 1990

1 – A Criação dos Centros Regionais

Na década de 80, a RTP Madeira experimentou um período de alargamento das suas emissões às zonas rurais e continuou a sua função de fazer chegar junto dos madeirenses os programas que, no outro lado do Atlântico, colavam milhares de telespectadores junto ao ecrã. Assistiu-se, portanto, a uma década de consolidação do canal regional com o intuito de abranger a cobertura total das duas ilhas, Madeira e Porto Santo. Esta década, também, ficou assinalada pela continuidade na produção regional, com recurso à introdução de novos meios técnicos que fomentaram a aposta em programas de carácter jornalístico e cultural.

O arranque da década de 80 ficou marcado pelas restantes obras de implementação dos retransmissores, responsáveis pela veiculação do sinal televisivo aos concelhos, ainda, não contemplados pela emissão da RTP Madeira. Para o efeito, a RTP Madeira contou com o apoio do Governo Regional, através de um plano que permitiu a cobertura total da Madeira e do Porto Santo. Logo em 1980, foram inaugurados os retransmissores da Portela e de São Jorge, que ampliaram a receção das emissões às freguesias da costa norte da ilha. Em 1981, ficaram concluídos os retransmissores da Ribeira Brava e da Encumeada. No ano de 1984, entraram em funcionamentos 4 novos retransmissores: o de Gaula, Fajã da Ovelha, Paul do Mar e Terça no Porto Moniz, completando, assim, a terceira fase do plano de cobertura. Em 1985, foi inaugurado o retransmissor de Ponta Delgada e em 1986, o de Curral das Freiras. Finalmente, em 1987, entrou em serviço o retransmissor de Porto Santo, que conclui, por fim, a cobertura total da ilha.

O Acordo de Saneamento Económico e Financeiro

Para falarmos acerca deste período de melhoria das condições de ordem técnica para o incentivo à produção regional, convém falarmos do Acordo de Saneamento Económico e

Financeiro³², assinado pelo então Presidente da RTP, Vítor Cunha Rego e o Estado, que esteve na origem da reestruturação da RTP e com impacto, extremamente, importante nos seus canais adjacentes (RTP 2, RTP Madeira e RTP Açores). A RTP, que passava a dispor de meios que lhe permitiam desenvolver a sua atividade numa perspetiva mais equilibrada, até então não assegurada, ficava agora forçada à execução de uma política de austeridade nos gastos, nomeadamente nos novos planos de investimentos, e na coerente utilização do conjunto de meios de que dispunha, como clarifica Vasco Hogan Neves:

O Acordo, feito para vigorar até 31 de dezembro de 1984, obrigou a RTP a hierarquizar os seus objetivos estratégicos da seguinte forma: manter as redes primárias de cobertura radiotelevisiva, quer do Continente (1º e 2º canais), quer das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira; manter as condições da rede complementar do Continente; melhorar, qualitativa e quantitativamente, o nível dos programas a emitir, visando um acréscimo de serviço prestado; e aumentar, progressivamente, o índice de produtividade (índice de custo-eficácia). (Página RTP 50 anos de História)

Com o (ASEF), Acordo de Saneamento Económico e Financeiro, a aposta na descentralização tornava-se, com efeito, palavra de ordem, não só para a Comissão Administrativa da RTP, mas também para as Delegações Regionais que perspetivavam melhorias para o seu desenvolvimento futuro na aposta numa gestão autónoma. Foi o que se verificou nos Açores e Madeira, embora um pouco mais tarde em relação a Lisboa, com a aplicação do Decreto-Lei nº 156/80, de 24 de maio, estabelecido pelo X Governo Constitucional, liderado pelo Professor Aníbal Cavaco Silva, que veio estabelecer regimes especiais para as representações da RTP nas Regiões Autónomas, criando os Centros Regionais dos Açores e da Madeira, que abandonam, definitivamente, o estatuto de “Delegação”. Esta alteração acarretou profundas transformações nos novos Centros Regionais que passavam a ter competência para a produção de conteúdos televisivos, pois “estabelece regimes especiais para as representações da Radiotelevisão Portuguesa, E. P., nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira”. No mesmo Decreto-Lei, 1.º artigo, pode ler-se:

1 – Nas regiões Autónomas dos Açores e da Madeira as delegações da Radiotelevisão Portuguesa, E. P., RTP, passam a denominar-se «centros regionais da

³² Conforme o Decreto-Lei nº 353/C, de 29 de agosto de 1977.

RTP», com poderes, a estrutura de serviços e as funções estabelecidos no presente diploma.

2 – Na estruturação e funcionamento dos centros regionais respeitar-se-á a necessária unidade da empresa.

Os Centros Regionais passaram a ser concebidos enquanto descentralizações da RTP nas Regiões Autónomas que, dotados de autonomia de gestão financeira, ganhavam competências próprias que motivavam a aposta no aumento da produção regional. Os canais regionais experimentam, então, o início de uma outra fase com a introdução de equipamentos de ordem técnica e operacional, que possibilitavam a realização de trabalho autónomo, sem a total dependência da estação pública, através da adoção de novas competências, como se verifica no artigo 3.º:

Aos centros regionais compete:

- a) Organizar e elaborar programas de informação e divulgação, de comentário e de crítica, de pedagogia, culturais, recreativos, desportivos, infantis, de interesse e âmbito regionais;
- b) Retransmitir, em direto ou em diferido, integral ou parcialmente, programas informativos ou outros sobre acontecimentos e factos da vida nacional e internacional, elaborados fora dos centros regionais;
- c) Decidir sobre o conteúdo da sua programação, em harmonia com os princípios e diretivas que vigoram para toda a empresa.

As novas mudanças conferiam aos Centros Regionais a aptidão para a elaboração dos seus próprios programas, dentro daquilo a que se chama de serviço público de televisão, assim como o poder de decisão na elaboração da sua grelha de programação. Os canais regionais passaram a atuar, assim, no domínio da produção e também da aquisição de programas, em conformidade com as normas vigentes da estação pública. Da mesma forma, os Centros Regionais passaram a ter o dever de estabelecer contactos com os respetivos departamentos dos governos das regiões autónomas com o intuito de transmitir, durante o tempo não inferior a uma hora por semana, reportagens ou programas de interesse geral, incluindo programas relativos à higiene e à saúde pública, à poupança de energia, entre outros assuntos de particular interesse para o bem-estar da população regional.

Os governos regionais, também, passaram a ter o poder de acompanhar e julgar os trabalhos dos respetivos Centros, a fim de promover o seu regular funcionamento, pois o artigo 8.º do Decreto-Lei 156/80, de 24 de maio, determina o seu direito ao:

[...]acesso a todas a informações e documentos úteis para acompanhar a atividade dos centros”. Igualmente, os governos regionais poderão promover inspeções e inquéritos ao funcionamento dos centros, cujos resultados serão remetidos ao conselho de gerência para os devidos efeitos.”

Na mesma medida, foi dada às entidades governamentais locais a competência de “pronunciar-se sobre os orçamentos de exploração e de investimentos, antes da sua aprovação, bem como das suas atualizações”, o que lhes conferia a capacidade de decisão na avaliação para a dissolução do serviço prestado pelos centros regionais de televisão.

No que respeita à gestão dos Centros, passou a ser competência do Conselho de Gerência da RTP, a decisão de nomear um diretor, precedido do acordo dos governos regionais. O diretor nomeado tem, a partir de então, a responsabilidade de gerir o Centro Regional, podendo ser exonerado através do departamento competente, pelos governos regionais, em caso de incumprimento das seguintes competências, delineadas no artigo 7.º:

Competirá ao diretor:

- a) Organizar e assegurar a gestão do centro regional, o seu funcionamento e desenvolvimento;
- b) Elaborar e submeter à aprovação do conselho de gerência os orçamentos de exploração e investimento para o ano seguinte, bem como os planos de desenvolvimento do centro regional;
- c) Fixar condições de trabalho no quadro da política geral da empresa e regulamentar nos quadros dos princípios gerais vigentes na empresa, a organização interna do centro regional;
- d) Exercer, por delegação do diretor de programas, as atribuições que a este competirem no âmbito da programação regional;
- e) Exercer os demais poderes que lhe forem delegados pelo conselho de gerência ou pelo presidente.

De acordo com a legislação, cabe, nesse caso, ao diretor do Centro Regional o seguimento da melhor política para o fomento da produção própria, com vista a dinamizar a realidade insular, de acordo com a sua autonomia contabilística. E nos tempos que surgem, dada a intensificação da fuga dos telespectadores para outros canais, o diretor do Centro Regional tem o papel de equacionar soluções para estabelecer uma maior proximidade com o público, na ambição de fornecer uma programação de interesse específico, com a aposta em diversos formatos que convidem o público para uma maior participação e interação com a sua televisão. Contudo, apesar do momento de crise que os

canais regionais atravessam, a melhor alternativa surge na construção de parcerias que permitam resultados benéficos para ambos os lados.

2 – A Preparação Para as Primeiras Emissões a Cores

Após a entrada em vigor da nova lei, o conselho de gerência da RTP preparava a eleição do diretor responsável pela gestão do, então, Centro Regional da RTP na Madeira. Carlos Alberto Fernandes, que já fora, anteriormente, diretor técnico da Delegação na Rua das Maravilhas, assumiu, provisoriamente, a liderança técnica até à nomeação do novo Diretor, o engenheiro João Oliveira Mendes. Entretanto, no Centro Regional já decorriam os projetos de remodelação dos complexos de estúdios para a instalação dos novos equipamentos de ordem operacional, que proveriam a inauguração das primeiras emissões, totalmente, a cores. A televisão madeirense preparava-se, assim, para uma nova etapa, revestindo-se com as cores do arco-íris, para a grande estreia do primeiro programa a ser emitido com uma nova imagem. A 17.^a edição do *Festival RTP da Canção*, realizado a 7 de março de 1980, desde o Teatro São Luiz, em Lisboa, que ditou a vitória de José Cid, com a música “Um grande, grande amor”, fez história por ser o primeiro programa a cores transmitido a nível nacional. A RTP Madeira transmitiu-o, também, a cores, através de gravações vídeo chegadas de Lisboa, antecipando o início das transmissões a cores na ilha, que só viria a ocorrer a 24 de setembro de 1982. O espetáculo, apresentado por Júlio Isidro, revelou-se um marco simbólico para a história da RTP. A televisão ganhou vida através da cor, conferindo maior nitidez à imagem, o que garante uma transmissão mais bem definida e mais próxima do cenário real.

Carlos Alberto Fernandes refere que “é na década de 80 que se dá um grande salto qualitativo, a dois níveis: um na área de estúdios e, outro, na cobertura de televisão.”³³ Na área de estúdios, o antigo diretor faz referência à chegada à região da estação de satélite móvel, que garantiu a primeira transmissão direta para todo o país. E por sua vez, na cobertura televisiva, a extensão das emissões da RTP Madeira à costa norte da Madeira, através da construção de um transmissor na Portela e outro em S. Jorge, o que permitiu o alcance da quase total cobertura do arquipélago.

³³ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

Primeira transmissão direta para todo o país a partir da Madeira

Assim, a RTP Madeira experimentou a 10 de Junho de 1981 um facto histórico, que mereceu destaque televisivo, tanto a nível regional como nacional, aquando da presença do Presidente da República na Madeira, o general Ramalho Eanes, nas cerimónias comemorativas do Dia de Portugal, o que proporcionou pela primeira vez uma emissão, originada pelo Centro Regional, que entrou em direto para todo o território português. Hogan Teves enuncia que “tecnicamente, não foi fácil a operação, aliás só concretizada porque a RTP alugou a única estação móvel de satélite disponível na Europa e os seus técnicos voltaram a dar resposta a mais esse desafio”³⁴, que se revelou de enorme envergadura para um canal regional que ainda dava os primeiros passos nas suas próprias produções.

E na sequência para novos desafios, neste mesmo ano, o canal madeirense dava início à transmissão televisiva, em direto, dos mais importantes acontecimentos que ocorriam anualmente na região, proporcionando, assim, uma maior proximidade com a sua terra e as suas gentes, conforme o que podemos ler na *TV Guia*:

No âmbito dos programas desenvolve-se uma maior ação na área informativa local e na cobertura em direto de trabalhos de exterior: Comemorações do Dia da Região, Festa da Flor, Fim de Ano e o Campeonato do Mundo de Andebol. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 4)

O ano de 1981 terminava com o avanço de mais um projecto, inteiramente produzido pela equipa de produção regional. Tratou-se do programa *Os Mudos Nadadores*, com a autoria e apresentação de Paula Lourenço, que acompanhava a faina da pesca do atum nos mares da Madeira. Durante vários programas, Paula Lourenço seguiu a vida a bordo dos pescadores que, durante dia e noite, passavam o seu tempo no mar, segundo a autora na qualidade de “mudos pescadores”, num tempo de espera, a aguardar que o peixe viesse à rede. Este foi um dos últimos programas realizados a preto e branco, antes da chegada de novos equipamentos que possibilitaram outras facilidades operacionais na produção de novos conteúdos, já com a introdução e captação de imagens a cores.

Assim, a grelha de programação da RTP Madeira aproximava-se cada vez mais da

³⁴ Página RTP 50 Anos de História: <http://ww2.rtp.pt/50anos/> - Acedida em 15 de maio de 2012.

realidade e do ambiente local e dos seus deveres, enquanto canal que efetua a cobertura de uma região, o que constitui uma enorme valia para a cultura e economia do arquipélago.

3 – Aperfeiçoamento Técnico do Centro e Início das Emissões a Cores

O ano de 1982 revelou-se como o momento de registo de um grande salto qualitativo para as emissões da RTP Madeira. Assistiu-se, portanto, à chegada de novos meios técnicos e operacionais que apetrecharam o Centro de Produção, permitindo uma maior qualidade na emissão, doravante com imagens coloridas. E para efetuar uma melhor cobertura a nível regional e oferecer um espaço de trabalho mais amplo aos seus funcionários, foram inaugurados, a 24 de setembro de 1982, os aperfeiçoamentos introduzidos no Centro Regional da Madeira. Entre as obras executadas destaca-se um novo corpo do edifício, para acolher o moderno material técnico-operacional, com qualidade *broadcast*, que possibilitou o início da transmissão, nessa data, de todos os programas a cores, conforme registado pelo folheto comemorativo dos 15 anos da RTP Madeira:

Terminadas as obras de ampliação da área técnica, procede-se à instalação de novos e modernos equipamentos. Assim, numa área de cerca de 140 m² criaram-se zonas de trabalho distintas: Produção Vídeo e Áudio, Continuidade de Programas, Videotapes, Central Técnica e Comutações, Controlo de Câmaras de e Iluminação, e ainda Feixes Hertzianos. Nestas zonas são criadas novas facilidades operacionais, destacando-se três canais-câmara no estúdio, misturador de vídeo com efeitos especiais, órgão de luzes, três videotapes (BCN 51) para edição eletrónica, dois conjuntos de edição eletrónica (U-MATIC HB), misturador final de vídeo e áudio (*Régie* final), três conjuntos de reportagens (câmaras RCA e gravadores U-MATIC), e ainda um sistema de Feixes Laterais para ligação Hertziana à estação terrena de satélites. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 4)

O momento vivido na RTP Madeira era de mudança e adivinhava bons ventos, tudo graças à introdução das novas infraestruturas que, aliadas ao início das emissões a cores, possibilitaram o incremento de mais e melhor produção regional. Vale, ainda, ressaltar que, na continuidade da melhoria das condições técnicas e operacionais da RTP Madeira, houve a colaboração do Governo Regional para o financiamento de cinco novas instalações retransmissoras que possibilitaram completar a restante cobertura regional. Portanto, é em março de 1983 que entre:

[...] os Presidentes do Governo Regional e da RTP é assinado um protocolo em que o Governo da Região da Madeira se compromete a financiar todas as infraestruturas – Acessos, Terrenos, Edifícios, Torres e Energia – de cinco novos retransmissores. A 28 de setembro, são inauguradas as novas instalações do Pico da Silva criando-se, então, espaços para a instalação de um novo emissor de 2KW, Feixes Hertzianos, Manutenção, Armazéns, etc. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 5)

E se na Madeira já se assistia à televisão a cores, relativamente aos Açores não se poderia dizer o mesmo. Vasco Hogan Teves esclarece que as emissões a cores só lá chegaram dois meses mais tarde, numa altura marcada pela implementação de uma nova infraestrutura que permitiu o início das transmissões via satélite. Desta forma, a 16 de novembro de 1982, foi inaugurada a estação terrena da Marconi na Madeira, que veio aproximar o arquipélago ao Continente e ao Mundo, uma vez que tornava possíveis as transmissões regulares via satélite, tendo, também, possibilitado aos Açores emitir os seus programas diretamente. A chegada da estação terrena da Marconi à Madeira foi um acontecimento de extrema importância, que se constituiu como um marco fulcral na história da comunicação social local, ao introduzir profundas alterações, de forma significativa, em toda a programação da RTP Madeira:

Acabam-se todos os Telejornais «enlatados» com imagens de véspera e dinamizam-se as trocas de notícias entre o Continente e a Madeira e os Açores e passa-se, de maneira geral, a transmitir, em direto, todos os programas de atualidade. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 5)

A Madeira podia agora responder a novos desafios. Assim, ainda, durante o ano de 1982, mais propriamente a 27 de julho, a Região recebeu com pompa e circunstância a grande final do Concurso Eurovisão dos *Jogos Sem Fronteiras*, transmitido a partir da Madeira para todo o país e Continente Europeu pela Eurovisão. Com Portugal como país anfitrião, o evento, apresentado por Eládio Clímaco e Alice Cruz e a madeirense Maria João Carreira, realizado no Campo do Liceu Jaime Moniz, contou com a presença de diversas equipas europeias, sendo o país representado pela equipa madeirense, identificada com o nome da ilha, que no fim viria a revelar-se vencedora com 40 pontos, ocupando o primeiro lugar com a equipa de Rochefort, da Bélgica, que também conseguiu a mesma pontuação. A organização desta edição dos *Jogos Sem Fronteiras* optou pela utilização de jogos alusivos às tradições vividas no arquipélago, dando a conhecer um pouco da cultura

local: o Bordado Madeira; a colheita e repisa das uvas, os momentos que antecedem a produção do famoso Vinho Madeira; a pesca do peixe-espada preta na zona de Câmara de Lobos; as flores típicas e trajes tradicionais dos tempos passados da ilha. As belíssimas imagens das diversas localidades do arquipélago da Madeira, também, estiveram em destaque, enquanto pano de fundo dos quadros de pontuação das equipas no fim da realização dos jogos, o que incentivava o interesse de potenciais visitantes de entre os que assistiam à emissão nos vários países europeus.

Ainda assim, o evento que contou com a cobertura da RTP Madeira gerou alguma desconfiança, sobretudo pela televisão francesa que duvidava das capacidades da televisão madeirense. Fernanda Freitas, antiga coordenadora da programação do canal, contou-nos o episódio ocorrido na altura da realização dos *Jogos Sem Fronteiras*, relatando: “a televisão francesa, quando chegou à televisão da Madeira, olhou para o nosso material e disse que não ia arriscar o direto porque ia ser um fracasso. No fim convenceu-se e lá fez o direto e deu o braço a torcer elogiando os técnicos desta casa”³⁵.

Podemos dizer que este evento surgiu como um motor de arranque para o turismo madeirense que, começava a demonstrar melhorias, após os tempos de dificuldades económicas que a região enfrentara. O destino Madeira deu-se a promover no estrangeiro num programa televisivo que reunia toda a Europa e o mérito esteve a cargo de todos, sem esquecer o trabalho feito pela produção dos *Jogos Sem Fronteiras*, constituída por António Andrade, António Bivar e Olívia Varela, com realização de Luís Andrade. A par do sucesso desta edição dos *Jogos Sem Fronteiras*, a RTP Madeira viria a realizar mais tarde uma nova final do concurso da Eurovisão, desta feita no ano de 1989. Num cartaz com imagens convidativas do cenário paradisíaco da Pérola do Atlântico, como pano de fundo, a grande final dos *Jogos Sem Fronteiras* disputada a 11 de setembro contou com a apresentação do já habitual apresentador Eládio Clímaco e ainda Ana Zanatti e Ana do Carmo, que levaram a todo o continente europeu a festa e a boa disposição que se fazia sentir nesta edição, realizada no Parque de Santa Catarina. Desta vez, sem a presença de uma equipa madeirense, foi a representante dos Açores a defender as cores da bandeira portuguesa, tonando-se vencedora do concurso que durante a sua exibição revelou à Europa grandes nomes da música madeirense. Rosa Madeira e Luís Filipe tiveram aqui a

³⁵ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

oportunidade de se apresentar ao exterior, ao interpretarem as músicas “Porto Santo” e “Noites da Madeira” com letra do artista madeirense Maximiano de Sousa.

4 – Produção Regional dos Anos 80: a Busca Pelas Raízes da Terra

E falar do percurso da RTP Madeira nos anos 80, também, exige referir a motivação e empenho de quem muito fez pelo incremento da produção própria. Maria Virgínia Aguiar, jornalista de profissão, na altura em que foi nomeada diretora técnica do Centro de Produção Regional da Madeira, trabalhava no Funchal, como correspondente do canal 1 da estação pública. Aquando da sua entrada na gestão do canal madeirense, colocou em prática um plano de atividades imediatas, na qual incluiu o aumento da produção regional, dando, assim, início à produção de programas com recurso aos equipamentos de ordem técnica e operacional disponíveis. Relativamente ao seu contributo para a RTP Madeira, Hogan Teves refere que, enquanto diretora do Centro:

Encorajou rubricas para a juventude, sobre turismo e desporto, concedeu maior frequência a debates de interesse insular, assegurou mais ampla cobertura informativa e não perdeu oportunidade de pôr no “ar” o maior número possível de diretos, sendo de destacar o da “1.ª Mostra Internacional da Canção”, no Teatro Municipal Baltazar Dias e que foi visto em simultâneo no Continente e nos Açores. Aos nomes da música portuguesa juntaram-se alguns estrangeiros (como o de Miguel Bosé, em início de carreira) e todos os que contribuíram para o espetáculo. (TEVES, 2007: 166)

Maria Virgínia Aguiar demonstrou muito trabalho feito, na sua maior parte direcionado para a dinamização e salvaguarda da cultura da região. Além do já mencionado, destaca-se o 2.º *Festival de Danças e Cantares da Madeira*, com bastante repercussão na altura, que tinha como função servir de mostra regional da música tradicional madeirense e a versão madeirense do *Natal dos Hospitais* (1982), um espetáculo musical de cariz solidário que todos os anos reunia os músicos madeirenses numa festa em prol da causa dos doentes internados nos hospitais madeirenses. Em 1984, na perspetiva de estimular, ainda mais, o plano de produção regional, avançou com a realização da série *A Terra e o Povo* da autoria de Maria Aurora³⁶, uma das mais

³⁶ Maria Aurora Homem (1937-2010) – jornalista de *A Capital* e *Diário de Lisboa*, radicada na Madeira desde 1974. Foi, também, professora, escritora, animadora cultural e coordenadora da revista *Margem*, editada pela Câmara Municipal do Funchal a cujo departamento cultural pertenceu e através do qual dinamizou a Feira do Livro. Foi assistente literária da RDP e autora e apresentadora de diversos programas

conhecidas e notáveis apresentadoras da televisão portuguesa. *A Terra e o Povo*, ao longo de 11 episódios, tantos quantos os concelhos da Madeira, viajou por todos eles a fim de efetuar o levantamento cultural da região a nível etnográfico, histórico e folclórico, o que resultou num programa bastante enriquecedor na procura pelas raízes fundadoras da nossa cultura.

Assim como o fez, em finais da década de 70, num tributo ao artista Max, a RTP Madeira não deixou de valorizar os outros grandes nomes da região que alcançaram grande notoriedade no exterior. Desta vez, o homenageado foi Virgílio Teixeira, uma das principais figuras do cinema português e internacional com alguns trabalhos de referência em Hollywood. Para esta ocasião, o Casino da Madeira foi, de novo, palco de mais uma noite de celebração com a presença do anfitrião e alguns convidados especiais, entre eles Luís de Pina e Artur Agostinho, que vieram, de propósito, à região para felicitar o ator madeirense pelos seus 40 anos de carreira. O direto, que foi para o ar, contou com a colaboração dos meios técnicos deslocados do continente, que vieram desta forma dar um brilho especial ao espetáculo, que num clima de festa não dispensou de vários momentos especiais. A grande afluência de público e de familiares conjugou-se com as mensagens de louvor proferidas nas intervenções de Luís de Pina e Artur Agostinho e, ainda, a saudação especial por parte do Presidente do Governo Regional da Madeira. A comoção tomou conta de um auditório, que se deixou contagiar pelos momentos de grande ternura e afetividade, perante um homem da cultura que sempre expressou muito orgulho das suas raízes. No seguimento do espetáculo, a vida de Virgílio Teixeira pareceu ter sido recontada pela voz de Gabriel Cardoso que, num tema alusivo à emigração, retrocedeu no tempo, relembrando a partida para o destino que lhe garantiu o sucesso e realização pessoal. E numa evocação à arte da representação, o momento não poderia ter terminado da melhor forma, com uma encenação humorística, contracenada por Henrique Santana e Maria Helena Matos, que trouxe ao palco uma caricatura sobre a atualidade do país na época.

5 – Extensão da Rede às Zonas Rurais e Reestruturação da Sede

A emissora madeirense via na extensão da rede às zonas rurais, aquele que seria o seu objetivo principal. Este grande passo teve início no fim de 1984, altura em que a

da RTP Madeira. Tem diversas obras publicadas na área da poesia, ficção e contos infantis. Foi-lhe atribuída a título póstumo a Medalha de Mérito Municipal da Cidade do Funchal.

cobertura da região aumentou significativamente para 96 %, quando, cerca de, 80 % da população madeirense passava a poder assistir à RTP Madeira nas suas casas, isto devido à entrada em funcionamento de quatro novos retransmissores: Gaula, Fajã da Ovelha, Paul do Mar e Terça no Porto Moniz. Em 1985, a RTP Madeira aumentava, novamente, a extensão da rede, já com o apoio do Governo Regional na instalação de 2 novos retransmissores, um deles foi inaugurado em dezembro, do mesmo ano, na Ponta Delgada, o que possibilitou a chegada da televisão à costa norte da ilha.

Mas para que a RTP Madeira estivesse presente na casa de todos, seriam, também, necessárias mudanças que possibilitassem boas acomodações para o canal. Assim, em 1985, no edifício que albergava a sede da RTP Madeira, foram efetuadas obras para a criação de várias zonas para o acolhimento de serviços administrativos e gabinetes de trabalho. O espaço, dadas as limitações, não reunia condições favoráveis que permitissem a construção de estúdios para a gravação de programas internos, o que dificultava imenso na produção de conteúdos dessa natureza. No entanto, a equipa da RTP Madeira teria de se sujeitar a tais condições e aguardar por melhores dias, talvez por um nova sede onde não houvesse grandes limitações de espaço.

Ainda, na perspectiva de melhoria da qualidade de imagem e com o objetivo de dinamizar os serviços informativos, nomeadamente ao nível do aperfeiçoamento das filmagens de exteriores, a RTP Madeira passou a usufruir, desde 14 de agosto de 1986, do seu primeiro carro de exteriores, entregue pelo Presidente do Conselho de Gerência da RTP, Coelho Ribeiro³⁷, numa cerimónia que contou com a presença de diversas individualidades da vida política e social da região, entre Carlos Alberto dos Reis Fernandes, Diretor Técnico do Centro de Produção, João Carlos Abreu, Secretário Regional do Turismo e da Cultura, Luís Jardim, Presidente da Empresa de Eletricidade da Madeira, e Correia de Jesus, Secretario de Estado. Com grande valor para a RTP Madeira, o novo carro de exteriores estava:

[...] dotado de facilidades operacionais capazes de responder às necessidades da pequena e média produção, (...) é composto no essencial por três canais de câmara, misturador vídeo com efeitos especiais, consólete áudio, videotapes e conjuntos de

³⁷ José Manuel Coelho Ribeiro (1930-2004) – advogado de profissão, veio a exercer o cargo de bastonário da Ordem dos Advogados entre 1981 e 1983 e presidiu aos destinos da televisão pública portuguesa durante quatro anos, entre 1986 e 1990.

equipamentos centrais, custando na altura cerca de 60 000 contos. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 6)

A chegada desta infraestrutura, equipada com facilidades operacionais, permitiu uma melhor preparação da RTP Madeira na resposta à cobertura de grandes eventos institucionais, culturais e desportivos realizados na região e com grande interesse regional e nacional.

Na caminhada para atingir o patamar da cobertura total da região, em dezembro de 1986, deu-se a inauguração do retransmissor do Curral das Freiras, que viria levar a televisão ao coração da ilha e, seis meses, depois, foi a vez do retransmissor da ilha de Porto Santo, o último local a ser conquistado pela RTP Madeira, perfazendo assim a cobertura panorâmica do arquipélago, isto seguido de novos aperfeiçoamentos de ordem comunicacional, dado que:

É ainda no final deste ano que mais um importante equipamento é posto a funcionar. Trata-se dos Feixes Fixos que passam a assegurar a ligação bilateral entre os estúdios e o centro emissor do Pico da Silva. (Folheto “15 Anos de RTP Madeira”, edição revista *TV Guia*, 1988: 6)

Carlos Alberto Fernandes lembra-nos que, antes do final da década de 80, “a Madeira era a região do país melhor servida no ponto de vista populacional.” O mesmo recorda, que nesse momento, o canal nacional tinha uma cobertura que rondava entre 95 a 96 % e esclarece que, “nessa data, já tínhamos 99 % de cobertura”, acrescentando que a Madeira esteve “sempre à frente neste domínio na área dos emissores.”³⁸

E com as questões de ordem técnica relativas à transmissão e captação do sinal televisivo resolvidas, as emissões da RTP Madeira atingiam a percentagem total da cobertura regional, o que desencadeou uma maior procura pela compra de televisões, sobretudo por parte das populações rurais. Seguida com bastante entusiasmo pela população mais urbana, a RTP Madeira, fora, igualmente, ambicionada por aqueles que dedicavam os seus dias a trabalhar nos campos. E assim como se verificou no início, com a chegada da televisão à Madeira, também, a extensão do sinal televisivo às zonas rurais originou o aumento do número de anúncios publicitários de venda de televisores nos principais jornais que circulavam na região. Contudo, nem toda a população tinha meios financeiros

³⁸ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

suficientes para a compra de um televisor, devendo aguardar primeiro que as economias acumuladas lhe permitissem mais tarde poder usufruir da “caixa mágica”, que já conquistara os madeirenses. Muitos dos que não tinham televisão, assistiam às emissões na casa de vizinhos, segundo relatos dos que tiveram a oportunidade de as acompanhar na década de 70 e 80. Estas reuniões, quase que familiares entre vizinhos, em frente à televisão, ocorriam todas as noites, após as 20 horas, e terminavam quase com o fecho da emissão, e muitas das vezes, aos sábados e domingos, persistiam, durante todo o dia. Com a atenção centrada na emissão da RTP Madeira, seguia-se com bastante interesse o noticiário regional, as telenovelas nacionais e brasileiras, sessões de cinema, séries, e programas de grande entretenimento. Os telespectadores, que presenciaram as emissões na década de 70 e 80, revelaram-nos que não encontram palavras que descrevessem a emoção de estar a assistir televisão pela primeira vez, pois era algo que lhes suscitava uma certa curiosidade, visto que muito se falava na chegada deste novo meio de comunicação à Madeira. A televisão apareceu, assim, na vida da sociedade madeirense como uma novidade que veio ocupar um lugar habitado pela monotonia do dia a dia, da qual, até então, fazia parte, apenas, a rádio.

6 – Novas Produções e Início das Transmissões Especiais

Após um curto interregno, a nível da produção própria, a RTP Madeira ambicionava colocar em andamento alguns dos seus projetos, no entanto necessitava de algum fôlego que lhe permitisse reflorescer e crescer. As ideias existiam, faltava, apenas, uma equipa de realização que as produzisse. Desta forma, com o intuito de pôr o plano de produção a funcionar, veio de Lisboa, depois de um curso de realização, a primeira equipa, liderada por José Paulo Valente, que passou a apoiar a RTP Madeira na sua produção própria. A equipa auxiliou e transmitiu diversas técnicas que deviam ser adotadas no decurso da filmagem de um programa, colocando-as em prática na produção de vários projetos de temática madeirense que passaram a integrar a grelha de programação nacional e regional. Exemplos como:

«As Quintas da Madeira», de Jorge Van Kriben, «Viagens pela Madeira», de Hélder Duarte, e «Arraiais Madeirenses», de Maria Aurora, são alguns dos programas que constituíram, para o público da região, motivo de agrado. (Folheto 15 Anos de RTP Madeira, edição TV Guia, 1988: 6)

A nova programação assentava em conteúdos de índole local que mereciam grande destaque entre os telespectadores. A experiência vinda de Lisboa, pelas mãos da equipa técnica de realização, veio estimular e aperfeiçoar o modo de fazer televisão na Madeira que ainda aparentava não ter muita prática em lidar com as câmaras. Ainda assim, esta visita técnica trouxe novo alento à Informação regional que passou a transmitir, em direto, os acontecimentos com maior relevância da atualidade madeirense, nomeadamente nas áreas política e desportiva.

E agora que as emissões já chegavam a todas as localidades do arquipélago, dá-se início a uma vasta programação de âmbito regional, representativa da cultura, hábitos e costumes de vida dos madeirenses, com vista a salvaguardar alguns dos aspetos peculiares da cultura local. O programa *Xavelha do Alto* (1986) realizado por José Paulo Valente³⁹, produção que representou a RTP Madeira na Mostra Atlântica de Televisão nos Açores em 1986, é tido, ainda hoje, como um dos trabalhos de referência produzido pelo Centro Regional e, também, merecedor de vários elogios da crítica. Ao longo de vários episódios, sob forma de documentário, construiu-se uma radiografia da população madeirense dos anos 80, fazendo emergir os traços da singularidade cultural da região e proporcionado aos madeirenses uma viagem dentro do seu próprio espaço ao encontro das suas raízes.

O ano de 1986 trouxe a primeira coprodução, realizada com os Açores e Canárias, *Um Conto de Natal*, um projeto destinado a reunir toda a família durante a época natalícia. Esta foi a primeira vez em que as três estações televisivas das ilhas atlânticas se interligaram em torno de um projeto comum, o que abriu portas a novas perspetivas de futuras produções do mesmo género.

Nos grandes acontecimentos festivos e de movimentação social, o canal regional deu início, em 1986, à transmissão da cobertura direta de grandes eventos, isto graças ao recém-chegado carro de exteriores, onde se destacam o *1.º Festival de Folclore*, que, a partir de Santana, reuniu diversos grupos folclóricos de várias localidades da Madeira; o *Cortejo de Carnaval* com o desfile das trupes carnavalescas pelas ruas do Funchal; o *Festival da Canção Infantil* com as mais novas revelações da música madeirense e *Dois*

³⁹ José Paulo Valente foi um dos pioneiros da televisão na Madeira, tendo sido um dos seus únicos realizadores durante largos anos. Recebeu vários prémios, entre eles a distinção pelo trabalho a que se fez referência *Xavelha do Alto* e pelo documentário *Orquídeas também são Flores*, no Festival do Rio de Janeiro (FesRio).

Séculos de Turismo, uma espécie de colóquio sobre o passado e o futuro do turismo na Madeira.

Noutros moldes, procurou-se dar primazia a grandes celebrações de extrema importância para a Região, como foi o caso do programa especial sobre *Dez Anos de Autonomia* (1986), bastante digno de um serviço de televisão regional, muito devido à forma profissional como a produção encarou o projeto e às escolhas efetuadas para ocupar o *corpus* da emissão, desde peças jornalísticas, entrevistas, até à seleção dos comentadores convidados a prestar as suas opiniões acerca da conquista da autonomia regional.

E falando em acontecimentos de grande relevância, também, convém referir a importante missão levada a cabo pela RTP Madeira na transmissão, em direto, para todo o país, a partir da Rua das Maravilhas, da habitual mensagem de Ano Novo do Presidente da República, Mário Soares, dada a sua presença no Funchal na altura dos festejos da passagem de ano de 1986. Nestas circunstâncias, a criação do Centro Regional de televisão veio beneficiar em muito a estação pública no Continente, pois a RTP Madeira passou a colaborar na cobertura dos acontecimentos de grande importância para a televisão nacional, sem haver necessidade de efetuar movimentação de quaisquer recursos humanos ou materiais vindos de Lisboa.

7 – Armindo Abreu na Direção do Centro Regional

A chegada do ano de 1987 trouxe grandes melhorias fundamentais para o incremento na produção regional, permitindo, assim, a prossecução do ambicioso projeto que já se encontrava no ativo, tendo sido, posteriormente, liderado e estimulado pela entrada de Armindo Abreu para a direção da RTP Madeira, como descreve Vasco Hogan Teves:

Na RTP-Madeira (entretanto com novo Diretor, o jornalista Armindo Abreu, vindo de muitos anos de experiência de Redação e estúdio, e que sucedia à também jornalista, Maria Virgínia Aguiar) a produção local mostrava-se ativa, lembrando o seu bom desempenho no Festival da Canção, no Casino. Então já coordenada por João Ramos Teixeira, outro jornalista, mostrava séries como “Roda de Amigos” (grande auditório para os nomes da música moderna da Região); “Sol-Si-Dó” (a revisão da melhor música clássica); e “Letra Dura e Arte Fina” (divulgação dos valores das artes plásticas e da literatura madeirenses, a cargo de Maria Aurora, essa mesmo, a da programação infantil dos anos 60, em Lisboa). Surgem, ainda, programas como “Grande Plano” e “Exclusivo”, onde se desenvolvia e complementava a Informação, com tónica regional. (TEVES, 2007: 180)

Armando Abreu, ligado à estação desde as primeiras emissões, ingressou na direção do Centro de Produção, e trouxe consigo a experiência do jornalismo de qualidade, que adquiriu ao longo da sua carreira jornalística dedicada a alguns periódicos madeirenses, sem esquecer o contributo que adquiriu na passagem pela rádio. Enquanto diretor, criou o Departamento de Produção, da responsabilidade do, então, jornalista da casa Ramos Teixeira, e alavancou a produção regional, tendo optado pela realização de conteúdos diversificados, destinados aos vários tipos de público, desde programas de informação, entretenimento, ficção, magazines culturais, e transmissão de grandes eventos e acontecimentos de enorme importância para a região. Armando Abreu reconheceu, de início, que este novo cargo, que lhe coubera, seria uma “tarefa difícil” e para ultrapassar essa barreira contou-nos a sua estratégia:

Na altura quis-me rodear duma equipa que me desse de facto muita força para prosseguir o trabalho que seria árduo, com certeza. Então rodeei-me de excelentes colaboradores, lembro por exemplo no domínio da programação, a Fernanda Freitas, o Carlos Alberto na parte técnica ... conforme disse, não posso esquecer que fizemos aqui brilhantes coberturas de acontecimentos extraordinários como a visita do Papa à Madeira, a cobertura de uma prova desportiva de estafetas dentro da cidade do Funchal, coberta totalmente em direto, enfim, sem pouco discernimento técnico do Carlos Alberto. (Declarações prestadas no documentário *RTP Madeira 40 Anos*, transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012)

O seu testemunho relembra e homenageia Ramos Teixeira, uma figura incontornável da história da televisão da Madeira, com quem trabalhou, e que desempenhou “um trabalho formidável” que levou a produção regional “a níveis bastante aceitáveis, enveredámos pelos teledramáticos, pelas reportagens, por vários tipos de programa que deixaram marca nas emissões da RTP Madeira.”⁴⁰

O ano de entrada de Armando Abreu para o Centro Regional ficou ainda marcado pela transmissão do *Festival RTP da Canção* de 1987, programa de grande notoriedade na estação pública, em direto do Casino da Madeira, tendo-se, assim, iniciado, a partir deste evento, um dos ciclos mais criativos da televisão madeirense. Já na sua 24.^a edição, o Festival teve:

⁴⁰ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

[...] a particularidade de ter saído de Lisboa pela segunda vez na sua história - e do continente pela primeira. Acolheu-o a cidade do Funchal e a intenção foi associar o popular evento à programação comemorativa dos 500 anos de comemoração da epopeia dos Descobrimentos, pois, sabe-se, foi a ilha da Madeira a primeira das novas terras descobertas pelos portugueses de quatrocentos. (TEVES, 2007: 179)

O espetáculo, que contou com a apresentação de Ana Zanatti, divulgou ao país as grandes revelações do panorama musical nacional que competiam para representar Portugal no *Festival Eurovisão da Canção* de 1987 na Bélgica. Em ano de comemorações, celebrava-se o trigésimo aniversário da RTP. O ambiente no auditório do Casino era de festa e:

[...] como era natural, não prescindiu de gente para dançar e cantar modas da ilha e lembrar, com emoção, quem muito bem se entregara a esses desempenhos – Max. Coordenador de todo o programa, Melo Pereira fez ainda passar por ele outras atrações nacionais e internacionais, mas o que o público mais aguardava era a proclamação do vencedor do Festival que, por sê-lo, assumia o direito de representar a RTP no imediato Concurso Eurovisão da Canção (o 32º), a realizar em Bruxelas. (Página RTP 50 Anos de História)

Do festival sagrou-se vencedor o grupo Duo Nevada, liderado por Alfredo Azinheira e Jorge Mendes, com a música “Neste barco à vela”, vencedora por 116-115 pontos, entre as 6 músicas selecionadas pelo júri, quando eram 12 as que estavam previstas para o final do concurso. A realização do Festival RTP da Canção na Madeira teve como mérito a abolição dos “play-backs”, o que conferiu uma certa originalidade e qualidade ao espetáculo, tendo as 6 canções concorrentes usufruído do acompanhamento de uma orquestra de 32 músicos, sob direção do maestro Jaime Oliveira. Os vencedores do festival, ainda, tiveram a oportunidade de gravar o videoclipe de apresentação da música na Madeira, fazendo jus à beleza paisagística do arquipélago, o que permitiu a sua divulgação além-fronteiras. Para a realização deste espetáculo, é de realçar o trabalho conjunto entre a RTP Madeira e a RTP 1, que contou com a realização de Pedro Martins, cabendo a produção a Victor Pedro e Olívia Varela, a cenografia a Conde Reis e a chefia técnica a Pinheiro de Araújo, cuja qualidade se assemelhou aos já realizados em Lisboa, o que predispõe os meios existentes no canal regional para a realização de outros eventos de grande importância desta mesma natureza.

E após este grande evento que juntou vários talentos nacionais, a música prosperou na programação da RTP Madeira e foi tema noutros programas que nos deram a revelar os

conceituados artistas do panorama musical regional.

O *Roda de Amigos* (1988) juntou em vários cenários, que alternavam a cada programa, os principais nomes da música madeirense, numa espécie de mostra da música produzida na região, cujo principal objetivo foi revelar à Madeira os seus artistas, procurando difundir junto dos seus aquilo que se produzia no panorama musical. Destacaram-se neste programa a fadista Rosa Madeira, uma das grandes revelações do fado na região, Tony Amaral, Octávio Pimenta, o grupo Amigos de Coimbra e a participação e atuação da estrela internacional Demis Roussos no Casino da Madeira.

Enumera-se, também, o *Sol-Si-Dó* (1988) que nos deu a conhecer e escutar as mais famosas melodias de música clássica e erudita, a partir da experiência instrumental de artistas convidados, onde se destaca a participação de Ângela Gouveia.

Noutros registos, refira-se a emissão especial *Uma Tarde de Domingo no Funchal* (1988) levada a cargo, no dia 21 de agosto de 1988, pelo Centro Regional e transmitida para todo o país pela RTP 1, em virtude da comemoração dos 480 anos da cidade do Funchal. No magnífico cenário, ao ar livre, com vista sobre o porto do Funchal, Helena Afonso orientou as rédeas de um direto que teve como convidados João Carlos Abreu, Secretário Regional do Turismo e Cultura na época, e os artistas Tony Cruz e Agostinho Gonçalves (Sexteto Dr. Passos Freitas) que falaram sobre a cultura madeirense e a dispersão de eventos de animação cultural pela região. Nos intervalos de cada conversa, houve, ainda, espaço para a transmissão de excertos de alguns espetáculos realizados na Madeira ao longo do ano. No entanto, apesar do bom exemplo de serviço de televisão regional, a produção do programa pecou pela inexistência de legendas elucidativas à identificação dos grupos e títulos das obras apresentadas, o que levava o espectador a entrar em dúvida relativamente àquilo a que assistia.

Noutras vertentes, nomeadamente, a ficção, *Um Dia em Cada Ano* (1987) foi o primeiro trabalho de fundo produzido pela RTP Madeira. *Um Dia em Cada Ano* consistia na dramatização de um conto de Natal da autoria de Lília Bernardes⁴¹, adaptado para a

⁴¹ Lília Bernardes (Funchal, 1956) - Jornalista profissional, correspondente na Madeira do *Diário de Notícias* de Lisboa e habitual colaboradora do *Diário de Notícias* do Funchal, escreve poesia e contos, atriz de teatro, cinema (integrou o elenco de *Até Amanhã, Mário*, de Slevig Nordlund, 1993) e de televisão. Na RTP Madeira foi autora do teledramático *Um Dia em Cada Ano* e apresentou os programas *Conversas Soltas* (1999) e *A Madeira de Outros Verões* (2003), entre outros. Em 1991, participou, a convite de José António Gonçalves, no recital de poesia "Olhares Atlânticos", Mostra de Artes e Letras da Madeira, em Lisboa, realizada na Biblioteca Nacional e na Exposição de Poesia Ilustrada "Vers'Arte 91", no Teatro Municipal

televisão pelo realizador José Paulo Valente, que contou com a interpretação da própria Lília Bernardes, juntamente com outros elementos do Teatro Experimental do Funchal. Esta obra ficcional foi o primeiro grande passo da RTP Madeira na área da dramatização, o que abriu caminho a novos horizontes na realização de futuros trabalhos que mereceram destaque no exterior.

Na continuidade da ficção regional, a RTP Madeira apostou, em 1988, numa nova série teledramática que viria a tornar-se reconhecida, devido ao seu carácter identitário representativo da comunidade insular madeirense. Abordando a temática da influência do mar na vida de uma família madeirense, *Ora... O Mar*, da autoria de José António Gonçalves⁴², com a realização de José Paulo Valente e produção de Ramos Teixeira, ganhou notoriedade pela forma como retratava a contemporaneidade madeirense, o que lhe valeu a conquista do “Açor de Bronze” na MAT 88 – Mostra Atlântica de Televisão, realizada na cidade da Horta, Açores, um prémio que Armindo Abreu considerou como sendo “um dos pontos altos da produção do Centro Regional da Madeira.”⁴³

Além dos prémios fora do espaço insular madeirense, outros de grande interesse incentivaram o seguimento do trabalho do centro de produção da RTP Madeira, desta vez na programação de índole cultural. O prémio “Baltazar Dias”⁴⁴, destinado à melhor produção cultural televisiva, foi atribuído a Maria Aurora por *Letra Dura e Arte Fina*, um dos programas televisivos com maior notoriedade na televisão madeirense. *Letra Dura e Arte Fina*, um projecto da autoria de Maria Aurora, feito em conjunto com Margarida Falcão, proporcionou aos madeirenses uma maior aproximação com a sua cultura, tendo sido transmitido na grelha da RTP Madeira durante os anos 80 e 90. Duarte Miguel

Baltazar Dias. Integra, também, a antologia de textos "Vers'Arte 91" da Associação de Escritores da Madeira, 1991.

⁴² José António Gonçalves (1954-2005) – Jornalista de profissão, colaborador literário da imprensa, rádio, televisão, foi cofundador e presidente da direção da Associação de Escritores da Madeira (AEM), tendo, também, pertencido aos quadros diretivos da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Escreveu centenas de textos poéticos, tendo assinado cerca de duas dezenas de livros. Fundou e orientou diversas coleções onde se incluem os mais variados nomes de destaque da literatura regional e nacional. Foi agraciado, a título póstumo, com a comenda da Ordem do Infante Dom Henrique, a 10 de Junho de 2005.

⁴³ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

⁴⁴ Prémio Baltazar Dias – Prémio atribuído pelo Governo Regional da Madeira e pelo Município do Funchal aos nomes sonantes que se destacam no meio cultural madeirense. Realiza-se de quatro em quatro anos e procura ser um incentivo à criatividade na descoberta de novos talentos.

Barcelos Mendonça que marcou presença, enquanto convidado, em alguns dos programas de Maria Aurora, relativamente ao *Letra Dura e Arte Fina*, considera-o, numa dedicatória póstuma à apresentadora intitulada “*In Memoriam... Até sempre Maria Aurora!*”, “uma janela de apresentação de tudo o que de melhor se fazia na ilha em termos culturais.”⁴⁵

Já na descoberta pelas tradições antigas, ainda presentes no quotidiano da região, a série documental *Minha Terra Minha Gente* (1988) manteve contacto com os detentores do dom para as artes manuais, desde os trabalhos de criação de obras artísticas a partir da madeira e do barro.

Num dos programas, dedicado à arte da marcenaria, com Armindo Abreu na locução, foi feita uma abordagem inicial à geologia, à flora e História da região, fatores que se aliaram à vontade do povo local em querer transformar os recursos dados pela natureza para produzir os seus próprios bens, o que fez surgir algumas das atividades fulcrais para a ocupação dos tempos e o ganha-pão de várias famílias da região. No programa em questão, foram seguidas as etapas que envolveram a conceção de um quadro de madeira e peças de mobiliário, um procedimento moroso que envolveu, entre vários processos, a cortagem e encaixe de outras tonalidades de madeira, o que requer muita dedicação para que no fim se obtenha uma autêntica obra de arte.

Já no interessante capítulo no qual a olaria madeirense se notabilizou, Berta Helena descreveu-nos os passos envolvidos no processo de fabricação de peças em barro, isto desde a extração do componente do solo, até à fase final do composto. Assim como nas peças de madeira, o processo de formação de um objeto em barro é moroso, requerendo, ainda, tanto alguma destreza e persistência, o que leva a que atividade esteja em extinção. A lentidão do trabalho do oleiro reflete-se na criação das suas peças de grande valor e isso é demonstrado no minucioso fabrico do famoso Menino Jesus madeirense, da autoria do oleiro Eusébio Marques da Silva, uma peça que é muito característica dos presépios de escadinha da região, cujo registo audiovisual ficou na memória.

E com o motivo de cativar ainda mais a atenção do seu público, a RTP Madeira lançou, durante 1988, um programa de divulgação televisiva semanal, o *Cartaz TV*, dependente do Subdepartamento de Programação, com a coordenação e autoria de Fernanda Freitas e apresentado por Ana Bela, uma das locutoras mais antigas do canal.

⁴⁵ Excerto da crónica “*In Memoriam... Até sempre Maria Aurora!*”, publicada, na parte relativa às Crónicas do Fórum Madeirense, por Duarte Miguel Barcelos Mendonça, retirada da página da Internet do *Portuguese Times* - Jornal da Comunidade Portuguesa dos Estados Unidos, Edição número 2034 de 16 de junho de 2010.

Cartaz TV começou por ser emitido com regularidade na grelha e consistia num trabalho de promoção de programas e séries que iriam ser exibidos durante a semana. A partir deste programa, os telespectadores passaram a ter uma orientação sobre o alinhamento da grelha de programação do canal regional, com acesso a horários de transmissão dos programas, assim como a obtenção de informações sobre futuras estreias na área do cinema, ficção e entretenimento.

A informação regional adquire novos contornos

Após o seguimento de uma linha de produção que procurava reverter a fraca aposta em programas dedicados à região, a programação começava a compor-se com o aparecimento de conteúdos próprios e outros transmitidos em simultâneo com o horário nacional. Assim, se pode ler na *TV Guia*:

Na área da informação criam-se noticiários transmitidos às 16 e às 19 horas. Com a realização dos primeiros Torneios Internacionais de Ténis assegura-se para transmissão direta nacional a cobertura das finais. Surgem ainda os programas não diários «Grande Plano» e «Exclusivo». Neste ano passam a transmitir-se, em simultâneo nacional, os noticiários «24 Horas», «Remate», «Domingo Desportivo» e «Jornal de Sábado». As manhãs de domingo na Região passam a contar com a edição do «Domingo Desportivo». (Folheto 15 Anos de RTP Madeira, edição TV Guia, 1988: 8)

A par do *Telejornal Madeira*, a informação adquiria assim uma certa importância dentro da RTP Madeira com o surgimento de novas rubricas: o *Exclusivo* (1988) entrevistava personalidades distintas e com grande enfoque mediático na região, no *Grande Plano* (1988) debatiam-se as questões inerentes ao quotidiano regional, e na *1.ª Página* (1989) eram tratados e discutidos os assuntos que dominavam o topo da atualidade da época.

Neste mesmo campo, nomeadamente, a área das reportagens, sagrou-se vencedor pela conquista de alguns prémios de extrema importância para o jornalismo produzido pela RTP Madeira. O prémio “Leacock”⁴⁶, do ano de 1988, distinguiu duas reportagens que

⁴⁶ Prémio Leacock – Retribuição honrosa instituída pela empresa “Leacock’s”, importante companhia de vinhos da Madeira, fundada por John Leacock, estabelecida na ilha desde 1760. No século XX, mais propriamente em 1925, com a agravante crise do setor vinícola, a empresa juntou-se à Madeira “Wine Company Association”, hoje conhecida como “Madeira Wine Company”. Nos anos 80, por um período muito curto, a empresa Leacock decidiu premiar o mérito de várias personalidades que se destacaram no

marcaram a fase de arranque deste género jornalístico na RTP Madeira: a primeira, efetuada por ocasião do Congresso das Comunidades Madeirenses, um trabalho do jornalista Jorge Ventura e do operador de imagem Elias Gouveia, assistido por Paulo Sena, relatou-nos alguns dos momentos daqueles que refazem a sua vida numa terra distante, ao abordar o dia a dia da comunidade de emigrantes madeirenses a residir na Venezuela, país que acolheu uma grande vaga de madeirenses desde o início do século XX. Esta reportagem constituiu um testemunho sobre o quotidiano dos nossos emigrantes, o que possibilitou a criação de um elo de aproximação entre os madeirenses e os seus conterrâneos a residir na Venezuela; já a segunda reportagem, do jornalista Roquelino Ornelas⁴⁷, intitulada *Um madeirense no Parlamento Europeu*, levou-nos até à presença do deputado madeirense Virgílio Pereira no hemiciclo da Comunidade Económica Europeia. Numa altura em que a Madeira, enquanto região ultraperiférica, se fazia representar, pela primeira vez, com um deputado local, entre os mais importantes órgãos de soberania da União Europeia, a reportagem representativa desse momento trouxe-nos os bastidores do importante pólo de decisões do sistema governamental europeu, com recurso a diversas entrevistas, onde incluiu, ainda, as declarações de Lord Plumb, Presidente do Parlamento europeu, um dos políticos de grande notoriedade da altura. Segundo Roquelino Ornelas, esta “foi uma reportagem interessante para a sua altura”, tendo contado, na sua grande parte, com a colaboração de Virgílio Pereira, que “acabava por ser o nosso guia ao longo de um pouco de uma série de instituições. Nós acabamos por mostrar qual era o papel de cada instituição, o lugar onde estava instalada e mostrávamos um pouco do seu funcionamento.” Na mesma linha da primeira, anteriormente, salientada, uma outra reportagem da competência do jornalista José Manuel Rodrigues e do operador Heliodoro Gonçalves, revelou-nos a vida dos emigrantes madeirenses na África do Sul, que, embora não tendo sido premiada, levou a produção e o nome da RTP Madeira além-fronteiras.

Da informação, composta para o *Telejornal Madeira*, assistia-se cada vez mais a

campo da cultura e *media* locais, homenageando importantes nomes da literatura e, também, do jornalismo produzido pela RTP Madeira.

⁴⁷ Roquelino Ornelas – Começou a sua carreira em 1978 nos quadros da RDP Madeira como redator-locutor. Em 1987 entra a convite para a RTP Madeira e no ano seguinte integra nos quadros do canal onde desempenhou as funções de repórter, apresentador e chefe do Departamento de Informação até à sua saída em 2011. Além da apresentação do *Telejornal Madeira*, produziu diversas reportagens, com destaque para a premiada *Um Madeirense no Parlamento Europeu* (1988) e a condução dos programas *Exclusivo* (1988), *Anos 90*, *Contraponto*, *Ponto de Vista* (2003) e *Dossier de Imprensa* (2006).

um número crescente de notícias de índole regional. Roquelino Ornelas recorda que, na altura em que passou a apresentar o noticiário, por volta de 1988, a RTP Madeira tinha sempre como objetivo “dar realmente primazia à atualidade regional, na perspetiva que estávamos a trabalhar numa redação que dava notícias de tudo o que se passava no mundo, o que é um conceito interessante.” Embora ocorressem situações em que os destaques da imprensa internacional prevalecessem sobre os da esfera regional, como “por exemplo, no dia em que se deu a libertação de Mandela, a redação da RTP Madeira deu especial atenção a esse grande momento, ao invés de uma de índole regional.” Nestas situações, Roquelino Ornelas atesta que “o critério do jornalista prevalecia, sempre, e havia o cuidado de nós apresentarmos notícias com algum impacto, algo bem construídas para a atualidade informativa regional.”

Na entrevista que nos concedeu, Roquelino Ornelas lembra situações, extremamente, gratificantes ao longo de uma carreira de vinte e três anos ao serviço da RTP Madeira. Para ele, em televisão, nada é mais motivante do que ver a alegria das gentes da terra:

Mas devo-lhes dizer que foram as mais pequenas histórias que me comoveram. E eu assisti ao registo da chegada da luz elétrica, do caminho e do acesso, tanto ao mundo como à civilização, de tantos sítios desta Madeira onde vi transparecido no rosto a alegria das pessoas que viam chegar ali um pouco de avanço civilizacional.

O jornalista, ainda, guarda na sua memória os momentos da chegada da eletricidade aos lugares recônditos da ilha, isto numa fase em que a RTP Madeira ainda terminava o seu plano de expansão. Por esta altura, Roquelino Ornelas viajou em trabalho à costa norte da Madeira para a realização de uma reportagem para o *Telejornal* e ao questionar uma senhora sobre o porquê de tanta felicidade no rosto, “ela respondeu que agora tinha luz. E depois perguntei-lhe, o que ela iria fazer com a luz. Eu pensei que ela iria comprar um frigorífico, mas ela disse que não e acrescentou que a partir de agora iria poder ver televisão.” Uma pequena história que regista dois grandes factos: a chegada da energia elétrica e da televisão, e que, de certa forma, correspondem a grandes momentos de enorme valor histórico para a informação da RTP Madeira.

O profícuo momento vivido na informação na cobertura do grande progresso vivido pela região, nas várias áreas, e a realização de reportagens fora do espaço insular, em muito beneficiou a consolidação de uma cobertura noticiosa cada vez mais própria. Ao avanço das práticas de jornalismo, com o recrutamento de novos repórteres, junta-se a aquisição de

equipamentos recentes de produção que possibilitaram a realização de uma maior cobertura jornalística do espaço insular. Na RTP Madeira surgiam sinais de vitalidade que se intensificaram, ainda mais, com o eficiente trabalho demonstrado aquando da cobertura das Eleições Legislativas regionais, ocorridas a 9 de outubro de 1988, que ditaram a vitória do Partido Social Democrata, liderado pelo Dr. Alberto João Jardim. A transmissão televisiva do ato eleitoral contou com uma emissão direta contínua, a maior até, então, aí efetuada. Para tal, a RTP Madeira convocou um variado leque de convidados que comentaram as primeiras sondagens, após o fecho das urnas, o percurso das eleições regionais e sua importância para o futuro da região, seguido da divulgação dos resultados oficiais e das ligações em direto às sedes dos partidos e coligações candidatas para a divulgação das primeiras reações. O sucesso obtido na cobertura deste ato eleitoral, revelou-se próspero para a afirmação do canal, perante a sua missão ao serviço dos madeirenses.

8 - Produções de Notoriedade Chegam à TV Regional

O aumento do horário de emissão traz consigo, também, o crescimento da produção própria com o surgimento de novos programas que marcaram a geração dos anos 80 da RTP Madeira. Foi o que ocorreu com a aposta no programa em estilo de *talk show* *Sábado ao Vivo*, estreado a 21 de outubro de 1989, gravado no cineteatro de Santo António e transmitido em direto para toda a região. Para António Plácido, chefe de produção da RTP Madeira, o *Sábado ao Vivo* foi “o programa que marcou o salto qualitativo da RTP Madeira, até porque a partir daí passou a abrir às 10 horas, coisa que até aí não acontecia.” Para tal, o canal dependia, então, de uma equipa de realização que trabalhava, arduamente, na variedade da oferta da produção regional, e como exemplo o produtor sugere o aparecimento do programa *Volta à Ilha*, “o primeiro *talk show* na RTP Madeira a distribuir carros aos vencedores”⁴⁸, uma iniciativa que incentivava à participação de todos os telespectadores, o que os aproximava ainda mais da sua televisão.

E tendo como objetivo agradar a todos e todas as faixas etárias, a RTP Madeira apostou na diversidade da oferta programática e incrementou, também, uma necessidade do canal, que se prendia com a produção e cobertura de programas a partir do exterior com

⁴⁸ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

recurso às novas infraestruturas que possibilitaram levar a televisão para perto do seu público. Nesse sentido, a emissora cobriu diversos eventos, entre espaços de informação e transmissões desportivas de grande interesse para a região, como vários jogos de futebol realizados na região pelo facto, inédito, de 3 equipas madeirenses (CS Marítimo; CD Nacional da Madeira e CF União da Madeira) estarem então a disputar o Campeonato Nacional de Futebol da 1ª Divisão de 1989/90.

RTP Madeira acolhe evento de projeção internacional

Em ano de comemorações, o palco do Teatro Municipal Baltazar Dias foi o lugar escolhido pela RTP-Madeira para acolher o *Circomúsica* (1989), grande evento de projeção internacional que contou com a participação de vários canais de televisão regionais da Europa e com as atuações de Sérgio Borges, Rosa Madeira e Paulo de Carvalho. Na edição realizada no Funchal e apresentada por Cristina Gonçalves, concorreram 11 países, com 16 canções, que procuravam dinamizar as regiões que representavam.⁴⁹ Ao longo do espetáculo foram apresentadas as músicas e participantes de cada canal de televisão e divulgadas imagens da região de origem, numa espécie de concurso da Eurovisão da Canção. O Centro Regional da Madeira esteve representado pelo grupo Brinco que trouxe ao palco a música “O Batente”, um poema da escritora Irene Lucília Andrade, musicado por Rui Camacho e João Viveiros e arranjos de Marino Freitas e com Zé Camacho a acompanhar a intérprete Helena Barbosa. Sem apresentar qualquer “caráter competitivo”, este festival de música apenas procurava “a valorização de canções de raiz popular, ao tempo em que promovia o encontro de representantes de centros regionais de estações de Televisão que, habitualmente, fazem permuta de programas”, segundo Hogan Teves.

Tratou-se de uma aposta que se revelou de extrema importância para o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos canais regionais, com o intuito de dinamizar as regiões e salvaguardar o seu estilo musical característico. A passagem do *Circomúsica* pela região viabilizou a divulgação da música tradicional madeirense além-

⁴⁹ Alguns países apresentaram mais do que uma canção, dada a existência de mais que um centro regional. Foi o caso de Portugal (RTP-Madeira, RTP-Açores e RTP-Porto), Espanha (TV da Galiza e TV da Catalunha) e da Jugoslávia (Zagreb, Skopje e Ljubljana). As outras estações que concorreram à edição de 1989 do “*Circomúsica*”: Checoslováquia (Bratislava), Áustria (Linz), Itália (Trieste), Grã-Bretanha (Yorkshire), Alemanha (Baviera), Hungria (Budapeste), Bulgária (Sófia) e Cabo Verde.

fronteiras, numa espécie de intercâmbio com outros estilos musicais de raiz popular. O *Circomúsica* consistiu no maior espetáculo televisivo produzido exclusivamente pela RTP Madeira, quer ao nível dos participantes, quer dos meios envolvidos, tendo sido reconhecido o mérito do canal pelo esforço levado a cabo nesta grandiosa produção. Esta foi, também, encarada como uma experiência bastante enriquecedora e aliciante para a RTP Madeira, pois o Centro de Produção foi posto à prova perante a realização de um evento com projeção internacional.

Com estas e outras experiências, bastante compensadoras, a televisão madeirense caminhava para o seu auge numa era marcada, essencialmente, pelo aperfeiçoamento e domínio de diversas técnicas de produção e realização de programas, já utilizados em Lisboa, o que a prepara para os novos desafios que pela frente se adivinham.

Ao fim de mais de quinze anos de existência, como resposta ao bom momento vivido no Centro de Produção, a RTP Madeira aumentava, significativamente, o seu horário de emissão diário e começava a emitir continuamente a partir do meio-dia, conforme se pode ler na Página comemorativa dos 50 Anos da televisão pública:

Os dois centros de produção da RTP nas duas Regiões Autónomas aumentaram, significativamente, em 1989, os seus tempos de emissão (RTP-Madeira: 5 020h; RTP-Açores: 4 701h.) pois passaram a emitir, em contínuo, a partir do meio-dia. Natural foi pois, também, o aumento da produção local que, no que respeita à RTP-Madeira, se cifrou em cerca de 50% em relação a 1988. (Página RTP 50 anos de História)

Porém, para a realização dos seus objetivos, nomeadamente, o incentivo à produção regional, a RTP Madeira ainda necessitava de realizar mudanças nas suas instalações, que não apresentavam as devidas condições para o avanço de alguns projetos em mente:

[...] num estúdio de 90 m², para além da continuidade das emissões, se faziam 2 serviços noticiosos diários, um programa de grande Informação quinzenal, 3 programas desportivos por semana, um serviço religioso aos domingos e dias santos, e um programa de debate político, sem periodicidade. E tudo isto em direto! (Página RTP 50 Anos de História)

Com uma área bastante insuficiente e com apenas um estúdio disponível para a realização de vários programas, a pequena dimensão do espaço interferia nas gravações,

não deixando lugar vago para a movimentação das câmaras de vídeo. Apesar destas condições rudimentares, o canal tinha em produção um vasto conjunto de projetos de sua autoria, o que demonstrava já a sua capacidade de organização e execução de vários programas em direto, onde os meios técnicos eram imprescindíveis para a montagem e desmontagem dos cenários num mesmo estúdio. Não obstante as condições desvantajosas, não bastariam para impedir o excelente trabalho que vinha sendo feito, até agora, dentro da antiga casa da RTP Madeira, que já ansiava por mudanças para um outro local, o novo e definitivo Centro de Produção da RTP Madeira, desejo que apenas se materializa com a entrada na nova década.

Capítulo III

ANÁLISE EVOLUTIVA: 1990 – 2000

1 - A Chegada da Concorrência Direta dos Canais do Serviço por Cabo

Na última década do Século XX, indiscutivelmente assinalada pelo grande avanço da evolução tecnológica, assistiu-se a um período de expansão do Centro de Produção da Madeira, inicialmente, caracterizado pela mudança para as novas instalações sitas em Santo António, o que possibilitou um aumento exponencial da produção própria, permitindo, assim, com que a RTP Madeira atingisse um novo momento áureo, muito embora de curta duração, que acabou por se restringir a um curto período antes da entrada do século XXI, devido ao aparecimento da massiva concorrência dos canais do serviço por Cabo na região.

De certa forma, a chegada dos anos 90 trouxe profundas mudanças no panorama televisivo nacional com o lançamento do concurso público para a televisão privada, uma situação que a RTP acompanhava de perto e que lhe causava algum desconforto, pois iria ter de competir pelas audiências televisivas com novos canais, conforme descreve Hogan Teves:

O concurso público para a Televisão privada, embora aguardado (e com alguma ansiedade), agitou a comunicação social portuguesa, uma área bastante em foco no início da década de noventa. Depois de terem ficado para trás concorrentes que chegaram a perfilar-se com certo peso, apenas 3 se mantiveram na corrida e entregaram as propostas credibilizadoras das respetivas candidaturas: as sociedades TV 1 - Rede Independente, SA, SIC - Sociedade Independente de Comunicação, SA e TVI - Televisão Independente, SA. (Página RTP 50 Anos de História)

Já se especulava, particularmente, em torno deste cenário que a concorrência não chegaria apenas à RTP 1, mas também à RTP Madeira, pois a inclusão dos canais saídos do concurso público no serviço por Cabo na região viria a acabar com a hegemonia da televisão regional, isto na fase final da década. Assim, as novas propostas de canais de televisão viriam a surgir como alternativa à RTP que era até ao presente momento o único canal de televisão em Portugal, juntamente com a RTP 2 e os canais regionais: RTP

Madeira e Açores, numa altura em que a própria estação televisiva se preparava para ser alienada pelo Estado.

Apesar do período conturbado que se adivinhava, na RTP estavam a ser planeadas alterações que minimizassem os custos exagerados do canal, que viria a passar a concorrer diretamente com outras estações televisivas, o que exigiu alguma preparação, nomeadamente no que se refere à oferta televisiva assente num Serviço Público de televisão. Hogan Teves indica que com a chegada dos anos 90, depressa se percebeu que o objetivo de levar a televisão às Regiões Autónomas, dando aos respetivos Centros de Produção a vida própria que lhes competia, por direito, continuava a representar um considerável encargo financeiro para a gestão da RTP, pois embora as contas da estação pública o exprimissem claramente, era frequente ver-se esse empenho desvalorizado, visto que no balanço geral assumiam maior expressão, com os elevados gastos, os dois canais do Continente: RTP 1 e RTP 2, onde a despesa subia face aos Centros de Produção, o que alterou a designação da Radiotelevisão Portuguesa que passou, assim, a pertencer ao Estado. Assim, por decisão do XII Governo português:

A RTP, SA sucedeu pois à empresa pública RTP, EP “continuando a personalidade jurídica desta, assumindo a universalidade do seu património, dos seus direitos e das suas obrigações, nomeadamente a concessão do serviço público de Televisão atribuída nos termos do artigo 5º da Lei nº 58/90, de 7 de setembro”⁵⁰. (Página RTP 50 Anos de História)

Apesar deste ambiente de mudança dentro da esfera da televisão pública, em 1992, foi dado início às transmissões de um novo canal, a RTP Internacional, na perspetiva de relançar a emissão e programação da RTP a outros continentes, nomeadamente nos países onde residiam portugueses, que a partir de então passaram a manter contacto com o país de origem através do novo canal. A RTP Madeira via com bons olhos esta novidade que lhe permitiria fazer chegar junto das comunidades de madeirenses radicados, em especial na Venezuela e África do Sul, alguns dos seus programas que passariam a marcar presença no estrangeiro. Aproveitando o bom rumo da produção própria, Armindo Abreu, Diretor do Centro de Produção empenhava-se no lançamento de propostas reveladoras da nova imagem da Madeira, nas vertentes de cultura, sociedade e política, fazendo chegar a sua

⁵⁰ De acordo com a Lei n.º 21/92, de 14 de agosto.

programação ao mais recente canal da RTP que se fazia mostrar em todo o mundo, conforme elucida Armindo Abreu:

Um dos grandes objetivos da RTP-Madeira, hoje em dia, e dada a circunstância de que um milhão de madeirenses, aproximadamente, vive lá fora, na Venezuela, nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Austrália, enfim nos pontos mais recônditos do Mundo, a nossa ideia é colaborar intensa e estreitamente com a RTP-internacional, no sentido desta nossa produção, mostrando o que é a Madeira atual a todos os níveis, através desse meio. (Declarações de Armindo Abreu ao jornal *O Dia*, 06-08-1992)

Ostentando uma emissão internacional, o universo RTP voava assim mais longe e alcançava um auditório vasto de telespectadores a nível mundial, o que surgia como resposta ao aparecimento dos recém-chegados canais privados.

A abertura da televisão privada, ideia que já tinha sido idealizada em finais dos anos 80, concretizou-se em 1992 com a entrada da SIC e da TVI, uma estreia de novos canais que viria a surtir profundas alterações no panorama mediático português, conforme as palavras de Eduardo Cintra Torres:

Após 35 anos em monopólio, a RTP enfrentou a concorrência a partir de 1992, primeiro da SIC, depois da TVI. A TV privada alterou profundamente a oferta, não só na quantidade, como nos conteúdos, géneros, protagonistas, estilo visual, dinamismo, grafismo e relação com a audiência. (2011: 52)

E a concorrência, também, chegou à Madeira em 1992, ano que marcou a introdução do serviço televisivo por Cabo, só para alguns, pois não era acessível a todos os que ali viviam, isto numa altura em que Centro Regional da RTP festejava o seu vigésimo aniversário e dominava a rede televisiva em todo o arquipélago. Precisamente, nesta data, o canal regional já transmitia 16 horas de emissão diária, que respondiam claramente ao interesse dos espectadores, muitos deles ainda não esquecidos das pouco mais de 5 horas que tinham disponíveis em 1972. No entanto, parte substancial das emissões continuava a ser preenchida com programação enviada do Continente, mas o certo é que a produção regional ia apresentando trabalho e não apenas no que respeitava à informação, cultura e desporto regionais, mas, também, a uma fértil e bem estruturada linha de documentários. Ainda assim, e enquanto melhores condições de trabalho não chegavam, nomeadamente a nível da mudança para novas instalações, a RTP Madeira atingia as 5 848 horas de emissão

(mais 326 horas do que em 1990), isto conforme informações disponibilizadas pela página comemorativa dos 50 Anos da RTP.

2 – Continuidade da Aposta na Produção Própria

A década de noventa começou, em grande com, a transmissão direta do espetáculo solidário *Canta Madeira Canta* (1990), que encheu a plateia do cine Casino da Madeira para celebrar a festa da música madeirense. Com Juvenal Xavier e Helena Afonso na apresentação, o evento reuniu grandes nomes e grupos⁵¹ da música regional, que a título de gratificação, e sem receber qualquer remuneração pela participação, quiseram contribuir em benefício do Núcleo Regional da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

De entre outras produções notáveis desta altura, destacam-se também o documentário *Corsários Voltam a Atacar* (1990), acerca da maré negra que atingiu a ilha de Porto Santo; a série de ficção *Página 4* (1991), inspirada no quotidiano da redação de um jornal, um trabalho com realização de José Paulo Valente e texto de Maria Aurora, e uma grande aposta em séries documentais da autoria de Raimundo Quintal, sobre património natural e cultural do arquipélago.

Os projetos de Raimundo Quintal no Centro Regional revelaram-se profícuos e pertinentes para a causa da preservação do ecossistema madeirense, sensibilização sempre presente ao longo dos vários programas feitos o canal. Em as *Ilhas Afortunadas* (1990), o comunicador ressaltou a beleza natural da Madeira; na série *Ilhéu da Cevada* (1991), que concorreu na Mostra Atlântica de Televisão de 1991, levou-nos a conhecer a Reserva Natural Integral, localizada no extremo leste da Madeira; e por sua vez, em *Levadas* (1992) foram revelados os conhecidos aquedutos regionais que constituem o sistema de água de irrigação característico da realidade rural insular, uma das sete maravilhas da Madeira. E além destes exemplos, recordam-se outros que, também, centraram o seu foco nos aspetos geológicos do arquipélago, e não só, fazendo ressaltar a peculiaridade da sua fauna e flora, numa série de documentários que, em si, constituíram um bom exemplo de programação respeitante ao canal regional, entre os quais se enunciam:

⁵¹ Neste espetáculo beneficente participaram a Tuna de Bandolins da Camacha, Grupo Semente, Tuna Infantil de Instrumentos Tradicionais, Rosa Madeira, Grupo Folclórico da Camacha, Raul Solnado, Maestro Joaquim Luís Gomes e suas orquestrações: Eugénia Maria, Rosa Madeira, Carlos Jorge, Paulo Alexandre, Maria de Lurdes Resende e as bailarinas de Julie Mitchell.

[...] 4 programas sobre o tema “Madeira e S. Miguel à Luz da Geografia”, onde se mostrava como da origem vulcânica das duas ilhas saíram diferentes consistências quanto à fauna, à flora e à orografia. O produtor Ramos Teixeira e o realizador Raimundo Quintal (geólogo e professor) concretizaram outros projetos como “Desertas, mas com Flores” e “Lobos Marinhos” no cenário agreste, porém fascinante, dos ilhéus do arquipélago; e “As Voltas da Água”, que resultou de um acordo da RTP com o Instituto da Água. (Página RTP 50 Anos de História)

E já com um leque de boas referências a nível de produções feitas na região, o canal entrava em retrospectiva, isto na comemoração do seu vigésimo aniversário, em agosto de 1992. Para celebração dessa data, foi colocado em antena o espaço *RTP – 20 Anos Retrospectiva* (1992), que possibilitou aos telespectadores recordar e reviver momentos de alguns dos antigos programas já transmitidos pela RTP Madeira.

3 – A RTP Madeira no Foco dos Acontecimentos

Diante de uma década bastante proveitosa para a imprensa noticiosa, foram vários os acontecimentos que serviram de base para grandes emissões especiais na RTP Madeira ou, até mesmo, de tema de abertura no *Telejornal* local e de discussão no espaço de informação *Anos 90*, numa fase em que o canal regional já dispunha de meios para cobrir eventos de extrema importância, assim como de um noticiário próprio onde poderia expor os assuntos que dominavam ou estavam relacionados, diretamente, com o quotidiano madeirense.

No início da década de 90, a RTP Madeira revelou-nos imagens que ficaram para a história de uma das maiores marés negras do século e, também um dos mais graves acidentes ocorridos em Portugal. A 30 de dezembro de 1989, o petroleiro espanhol Aragón derramou trinta mil toneladas de crude em pleno Oceano Atlântico, a nordeste da Madeira, tendo a descarga poluente atingido a ilha de Porto Santo três semanas depois. As causas do acidente, apuradas anos mais tarde, revelaram que a sua origem teve início numa fratura da estrutura metálica do navio, afetada pela corrosão, que possibilitou a dispersão do crude até à zona norte da ilha dourada. Para a cobertura do sucedido, em janeiro de 1990, uma equipa de reportagem, liderada pelo jornalista José Manuel Rodrigues, foi enviada ao calhau da Serra de Fora e divulgou-nos imagens surpreendentes que chocaram o mundo, seguidas de informações precisas que davam conta da vasta área de 20 km, sobre a qual se estendia a maré negra, que dizimou a fauna e flora marinhas. A equipa permaneceu no

local durante dois meses, acompanhando os trabalhos de centenas de homens que recolheram cerca de 500 toneladas de crude, por dia, numa operação que custou um número avultado de um milhão de euros e que tornou a pequena ilha do Porto Santo o foco da comunidade científica internacional.

No ano que se seguiu, a RTP Madeira transmitiu, em direto para a região e todo o país, um dos acontecimentos colossais da década com a visita de João Paulo II à Madeira, que pela sua grandiosidade e pertinência levou à execução de uma cobertura televisiva sem precedentes, como destaca a página comemorativa do cinquentenário da RTP:

Em maio, João Paulo II veio a Portugal, uma vez mais (era a sua 50ª viagem pastoral e a primeira de 1991), e a cobertura televisiva, para o País como para o estrangeiro (que solicitou grande número de reportagens) movimentou 450 profissionais, 6 carros de exteriores, dezenas de viaturas, helicópteros e aviões – estes a tornarem possível o imediatismo das reportagens que foram não só de Fátima mas, também, dos Açores (Angra do Heroísmo e Ponta Delgada) e da Madeira (Funchal). [...] E a oportunidade de estender essa viagem às regiões autónomas dos Açores e da Madeira acabou por conferir à estadia do Papa em Portugal uma dimensão ainda mais jubilosa, dada pela sua aproximação às gentes do meio Atlântico. Todos os trajetos, praticamente todos os momentos, estiveram sob as objetivas das câmaras da RTP, que, se no solo, fixas ou em movimento, mostraram João Paulo II no centro dos sucessivos eventos da festa e da Fé, a partir do ar abarcaram cenários espetaculares, pontuados por multidões. (Página RTP 50 Anos de História)

A RTP Madeira acompanhou de perto a vinda do Papa à região com a exibição de uma emissão especial, intitulada *Visita Pastoral de João Paulo II*, numa mega-operação feita em conjunto com a estação pública, envolvendo meios humanos e técnicos e, também a Força Aérea, cuja contribuição foi indispensável para que fosse alcançada uma cobertura de serviço público, inteiramente, cumprido. Elias Gomes, chefe dos serviços de operações e manutenção da RTP Madeira, aquando da visita do Sumo Pontífice, indicou que para esta operação foram necessários: “um carro de exteriores no aeroporto, um carro de exteriores, improvisado na Sé, e um carro de exteriores no estádio dos Barreiros. Pelo caminho, a acompanhar a viagem, desde o aeroporto, duas motas e um helicóptero”. Ainda acrescentou, que foi uma operação “muito complicada, até porque, devido à falta de meios”, houve a necessidade de “esperar que viessem equipamentos dos Açores (onde o Papa tinha estado no dia anterior) e monta-los, durante a noite do dia 11 para o dia 12.”⁵²

⁵² Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

Ainda assim, os madeirenses, que não assistiram de perto a esta visita, puderam acompanhar a partir da emissão da RTP Madeira, todas as etapas desta passagem de João Paulo II pela região. A emissão histórica teve início no aeroporto de Santa Catarina com o acompanhamento da chegada do avião que trouxe o Papa, de seguida a receção de Sua Santidade pelas diversas entidades nacionais e regionais e por milhares de madeirenses, que o saudavam alegremente a entoar “Viva ao Papa”. Ao longo do percurso, entre o aeroporto e o Funchal, os madeirenses formaram um cordão humano, quase sem fim, para poderem ver e saudar, de perto, João Paulo II, com manifestações de júbilo nunca antes vistas na ilha. Na chegada ao Funchal, e pelas suas ruas, um mar de gente aguardava a passagem do Santo Padre, que realizou, depois, missa no Estádio dos Barreiros, lotado de fiéis que acenavam as suas bandeiras com as cores da Região, num dia memorável onde o sol brilhou intensamente. Finda a eucaristia e os agradecimentos, o chefe da igreja visitou a Sé no Passo Episcopal e seguiu, depois, para o aeroporto, onde foi veementemente aplaudido pelos presentes, antes de prosseguir a sua viagem até Fátima. O momento histórico para a Madeira teve a curta duração de menos de um dia, numa breve passagem do Papa do povo, que ficaria eternamente gravada na memória daqueles que presenciaram o momento ao vivo ou pela televisão. Este foi, também, um acontecimento marcante para o canal regional, que se confrontou com um evento de grande significado à escala mundial, um dos mais importantes desde a sua existência. Para Elias Gomes, “toda esta operação teve uma visibilidade muito grande e perpetua imagens da RTP Madeira, que neste momento, ainda, podem ser vistas na Internet”⁵³. Da mesma opinião, partilha Afonso Rato, da estação pública, que a classifica como:

[...] a maior operação de sempre na história da Televisão em Portugal e que serviu, também, para confirmar que a RTP dispõe no Continente, nos Açores e na Madeira de equipas coesas, experientes e em plena maturidade profissional. Pode e deve contar-se com elas no futuro próximo.⁵⁴

⁵³ Idem.

⁵⁴ Declarações de Afonso Rato à revista *TV Guia*, edição n.º 624, 25 a 31-5-1991, p. 29. O grupo executivo-operacional, ao serviço da visita do Papa, teve a seguinte constituição: eng.º Fernando Afonso (Continente), Manuel Cunha e Mário Rui de Castro (Açores), Carlos Alberto Fernandes (Madeira), Ruy Ferrão (coordenação e realização) e eng.º Filinto Peixoto (Centro Internacional de Televisão).

Um ano após a visita de João Paulo II, a Madeira foi atingida por uma tempestade devastadora de proporções catastróficas que instaurou o caos na região, tendo sido notícia durante várias semanas na abertura do *Telejornal* regional e nacional. Durante a noite de 28 para 29 de outubro de 1993, a Madeira foi foco de um dos maiores temporais da sua história recente, uma catástrofe sem precedentes que provocou 8 perdas humanas. O dia 29 de outubro, no Funchal, amanheceu irreconhecível num cenário de destruição de que não havia memória. As fortes chuvas torrenciais ocorridas, durante a noite, provocaram inúmeros deslizamentos de terras e as ribeiras transbordaram, levando tudo o que encontravam pela frente. A rádio e a RTP Madeira acompanharam a situação, com imensas dificuldades em chegar perto dos locais mais afetados, mesmo assim as imagens e vídeos captados serviram de mote para a exibição de diversos blocos noticiosos ao longo do dia, que davam conta do ocorrido, fazendo chegar aos telespectadores uma atualização das informações, entretanto, registadas, relativas aos danos materiais e perdas humanas. A intempérie na Madeira foi, durante semanas, tema de abertura do *Telejornal* regional e nacional, dada a dimensão da tragédia, o que se repercutiu na sua rápida internacionalização mediática. Vários jornalistas saíram à rua a fim de analisar o impacto da catástrofe num trabalho onde o canal regional desempenhou, também, a função de correspondente da estação pública na partilha de informações com Lisboa. E após a tempestade, seguiu-se a bonança, que fez renascer da lama a cidade do Funchal dos nossos dias, que apesar de várias obras de melhoria de combate a tragédias desta índole nem sempre tem conseguido resistir às adversidades da natureza.

Outros temas, que não foram exceção no início do noticiário madeirense, tiveram a ver com o acompanhamento das obras de construção e respetivas inaugurações lideradas pelo Governo Regional, sob presidência de Alberto João Jardim, nas quais se destacam o primeiro troço da Via Rápida (VR 1), que fazia ligação entre o Funchal e Câmara de Lobos, de seguida a sua extensão até à Ribeira Brava e, posteriormente, a continuidade pelos outros concelhos da região, nomeadamente Santa Cruz e Machico. Uma obra de grande importância para a região e um dos seus maiores investimentos, que veio encurtar as distâncias entre os seus principais concelhos e acabar com a desertificação das zonas rurais. Apesar da orografia bastante acentuada da região, o Governo colocou em marcha um plano de engenharia ambicioso que levou à construção de pontes, viadutos e túneis, estruturas de grande complexidade e custo elevado, que se revelaram numa obra que

transformou e modernizou a região, colocando-a no *ranking* das mais desenvolvidas do país. A televisão esteve presente no culminar deste grande acontecimento, para cobrir o momento de abertura ao trânsito da nova infraestrutura, que contou com a presença habitual dos membros do Governo da região e inúmeros populares que, também se juntaram à festa. Na altura, os repórteres da RTP Madeira mantiveram contacto com as diversas personalidades do governo presentes, incluindo o próprio Presidente do Governo. Questionados sobre a pertinência da obra a ser inaugurada, foi-lhes referido o seu significado para a região, na medida em que o percurso automóvel se tornaria mais rápido e eficiente. Seguidamente, a televisão captou imagens da curta caminhada dos membros do Governo Regional e dos populares pela nova via rápida. Deste modo, se foi cumprindo o serviço público com esta e outras inaugurações.

4 – RTP Madeira: a Nova e Tão Aguardada Casa

O trabalho desenvolvido pela RTP Madeira ia produzindo frutos, como era visível nos números das audiências. Vasco Hogan Teves, na publicação *RTP 50 Anos de História*, dá-nos uma noção da percentagem de televisores na região que acompanhavam a RTP Madeira. Embora a audiência não fosse baseada em valores precisos, ela parecia estar em conformidade com os números da cobertura televisiva regional, conforme sugere o autor:

No que respeitava à Televisão insular, embora os números resultassem mais de avaliações que de sondagens, podia dizer-se que a RTP-Madeira era vista por cerca de 89% da população das duas ilhas, enquanto que nos Açores a percentagem dos que viam a RTP nas 9 ilhas era ligeiramente superior: 90%. (Página RTP 50 Anos de História)

E com uma audiência já bastante razoável, faltava apenas um passo para que a RTP Madeira se tornasse mais realizada: a mudança para a sua nova sede, que lhe concederia melhores condições de trabalho para os profissionais de televisão e também uma melhor prestação de serviços. Enquanto esse dia não chegava, a RTP Madeira aumentava o seu período de emissão diária para 15 horas, o que já a colocava no mesmo patamar das emissões de Lisboa, preenchidas, como lembrava o Diretor, Armindo de Abreu:

Com a larga série de diretos que efetuamos das mais díspares manifestações e a grande atividade da Informação, que garante 2 jornais diários, programas de grande

informação quinzenais e magazines de informação desportiva. (revista *Grande Plano*, da COOPTV, da Casa do Pessoal da RTP, edição nº 38, 4º trimestre de 1993)

A inauguração do espaço pertencente à futura sede da RTP Madeira, o novo Centro de Produção, que já vinha sendo utilizado desde maio, numa espécie de acomodação, foi magnificamente celebrado a 16 de junho de 1995. Desta forma:

O arcaico edifício da Rua das Maravilhas fechava portas e apesar de haver quem pensasse que ali nunca as devia ter aberto, certo é que, desde 6 de agosto de 1962 cumprira o melhor possível as funções que lhe foram confiadas. Abriam-se, agora, portas novas, as do caminho de Santo António, onde o novo Centro fora construído, de raiz, num terreno de 11 600 m², em socalcos, sob projeto do arquiteto João Paciência. O Governo Regional cedera o terreno, as obras tinham-se iniciado em outubro de 1991 e o seu custo estimava-se em 2,8 milhões de contos. O novo edifício tem 5 pisos, ocupados com as áreas logísticas próprias ao seu fim, salientando-se, naturalmente, os 2 estúdios: um com 466 m², vocacionado para a produção de programas; o outro, com 254 m², destinado à Informação. O acesso a qualquer deles é também feito pelo exterior, tendo em vista a movimentação dos cenários e dos adereços. Há, ainda, 2 estúdios de menores dimensões, pensados para a continuidade das emissões e para eventuais serviços unilaterais. (Página RTP 50 Anos de História)

O jornalista Armindo Abreu, entrevistado por Vasco Hogan Teves na altura da criação da obra lançada em comemoração do cinquentenário da RTP, realçou que a mudança das instalações se concretizou, apenas, numa única noite, “graças ao entusiasmo, dedicação e empenho de todos os profissionais destacados para a operação”⁵⁵ e ainda acrescentou que o novo Centro significava, acima de tudo, “uma grande justiça relativamente aos trabalhadores da empresa.”⁵⁶ Por sua vez, o Presidente da RTP, Freitas Cruz, relativamente às novas instalações, comparou-as “com as mais avançadas da Europa” e, assim, estávamos perante “um acontecimento relevante para o todo nacional em que se exerce o serviço público de que a RTP é concessionária.”⁵⁷

Um momento histórico que apelava a uma mudança, a saída das condições precárias e a garantia de uma autonomia, como explicitou Armindo Abreu, em entrevista ao

⁵⁵ Declarações de Armindo Abreu numa entrevista a Hogan Teves, citadas na Página da RTP 50 Anos de História.

⁵⁶ Palavras de Armindo Abreu à revista *TV Guia*, edição nº 856, de 1 a 07-07-1995, p. 30.

⁵⁷ *idem*, p. 31.

documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012), no qual recorda momentos de dificuldade, passados nos antigos estúdios:

Lembro-me, perfeitamente, que houve uma altura em que transmitíamos a missa ao Domingo num estúdio extremamente pequeno com duas câmaras. As pessoas começaram a afluir para assistir à missa no estúdio da RTP, na Ruas das Maravilhas, e as câmaras às vezes tinham que sair do próprio estúdio, abrir as portas, fazer aquela transmissão em direto de portas abertas para as câmaras caberem. Portanto, as instalações eram extremamente precárias.

Já Carlos Alberto Fernandes, que acompanhou a par e passo as obras da nova casa, recordou que foram construídos “dois grandes estúdios, um para servir a informação e outro para servir a parte de programas, completamente digitais, com novas régies e novos equipamentos para a edição de notícias e de programas”. E como o tempo era de acomodação, procedeu-se à formação dos quadros da RTP Madeira, um aspeto importante para a nova fase do canal. Da mesma forma, a aquisição de novos equipamentos implicou necessidade de se proceder a um “plano de coordenação muito intenso, quer na área da operação, quer para a área do jornalismo” para tornar o sistema mais eficaz “uma vez que os técnicos e jornalistas puderam ter conhecimentos suficientes para trabalhar com as novas tecnologias digitais”⁵⁸.

A abertura das novas instalações da RTP Madeira trouxe novo alento ao canal regional, que a partir de agora ganhava maior comodidade na área da produção regional, uma forma de chegar, ainda, mais perto do seu público, com algo que o caracterizava e identificava. E foi num ambiente de vida nova para o Centro de Produção que ocorreu a cerimónia de inauguração da nova casa da RTP Madeira, que contou com a presença das entidades oficiais regionais e nacionais e representantes da televisão pública, como aponta Vasco Hogan Teves:

As novas instalações da RTP-Madeira foram inauguradas pelo Primeiro-Ministro Cavaco Silva, estando também presente o Ministro-adjunto, Marques Mendes, e o Presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim. Pela RTP, no impedimento do seu Presidente, foi Dinis Gonçalves, Vice-Presidente, quem fez as honras da casa e, no decorrer da sessão solene. (Página RTP 50 Anos de História)

⁵⁸ Documentário *RTP Madeira 40 Anos*, transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

Por ocasião desta cerimónia, o representante da estação pública, trouxe, do seu superior, um discurso que incidia, insistentemente, sobre a situação que a RTP então vivia, e que, mesmo assim, cumpria com o seu dever de garantir a continuidade do serviço televisivo regional, onde se poder ler o seguinte:

É necessário, é imperioso, salvar a Televisão que se faz em Portugal – a do Estado e, por consequência as outras – para que possamos alimentar a esperança de que os nossos filhos e os nossos netos aproveitem dela os benefícios e escapem aos malefícios que também pode comportar (...) A RTP-Madeira, a RTP-Açores e a RTP Internacional consubstanciam um conjunto de serviços a Portugal e aos portugueses de que a RTP é prestadora orgulhosa, mesmo quando imperfeita. Só esses serviços consomem nada menos de 70% das indemnizações compensatórias com que o Estado paga a execução dessas missões específicas – e entre as quais não figura (quantas vezes mais será preciso proclamá-lo), um só escudo para a programação do CN1 e da TV2, nem para o funcionamento geral da empresa. O que quer dizer que os 2 canais são sustentados pelas receitas de um só, já que o 2º, pela natureza da sua programação, não é suscetível de alcançar esse desiderato.⁵⁹

Numa fase em que a estação pública enfrentava uma instável situação financeira, que em nada a favorecia, na qual as indemnizações compensatórias do Estado e a receita de um só canal não chegavam para compensar os encargos dos vários canais de televisão, onde se incluíam os dois canais regionais e a RTP Internacional entre outros, a única solução passava pela salvaguarda da televisão, que Portugal viu um dia nascer, e que apesar da total dependência de financiamento público, precisava de uma gestão bastante rigorosa que lhe concedesse um serviço televisivo de excelência que visasse responder às expectativas e necessidades do seu público, ou seja promover um serviço público de televisão extensível a todos. Contudo, apesar da conjuntura económica da estação pública, a RTP Madeira passava a usufruir de uma infraestrutura modelar e de condições que lhe permitiriam colocar ao mesmo nível da sua congénere da rede nacional, em termos da produção televisiva. O que em tempos se consideraria como precariedade viria a transformar-se em inovação, pois a RTP Madeira tinha, a partir de então, ao seu dispor:

[...] instalações que lhe permitiam encarar os seus planos de produção sob outras perspectivas e para a área da Informação, não apenas o seu novo estúdio mas, também, a ampla sala da Redação, deixavam antever acentuadas melhorias no trabalho diário.

⁵⁹ Discurso lido na inauguração do novo Centro de Produção da RTP Madeira por Dinis Gonçalves, representante da RTP na Madeira em substituição de Freitas Cruz, publicado na revista *TV Guia*, edição nº 856, de 1 a 07-07-1995, pp.30-31.

A RTP-Madeira concluiria o ano de 95 com 6 017 h. de emissão (mais 136 h. do que no ano anterior). (Página RTP 50 Anos de História)

5 – Retoma da Aposta na Ficção

Após o seguimento de uma bem sucedida produção de documentários, onde se destacam *Viagem ao Fundo da Ilha* (1994) de Rui Vieira da Silva, a RTP Madeira quis voar mais alto e apostar noutros géneros: a ficção. Baseada no texto de Maria Aurora, uma das apresentadoras mais queridas e conhecidas do canal madeirense, a estação colocou em prática a realização de uma série de 5 episódios, intitulada *Homens de Passagem* (1995), com realização de António Plácido e de Paula Marques. Para a dramatização da série, que na região era tida como uma novela, foram selecionados atores com formação na área teatral, cujo desempenho na representação, dentro do pequeno ecrã, deixou muito a desejar. *Homens de Passagem*, segundo António Plácido, “foi a grande aposta na produção regional”⁶⁰, um desafio nada fácil, isto apesar de no passado já ter havido iniciativas em formatos deste género, que obtiveram boa aceitação entre o público – os já referidos *Um Dia em Cada Ano* (1987), *Ora ...O Mar* (1988) e *Página 4* (1991). No entanto, Armindo Abreu deixava no ar algumas considerações e reticências, acerca do seguimento da linha dos teledramáticos:

Mas deixo esta questão: terá absoluto cabimento um Centro Regional que tem nos seus quadros apenas um realizador, que sofre de outros constrangimentos em matéria de recursos humanos e financeiros, exauri-los na aventura apaixonada e diletante dos teledramáticos? (Página RTP 50 Anos de História)

Aplaudido por uns e alvo de chacota por outros, o teledramático *Homens de Passagem* captou a atenção dos telespectadores madeirenses. Se, por um lado, a vertente popular do tema, trazendo para a televisão um núcleo de personagens rurais que dedicava a sua vida à agricultura e às atividades artesanais, deixando transparecer o seu quotidiano monótono imbuído na chamada “bilhardice” sobre a vida alheia, fazendo uso do típico linguajar madeirense, conferia algum interesse à narrativa, por outro lado, a péssima qualidade do texto, juntava-se a alguma falta de experiência dos personagens na interpretação dos seus papéis, revelando a ausência de emoção e expressividade, o que não

⁶⁰ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

beneficiou a boa receção da série. Por conta destas falhas, entre muitas outras, tais como a existência desnecessária de *voz-off* no acompanhamento de várias cenas, *Homens de Passagem* foi, imensamente, satirizado pelo quarteto de humoristas Gato Fedorento na rubrica “Tesourinhos Deprimentes”, do programa *Diz que é uma espécie de Magazine* (2007), da RTP 1. Contudo, apesar dos vários erros de produção, *Homens de Passagem* foi uma novidade na altura e, ainda, o é nos dias de hoje, o que a levou a ser desenterrada do baú da RTP Madeira para ser alvo de troça por um grupo de humoristas que pertencem à mesma rede de televisão. No entanto, a chacota não pode ser um impedimento para a continuidade da produção regional, pois com os erros se aprende a corrigir alguns dos nossos defeitos.

6 – Novidades da Programação no Horário Nobre

As condições, entretanto, criadas no Centro Regional permitiram o reforço da produção regional, cada vez mais ativa, surgindo: o espaço de entrevistas *Vidas*⁶¹ (1995), com a coordenação da jornalista Maria Luísa; o magazine informativo *Entre Portas* (1996); os documentários *Um Olhar Interior* (1995) e *A Civilização do Açúcar* (1996); e o *talk show* *Alpendre* (1996), o primeiro programa diário, em direto, com a apresentação de Leonel de Freitas, que ao final de tarde trazia até aos madeirenses a alegria e a boa disposição com espaços de conversa, música e momentos de humor dramatizados por atores locais.

Em 1997, a RTP Madeira assinalava a sua primeira parceria com a RTP Internacional, com a emissão do programa *Recados das Ilhas* (1997), que viria a levar a produção regional aos quatro cantos do globo, tornando a sua apresentadora, Maria Aurora, uma presença assídua na programação da RTP Internacional. *Recados das Ilhas*, que mais tarde deu lugar ao *Atlântida* (1999), levou, assim, junto das comunidades de emigrantes, a Madeira, as suas gentes e suas tradições, criando uma proximidade entre dois pólos que se unem pela televisão. Desta forma, a RTP Madeira via cumprido um dos seus grandes objetivos - a internacionalização - uma conquista que veio para ficar e permitiu cimentar novas parcerias que passavam pela área da produção.

⁶¹ Foram quatro os entrevistados deste programa: o comandante Passos Gouveia, o historiador António Aragão Mendes Correia, Ricardo Camacho (filho do Engenheiro Ornelas Camacho) e o Padre Manuel de Nóbrega.

A ficção na televisão madeirense continuou com *Hotel Bon Séjour* (1998), a primeira grande produção entre a RTP Madeira, RTP 1 e RTP Internacional, uma minissérie de 3 episódios, da autoria de António Torrado, com a realização de Ferrão Katzenstein e produção a cargo de Ramos Teixeira. Gravada na Madeira, o drama de época, cujo tempo coincide com a fase de rescaldo da primeira Guerra Mundial, contou com um elenco de estrelas, do qual faziam parte os atores Rogério Samora e Laura Soveral, bem conhecidos do público português, assim como alguns madeirenses, Virgílio Teixeira, Francisco Pestana, Cidália Freitas, Plácido Júnior, Teresa Gedge, tendo contado, ainda, com a participação especial do ator estrangeiro John Michael Kelsey. *Hotel Bon Séjour* foi a primeira minissérie a ser rodada na Madeira, com os interiores gravados nos estúdios da RTP Madeira e os exteriores nos arredores da freguesia do Monte. Esta coprodução teve transmissão na RTP Madeira e na RTP Internacional, tendo tido merecido reconhecimento internacional pela sua imensa qualidade, tanto a nível de texto como da representação, e pelos cenários exuberantes dos jardins do extinto Hotel Monte Palace.

No mesmo ano, a RTP Madeira lançava *Ilha de Arguim* (1998), uma produção em estilo de peça de teatro, da autoria de Francisco Pestana, que trouxe até ao seu público a representação de um dos momentos mais conturbados da História regional: a Revolta da Farinha. Com a interpretação a cargo de atores do Teatro Experimental do Funchal⁶², a peça recriou um retrato da sociedade madeirense dos anos 30, que por razões políticas se via afetada por uma grave crise no setor da alimentação, e que levou muitos populares a efetuar diversos assaltos às fábricas que armazenavam os cereais a fim de sustentar as suas famílias. A cultura e a arte de representar a História da região fundiram-se num projeto onde a realidade e ficção se confundiram no olhar do espectador que se vislumbrou em algo que o aproximava das suas raízes.

A presença de Raimundo Quintal na antena da RTP Madeira teve continuidade com *Levada do Norte – Obra de Gigante* (1995), documentário sobre a construção das emblemáticas levadas que abasteciam a água pelos concelhos da região; os picos mais altos da cordilheira central da Madeira foram tema em *Nos Píncaros da Ilha* (1996); e na série *Flores de Cá e de Lá* (1999) foram dadas a conhecer as espécies da flora que compunham a beleza natural da Madeira. Em cada uma destas séries, o excelente comunicador

⁶² Ficha técnica e artística da obra TEF: Margarida Gonçalves, Paulo Brazão, Bernardete Andrade, António Plácido, Pedro Cabrita e Ester Vieira. Produção e Realização: António Plácido.

aventurou-nos numa viagem pelos recantos da ilha onde, em contacto com a natureza, transmitia os seus conhecimentos sobre a origem geológica, o estudo do meio e da fauna do arquipélago. Assim, a ligação entre os telespectadores e a televisão madeirense fazia-se com uma programação que procurava a transmissão de conhecimentos numa viagem de redescoberta em torno do seu próprio espaço.

7 – Emissões da RTP 1 na Madeira

À RTP Madeira continuavam a chegar algumas das produções de grande sucesso exibidas na estação pública: *As Lições do Tonecas* (1996) comédia com Luís Aleluia e Morais e Castro; o magazine *Jet 7* (1996); *Reformado e Mal Pago* (1996), série humorística com Nicolau Breyner, cujas emissões passaram a ser possíveis de acompanhar com a extensão da frequência do canal 1 da RTP à Madeira num plano de cobertura, executado pela Portugal Telecom, que pretendia incluir todo o território português. Assim, e conforme a página comemorativa do cinquentenário da RTP:

[...] a partir de outubro de 1996, as emissões do 1º canal começaram a poder ser seguidas pelos espectadores do Funchal, tal como eram vistas no Continente. Até então só estavam ao alcance de quem dispusesse de TV por cabo. Antes do final do ano concluíram-se os trabalhos para a cobertura integral das ilhas da Madeira e de Porto Santo. (Página RTP 50 Anos de História)

A chegada do canal 1 da RTP à Madeira era vista como uma ameaça à televisão madeirense, que até então era líder de audiências, sem grandes dificuldades, apesar da concorrência desleal dos canais de TV por Cabo, pois parte da programação que preenchia a grelha televisiva da RTP Madeira era constituída por uma retransmissão de programas já emitidos pelo próprio canal 1 da estação pública. Esta pode ser encarada como uma das razões primordiais, a par do aparecimento dos canais de TV por Cabo, que contribuíram para a perda dos telespectadores da RTP Madeira. Mas para controlar esta situação, o canal colocou em prática um plano que visava disponibilizar aos seus telespectadores uma maior diversidade na oferta televisiva, com um variado leque de escolhas entre a produção regional, apesar de haver a continuidade da retransmissão de programas já exibidos no canal 1 da RTP.

E para atenuar essa fuga dos seus espectadores assíduos, a RTP Madeira efetuou um sensível acréscimo da sua atividade, que visava orientar o canal no sentido de marcar a

diferença face à oferta da concorrência que se revelava cada vez mais forte, com a RTP 1 num lado, e ainda a SIC e a TVI a ganharem terreno entre os canais do serviço televisivo por Cabo. E como forma de reverter esta situação:

Reforçou-se a componente informativa, pela criação de novos blocos ou pela intensificação dos já existentes, concedendo-se, naturalmente redobrada atenção aos programas locais, um segmento em que qualquer dos Centros de Produção (por serem isso mesmo) estava em vantagem para agrado de um auditório que se mostrava estável. (Página RTP 50 Anos de História)

No ano que se seguiu, a RTP Madeira passou por algumas mudanças a nível da gestão do Centro de Produção ao nomear um novo Diretor, Carlos Alberto Fernandes, funcionário que já aí registava longa carreira e que substituíra, nessas funções, o jornalista Armindo Abreu, numa altura em que se completavam 25 anos de atividade e se deu força ao lema “Olhar o Passado com Fé no Futuro”. Sobre essa data memorável, Vasco Hogan Teves descreve que:

Carlos Alberto Fernandes assinalou os 3 momentos que considerou como os mais importantes até então: a cobertura televisiva de toda a Região; a autonomização da programação com projetos de produção própria; e a construção do Centro de Produção. Mas fê-lo sem passadismo, antes considerando que “mais do que lembrar o passado é urgente projetar o futuro. Viabilizá-lo passa por um projeto comum a todos os que fazem do seu trabalho uma forma de realização pessoal ao serviço do coletivo, um ato de paixão estendido dia a dia.” (RTP 50 Anos de História)

E enquanto a televisão na Madeira completava um quartel de história, Carlos Alberto Fernandes vangloriava-se do caminho percorrido pelo canal com um olhar reflexivo sobre o passado com a certeza de um presente realizado e um futuro que ainda se encontrava por construir. Em comemoração desta ocasião, foram criados diversos espetáculos de componente musical e etnográfica, realizados a partir da Praça do Município, no Funchal, e transmitidos em direto para a região e para todo o mundo, através da rede de satélites da RTP Internacional com o intuito de os fazer chegar perto das comunidades madeirenses no estrangeiro.

8 – A Lei da Televisão e Suas Consequências nos Canais Regionais

Em 1998 a polémica Lei da Televisão (31-A/98, de 14 de julho) veio colocar em causa a permanência dos canais regionais da estação pública, ao introduzir uma acesa discussão em torno das novas medidas aprovadas que viriam a reforçar os poderes da Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) que, então, passava a ser um órgão de regulação com o intuito de fiscalizar o setor televisivo em situações como abuso de poder, violência e arbitragem de conflitos com a introdução de algumas medidas: aplicação de quotas máximas de publicidade, isto tanto para canais de acesso não condicionado, como por cabo e satélite, passando os canais incumpridores destes pagamentos a ser alvos de sanções; abolição e limitações à participação de estrangeiros no capital social dos operadores de televisão; proibição da emissão de imagens ou conteúdos que envolvam violência até às 22 horas, devendo, após esse horário, os programas que as incluíssem apresentar advertência prévia e identificativo permanente.

As medidas apareceram como uma reforma no panorama televisivo português, que se viu obrigado a cumprir as novas regras, o que exigiu, também, um maior investimento e, consequentemente, um maior dispêndio. E no caso da estação pública, além dos 2 principais canais estatais, ainda, existiam os canais regionais, o que fez com que os encargos fossem ainda mais elevados. Confrontado com várias questões acerca do tema em discussão, Arons de Carvalho, Secretário de Estado da Comunicação Social, na altura, respondeu que o objetivo da Lei da Televisão consiste em fomentar o mercado televisivo, adiantando o seguinte:

No passado, as limitações técnicas impediam que houvesse uma multiplicidade de operadores. A partir de agora, em que não há limitações técnicas e a acessibilidade financeira começa a ser cada vez mais evidente, é altura de pôr o mercado a funcionar. (Arons de Carvalho à revista *Comunicações*⁶³)

Quando questionado sobre a rentabilidade do serviço público de televisão, prestado pela RTP, Arons de Carvalho pôs em causa o universo RTP, que incluía todos os seus canais adjacentes, ao indicar que o canal do estado teria muito mais benefício caso se

⁶³ Revista pertencente ao Órgão da APDC - Associação Portuguesa para o desenvolvimento das Comunicações, edição de junho de 1998.

determinasse o fim dos canais regionais e outros serviços da RTP, o que seria uma medida drástica para a realidade regional. Nas palavras de Arons de Carvalho:

O serviço público só pode ser rentável em termos de oferecer uma boa qualidade. Se quisermos que a RTP tenha lucro então acabemos com tudo aquilo que dá prejuízo ou que tenha um custo elevado. Ou seja, o segundo canal, a RTP África, Açores, Madeira, teletexto, tempos de antena. Tudo isto é um custo para os portugueses. Mas ninguém tem coragem para dizer isso claramente, embora se pretenda acenar às pessoas com o lucro da RTP e com a diminuição dos custos, o que eu acho que é uma profunda e triste demagogia. (Arons de Carvalho à revista *Comunicações*)

Num tom irónico que assustou os seguidores dos canais regionais, quanto à continuidade das suas emissões, Arons de Carvalho sintetizou que a rentabilidade do serviço público só poderia ser alcançada mediante a qualidade dos conteúdos oferecidos, o que traçaria um novo rumo nos objetivos da empresa estatal que agora passava a trabalhar, não pela luta por audiências, mas sim pela oferta de programas de alta qualidade aos portugueses. Era este o novo lema da estação pública, que também chegava à RTP Madeira e restantes canais. Cabia, então, à RTP Madeira adotar a mesma linha do serviço público seguida por Lisboa, através da continuidade do seu trabalho, mas, desta feita introduzindo maior competência, rigor e qualidade na realização dos seus próprios programas. Assim regista-se, na época em questão, a produção de:

[...] um “talk show” diário, “Pôr do Sol” (debate de temas de interesse para a Região Autónoma, aligeirado por intervenções musicais); um concurso, “Raspa, o Nosso Jogo” (apresentado por Licínia Macedo, Miss Portugal em 1999); e uma rubrica infantil com lugar cativo desde há muito, “Estrelinhas”, que eram, na grelha da programação, três pontos fortes. (Página RTP 50 Anos de História)

A estes programas, juntaram-se ainda o documentário *Vinho da Roda* (1999) da autoria de Rui Vieira da Silva e o *talk show* intimista *Conversas Soltas* (1999), entre outros, isto, numa altura em que o canal introduziu na sua programação uma maior abertura a espaços de entretenimento, que visavam captar a atenção do público que demonstrava estar atraído pelas apostas da concorrência. Porém, de uma coisa a televisão da Madeira teria a certeza: os próximos tempos não seriam os melhores e a rápida propagação do serviço televisivo por Cabo por toda a região ditaria esse fim.

Capítulo IV

ANÁLISE EVOLUTIVA: 2000 – 2012

1 – A Era da Intensificação da Produção Regional e o Serviço Público de Televisão

A primeira década do Século XXI representou um momento significativo para a RTP Madeira. O grande avanço técnico atingiu o seu auge e trouxe consigo uma nova forma de ver televisão. O aperfeiçoamento tecnológico veio metamorfosear por completo o campo dos *media*, disponibilizando-os numa plataforma capaz de unir vários serviços num único apenas: a Internet. Assiste-se, portanto, ao surgimento do digital que veio substituir o sinal analógico e introduzir uma maior qualidade nas emissões televisivas. Quase a completar 30 anos de existência, a RTP Madeira vangloriava-se de um percurso televisivo notável, numa altura em que tinha tudo o que necessitava para fazer televisão, pois possuía umas invejáveis instalações e equipamentos de filmagem atualizados, o que perspetivava uma evolução ao nível do acompanhamento das novas tecnologias com vista a possibilitar uma melhor cobertura regional.

A entrada no novo milénio fez-se com novas ideias e com a conceção de novos formatos televisivos, os anteriormente salientados (na fase final da década de 90), que visavam de certa forma assemelhar-se aos que constavam nas grelhas de programação dos canais generalistas portugueses. Desta feita, o grande momento vivido pelo canal foi celebrado com mais um aniversário, o vigésimo oitavo, com um espetáculo de gala, transmitido em direto, com muita música para comemorar a televisão na Madeira e os madeirenses. O diretor do canal, Carlos Alberto Fernandes, aproveitou a oportunidade para abordar e desafiar os próximos tempos que se adivinhavam com o início do novo século:

Podemos olhá-lo com confiança individual e coletiva. Estamos preparados para o futuro, para responder ao que nos é exigido para enfrentar a necessidade de criar um produto com garantia de mercado, mas capaz de simultaneamente assegurar o pluralismo e a qualidade do serviço público.⁶⁴

⁶⁴ Carlos Alberto Fernandes em entrevista à revista *TV Guia*, edição nº 1121, de 28 de julho a 3 de agosto de 2000, p. 32.

A televisão madeirense entrava assim numa nova era que se previa bastante vantajosa na criação de uma programação equilibrada e diversificada com o selo de alta qualidade, o que já vinha sendo seguido pelo canal 1 da estação pública e que depois se difundiu não só em toda a programação local, embora com maior ênfase no setor da informação regional que adquiriu maior rigor e independência.

A iniciativa da oferta de um serviço de televisão digno, baseado na variedade, foi algo que a RTP Madeira teve sempre em mente. A emissora começou por seguir, no início da primeira década do Século XXI, um modelo de programação, assente na transversalidade, que procurava ir ao encontro da sociedade madeirense, algo que nos dias de hoje já não se denota. Até poderíamos sublinhar que, nesse sentido, a RTP Madeira se antecipou de certa forma à RTP 1, no que diz respeito ao seguimento de um serviço público de televisão, atendendo que o Contrato de Concessão entre o Estado Português e a Rádio e Televisão de Portugal fora apenas assinado a 25 de março de 2008. No referido contrato, pode ler-se o seguinte:

O serviço público de televisão observa os princípios da universalidade e da coesão nacional, da diversificação, da qualidade e da indivisibilidade da programação, do pluralismo e do rigor, objetividade e independência da informação, bem como o princípio da inovação.⁶⁵

As cláusulas presentes no Contrato de 2008 apresentam várias obrigações ao Serviço Público, que deve, essencialmente, divulgar programas de acordo com as realidades territoriais, ou regionais no caso da RTP Madeira, e os diferentes grupos constitutivos da sociedade, além de oferecer uma programação de forte componente cultural e formativa, devendo valorizar a educação, a ciência, a investigação, as artes, a inovação, a ação social, a divulgação de causas humanitárias, o desporto amador e o desporto escolar, as confissões religiosas, a produção independente de obras criativas, o cinema português, o ambiente, a defesa do consumidor e o experimentalismo audiovisual. De acordo com a lei, a grade de programação de um canal de serviço público de televisão deve excluir programas de entretenimento da mesma índole dos *reallity shows*, transmissões desportivas de forte apelo comercial, concursos e alguma da ficção. Já em termos de oferta devemos incluir

⁶⁵ Conforme o artigo nos termos do n.º 2 do artigo 50.º da Lei n.º 27/2007, de 30 de julho (Lei da Televisão)

programas para as minorias culturais; programas documentais de vários tipos; ficção histórica; programas experimentais e realizados com preocupações estéticas; alguma programação desportiva de interesse minoritário; programação infantil e juvenil; cinema que os outros (generalistas) não passam e programas de informação, como reportagens, debates ou noticiários. Nestas circunstâncias, as obrigações presentes no referido contrato devem abranger, também a programação da RTP Madeira, embora o canal esteja mais direcionado para uma cobertura de menores proporções, na qual deve adotar o serviço público destinado às estações de televisão de índole regional, onde promova uma oferta programativa dentro dos moldes impostos pela sociedade insular, com o intuito de fomentar a formação cívica e cultural dos telespectadores, garantindo o acesso de todos à informação, à educação e ao entretenimento de qualidade.

Virgílio Nóbrega, jornalista da RTP Madeira, atribui ao serviço público a função de “ir ao encontro das pessoas”⁶⁶, para fazer parte da vida delas e assim se saber, ao fim ao cabo, o que elas esperam e como avaliam o serviço televisivo oferecido pelo canal regional. A televisão de proximidade é a ideia presente nesta definição, que abre novos desafios à RTP Madeira no sentido de prender os madeirenses à sua televisão, pois a cada dia que passa é cada vez menor o número de espectadores que acompanha o canal, que necessita estar a par da evolução tecnológica que transformou o mundo e os hábitos da vida do Homem. A televisão deve, assim, procurar produzir mais e melhor com qualidade, na medida em que responda às necessidades do seu público.

2 – Cobertura da Inauguração do Novo Aeroporto da Madeira

O bom serviço televisivo prestado pela RTP Madeira na nova era começou com uma grande emissão especial, que nos trouxe sinais de bons tempos para a sociedade e economia regional. No ano 2000, mais propriamente no dia 15 de setembro, a inauguração da obra megalómana de ampliação novo aeroporto da Madeira, considerada por muitos como a maior obra de engenharia do século, pelo executivo do Governo Regional da Madeira, com a presença do Presidente da República, Jorge Sampaio, o Primeiro-ministro, António Guterres e outras entidades nacionais, mereceu assim uma grande cobertura televisiva, que colocou todo o país a par de toda a cerimónia. Roquelino Ornelas, que acompanhou, a par e passo, todas as celebrações, lembra que ali bateu “o recorde de

⁶⁶ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

sentado a fazer de pivô. Foram horas e horas a partir da pista, a fazer o direto daquele grande acontecimento.” E enquanto o jornalista permanecia imóvel a moderar o grandioso evento, em casa os madeirenses seguiam o ambiente que era de festa, repleto de milhares de pessoas, com direito a uma grandiosa banda filarmónica e a atuação de diversos grupos de folclore. A partir de então, a Madeira ostentava de um novo aeroporto internacional, cuja pista atingia a extensão de 2781 metros, construída, parcialmente, em laje sobre o mar, assente em 180 pilares, que se erguiam a 70 metros do nível do mar, alguns submersos a uma profundidade de 60 metros. O novo aeroporto passava, assim, a ser a porta de entrada de turistas, funcionando como grande alavanca para o progresso da região.

A RTP Madeira, além da inauguração, esteve também presente nas diversas fases de construção da extensão do aeroporto, em finais da década de 90, tendo feito a cobertura direta de um dos momentos altos desta obra, a implosão do Hotel Atlantis, cuja coexistência com o prolongamento do aeroporto violava as normas internacionais da aviação. A jornalista Maria Luísa efetuou o acompanhamento deste processo, que decorreu às 9:15, do dia 28 de março de 2000, com a duração de cerca de 4 segundos, para o qual a RTP Madeira dispôs três câmaras de vídeo em volta do hotel, para uma melhor captação do acontecimento em diversos planos, numa cobertura que mereceu destaque nos noticiários dos restantes canais de televisão do país.

3 – Inovação e Variedade

A inovação e variedade foram dois dos conceitos que estiveram sempre presentes no modelo de programação, implementado pela RTP Madeira, no início da primeira década do novo século. Ainda assim, para este efeito, houve necessidade de aumentar a programação diária e a qualidade dos conteúdos produzidos, a fim de oferecer um serviço público de excelência. Desta feita, a par dos programas já em exibição, surgiram outros de referência para os variados gostos: no documentário *Quintas da Madeira* (2000), Rui Vieira percorreu as várias quintas madeirenses, no magazine social *No Feminino* (2000), vários temas referentes ao universo da mulher foram tema de conversa; na série documental *Via Marítima* (2002), o jornalista Luís Filipe Jardim abordava as movimentações náuticas de cruzeiros no Porto do Funchal; nos magazines culturais *Ap’ Arte* (2001) e *Pé de Página* (2002), as atividades culturais tiveram merecido destaque; e no espaço *Madeira Cocktails* (2002), as bebidas exóticas da região eram apresentadas a cada programa.

Na informação, um setor primordial da estação, destacou-se a renovação e criação de espaços informativos ao longo do dia, com o aparecimento do noticiário *Síntese Regional* (2002). Lançaram-se novos jornalistas: Luís Filipe Jardim, Virgílio Nóbrega, Basília Pita e Tânia Spínola, os recentes rostos da informação, que comandaram a apresentação dos novos espaços informativos e mais tarde na do principal bloco noticioso do canal, *Telejornal Madeira*. Nesta mesma altura, o *Telejornal Madeira*, emitido às 21 horas, já demonstrava um carácter próprio na habilidade em conduzir as principais notícias do quotidiano regional, atualizadas durante os blocos noticiosos ao longo do dia. Converteu-se, por isso, em líder de audiências na região, sendo reconhecido como o programa de maior preferência entre os madeirenses e conseguiu o mérito de chegar mais longe, junto das comunidades de emigrantes locais espalhadas pelo mundo, ao ganhar espaço diário na grelha de programação da RTP Internacional.

Abordando a transmissão internacional de conteúdos exclusivos da RTP Madeira, julga-se pertinente referir um programa que constitui um marco na televisão madeirense: o *Atlântida* (1999), em cujo nome ecoa a presença eternizada de Maria Aurora, que o conduziu por largos anos. O *Atlântida* foi produzido, alternadamente, pela RTP Madeira e pela RTP Açores, em parceria com a RTP Internacional, que também o transmite com o intuito de levar a todo o mundo as tradições, os valores e as vivências dos arquipélagos portugueses nos mais variados domínios. Com a equipa madeirense liderada por Maria Aurora e a açoriana por Sidónio Bettencourt, o *Atlântida* é tido como um caso de sucesso entre as várias produções regionais, dada a sua missão em prol da defesa e transmissão da cultura das regiões atlânticas. O programa aposta num cenário representativo de cada região, quer seja em imagens ou até objetos típicos da cultura local, e junta a cada emissão um grupo de convidados especiais, tudo isto ao som da participação de vários grupos musicais, desde folclore, bandas e coros, que se dão a conhecer cá dentro e no exterior. Por diversas vezes, as emissões do *Atlântida* da Madeira saíram à rua, numa espécie de programa “ao vivo”, para celebrar junto dos madeirenses épocas festivas, algo que foi muito característico nos tempos em que o programa era comandado por Maria Aurora, o que infelizmente, hoje, não se verifica. Eram tempos bem passados em frente ao televisor, onde víamos a apresentadora, sentada na sua cadeira de vimes, com um longo auditório de gente à sua volta que aplaudia a iniciativa de percorrer os concelhos da região, numa espécie de itinerário pelas festas que dinamizavam a cultura regional.

Noutras emissões especiais, Maria Aurora, também marcou presença em vários diretos, que acompanhavam o seu percurso nas principais festas religiosas da Madeira: Senhora do Monte, Senhor Bom Jesus da Ponta Delgada, Senhora do Livramento, no Curral da Freiras, entre muitas outras, onde a apresentadora, no meio de um mar de gente, interagia com o tradicional ambiente de festa, vivido por muitas gerações, que num misto de emoções articulavam o divino e o profano, naqueles que são conhecidos como os principais pontos altos dos arraiais de verão da região, conforme o testemunho descrito por Duarte Miguel Barcelos Mendonça, numa crónica em homenagem da apresentadora:

Fez também programas especiais, em direto, sobre as principais festas madeirenses, levando um “cheirinho” das mesmas aos nossos patrícios espalhados pelos 4 cantos do globo. Lembro-me de a ver a transmitir um desses programas, com o João Carramanho, a partir do arraial do Monte, através da RTP i, quando estava nos Estados Unidos no verão de 2002. E lembro-me de me ter emocionado por vê-la a mostrar os diferentes aspetos dessa grande festa. Foi como se, por um toque de magia, eu estivesse realmente no Largo da Fonte ou junto à igreja, a ver o que ela via e nos dava a ver. E não podemos descurar o fator da distância, que fez avivar em nós uma saudade que mói e mata lentamente... que o digam os emigrantes, que sabem de cor e salteado o que custa viver longe da ilha.⁶⁷

E são momentos como estes que hoje fazem falta à nossa televisão. A RTP Madeira deve sair à rua, não apenas para marcar presença numa curta cobertura de determinados eventos, mas sim concentrar todos os seus esforços em edições especiais para poder estar presente nos lugares que são foco de grande concentração de pessoas. Sem Maria Aurora, o meio artístico madeirense ficou mais pobre, pois a sua figura é recordada com carinho por todos. Na RTP Madeira o vazio foi ainda mais sentido e profundo, pois o canal nunca mais foi o mesmo sem a sua inconfundível presença, e muitos dos seus seguidores, ainda hoje, anunciam que já não se faz televisão como se fazia no tempo de Maria Aurora. O *Atlântida* que, nos dias de hoje, ainda é exibido, passou a ser apresentado por Duarte Rebolo, após o desaparecimento da grande comunicadora, que assim como a sua antecessora procura dinamizar os valores culturais da região, embora numa nova temporada do programa, cujas emissões se limitaram a ficar trancadas eternamente num estúdio, sem a hipótese de registar presença nos diversos eventos que marcam a diáspora madeirense.

⁶⁷ Excerto da crónica “*In Memoriam... Até sempre Maria Aurora!*”, publicada na parte relativa às Crónicas do Fórum Madeirense, por Duarte Miguel Barcelos Mendonça, retirada da página da Internet do *Portuguese Times* - Jornal da Comunidade Portuguesa dos Estados Unidos, Edição número 2034 de 16 de junho de 2010.

A Informação ganha predomínio na grelha do canal

Conforme o Relatório e Contas de 2003, a RTP nesse ano deu início a “um novo ciclo ao nível de conteúdos, dentro da filosofia empresarial de “produzir mais com menos”, isto numa altura em que o canal começava a demonstrar alguma fragilidade em concentrar a atenção do seu público. E para minimizar o afastamento dos seus seguidores:

Criaram-se mais espaços de produção própria com vista a fazer emergir a Estação de alguma apatia que se encontrava, no campo regional da Comunicação Social. Esta estratégia impôs, paralelamente, a baixa de custos com os *cachets* de colaboradores demasiado elevados e até geradores de um mal-estar no confronto com os vencimentos dos trabalhadores efetivos; cancelamento de apoios financeiros a espetáculos para transmissão pela RTP-M; a exigência de coprodução ao nível de custos, para a cobertura de eventos incluindo os institucionais. (Relatório e Contas RTP 2003, p.22)

As mudanças refletiram-se na imagem de marca do canal - a informação - que foi presença assídua, durante o dia, com a criação de blocos *Notícias RTP-M* (2003) em diversos horários: 9:00, 12:50, 18:00 e 24:00, tendo os mesmos sido transmitidos no canal internacional da RTP, após entendimento com os parceiros da estação pública. O *Telejornal Madeira*, principal bloco noticioso da estação, passou também a ostentar um horário fixo, às 21 horas, transformado agora num espaço direcionado apenas para a cobertura do panorama noticioso regional. As mudanças surgiram enquadradas em critérios, onde o canal procurava “tornar-se mais exigente na definição da agenda dos noticiários da televisão”, isto para que as forças políticas, sociais ou desportivas não se apropriassem da informação e a utilizassem como tempo de antena.

4 – Novas Produções e Grandes Transmissões Especiais

Em 2003, a direção da RTP Madeira foi assegurada por Luís Calisto, um dos mais reputados jornalistas madeirenses que introduziu algumas reformulações no canal, entre as quais o alargamento do horário de emissão que passava a ser de 17 horas diárias. A produção própria notabilizou-se pela criação de programas de grande interesse para o contexto regional e que marcaram uma época, motivada pelo incremento de conteúdos que procuravam abranger todas as faixas etárias e o gosto de cada telespectador, com espaços direcionados para o público infantil, para os amantes do desporto e para os apreciadores das diversas áreas da cultura e da natureza madeirense, tendo ainda colaborado na

produção de um programa infantil da estação pública, o *Brincar a Brincar* (2003). Noutros formatos:

[...] surgiam novidades, a par da consolidação de alguns títulos: “Tertúlia”, “Culturalmente”, “Destino Madeira”, “Cine-Parque”, “Pátio dos Bebés”, “Estádio” e “Fora de Campo” – o que deixa perceber que o aumento da produção interna se tornou ainda mais significante. E também notada por títulos que correspondiam a produção mais ambiciosa, como “Quintas da Madeira” e “Caminhos da Natureza”. (Página RTP 50 Anos de História)

Além dos conteúdos anteriormente referidos, a produção da RTP Madeira propôs alterações significativas na sua grelha de programação, com a substituição do programa diário *Pôr do Sol*, presente na antena há 3 anos, cuja repetição ocorria na manhã do dia seguinte, por parte de vários programas semanais ou quinzenais, alguns deles já existentes, que estivessem dentro dos mesmos custos: *Questão Social* (2003) e *Ponto de Vista* (2003) na área da informação, a série documental *A Madeira de Outros Verões* (2003), da autoria de Lília Bernardes, o magazine social *Passeio Público* (2003) e o espaço de música de expressão madeirense *Splash* (2004), apresentado por José Carvalho. Ainda “foram produzidas mais coberturas de acontecimentos de flagrante cunho regionalista, como o *48 Horas a Bailar* (2003), *Marchas Populares* (2003) no Porto Santo e na Calheta e festivais de música e desporto.”⁶⁸ Nas emissões especiais, destaque para *Tertúlia* (2003), um espaço de diálogo que abordava temas ligados às artes, em estilo de conversa de café e, ainda, ocasiões de festa com a cobertura do *Cortejo de Carnaval* (2003) e a *Festa da Flor* (2003). As celebrações da época natalícia e de Ano Novo ficavam marcadas pela série *Viv’a Festa* (2003) e pela emissão em direto a partir da *Noite do Mercado* (2003) e pela transmissão da *Missa do Galo* (2003) e do *Fogo do Fim-de-Ano* (2003), espaços que o canal já transmitia em anos anteriores e a que deu continuidade de ano para ano.

No bom momento vivido na estação madeirense, ressaltava-se que a produção própria tinha enveredado por bons caminhos com marcas de registo, e não apenas pela qualidade, como também pelo crescente número de horas que dava à emissão, o que serviu de estímulo para a continuidade do trabalho que vinha a ser feito até agora. E o resultado refletia-se no bom serviço televisivo, derivado “dos referenciais de qualidade incutidos a

⁶⁸ Relatório e Contas RTP 2003, p. 22.

uma programação diversificada e abrangendo todos os níveis – informativo, cultural, educativo, documental, de debate, desportivo e de atividades lúdicas.”⁶⁹

A RTP Madeira procurava, assim, estabelecer uma empatia com os telespectadores, numa era em que os canais privados e o serviço de T.V por Cabo congregavam a preferência do público. E para fazer retornar a atenção da população local ao seu canal, apostou-se forte nas emissões em direto por toda a Região, com a transmissão de vários espetáculos e eventos de grande importância. Destacam-se, em 2004, a gala de comemoração dos 5 anos do programa *Atlântida* com a grande homenagem à sua apresentadora, Maria Aurora, o *Festival Internacional de Folclore da Ponta do Sol* (2004), o *Festival da Canção do Faial* (2004) e o programa *Em Direto Com a Atualidade* (2004). Houve, ainda, especial enfoque na produção televisiva para as faixas infantil e juvenil com a criação do *Escolas na TV* (2004), concurso que envolveu os estabelecimentos escolares da Madeira e do Porto Santo, o *Festival da Canção Infantil* (2004) e *Musicaeb* (2004), espaço destinado à produção artística desenvolvida pelas crianças na Região.

O sucesso da cobertura dos diretos e transmissões especiais só foi possível graças à chegada de um novo equipamento de vanguarda, que trouxe uma nova dinâmica ao Centro de Produção e que resolveu um problema operacional importante, o dos feixes, que até aí tinham de ser deslocados de Lisboa. Desta forma, “alguns espetáculos no âmbito da “Madeira Região Europeia 2004” e outros, em vários pontos da Ilha, foram transmitidos em direto, graças à pequena “revolução” tecnológica que chegou à Madeira.”⁷⁰

A vinda do novo carro de satélite facilitou a cobertura mais ampla do quotidiano madeirense, aquando do evento “Madeira Região Europeia”, que contou com o patrocínio da RTP Madeira, e trouxe à ilha um vasto leque de artistas nacionais e internacionais numa festa grandiosa que fez sair à rua as variadas formas da cultura madeirense. Para esta ocasião, foram preparadas emissões especiais que forçaram ao comprometimento do canal regional ao longo de todo o ano, que, num enorme sentido de responsabilidade, marcou presença nos pontos altos das cerimónias, sem abdicar da sua posição enquanto elemento difusor de um dos momentos de glória para a região. Ainda em forma de retrospectiva do acontecimento, o *Splash* (2004) preparou uma emissão especial com os melhores

⁶⁹ Relatório e Contas RTP 2004, p. 46.

⁷⁰ Página RTP 50 anos de História.

momentos dos espetáculos musicais, numa espécie de agenda anual, onde foi recordada parte das atuações dos artistas convidados⁷¹ que deram cor, brilho e projeção ao destino Madeira.

5 – Estação Pública Passa a Sociedade Anónima

Entretanto, é de referir que, nesse mesmo ano, o financiamento da RTP foi posto de novo em causa e o Estado formulou alterações na estação pública, o que levou à transformação da antiga Radiotelevisão Portuguesa, S.A., sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos, numa sociedade gestora de participações sociais, agora denominada Radio e Televisão de Portugal, SGPS, S.A. Na mesma medida foi ainda criada uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos designada Radiotelevisão Portuguesa – Serviço Público de Televisão, S.A. A reestruturação do setor empresarial no Estado, na área audiovisual, também, foi ainda ponderada de forma a abranger os canais da RTP nas regiões autónomas, uma medida que não sofreu qualquer avanço devido à indisponibilidade dos governos regionais em arcar com as despesas de uma autonomização das estações, isto conforme se pode ler na página comemorativa dos 50 anos da RTP:

Os Governos Regionais da Madeira e dos Açores prometiam estudar o modelo anunciado pelo Governo para as televisões locais e que previa a autonomização dos canais, através da criação de empresas regionais de TV. As Regiões não assumiam compromissos, mas havia um dado que ambas jogavam em conjunto – gastar dinheiro, não. (Página RTP 50 Anos de História)

Apesar de algumas tentativas de autonomização, ou até extinção, o Centro de Produção da Madeira prosseguiu a sua missão de fazer chegar satisfatoriamente aos residentes da ilha a sua obrigação de cumprir a oferta de uma programação de excelência, numa altura em que tanto se falava de serviço público de televisão, seguindo o modelo imposto pela empresa estatal.

⁷¹ Artistas convidados para o evento “Madeira Região Europeia 2004”: janeiro – Josep Carreras; fevereiro – Dulce Pontes; março – Diana Krall; abril – Joaquim Cortés; maio – Vanessa Mae; junho – Eros Ramazzotti; julho – UB40; agosto – Nelly Furtado; setembro – Julio Iglesias; outubro – Ivete Sangalo; novembro – Madreus; dezembro – Andrea Bocelli.

6 – Leonel de Freitas na Direção do Centro Regional

Com a ascensão de Leonel de Freitas, ao cargo de Diretor do Centro Regional, em 2005, a televisão madeirense experimentou uma outra dinâmica que procurava manter a linha de continuidade seguida nos anos anteriores a par do surgimento de novos programas focados na atualidade regional na área da informação e com uma grande aposta em documentários que visavam explorar o passado e o presente da ilha.

Leonel de Freitas, admitido na Radiodifusão portuguesa, em 1976, como locutor e mais tarde jornalista, assumiu a direção da RTP Madeira e introduziu, então, o maior alargamento da emissão, que passou a 24 horas diárias, e uma nova geração de programas de variedade, assentes na dinâmica regional, que aproximou o canal do seu público-alvo e que visava, essencialmente, a transmitir a história e o quotidiano insular, à semelhança de um serviço público de televisão. Nas novas produções, registou-se *Cine Box* (2005), *Ilhas de Bruma* (2005), *Praia à Vista* (2005) o *talk show Madeira em Direto* (2005), *Hora H* (2005), programa infantil gravado em coprodução com a secretaria Regional da Educação e através do Gabinete Coordenador de Educação Artística, e a série *3/4 de Século* (2005) que teve como essência as vivências do quotidiano madeirense do Século XX contadas e vividas por João Borges, ex-Diretor Regional do Turismo, falecido em 2008. Foram, ainda, transmitidos alguns eventos, como o especial do programa *Splash* (2004), com a exibição do espetáculo da Orquestra Clássica da Madeira com o grupo nacional Da Weasel (2005), a *Gala RTP Madeira/DN* (2005), uma ação conjunta em comemoração dos *media* regionais, a *Gala de Aniversário da Abraço* (2005), a *Gala da Revista Saber* (2005), o *Concerto do Dia da Região* (2005), o espaço *Na Seda das Palavras* (2005) em comemoração dos 25 Anos do Gabinete Coordenador de Educação Artística, e a *Feira do Livro* (2005) no Funchal, ocasiões que mereceram divulgação e espaço no canal regional, dada a sua pertinência na sociedade insular.

No panorama desportivo, surgiu o programa *Prolongamento* (2006) que veio dar maior saliência ao desporto regional. Nas grandes transmissões desta área, além do já conhecido *Raly Vinho Madeira* (2005), cujas provas eram exibidas na RTP Madeira desde os anos 80, “é de destacar algumas emissões especiais com modalidades de expressão nacional e internacional, tais como, Hóquei em Patins, Ténis, Ginástica, Natação, “Festa do

Desporto Escolar”, “Voleibol de Praia”, Andebol e Basquetebol”⁷², os *Jogos do Mar* (2005), realizados nas festas do concelho do Porto Moniz, e os *Jogos Intermunicípios* (2005) a partir das instalações balneares da Ponta Gorda. As modalidades desportivas minoritárias passaram a marcar presença no ecrã, a partir da transmissão direta de alguns jogos e com a introdução de pequenas reportagens na componente informativa do canal, tanto no *Telejornal Madeira* como nos restantes programas direcionados para as atividades desportivas.

O Bom Dia Madeira na programação matinal e novos espaços informativos

A informação foi, desde os primórdios do canal, uma aposta constante para a fidelização do seu público. Nesse sentido, a manutenção dessa mesma linha fez-se com abertura de novas emissões diárias de notícias e com uma inovação, conforme se pode ler no Relatório e Contas de 2006 da RTP:

Além do telejornal e das notícias das 14 e das 18, a RTP Madeira abriu finalmente a sua emissão informativa às 7.30/8.00 e das 8.30/9.00h com o Bom Dia Madeira a intercalar com o “Bom Dia Portugal”. Com uma equipa pequena, mas funcional, além da perspetiva do dia informativo e das principais notícias da noite anterior, foi introduzido o circuito vídeo na Via-rápida circundante do Funchal com imagens em direto quatro vezes entre as 7.30 e as 9 horas. A grande inovação estava lançada com grande aceitação dos Madeirenses. (Relatório e Contas 2006, RTP, p. 27)

O *Bom Dia Madeira* (2006) foi um programa de informação privilegiado, onde logo pela manhã os madeirenses puderam ficar a par das principais ocorrências do fim do dia anterior e do próprio dia que ainda se iniciava. Assim, os espectadores tinham no seu canal um espaço com informações regulares sobre o trânsito e de análise pormenorizada dos principais títulos das primeiras páginas dos jornais da imprensa madeirense, cujos temas em destaque contavam com os comentários de um convidado, diferente a cada dia, que compunha a sua opinião sobre determinados assuntos, isto seguindo a linha do que já vinha a ser feito com o programa que passava à mesma hora no canal 1 da RTP.

Ainda na componente informativa, o *Telejornal Madeira* das 21 horas foi alongado em mais meia hora, preenchida, diariamente, com um espaço de opinião, onde uma figura ilustre da região comentava as notícias da atualidade. A par desta novidade, surgiam três

⁷² Relatório e Contas RTP 2005, p.27.

outros programas de informação que discutiam a política e questões sociais: *O Dossier de Imprensa* (2006), composto por um leque de jornalistas, *O Estado da Região* (2005), comentado por um painel de deputados da Assembleia Legislativa da Madeira e o *Especial Informação*, criado para debater as grandes questões de atualidade.

Cultura, História, Botânica, saúde e lazer em destaque na programação

A produção própria, que continuou a marcar presença, conferiu no âmbito da programação uma maior atenção às questões lúdico-culturais. A cultura falou mais alto e o espaço semanal *Culturalmente*, já exibido há vários anos no canal, passou a ter uma emissão diária, com sete minutos, após o noticiário regional, o que expressou um esforço para a divulgação da cultura local. Lançaram-se novos espaços, além de outros que se mantiveram na antena: a *Festa de Verão* (2006) transmitiu música e animação, em direto, a partir de algumas das praias mais conhecidas da região; com o *Serviço de Saúde* (2006) foi feita a análise de um tema de saúde de interesse geral; em *Saudades da Terra* (2006) a História da Madeira de outros tempos entrava em sintonia com os testemunhos de quem a escreveu; em *Plantas com Histórias* (2006), Raimundo Quintal deu-nos a conhecer algumas das propriedades de plantas existentes no nosso *habitat* natural; em *Spot Madeira* (2006) abriu-se uma janela para a divulgação da região dentro do seu próprio meio; e com *Cartão de Embarque* (2006) partimos numa viagem com destino ao leste europeu. Através de séries documentais como *A Revolta da Madeira* (2006), *Memórias das Coisas* (2006) e *História da Aviação na Madeira* (2006), a televisão madeirense rememorou grandes acontecimentos da sua História. Foram três documentários de grande importância na produção regional e que marcaram igualmente as emissões, pois constituíram um dos pontos altos da televisão, a par da gala *Noites da Madeira* (2006), em comemoração do 34.º aniversário da RTP Madeira, um espetáculo nostálgico que reviveu a música que animava os hotéis do Funchal durante os anos 60 e 70.

Transmissão do maior espetáculo de fogo de artifício do mundo

Assim, como vem sendo hábito todos os anos, nos primeiros minutos do dia 1 de janeiro de 2007, a RTP Madeira levou a todo o mundo as imagens daquele que foi considerado, pelo Guinness World Records, como o maior espetáculo pirotécnico de

passagem de ano do mundo. Com recurso a diversas câmaras de vídeo, colocadas nos locais com vista privilegiada para o foco do acontecimento, a televisão regional registou o momento que ficou para a História, na qual num misto de luz e cor foram lançados 17 mil toneladas de fogo-de-artifício, distribuído por 37 postos, que permitiram 660 mil e 330 disparos, que recriaram nos céus da cidade do Funchal, durante 8 minutos a “Dança das 4 Estações” de Vivaldi. O evento, reconhecido como um dos principais cartazes turísticos da região, mereceu projeção internacional, graças à excelente cobertura da RTP Madeira, que desta forma contribuiu em muito para o seu sucesso, promovendo o destino Madeira, cada vez mais procurado, na época de fim de ano.

A Polémica Lei das Finanças Regionais

Como canal regional, a RTP Madeira manteve como seu principal ponto forte a informação, disponibilizando, além dos blocos noticiários, espaços dedicados ao debate, onde foram tema de conversa diversas questões políticas e sociais que emergiam na sociedade madeirense. Na política regional, o assunto mais mediático nesse ano foi, sem dúvida, a demissão do executivo liderado por Alberto João Jardim, que em forma de protesto contra a aprovação da Lei das Finanças Regionais, pelo governo de José Sócrates, abandonou o mandato, tendo levado à convocação de eleições antecipadas. A notícia atraiu rapidamente a imprensa e fomentou uma série de debates e depoimentos políticos no canal regional que tentaram explicar as razões em torno da crise instalada entre o Governo Regional e o da República. Com as eleições marcadas para 6 de maio “a RTP 1 e a RTP Madeira no cenário natural da baía do Funchal, com dois palcos/estúdios lado a lado, centralizaram uma operação especial para a cobertura dos resultados eleitorais do ato,”⁷³ que ditaram uma nova vitória à força política de Alberto João Jardim. Num ano marcado pela polémica lei, o programa *Dossier de Imprensa* centralizou-se na discussão do tão badalado tema, o que, porventura, fez com que este espaço de debate se mantivesse na programação do canal até aos dias de hoje. Não obstante, o assunto em discussão foi, também, conversa em espaços de informação: o *Primeiro Plano*, com entrevistas alargadas e debate da atualidade, e o *Tem a Palavra*, programa que colocou os deputados da Assembleia da República Guilherme Silva e Maximiano Martins num frente a frente na

⁷³ Relatório e Contas RTP 2007, p.32.

abordagem dos assuntos políticos debatidos no hemiciclo, onde se tomam todas as decisões do país.

7 – Novos Programas e Séries Documentais

Noutros campos, houve, ainda, o reforço de conteúdos destinados à divulgação cultural e científica da Madeira: *A Madeira e a Literatura* (2007) deu-nos a conhecer os principais vultos da literatura madeirense e suas principais obras; em *O Tempo Escrito nas Rochas* (2007), a composição geológica da região foi tema de análise numa série documental, que nos explicou a origem e a datação das várias ilhas que constituem o arquipélago; as propriedades das espécies endémicas da flora madeirense estiveram em foco em mais uma série do programa *Plantas com História*, da autoria de Raimundo Quintal; o *Escapadinhas* (2007), por sua vez, aventurou-nos numa viagem pelo património madeirense, na descoberta da gastronomia e costumes, com um misto de propostas para viajar na ilha. Destaca-se, também, *Funchal, 500 Anos – Teu Nome Sabe-me a Funcho* (2007), produção que surgiu com o aproximar da, comemorações dos 500 anos da cidade do Funchal, em 2008, um programa mensal de auditório apresentado, por Maria Aurora, onde se fazia uma abordagem às dez freguesias do concelho, tendo em estúdio diversas personalidades que debatiam várias temáticas relacionadas com a freguesia em destaque em cada emissão.

No entretenimento, surge o *talk show Lado a Lado* (2007), para os fins de tarde, e o novo espaço *Bem Estar* (2007), que se juntavam ao *Passeio Público*, *Culturalmente* e *Serviço de Saúde*, que ainda compunham a grelha de 2007. O *Atlântida*, hoje considerado como um dos marcos do canal, continuou a assinalar presença e com projeção na RTP Internacional. O programa emitiu, nesse mesmo ano, um especial em direto de Joanesburgo, numa grande festa da emigração, junto da comunidade madeirense, residente na África do Sul. A partir desta iniciativa surgiram outras, realizadas fora do estúdio nas várias localidades da Madeira, que visaram encurtar a distância e a saudade entre os emigrantes e os familiares que cá ficaram. A iniciativa, aplaudida por todos, reuniu muitos populares nas gravações externas do programa, que todos os sábados dispunha de um momento para saudações aos que se encontram em terras distantes.

Na linha da produção, a RTP Madeira oferecia a cada ano uma programação, que, assumidamente, contribuía para o enriquecimento do canal e da sua afirmação, enquanto

alternativa ao mimetismo que reinava nos canais privados, e até mesmo a RTP 1, que, indiscretamente, e, sem querer admitir, seguia os passos da concorrência numa batalha na luta pelas audiências.

Conforme o Relatório e Contas da RTP, a produção regional atingiu e consolidou-se em 2008 nas 5 horas diárias, isto num ano que ficou, meramente, marcado por um acontecimento memorável para a Região: a celebração dos 500 anos da cidade do Funchal, uma grandiosa comemoração que mereceu bastante protagonismo na RTP Madeira. Em virtude desta data, o canal lançou uma programação especial, alusiva ao evento, cujo início se deu em 2007, com o já referido *Funchal, 500 Anos – Teu Nome Sabe-me a Funcho*, e que se prolongou durante todo o ano de 2008 com produções de cariz informativo e de divulgação cultural:

[...] da qual destacamos a série “Saudades da Terra”, com a história do Funchal contada em 24 episódios e a série “500 Funchais”, com os percursos e vivências de 24 figuras de relevo da sociedade madeirense que falaram do “Seu Funchal”, com bonitas imagens da cidade. O espaço mensal “Cidade do Funcho” debateu temas diversificados no auditório da RTP, com emissões interativas com os convidados em plateia. (Relatório e Contas RTP 2008: 23)

Na informação, foi dada a devida atenção às várias sessões solenes que contaram com uma grandiosa agenda repleta de acontecimentos que dinamizaram a cultura madeirense. Salienta-se o contributo desta efeméride no lançamento de um grande número de publicações, a maior de sempre na Madeira, com destaque para o trabalho de vários intelectuais em torno da História e cultura local, a que ainda se acrescenta o relançamento de obras de grandes nomes da literatura madeirense. Este evento afirmou-se como um marco na História da região, com múltiplas iniciativas culturais que “contaram com o apoio promocional da RTP Madeira, que se associou à vasta e diversificada programação da primeira cidade dos descobrimentos portugueses.”⁷⁴ Ainda em torno das comemorações dos 500 anos do Funchal, a emissora madeirense realizou a 21 de agosto de 2008, o dia da cidade, uma das suas maiores produções, com a realização do *Verão Total* (2008), transmitido a partir do cais do Funchal, numa operação que deu a conhecer a história e cultura da cidade e que acompanhou todos os momentos da celebração em direto para todo o país.

⁷⁴ Relatório e Contas RTP 2008, p. 24.

O ano de 2008 foi, também, assinalável no que diz respeito à elevada e sempre crescente produção regional. Com a informação como prioridade, a emissão da RTP Madeira manteve na sua grelha alguns dos programas de discussão da atualidade política, desportiva e cultural da região, tendo introduzido o *Debate Político* (2008), formato diversificado que acolhia várias personalidades regionais para o discussão de questões sociopolíticas atuais, programa que alternava com o já existente *Tem a Palavra* (2007). O serviço público regional contou, ainda, com *Uns e Outros* (2008), programa apresentado por João Miguel Carramanho, onde diversos temas sociais, testemunhados por membros do público, eram assunto de conversa entre um variado leque de convidados e alguns estudiosos na área dos assuntos em análise e que testemunhavam as questões discutidas.

Noutras vertentes, o ano foi profícuo na produção assente nos objetivos do canal regional, enquanto veículo de comunicação responsável pela divulgação dos variados aspetos culturais da região para a qual opera, isto tendo em conta a sua História, o património, as riquezas naturais da ilha a nível da fauna e flora, as suas gentes, costumes e atividades culturais desenvolvidas, assuntos que possibilitaram a criação de uma pluralidade de programas que dignificaram a missão da RTP Madeira. Entre essas produções, destacam-se *Jardins do Funchal* (2008), programa no qual Raimundo Quintal nos deu a conhecer as espécies mais emblemáticas dos jardins da cidade madeirense; a série documental *Raízes* (2008) teve como tema central de análise algumas das características etnográficas da região; em *Álbum do Funchal* (2008), as imagens memoráveis da cidade de outros tempos contrastaram com as recolhidas na atualidade, em comemoração do aniversário da cidade; o documentário *Músicos Madeirenses* (2008) relembrou os casos de sucesso na vida de alguns dos artistas do panorama musical da Madeira (Sérgio Borges, Luiz Peter Clode, João Victor Costa, Fernando Clairouin, Nuno Graceliano Lino e Maximiano Martins); “as histórias de amor passadas na Madeira e retiradas da tradição oral, lendas, ficção e registos históricos de várias épocas”⁷⁵ constaram da produção documental *Ilha dos Amores* (2008), um recontar de histórias que nos levou a mergulhar em densas narrativas, algumas delas feitas em primeira pessoa e outras por quem as ouviu e transmitiu de geração em geração; no docudrama *Sissi - Uma Imperatriz na Madeira Romântica* (2008), grandiosa produção de António Plácido e Nelson

⁷⁵ Página do programa na RTP: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p21791> - Acedida em 25 de março de 2013

Veríssimo, a passagem e estada da imperatriz austríaca pela Madeira, onde esteve duas vezes: entre 1860 e 1861 e 1983 e 1984, foi documentada através de cenas dramatizadas de Sissi por uma das caras do canal, Licínia Macedo, além do registo de imagens da época e depoimentos recolhidos no Funchal e na Áustria; e por fim, a transmissão da peça de teatro *A Ceia dos Cardeais* (2008), com as notáveis interpretações de João Carlos Abreu, Virgílio Pereira e José António Barros, a partir do Teatro Municipal do Funchal, que se repercutiu num enorme sucesso a nível regional e nacional.

A oferta regional, também, procurou incidir sobre a faixa etária dos jovens com a criação do novo espaço *Irreverência* (2008), que se debruçava sobre as temáticas e vivências da juventude madeirense e que introduziu como novidade uma componente interativa com o seu público a partir das redes sociais. Nesta mesma linha, surgiu o *Pátio dos Estudantes* (2008), projeto feito em parceria com a Associação Académica da Universidade da Madeira, que possibilitou aos jovens universitários obter uma janela de comunicação na divulgação dos seus projetos e iniciativas realizadas no meio académico. Estes programas vieram juntar-se a um outro, já existente, com alguma longevidade no canal, o *Passeio Público*, que, tal como hoje, fazia a ronda dos principais eventos festivos das noites madeirenses e que, assim como o *Irreverência*, mantinham algum apreço entre as camadas jovens.

Por sua vez, as emissões especiais continuaram com diversas iniciativas a merecer destaque na antena televisiva regional. Destinadas ao público infantil, e não só, salienta-se o *Encontro de Música do Ensino Básico da Madeira* (2008) e o grande espetáculo, em direto, a partir do Parque de Santa Catarina do *Dia Mundial da Criança* (2008) que reuniu cerca de 5000 crianças. Além dos habituais momentos festivos, já acompanhados pela RTP Madeira há vários anos, destaca-se a transmissão e divulgação de tradições que ainda perduravam como o *Cantar dos Reis* (2008), em direto do concelho da Ponta de Sol e *A Festa das Vindimas* (2008). E numa apoteose de celebrações, o *Dia da Madeira* (2008), celebrado no 1.º de julho, também, mereceu realce na cobertura das cerimónias protocolares, com a presença do Governo Regional, numa data de extrema importância para a afirmação da autonomia regional e que, evidentemente, não poderia deixar de marcar presença na televisão regional.

As diversas modalidades desportivas regionais tiveram o seu tempo de emissão e discussão nos espaços *Prolongamento* e *Estádio* que, desde o início da década, ocuparam

um lugar cativo na RTP Madeira. Com o futebol regional a marcar cada vez mais força e projeção no Campeonato Nacional, com a disputa acirrada entre o Marítimo e o Nacional por um honroso lugar na tabela classificativa, estes espaços desportivos ganharam grande destaque e importância, muito devido ao acompanhamento merecido do percurso das equipas madeirenses, isto apesar de o canal não ter apostado, fortemente, nas transmissões diretas dos jogos destas equipas, que, até então, têm sido muito poucos. Outras atividades desportivas, como o Basquetebol, o Voleibol e o Andebol, apesar de ter um público mais reduzido face ao futebol, também, mereceram atenção na programação desportiva com a exibição de jogos decisivos nas diversas jornadas. Destaca-se ainda, além das modalidades referidas, a edição especial, de 5 dias, dedicada ao golfe no *Open da Madeira 08* (2008) e a excelente cobertura que, a cada ano, tem vindo a ser feita nas provas do *Rali Vinho Madeira* que sempre registou grande entusiasmo entre os madeirenses.

8 – Afirmação da Produção Própria

Com o aproximar do fim da primeira década do Século XXI, a RTP Madeira já se afirmava como um canal regional de serviço público, bastante reconhecido pelos espectadores, dada a capacidade de produzir conteúdos em grande escala, isto numa era em que, cada vez mais, se falava no selo de qualidade na produção televisiva. O *Relatório e Contas da RTP de 2009* indica que o referido ano foi o “de maior afirmação nos conteúdos de Televisão e Rádio do Centro Regional da Madeira”, pois aqui se verificou uma grande proliferação de programas a nível da informação, documentários e entretenimento, que vieram reforçar os conteúdos da RTP Madeira, “ com enfoque em áreas já testadas como produtos de Serviço Público.”

Na programação mais vocacionada para a informação, o canal optou por uma grande diversidade de conteúdos informativos que colocaram em análise os variados setores do quotidiano regional, desde a política, até à sociedade, economia e desporto. A par do *Prolongamento*, espaço dedicado à análise desportiva regional, surgiram: o *Parlamento* (2009), destinado à discussão das questões da esfera política com a presença de deputados da Assembleia Regional; o *Interesse Público* (2009), direcionado à causa das questões sociais; *Nem Mais Nem Menos* (2009) com a economia regional como tema de conversa e na *Casa das Artes* (2009) a agenda cultural dos principais eventos regionais.

Assistiu-se também, a uma forte aposta na divulgação da cultura madeirense, junto

do seu público, na procura pelas raízes de uma população insular que ainda continuava ligada a tradições que se perpetuavam com o passar do tempo. No *Gente d'Ofício* (2009) foram testemunhados e recordados na primeira pessoa os ofícios tradicionais, característicos do quotidiano madeirense e a partir do *Boa Festa* (2009) e de *Presépios da Madeira* (2009) ficou-se a conhecer um pouco sobre o Natal na casa dos madeirenses, recordando a preparação de algumas das principais iguarias e a montagem dos tradicionais presépios, os momentos que davam brilho e cor à época. Também, de âmbito cultural, destaca-se, ainda, o espaço semanal de leitura sugestiva, *No Fio das Palavras* (2009) e *Cá Nada* (2009). Neste último, Maria Aurora associou-se ao professor universitário Thierry Proença dos Santos para a recolha, divulgação, salvaguarda das expressões populares características do falar madeirense.

Entre os documentários que marcaram o ano de 2009, enumeram-se duas produções que, pela sua enorme qualidade, tiveram grande impacto na divulgação da identidade cultural do património natural da Madeira. A primeira, *Naturalistas de Vulto* (2009) da autoria de Rui Vieira da Silva, procedeu a uma abordagem biográfica dos maiores vultos da exploração científica, aquando da sua passagem pela ilha, durante o Século XIX, na procura de respostas que corroborassem as observações de Charles Darwin. A segunda, *As Ilhas de Darwin* (2009), debruçou-se sobre o autor da *Origem das Espécies* e sua relação com a Madeira, dada a importância da fauna e flora do arquipélago para a composição da teoria Darwiniana.

No entretenimento, houve a contribuição de *Noite de Estrelas* (2009), um novo formato em forma de concurso que veio revelar novos talentos nas áreas da música e da dança, avaliados, quer perante um júri em estúdio, quer por televoto. Outros espaços, nomeadamente a cobertura de eventos de importância a nível regional, mereceram registo através de *Funchal Jazz Festival* (2009), a *Festa do Vinho da Madeira* (2009), o *Funchal a Cantar* (2009), o *Festival do Atlântico* (2009) e a série de espetáculos ao vivo *Noites da Madeira* (2009).

9 – 20 de fevereiro de 2010: os Relatos da Tragédia

A primeira década do Século XXI ficou marcada, no seu final, pela ocorrência de uma das maiores tragédias até então registadas na Madeira, o que a colocou de novo no centro das atenções dos *media*, isto após a catástrofe ocorrida em outubro de 1993. Assim,

como o sucedido há 17 anos, durante uma madrugada, a história repetiu-se, embora com maior impacto, no dia 20 de fevereiro de 2010. Após uma longa noite chuvosa, os caudais das várias ribeiras e seus afluentes da zona sul da região transbordaram e colocaram em perigo várias habitações, tendo arrastado e destruído as mais próximas, totalizando assim 48 perdas humanas. O elevado número de vítimas transformou este acontecimento na pior catástrofe da História da Madeira, o que rapidamente estimulou uma grande onda de solidariedade por todo o país, com diversas iniciativas para a angariação de fundos para a reconstrução da ilha, nomeadamente com vista a apoiar os desalojados que perderam tudo o que tinham e que agora aguardavam pela esperança de voltar a reconstituir as suas vidas.

A tempestade, que assolou inesperadamente a região, chegou durante o fim da madrugada à RTP Madeira com os relatos de várias inundações em várias zonas do Funchal, só que o pior estava por vir, quando o pico de precipitação se registou e se desmoronou encosta abaixo. As coisas aconteceram de forma tão rápida que os repórteres que iriam dar conta do ocorrido depressa se viram inseridos num congestionamento, que, quase, os impossibilitava de sair para o terreno para cobrir o que se passava. Um pouco por toda a ilha, nomeadamente no Funchal e na Ribeira Brava, ouviam-se relatos de inundações, derrocadas, casas destruídas ou arrastadas e pessoas desaparecidas.

A RTP Madeira acompanhou a situação com uma emissão especial, de várias horas para todo o país, transmitida a partir do seu estúdio em Santo António, seguida pela jornalista Tânia Spínola, que divulgou os relatos da tragédia com recurso a informações, acompanhadas por vídeos e imagens impressionantes, recolhidos por populares e que iam chegando à redação. Por sua vez, a equipa de reportagem fazia o possível para alcançar as zonas mais afetadas, mas via-se impossibilitada devido ao difícil acesso, pois a destruição era tanta que os repórteres de imagem e os jornalistas eram obrigados a fazer o ponto de situação por via telefónica, embora com imensas complicações na rede.

Os colaboradores da RTP trabalharam em condições extremas para levar a todo o mundo as imagens da maior aluvião da história recente da Madeira. Virgílio Nóbrega, ex-Chefe do Serviço de Informação da RTP Madeira, no depoimento prestado no documentário sobre os 40 anos do canal, indicou que “na altura tudo aconteceu de forma repentina, como todas as tragédias acontecem. Ninguém estava à espera de uma coisa daquelas”, daí a necessidade “de dar uma resposta em pouco tempo.” Acrescentou que, logo pela manhã, foram enviadas equipas para a rua, tendo em conta diversas situações: a

análise dos pontos mais acessíveis e das zonas mais graves, sem colocar em risco a segurança dos colaboradores, mediante as condições adversas. Ainda assim, durante o início da tarde daquela data fatídica, o trabalho das equipas de reportagem tornou-se menos complicado com o surgimento de melhorias das condições meteorológicas, o que facilitou a realização de vários diretos a partir de algumas das zonas mais prejudicadas, nomeadamente junto ao caudal das principais ribeiras e artérias do Funchal, na Avenida do Mar, e no acompanhamento dos trabalhos de remoção da água retida e entulho, resultantes do grande número de inundações ocorridos em várias lojas comerciais e com maior incidência nos pisos inferiores dos principais centros comerciais da cidade: Anadia Shopping e Oudinot. Virgílio Nóbrega considerou a cobertura dos trágicos acontecimentos do 20 de fevereiro de 2010, “uma missão nobre”, no sentido em que o objetivo do canal em responder aos desejos da população foi cumprido, embora em alguns casos a televisão madeirense não tivesse conseguido alcançar os resultados que desejava. Recordou que, na altura, muitas pessoas se dirigiram ao Centro Regional à procura de apoio para que se filmassem os locais da tragédia na colaboração da procura pelos desaparecidos.

Noutras zonas fora da área citadina, alguns dias após a tempestade, o canal cobriu os trabalhos de limpeza das principais estradas, até então interrompidas, e assim se fazia chegar às localidades que permaneciam isoladas e incontactáveis, desde o dia da catástrofe - o caso das freguesias do Curral das Freiras, Tabua e Serra de Água, esta última duramente devastada e com uma paisagem irreconhecível, após passagem da intempérie de 20 de fevereiro - onde recolheu alguns depoimentos pessoais que transbordaram a mágoa de um dia fatídico. A tragédia na Madeira causou grande impacto mediático devido ao número de vítimas mortais que quase ultrapassou a meia centena, razão pela qual a região se manteve em destaque por algum tempo na abertura dos principais noticiários nacionais, com maior incidência no *Telejornal Madeira*, o que gerou uma grande movimentação de jornalistas das estações privadas na ilha.

A par do reconhecimento do excelente trabalho, demonstrado pela equipa de jornalistas na cobertura da aluvião do dia 20 de fevereiro de 2010, a questão em torno da missão da RTP Madeira foi, também, tema de conversa n’ *A Voz do Cidadão*⁷⁶ (2006), o programa do provedor do telespectador da RTP, na altura, liderado por Paquete de Oliveira. A emissão, dedicada ao canal regional, surgiu pelo facto de a região ter estado em

⁷⁶ Programa emitido no dia 27 de março de 2010 na RTP 1.

destaque nos *media* nacionais, devido à intempérie ocorrida nesse mesmo ano, tendo o provedor do telespectador aproveitado a oportunidade para louvar o excelente desempenho demonstrado pela RTP Madeira na cobertura dos acontecimentos nos dias trágicos. A emissão, que procurava compreender qual a missão da RTP Madeira, como parte integrante do universo nacional de um operador de serviço público, contou com o depoimento de jovens estudantes madeirenses a residir em Lisboa, que opinaram sobre o serviço prestado pelo canal. No meio de várias críticas quanto à falta de inovação, pouca abrangência no tratamento de assuntos locais e deficiências a nível da página da Internet, a que mais sobressaiu estava relacionada com a não inclusão do canal na rede nacional por Cabo ou na Internet. Num testemunho do programa ouviu-se, insistentemente, que “é fundamental, para a região e para os conteúdos produzidos na RTP Madeira, que existisse a oportunidade de a partir do seu próprio *site* ter acesso à emissão online, para melhor divulgar os seus conteúdos.” Houve, também, pontos a favor, nomeadamente na produção regional que se articulava, assertivamente, com o quotidiano madeirense. Também, se ouviram elogios à qualidade da informação, acrescida de ano para ano, e aos jornalistas que a produzem. Contudo, na perspetiva de Paquete de Oliveira, ainda existem três desejos que deveriam ser cumpridos pela RTP Madeira para que a sua missão atinja os objetivos pretendidos, enquanto canal regional: o primeiro, tem a ver com “a informação que deveria ser mais abrangente sobre os eventos e problemáticas da região; o segundo, consiste na aposta numa “maior e mais produção local de programas”; e por fim, o terceiro, salientado pelo ex-provedor do telespectador da RTP, “uma presença da RTP Madeira, via canal da Cabo e pelo menos via Internet.”

Ainda assim, no meio de algumas metas por alcançar, julgamos pertinente acrescentar que o trabalho prestado pelo serviço televisivo madeirense refletiu grande crescimento a nível da qualidade, que traduz uma visão real da vida na ilha, embora, ultimamente se tenha optado pelo erro dos programas dos “sentados no estúdio” em detrimento de sair à rua numa tentativa de proximidade com a região e suas gentes.

Também se torna imprescindível, sublinhar a reflexão deixada por Paquete de Oliveira, no final do seu programa dedicado ao Centro Regional, na qual indica que “no atual contexto do sistema mundial dos audiovisuais, os objetivos que levaram à criação da RTP Madeira terão de ser redefinidos.” E acrescenta, que “não basta levar a RTP nacional a territórios de condições específicas e com autonomia politicamente consagrada”, numa

altura em que se torna “inevitável, que para evitar erros programados e frustrações das populações, se esclareça, muito concretamente, o que se exige, e o que se espera, em conteúdos de informação e programas de uma RTP Madeira com o estatuto de serviço público.”⁷⁷ Nesta situação, julga-se que um canal regional que está dependente do serviço público de televisão deverá procurar manter-se atualizado e sempre em sintonia com o seu público, pois, hoje, a distância não é um impedimento nem desculpa para fazer chegar aos madeirenses que estão longe, quer seja em Portugal Continental ou no estrangeiro, os conteúdos disponibilizados pelo serviço televisivo.

10 – Programação Fundamentada no Serviço Público de Televisão

Durante 2010, a informação da RTP Madeira não ficou apenas marcada pela intempérie de 20 de fevereiro, que, indiscutivelmente, ocupou grande parte dos programas de informação do canal. Neste sector houve a contribuição de pequenos espaços de atualização de notícias ao longo do dia, com *Madeira Num Minuto* (2010), e a continuidade dos programas de debate que, após o *Telejornal Madeira* entravam em emissão com novas rubricas e convidados em estúdio, aos quais se junta um novo título, o *Em Entrevista* (2010), que, à semelhança do seu homólogo da RTP 1, convidava a falar figuras de destaque de vários quadrantes da vida política e social da região.

No entretenimento, as novidades verificaram-se no fim de tarde do canal com a estreia do *talk show Madeira Viva* (2010), programa de temática diversificada que veio substituir, a partir de outubro, o antigo *Lado a Lado*. Pela sua apresentação passaram várias caras do canal, entre elas, Sofia Relvas, Nuno Morna, Teresa Mizon, Noémia Gonçalves e Xana Abreu, que na companhia de diversos convidados discutiam temas atuais e do interesse de todos, como sejam os relacionados com a defesa do consumidor, os de natureza jurídica, cultura e social, com a presença de momentos musicais e de humor. Noutras vertentes, produziu-se o *Caça ao Talento* (2010), iniciativa organizada pela Câmara Municipal da Ponta do Sol e transmitida a partir do concelho, cujo objetivo permitiu a descoberta de novos talentos nas mais diversas manifestações artísticas desde a música às artes plásticas.

Já no que diz respeito à programação, essencialmente, destinada à cultura local foi mantida a aposta na informação sobre esta temática no espaço *Casa das Artes*, assim como

⁷⁷ Declarações de Paquete de Oliveira no programa *A Voz do Cidadão*, emissão do dia 27 de março de 2010.

no regresso de uma nova temporada do magazine *Cine Parque*, apresentado por Teresa Mizon, que nos trouxe a agenda semanal dos filmes em estreia nos cinemas e na programação da RTP Madeira. Para enriquecer ainda mais este sector, foram feitos diretos a partir da “Feira do Livro” e do “Festival Internacional de Cinema do Funchal 2010”, além da produção de novos programas. Em *Sabores da Madeira* (2010), a gastronomia madeirense esteve em cartaz, com a presença de conceituados chefes de cozinha da região que levaram até nós as receitas da terra feitas à base de produtos locais. O *Gente Como Nós* (2010), da autoria de Patrícia Lencastre, trouxe histórias de gentes da ilha com testemunhos inéditos de pessoas que relatavam as dificuldades sentidas ao longo da sua vida, mas que conseguiram ultrapassar com o auxílio de organizações e instituições que trabalham diariamente para ajudar quem mais precisa e que aqui, neste espaço, foram divulgadas. Também da mesma autora, *Letras e Histórias* (2010) percorreu histórias de algumas publicações da Literatura Madeirense, edifícios históricos e atividades tradicionais que ainda persistem, num programa onde a confluência cultural esteve em destaque. E em ano de comemoração do centenário da Implantação da República, a História, sobre *A Madeira e a República* (2010) foi apresentada por Francisco Faria Paulino num documentário de quatro episódios que formalizou o serviço público de televisão de excelência desenvolvido pelo canal regional, isto numa altura em que o serviço televisivo prestado pela estação pública esteve em causa, devido à sua proximidade com a oferta das estações privadas.

A atual oferta informativa da RTP Madeira

Considerada, inicialmente, como uma das áreas de maior interesse, a oferta informativa da RTP Madeira, emitida em horário noturno e ao ritmo semanal, sempre foi uma marca regionalizada do canal, pela sua grande diferença, facto que se distingue pelo modo como o jornalista narra os assuntos e legitima os acontecimentos, o que é sempre tido em conta por parte do telespectador. O *Telejornal Madeira*, em antena desde 1972, é um espaço de excelência do canal e atualmente assenta num tipo de jornalismo estruturado para abordar os principais acontecimentos de âmbito regional e de natureza política e partidária com relevância para a sociedade madeirense. Todavia, é de salientar que o maior número de notícias se relaciona com a atualidade política dos vários partidos madeirenses, onde se dá primazia às intervenções dos vários líderes partidários a partir de peças

jornalísticas tão superficiais, quase com uma duração de segundos, em detrimento de um serviço informativo prestado bem estruturado, assente no rigor e objetividade. Verifica-se da mesma forma, uma maior predominância de peças jornalísticas produzidas na área citadina, apartando as zonas rurais, onde por vezes surgem acontecimentos e problemas que merecem alguma cobertura televisiva. Muitas vezes a televisão tende, apenas, a refletir e a amplificar as aparências visuais e sonoras sem penetrar verdadeiramente no núcleo gerador dessas aparências, com vista a garantir os resultados pretendidos. No entanto, o jornalismo deve ser baseado na imparcialidade e objetividade, cabendo aos jornalistas e ao pivô que apresenta o telejornal o papel de elemento transmissor da veracidade da notícia para fazê-la chegar sem deturpações junto dos ouvintes.

Noutros planos, surgem alguns dos problemas que assolam a região, nomeadamente as situações de insustentabilidade das famílias e o desemprego em geral, e em particular nos jovens, como resultado da profunda crise financeira que o país atravessa e cujas medidas de austeridade tendem em não reverter a situação deplorável, onde através do acompanhamento de vários destes casos a televisão nos pôs a par das dificuldades existentes. Estas são questões sociais que mereceram profundo destaque pela RTP Madeira, num momento em que o canal também atravessa uma fase de retrocesso com a diminuição do tempo de emissão da produção regional em consequência das alterações, propostas pelo XIX Governo da República, assentes numa redução das transferências da estação pública para os Centros de Produção.

O regresso aos primórdios do canal: Emissão das 19 às 23 horas

Sob comando de Miguel Relvas, Ministro dos Assuntos Parlamentares, foi formado o polémico grupo de trabalho para definição do Serviço Público da RTP, liderado pelo economista João Duque, no qual se afirmou, segundo o relatório, que “a missão histórica” da RTP Madeira e RTP Açores estava “terminada”, o que traduz uma conclusão bastante precipitada e sem qualquer fundamento. Com base nesta avaliação, que se adivinhou inconclusiva, foi definida uma reformulação na programação da RTP Madeira, que se assentou numa emissão de apenas quatro horas, destinada à produção regional, ficando a restante parte da grelha, entre as 6:30 e as 19:00, reservada à retransmissão da RTP Informação. Assistimos, portanto, a uma grelha de programação muito reduzida em conteúdos e limitada à informação, pois a televisão regional foi convertida numa espécie

de RTP Madeira Informação, sem margem para emitir conteúdos próprios durante o horário diurno, conforme se pode ler num dos periódicos da região:

Quando se anunciaram as regras e o cortes para os seis canais da RTP foi dito que os centros regionais dos Açores e da Madeira passariam a transmitir produção regional apenas numa janela diária de quatro horas. Ou seja, entre as 19 e as 23 horas. Na Madeira, a produção regional foi sendo adaptada a este novo horário.

A redução nos programas regionais tinha começado antes mesmo do anúncio do ministro da tutela. A nova grelha, apresentada depois das eleições regionais de outubro, dispensou programas e colaboradores. De fora do horário 19-23 horas, tinham ficado as repetições de programas e o noticiário regional das duas da tarde. (*Diário de Notícias da Madeira*, 05-01-2012: 2)

A televisão pública na Madeira vê-se, assim, obrigada a extinguir alguns dos noticiários com emissão durante a programação diurna, nomeadamente o bloco noticioso das 14:00 que já de si tinha uma duração reduzida. Aliás, o canal já o tinha feito antes, com outro programa, o *Bom Dia Madeira*, emitido entre 2006 e 2011, um espaço noticioso muito semelhante ao seu congénere da RTP 1, *Bom Dia Portugal*, que trazia até nós as primeiras notícias do dia com informações sobre o trânsito em circulação nas principais Vias Expresso da região, estado do tempo e um olhar sobre as primeiras páginas dos periódicos locais e que cumpria, esplendorosamente, o seu dever de serviço público para com a população regional. A partir de então, a RTP Madeira passou apenas a ter dois espaços de informação: um às 19:00, o primeiro noticiário do dia, seguido de um outro às 21:00, o *Telejornal Madeira*, o principal da estação televisiva, isto durante o período de emissão de produção regional vigente entre as 19:00 e as 23:00. Desta forma, a televisão madeirense ficou limitada a um período de emissão de apenas 4 horas, o que nos faz recordar as primeiras emissões do canal em 1972, cuja duração oscilava dentro do mesmo, embora com uma programação revestida de conteúdos vindos de Lisboa.

11 – Grande Incêndio é Tema de Emissão Especial Para Todo o País

Dois anos após a trágica tempestade na região, foram-se as torrentes de água e chegaram as línguas de fogo. O ano, que já começara em situação de seca extrema, revelou-se pior durante o verão com as temperaturas a atingir valores bastante altos nunca sentidos. Derivado destas circunstâncias, às quais se juntam os indícios de mão criminosa, surgiram as chamas de grandes proporções que atingiram várias localidades da ilha da Madeira. O foco de incêndio mais grave ocorreu no dia 18 de julho no Funchal e o

Telejornal da Madeira deixou o alerta à população: “incêndio de grandes dimensões na zona do Palheiro Ferreiro ameaça casas e a vida das pessoas.”⁷⁸ A situação que ocorreu ao cair da noite ficou bastante gravosa e as chamas começaram a aproximar-se das zonas habitacionais, pelo que os bombeiros existentes não eram suficientes para extinguir o incêndio que inundara o Funchal, originando uma imensa nuvem de fumo. Os jornalistas da RTP Madeira depressa se apresentaram ao local e pelas 22:48 horas era dado início à emissão especial que acompanhou de perto o trabalho árduo dos bombeiros e o terror instalado na população que se via mergulhada num inferno que não dava tréguas. Durante duas horas, o bloco de informação especial da RTP Madeira esteve em contacto com os jornalistas espalhados pelos vários locais atingidos pelas chamas na recolha de depoimentos e a ultimar as condições em que se encontravam os focos de incêndio. A emissão, que foi líder de audiências, entrou em simultâneo com a RTP 1 e RTP Informação, e foi considerada pelos altos dirigentes da estação pública como uma cobertura exemplar, comparável ao serviço prestado pelo canal aquando do 20 de fevereiro de 2010. Tais elogios, à prestação da informação regional, demonstram a aptidão e a eficiência da equipa jornalística da RTP Madeira na cobertura de determinados eventos, sejam eles trágicos ou festivos, fazendo uso dos meios técnicos que tem ao seu dispor.

12 – Presente Uniformizado

Apesar do decréscimo da emissão, destinada à produção regional, são vários os programas que ainda hoje marcam presença na programação da RTP Madeira, entre outras novidades que ponderam surgir. *Madeira Viva*, *Irreverência*, *Saudades da Terra*, *Atlântida*, *Olhar Indiscreto*, *Espaço Memória*, *Dossier de Imprensa*, *Em Reportagem*, *Parlamento*, *Passeio Público* e *Pátio dos Estudantes*, compõem uma lista de espaços que, segundo Martim Santos, atual diretor do Centro Regional:

[...] é uma grelha transversal aos vários setores de atividade (economia, política, desporto, saúde, cultura, entre outros) mas pode ser melhorada com pequenos ajustamentos. Vamos alargar a emissão diária, que passará a ter início às 17 horas. Vamos também introduzir um “Espaço Memória” quinzenal, um formato de Saúde e ainda um novo programa de Cidadania. (*Diário de Notícias da Madeira*, 06-08-2012: 5)

⁷⁸ Notícia de abertura da emissão especial sobre o grande incêndio no Funchal, 18 de julho de 2012.

Atualmente, a RTP Madeira continua a sua missão de levar aos madeirenses os aspetos de grande relevância do quotidiano insular, isto, na era em que completa os seus 40 anos de existência, uma data assinalável e com História entre os *media* portugueses, pois a RTP Madeira consta entre os canais de televisão mais antigos de Portugal. Para Martim Santos é:

[...] consensual a importância que a RTP Madeira assumiu na História mais recente da Madeira e do Porto Santo: a afirmação do seu processo autonómico; reforço da coesão e identidade regional; valorização da nossa cultura, gentes e costumes, e acima de tudo na promoção do Porto Santo e Madeira.⁷⁹

O canal regional acarreta uma responsabilidade acrescida, enquanto meio de comunicação representativo da Região Autónoma, dentro e fora do espaço insular, pelo que a sua inexistência seria reflexo de uma vida sem quotidiano, o que levaria à perda do sentido de autonomia presente no povo da região.

Das políticas de austeridade à incerteza face ao futuro do canal

Na televisão madeirense cumpriram-se 40 anos de emissões, feitas de programas que hoje constituem uma enorme referência. Da sua história sobressaem pequenos e grandes comunicadores que deixaram a sua marca no canal, tudo o que possibilitou a edificação da televisão que temos hoje, quase autónoma, que trabalha independentemente para espelhar a contemporaneidade madeirense. Várias situações de impasse, a par das medidas providenciadas pelo XIX Governo Constitucional, nomeadamente a questão da privatização de um canal da estação pública de televisão e a redução do número de horas das emissões de produção regional, fazem-nos questionar o seguinte: Será este tempo de emissão o suficiente para uma televisão regional com uma programação cada vez mais restrita? E com a atual conjuntura económica, que futuro estará reservado para a RTP Madeira? O que se espera que aconteça ao canal e à sua função mediadora de prestação do Serviço Público de televisão na Região Autónoma da Madeira, com a privatização ou concessão de um dos canais da RTP? Manterá o mesmo serviço a que estamos habituados, ou terá de enveredar por outros caminhos? São questões para as quais deveremos aguardar

⁷⁹ Documentário *RTP Madeira 40 Anos* (2012) transmitido pela RTP Madeira a 6 de agosto de 2012.

respostas, dependentes de decisões governamentais que ainda demoram a ser tomadas. Entretanto, deveremos considerar que com a privatização de um canal da RTP, seja ele o canal 1 ou 2, a estação pública passa a despende menos dinheiro, desfazendo-se de um, e assim acumulando apenas um canal entre os restantes que já possui. Quanto à sua interferência na RTP Madeira, espera-se que venha a possibilitar uma maior atenção aos canais regionais que têm vindo a cair no esquecimento, numa altura em que muito se especula acerca da polémica empresa do Estado. Se em tempos se falou em privatização, também, se argumentou sobre a concessão, esta última vista como uma solução absurda e sem qualquer fundamentação lógica, que põe em causa a continuidade da RTP e a qualidade do serviço público de televisão que passa, assim, a ser definido pelo concessionário. E quais os efeitos de uma concessão da empresa pública de televisão na RTP Madeira? Muitos apontam que uma concessão da RTP poria fim ao canal regional ou até, mais concretamente, à sua regionalização, passando assim a estar subordinado ao Governo Regional que, possivelmente, faria do canal um mero instrumento político, o que não constitui a melhor alternativa para o serviço televisivo local que deverá representar todas as forças políticas de igual modo.

RTP Madeira: Serviço televisivo a manter e a melhorar

Nuno Santos, então diretor de Informação da estação pública, em entrevista ao *Telejornal Madeira*, do dia 6 de agosto de 2012, aludiu à importância da RTP Madeira enquanto matriz regional de televisão, fundamental para a população residente no arquipélago, na medida em que é no noticiário regional transmitido pelo canal “que os madeirenses se reveem, também, porque estão aqui as notícias da sua região”, o que significa que o canal é indissociável de uma camada social que já o acompanha há quase meio século. Na questão da privatização, Nuno Santos admitiu a alienação de um canal em aberto, que tanto pode ser a RTP 1 ou a RTP 2, o que levará, indiscutivelmente, “a redesenhar aquilo que é a oferta pública de televisão.” O diretor de Informação, na referida entrevista, ainda adiantou o que não está em causa num contexto de privatização: “A nossa oferta internacional deve ser melhorada (...) RTP Internacional, RTP África, a nossa oferta regional tem de ser melhorada, mas não está em causa.” Isto aponta para a possibilidade da continuidade do serviço televisivo prestado pelos canais regionais, mas é algo que diz respeito a decisões políticas que demoram o seu tempo, embora as últimas informações

adiantadas aparentassem ter-se iniciado em meras especulações.

Mediante os factos surgem questões que devem ser postas à prova dentro do Centro Regional para que consiga responder aos desafios que se anteveem. Apesar do bom trabalho que tem vindo a ser feito na informação, Nuno Santos afirmou o seguinte:

Um dos primeiros desafios do canal é fazer pleno uso dos seus bons profissionais para depois no ponto de vista técnico e tecnológico reequipar o Centro Regional da Madeira. Torná-lo mais ágil para estar próximo dos cidadãos e, hoje em dia, com a forma como se implantaram as redes sociais a televisão necessariamente tem que ser mais próxima das pessoas.⁸⁰

Já Armindo Abreu, numa entrevista cedida ao *Diário de Noticias da Madeira*, defendia para a RTP Madeira o seguimento do exemplo da TV Galiza, onde a atualidade internacional e regional compõe a informação do canal. Na sua perspetiva, na RTP Madeira “faz-se uma televisão muito local, demasiado cingida aos aspetos regionais e presa a assuntos marginais”, o que faz transparecer a ideia de o canal regional estar muito sujeito ao local no qual opera, sem querer aventurar-se em novos rumos fazendo pleno uso dos bons profissionais que garantem um trabalho “honesto e interessado”⁸¹.

Assim, tendo como exemplo alguns casos de sucesso de canais regionais a nível europeu ou mundial, a RTP Madeira deverá acompanhar, pertinentemente, a evolução tecnológica para assim estar ao nível dos grandes canais televisivos e, caso isso não aconteça, corre sério risco de extinção, isto devido à crescente rejeição ao canal verificada por parte dos seus seguidores. Quem vê televisão, hoje em dia, está cada vez mais exigente e mantém preferência pelo visionamento de programas em alta qualidade, ou até em seguir a emissão a partir da Internet. Em contraposição aos diversos canais televisivos, a Internet tem sido um meio de proliferação de canais ditos regionais que procuram aventurar-se no mercado audiovisual na conquista de grande número de aficionados. Na Madeira, o canal “Naminhaterra.com” tem sido um caso de sucesso, tanto na região como a nível mundial entre as comunidades de emigrantes, dada a sua aposta em aproximar os madeirenses das suas raízes através da transmissão direta de grandes eventos regionais, algo que, legitimamente, deveria ser primazia da RTP Madeira, enquanto canal regional responsável

⁸⁰ Nuno Santos em entrevista ao *Telejornal Madeira* do dia 6 de agosto de 2012.

⁸¹ Entrevista a Armindo Abreu in Revista do *Diário de Noticias da Madeira*, edição número 43 953, 2 de janeiro de 2012, p. 6.

pela cobertura total e divulgação de todos os acontecimentos de pequena e grande escala da região. Neste sentido, a RTP Madeira deve continuar a sua aposta na produção regional, no entanto deverá tentar ramificá-la de modo a não esquecer as mais variadas áreas, sem se ater apenas à informação, à discussão de questões políticas ou de âmbito desportivo e social, mas, igualmente, procurando entrar em diálogo com a população e em contato direto com os grandes acontecimentos festivos, sejam eles de cariz cultural ou religioso, que são do interesse de todos os habitantes locais.

CONCLUSÃO

A chegada da televisão à Madeira, em 1972, constituiu um importante marco na história recente da região, pois incutiu novo alento ao quotidiano madeirense, ao mesmo tempo que, também, contribuiu positivamente para alavancar o progresso da ilha, até então marcada pelo atraso nos mais variados setores.

Sem qualquer sombra de dúvida, o maior entrave na inserção de um canal de televisão na Madeira prendia-se com o atraso da região relativamente ao país. Apesar de todo o aparato em torno desta conquista, ficava no ar uma questão/problema: nem toda a população madeirense teria recursos económicos para adquirir uma televisão com o intuito de assistir às emissões televisivas. Com uma população maioritariamente ruralizada e sem meios financeiros, apenas as camadas sociais mais favorecidas puderam ver as primeiras emissões da RTP Madeira. Contudo, a grande evolução da economia regional, aliada à aposta no turismo, a melhoria dos acessos e das condições de vida dos madeirenses, além da emigração para o estrangeiro e o retorno dos emigrantes com melhores condições económicas, perspetivaram a extensão das emissões televisivas às populações rurais do arquipélago, o que se repercutiu numa mudança nos seus hábitos de vida. Assim, a vida inteiramente passada nos campos de cultivo deixou de durar dias inteiros, pois a “caixa mágica” captou o interesse de uma região que se deixou prender a uma janela para o mundo.

Na perspetiva de Dora Mota (2005), a criação dos canais regionais foi um acontecimento que ocorreu devido ao facto de Portugal não ter ficado “alheio ao movimento de descentralização dos *media* que, embora tardiamente em relação a outros países europeus, alimentou projetos de dimensão regional e local” (2005:134). Nestas circunstâncias, o “regional” e o “local”, revestidos de características unas que acentuam a proximidade com as suas gentes, passaram a ser espaços de ampla importância no contexto dos *media*, lugares que, apesar do isolamento face aos grandes núcleos citadinos, ostentam a “diferença”, ideia-chave defendida por Peruzzo. No caso em análise, os traços que definem a singularidade da cultura madeirense e o isolamento da região, relativamente ao território continental, constituem as características fulcrais para a implementação do serviço televisivo de proximidade.

Por via da empresa mãe, a RTP Madeira nasceu com a missão de representar e servir a população madeirense com o intuito de que esta se reconheça e se identifique com

o seu próprio canal. Após um início muito conturbado, devido ao atraso das obras de implementação das infraestruturas, que possibilitaram a difusão do sinal televisivo por toda a região, e uma breve fase de testes, a RTP Madeira testou com bastante sucesso a estreia das emissões numa altura em que a rádio dominava a preferência dos habitantes locais. A primeira programação era, na sua totalidade, fornecida pela RTP1 e consistia em programas já transmitidos em Lisboa e que agora exibidos na Madeira ocupavam as tardes e as noites dos madeirenses. Informação, magazines culturais, transmissões desportivas, séries internacionais, cinema estrangeiro e teatro português compunham o dia a dia de cada emissão, que com o passar dos anos, adquiria novos contornos, embora com uma fraca aposta na produção própria. Ainda assim, de índole local, no início do seu percurso fez-se o *Telejornal* regional com um estilo simplesmente radiofónico, composto por notícias transmitidas no dia anterior no Continente, posteriormente apresentadas em planos de direto pelos primeiros jornalistas do canal: Ramos Teixeira e Armindo Abreu, hoje reconhecidos como as principais caras dos primórdios da televisão madeirense.

Abriu-se, assim, uma nova página na História da Madeira e uma janela da região para o mundo. A Madeira deixava de estar incomunicável, apesar de estar isolada do resto país, e passava agora a fazer parte daquilo a que designamos por “aldeia global”. Estabeleceu-se uma aproximação que permitiu encurtar a distância entre o arquipélago e Continente, pois a população madeirense, apesar do atraso económico sentido no último quartel do século XX, sempre se sentiu esquecida pelos seus conterrâneos de Lisboa, e com a quebra dessa barreira, os acontecimentos que marcavam o dia a dia do país e do mundo chegavam à região numa reprodução instantânea de imagens e sons por conta das emissões da RTP Madeira.

Com a RTP Madeira chegaram os programas que já tinham conquistado o público português e que agora se tornavam num enorme êxito na região, onde era quase nula a produção própria, que apenas começava a compor-se, em 1976, com a produção do programa *Dentro do Espaço e do Tempo*, de Horácio Bento de Gouveia. É também na década de 70, mais propriamente em 1977, que chegava à Madeira um novo tipo de conteúdo que viria a revolucionar a televisão portuguesa, e que ajudou a cativar ainda mais a atenção dos telespectadores: a telenovela, um género importado do Brasil e que perdurou até ao presente. *Gabriela* (1975), a primeira do género a ser exibida em Portugal, foi detentora de um número recorde de audiências. Após ter sido transmitida pela RTP 1 em

1977 chegava à RTP Madeira, nesse mesmo ano, em horário nobre e com igual impacto junto do público. Ainda nesta década inicial da televisão madeirense, o jornalismo regional foi testado na cobertura dos fatídicos acidentes aéreos, ao revelar ao mundo imagens e testemunhos impressionantes, daquelas que foram as piores tragédias de sempre na aviação em Portugal.

Durante a década de 80, a RTP Madeira enceta uma fase de expansão, que teve início, primeiramente, com a extensão das emissões televisivas às zonas rurais, com a implementação de novos retransmissores nos locais distantes do Funchal, seguida da introdução de novos equipamentos de ordem técnica que por si fomentaram o incremento da produção própria. O grande salto qualitativo ocorria, também, devido à introdução das emissões a cores a 24 de setembro de 1982 e, conseqüentemente, graças à inauguração da estação terrena da Marconi da Madeira que veio pôr fim aos telejornais “enlatados” apoiados, até então, com imagens de véspera trazidas de Lisboa. O aparecimento deste satélite trouxe maior dinâmica na troca de notícias entre a Madeira, Açores e Continente e possibilitou a transmissão direta de todos os programas de atualidade e em simultâneo nos vários canais da RTP. Todavia, ainda, no início da década em questão e por ordem do Decreto-lei n.º 165/80, de 24 de maio, a então Delegação da RTP Madeira sofre algumas alterações quanto à sua administração e passa a beneficiar de um regime especial na sua representação com a criação do Centro Regional da Madeira, ficando provido de competência para a produção de conteúdos televisivos e dotado de autonomia e gestão financeira. As mudanças propiciaram uma maior aposta nos conteúdos de produção própria com realce para a informação e na cobertura de trabalhos em direto do exterior, entre os quais se assinalam a comemoração do Dia da Região e o início das transmissões anuais do cortejo da Festa da Flor e do fogo de artifício de Fim de Ano.

A maior transformação verificada no Centro Regional da Madeira, entre todos os momentos proveitosos da sua evolução ao longo da sua existência, culminou com o feito apoteótico que ocorreu com a inauguração da nova sede do canal sita na freguesia de Santo António durante os anos noventa. Perante um espaço bastante amplo e magnífico, dotado da mais avançada tecnologia e com tudo o que uma sede televisiva necessita para procurar servir o seu público, a RTP Madeira ostentava meios capazes de ombrear com a estação pública, o que em si abriu novos rumos para maior aposta na produção regional, uma garantia para a sua afirmação entre o seu público-alvo. Contudo, antes da mudança

para a nova casa, ocorrida em 1995, as últimas produções realizadas na antiga sede da Rua das Maravilhas fizeram história na televisão madeirense. O património cultural e natural da Madeira foi edificado e divulgado numa vasta série de documentários que honraram a programação da nossa televisão. Alguns destes projetos, que enobreceram a produção regional, tiveram mesmo o privilégio, embora uns mais que outros, de ser transmitidos para todo o mundo por via da RTP Internacional, numa parceria que ainda hoje continua. Contudo, foi, também, nesta altura que o canal começou a enfrentar os primeiros problemas a nível da queda das audiências com o afastamento do seu, até então, fiel público para os canais de televisão por Cabo ou para a RTP 1, cuja emissão passou a estar disponível em sinal analógico na região desde 1996, em simultâneo com a da RTP Madeira.

É indiscutível dizer-se, que foi durante a primeira década do século XXI, que a RTP Madeira experienciou o seu melhor momento em termos de produção regional. A par da continuidade da linha de programação seguida em finais dos anos 90, no início do novo milénio, o canal aumentou significativamente a produção própria para assim prender os telespectadores à sua televisão, numa época marcada pela grande propagação do número de assinantes da televisão por Cabo. Assim, face a esta realidade, alargou-se a emissão diária com a criação de novos blocos de notícias, investiu-se em espaços de informação e debate, fomentou-se a rotatividade nos *talk shows* e apostou-se, fortemente, na produção de documentários, magazines culturais e emissões especiais a partir de eventos de grande importância para a região. A nova era trouxe uma pulverização de programas, que na sua grande parte são dignos exemplos de um Serviço Público de televisão. E o mesmo serviço público foi adotado na forma como a RTP Madeira efetuou a cobertura da tragédia de 20 de fevereiro de 2010. Durante uma alargada emissão especial, dedicada ao trágico acontecimento, os jornalistas efetuaram um trabalho eficiente, em direto para todo o país, na divulgação das suas reportagens com as imagens de uma das maiores catástrofes sem precedentes na História da Madeira.

No meio de um percurso considerado notável, a RTP Madeira vive, atualmente, quase sem rumo, mediante tantas questões polémicas que envolvem a gestão da estação pública: de um lado, o processo de privatização da televisão do Estado; e de outro, o tão criticado serviço televisivo prestado pela RTP. Eduardo Cintra Torres (2011), grande estudioso das questões ligadas ao Serviço Público de televisão, esclarece que “a grande

transformação sofrida pelo serviço público de televisão ao longo do tempo, hoje, em nada corresponde ao conceito, inicialmente, pensado que consistia na educação, informação e distração.”⁸² Por imposição da rápida evolução tecnológica e pelo desenvolvimento do meio, criou-se um potencial explosivo de programas em quantidade e com qualidade que alterou radicalmente esse notável conceito, tornando-o decadente. Desta forma, assistimos no panorama televisivo português a programas que em nada contribuem para o enriquecimento cultural da sociedade, e que de certa forma o empobrecem, pois preenchem cada vez mais os espaços que deveriam ser dedicados a conteúdos que deveriam ser definidos por iniciativa do público, algo que felizmente não se verifica exageradamente na RTP Madeira, e que se cinge a alguma da programação da RTP 1.

Cintra Torres define serviço público como “um serviço prestado por iniciativa do Estado e da sociedade civil que os privados por si não podem ou não querem prestar”⁸³, que contraria a atual oferta televisiva da estação pública, que não tem respeitado as normas convencionadas pelo serviço público, dado que “Há mais de meio século, o operador de serviço público é a RTP”, e na perspetiva de Torres “a RTP é vista como a empresa do Estado a quem compete pôr em prática a legislação a respeito do serviço público” (2011:100).

O serviço televisivo prestado pela RTP, incluindo, também, o da televisão madeirense, tem sido motivo gerador de críticas por parte de estudiosos da área, que se insurgem contra aquilo a que chamam de mau uso do financiamento do Estado, oriundo dos contribuintes dos portugueses. Contudo, para a resolução destas questões, devemos ter em conta o tipo de programação a definir para os canais públicos, consoante a obediência de algumas regras específicas.

Ainda sobre o serviço público de televisão, uma das questões mais polémicas que se debateu em torno do universo da estação pública na primeira década do Século XXI, Giuseppe Richeri (1994: 59-60), grande investigador da economia política dos *media* e a história social das comunicação, em *La Transición de la televisión - análisis del audiovisual como empresa de comunicación*, aponta uma série de tarefas para o seu cumprimento: responder à diversidade das exigências do público, oferecendo programas de

⁸² Segundo o texto “Uma solução para o serviço público de televisão”, que faz parte da sua intervenção realizada no colóquio “Audiovisual - Que estratégia”, numa iniciativa do grupo parlamentar do PS que teve lugar na Assembleia da República, a 25 de junho de 2001.

⁸³ TORRES, Cintra, “Uma solução para o serviço público de televisão”, 2001.

qualidade e alternativas à programação estereotipada das estações privadas; promover a inovação dos programas; criar novos canais para a interação com o público; apresentar as especificidades culturais, sociais e regionais espalhadas pelo país e prestar uma informação equilibrada, plural e autónoma sobre os principais temas políticos, sociais e culturais com interesse público. A RTP Madeira, enquanto emissora descentralizada da estação pública, é aqui chamada a executar uma série de desafios que lhe são propostos no âmbito da prestação de um serviço de qualidade e que seja do total interesse dos seus seguidores.

A par destes mesmos reptos, surgem as ideias complementares, dos operadores públicos, Jay Blumler e Wolfgang Hoffman-Riem (1992: 202-217) que traçam as linhas de identidade da televisão a partir de três vetores: cultural, político e social. Como instituição cultural, a televisão pública e seus canais adjacentes devem assumir um importante papel na reprodução e renovação dos valores culturais. Blumler e Hoffman-Riem reservam-lhe a responsabilidade de incluir na sua grelha de programação espaços alargados para o debate e análise de áreas culturalmente significativas.

Tendo em conta as declarações destes investigadores internacionais na área da comunicação, conclui-se que em Portugal o serviço público prestado pela estação pública e seus canais adjacentes ainda tem muito que aprender, pois olhando diariamente para a sua programação, a interrogação é inevitável: onde está a televisão dita de “referência” ou a programação alternativa à televisão comercial? Cada vez mais se assiste à tentação da clonagem relativamente àquilo que se faz nos privados, como forma de enveredar por estratégias de confronto ou por estratégias de identificação com as estações privadas.

Contudo, apesar das anomalias do serviço público de televisão oferecido pelos canais da estação pública, devemos encarar a televisão como uma instituição que gera emprego e mobiliza a criatividade de muitas pessoas, como sugere Cintra Torres. O investigador ainda vai mais longe e encara a televisão como cultura e atribui-lhe o mesmo papel praticado pelas indústrias culturais, que assente na criatividade é capaz de movimentar os diversos agentes institucionais que a rodeiam, concedendo-lhe, assim, o poder de mobilizar a cultura de um país ou de uma região. Segundo Cintra Torres:

[...] cultura é, num sentido lato, a produção e circulação de sentidos, significados e consciência, então a TV é, no essencial, um conjunto de bens culturais, os *conteúdos*. Mas eles são criações coletivas, como noutros *media* e atividades culturais (cinema, imprensa, teatro, etc.), envolvem equipamentos, serviços, equipas, estúdios, adereços, direitos – tudo isso antes de chegarem à sua distribuição por operadores próprios, em

geral o que chamamos canais de TV, os quais também envolvem equipas, serviços, licenças... Quer dizer, a TV é uma *indústria cultural*; envolve a gestão da criatividade. Não se pode ignorar o seu lado institucional, a dimensão industrial e empresarial. No binómio *indústria e cultura*, os termos dependem um do outro: a TV são bens criativos criados por equipas de criativos envolvidos em empresas; e esses conteúdos existem no quadro de um dispositivo industrial. A faceta empresarial está presente em todas as produções. (TORRES, 2011: 19-20)

Desta forma devemos encarar a televisão como veículo promotor e criador da cultura, que, aliada à função de “cimento social”, reúne os cidadãos de uma comunidade em prol da defesa dos seus valores e promove o conhecimento e as dinâmicas que movem os homens do país. O mesmo é extensível aos canais regionais que são representativos de uma região e de uma população minoritária que, também, acarreta um valioso espólio cultural que exige ser reconhecido e tratado dentro do seu próprio domínio e que não deixa de ser importante perante o vasto território nacional.

Hoje, a história da RTP Madeira continua acesa e faz-se com a mesma determinação de sempre, com o intuito de fazer chegar a casa dos madeirenses o seu quotidiano, algo que só faz sentido se for feito com a existência de uma operadora televisiva regional, ao invés de uma operadora nacional. Esta questão de debate surge perante a incerteza quanto ao futuro da RTP Madeira, num momento de indecisão quanto à hipótese, ou não, de privatização da estação pública, quando muito se tem especulado e discutido na opinião pública nacional e regional em torno da missão da emissora regional. Dizem-se e ouvem-se barbaridades, opiniões críticas e sem qualquer fundamento, quanto ao serviço prestado pela RTP Madeira e ao louvor do seu percurso ao longo de 40 anos, pois esquecem-se que a supressão da RTP Madeira determinará o fim de quem dá a voz pelos madeirenses em Lisboa. O quotidiano madeirense sem um canal regional seria o fim de uma autonomia conquistada por conta das opiniões locais, que se fizeram ouvir e representar no outro lado do Atlântico, por meio da emissora regional. Contudo, apesar das inúmeras críticas, umas favoráveis e outras despropositadas, existem ainda arestas por limar dentro do seio do canal. Algumas das localidades da região reclamam da pouca representatividade na RTP Madeira e da fraca aposta nos diretos, nomeadamente nas mostras de produtos regionais e outros eventos de grande importância. Muitos dizem que, já não se faz televisão, como no tempo da saudosa Maria Aurora. Já os mais jovens contestam a fraca adesão à televisão madeirense, pelo facto de muitos dos seus conteúdos serem de teor político em detrimento de programas de temática de interesse geral. Todavia,

com o notável crescimento do número de utilizadores da Internet, a RTP Madeira ainda não dispõe de uma página oficial nesta plataforma, onde se possa seguir a emissão televisiva *online*, nem um arquivo onde possa armazenar e construir um histórico de todos os seus programas, alguns deles cujo nome ainda ecoa na memória de cada um. Assim, como ocorre com outros meios de comunicação televisivos, a RTP Madeira deve aventurar-se nas novas plataformas para que não seja esquecida pelo seu público. O fenómeno da Internet, da era do digital e do aparecimento de uma imensa pulverização de canais disponibilizados pelo serviço de televisão por Cabo, faz com que o telespectador se depara com um grande leque de escolhas e se esqueça da existência de um canal regional que procura servir a comunidade insular. Apesar desta conjuntura, sem esquecer os problemas financeiros que a estação pública enfrenta, a RTP Madeira precisa de se afirmar enquanto alternativa ao mimetismo que vigora na programação dos principais canais televisivos.

O contributo desta dissertação pretende ser o de dar a conhecer e salvaguardar o ilustre percurso da RTP Madeira, o que por si só deveria ser uma garantia para a manutenção e continuidade do serviço televisivo regional, que já conta com uma missão histórica que não pode ser quebrada nem menosprezada, pois não devemos esquecer que é na evocação do passado que se criam as perspetivas e possibilidades do amanhã.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, Pierre e TUDESQ, André Jean (1982). *História da Rádio e Televisão*. Trad. Eugénio Cavalheiro. Lisboa: Editorial Notícias.
- AMARO, Rogério, Roque (2001). “O conceito de Desenvolvimento Local no quadro da revisão do conceito de Desenvolvimento”. In *Desenvolver (des)envolvendo – reflexões e pistas para o Desenvolvimento Local*. Messejana: ESDIME.
- BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues (2001). *TV Regional: trajetória e perspectivas*. Campinas: Alínea.
- BLUMLER, Jay e HOFFMAN-RIEM, Wolfgang (1992). “New Roles for Public Service Television”. In Jay Blumler (ed.). *Television and the Public Interest*. London: Sage Publications.
- CÁDIMA, Francisco R. (1995). “Portugal: Insularity, the basis of regional television”. In MORAGAS SPÀ, Miquel de, e GARITAONANDÍA, Carmelo (eds.) (1995). *Decentralization in the Global Era. Television in the Regions, Nationalities and Small Countries of the European Union*. London: John Libbey. Pp. 163-171.
- CÁDIMA, Francisco R. (1996). *O fenómeno televisivo*. Lisboa: Círculo de leitores.
- CÁDIMA, Francisco R. (2000). “Local vs. Global”. In *Televisión y Desarrollo - Las regiones en la era digital*. Ed. Francisco Vacas Aguilar. Badajoz: Consejería de Educación, Ciencia y Tecnología.
- CASTELLS, Manuel (2000). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. São Paulo: Paz e Terra.
- CURRAN, James e SEATON, Jean (2011). *Imprensa, Rádio e televisão: Poder sem responsabilidade*. Trad. Maria de Lurdes Fernandes. Lisboa: Instituto Piaget.
- FADUL, Anamaria e GOBBI, Maria Cristina (2006). *Mídia e Região na Era Digital: Diversidade Cultural, Convergência Mediática*. São Paulo: Arte & Ciência.
- FAUSTINO, Paulo de Jesus (2004). *A imprensa em Portugal: Transformações e tendências*. Lisboa: Editora Media XXI.
- FERNANDES, Francisco Assis M. e OLIVEIRA, Marcelo Pires (2006). “O telejornalismo como agente legitimador da TV Regional”. In SOUZA, Cidival Morais de (org.). *Televisão Regional, globalização e cidadania*. Rio de Janeiro: Sotese. Pp. 129-137.

FESTA, Regina e SANTORO, Luiz Fernando (1991). “A terceira idade da TV: o local e o internacional”. In NOVAES, Adauto (org.). *Rede Imaginária: Televisão e democracia*. S. Paulo: Companhia das Letras.

FIGUEIREDO, Alexandre; CÁDIMA, Francisco Rui e MARTINS, Zélia (2003). Os Media regionais em Portugal. In: PINHO, José Benedito. *Anuário Internacional de Comunicação lusófona*. LUSOCOM - Federação Lusófona de Ciências da Comunicação / INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Ano 1. N.º 1. Lisboa/São Paulo.

HALL, Stuart (2006). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11.ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

JEANNENEY, Jean-Noel (1996). *Uma História da Comunicação Social*. Trad. Catarina Gândara e Ana Isabel Silva. Lisboa: Edições Terramar.

MCLUHAN, Marshall e POWERS, Bruce R. (1989). *The global village: Transformations in world life and media in the twenty-first century*. New York: Oxford University Press.

and media in the twenty-first century. New York: Oxford University Press.

MONTEIRO, Edmundo e BOAVIDA, Fernando (2000). *Engenharia de redes informáticas*. Lisboa: Editora FCA.

MORAGAS SPÁ, Miquel de (1996). *Espacio Audiovisual y regiones en Europa. Política, Cultura y Mercado*. Madrid: Telos n.º 45.

OLIVEIRA, José Manuel Paquete de. “A integração Europeia e os meios de comunicação social”. In *Análise Social*. Vol. XXVII, (118-119). Pp. 995-1024.

ORTIZ, Renato (1999). “Um outro território”. In BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: Educ/Universidade Federal de Sergipe. Pp. 51-72.

PINTO, Marinho (2008). *Os media em Portugal nos primeiros 5 anos do século XXI*. (org. Sandra Marinho). Lisboa: Editora Campo das Letras. 1.ª Edição.

RICHERI, Giuseppe (1994). *La Transición di la televisión - análisis del audiovisual como empresa de comunicación*. Barcelona: Col. Bosch Comunicación.

SANTORO, Teresa Patrícia de Sá Teixeira (1999). *Todas as vozes: diferentes abordagens para um conceito de rádio local*. Anamaria Fadul (orientação). Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de S. Paulo.

SANTOS, Cristina Teresa S. Rebelo (2001). *TV Regional e Região Norte*. José Manuel Paquete de Oliveira (Orientação). Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação. Lisboa: ISCTE.

SANTOS, Milton (1996). *Técnica Espaço Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. São Paulo: Hucitec.

SIMÕES, Cassiano Ferreira (2006). “Televisão Regional e Globalização”. In SOUSA, Cidoval Morais (org.) *Televisão Regional, globalização e cidadania*. Rio de Janeiro: Sotese. Pp. 15-46.

SOUZA, Cidoval Morais de (org.) (2006). *Televisão Regional, globalização e cidadania*. Rio de Janeiro: Sotese.

TORRES, Eduardo Cintra (2011). *A Televisão e o Serviço Público*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Publicações RTP:

TEVES, Vasco Hogan e SILVA, Lopes da (1971). *Vamos Falar de Televisão*. Livros RTP. Lisboa: Ed. Verbo.

TEVES, Vasco Hogan (1988). *História da Televisão em Portugal, 1955/1979*. 1.º Volume. Lisboa: TV Guia Editora.

TEVES, Vasco Hogan (2007). *RTP 50 Anos de História*. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal S.A.

Webgrafia:

FREIRE FILHO, João (2004). “História da Televisão: Teoria e Prática”. In *IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom*. In <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/> [Consultado a 09 de setembro 2011].

LIMA, Maria Érica de Oliveira (2005). “RTP: Local ao Global”. In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-erica-rtp-local-global.pdf> [Consultado a 05 de julho de 2011].

MENDONÇA, Duarte Miguel Barcelos (2010). “In Memoriam... Até sempre Maria Aurora!” Publicado no Jornal Digital *Portuguese Times*. In http://www.portuguesetimes.com/Ed_2034/Cronicas/diacron%2010.htm [Consultado a 14 de janeiro de 2012].

MOTA, Dora (2005). “A Televisão Adiada: as Políticas para a Televisão Regional e Local em Portugal”. Publicado na revista *Comunicação e Sociedade*. Vol. 7. In <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/1213/1156> [Consultado a 5 de julho de 2011].

PERUZZO, Cicília M. Krohling (2002). “Mídia Local, uma Mídia de Proximidade”. Publicado na Revista de Comunicação *Veredas*. Ano 2, edição n.º 2. In <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaoveredas/article/download/5105/13685> [Consultado a 06 de setembro de 2011].

SOBRAL, Filomena Antunes (2012). “Televisão em Contexto Português: uma Abordagem Histórica e Prospetiva”. *Millenium*, 42. Pp. 143-159. In <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium42/10.pdf> [Consultado a 19 de setembro de 2012].

TEVES, Vasco Hogan (2007). *RTP 50 Anos de História*. Página da Internet lançada para a comemoração dos 50 anos da RTP. In <http://ww2.rtp.pt/50anos/> [Consultada a 22 de agosto de 2011].

TORRES, Eduardo Cintra (2001). “Uma Solução para o Serviço Público de Televisão”. Intervenção feita no colóquio "Audiovisual - Que estratégia", iniciativa do grupo parlamentar do PS realizada na Assembleia da República. In <http://static.publico.pt/tvzine/critica.asp?id=1138> [Consultado a 23 de julho de 2012].

VOLPATO, Marcelo de O. e OLIVEIRA, Roberto Reis (2007). “TV Regional e Identificação com os Públicos: o caso Tem Notícias – Primeira Edição”. In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/volpato-marcelo-oliveira-roberto-tv-regional.pdf> [Consultado a 05 de setembro de 2011].

Decretos-Lei:

Decreto-Lei n.º 40 341. D.R. n.º 226, Série I de 1955-10-18, Págs. 891 a 895.

Decreto-Lei n.º 674-D/75. D.R. n.º 278, 2.º Suplemento, Série I de 1975-12-01, Pág. 1140.

Decreto-Lei n.º 156/80. D.R. n.º 120, Série I de 1980-05-24, Págs. 1139 e 1140.

Decreto-Lei n.º 321/80. D.R. n.º 193, Série I de 1980-08-22, Págs. 2314 a 2322.

Lei n.º 58/90. D.R. n.º 207, Série I de 1990-09-07, Págs. 3628 a 3636.

Lei n.º 21/92. D.R. n.º 187, Série I-A de 1992-08-14, Págs. 3950 a 3954.

Lei n.º 31-A/98. D.R. n.º 160, Suplemento, Série I-A de 1998-07-14, Pág. 3384.

Lei n.º 27/2007. D.R. n.º 145, Série I de 2007-07-03, Págs. 4847 a 4865.

Relatórios RTP:

Relatório do Conselho de Administração de 1959.

Relatório do Conselho de Administração de 1971.

Relatório e Contas RTP 2003.

Relatório e Contas RTP 2004.

Relatório e Contas RTP 2005.

Relatório e Contas RTP 2006.

Relatório e Contas RTP 2007.

Relatório e Contas RTP 2008.

Relatório e Contas RTP 2009.

Relatório e Contas RTP 2010.

Relatório e Contas RTP 2011.

Órgãos de Comunicação Social

Revistas:

Comunicações, publicação da APDC – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações, junho de 1998.

Grande Plano, da Cooptv - Associação da Casa do Pessoal da RTP, edição n.º 38, 4.º Trimestre de 1993.

TV Guia, destacável “RTP 30 Anos ao Serviço dos Portugueses” edição n.º 471, semana de 13 a 19 de fevereiro de 1987.

TV Guia, destacável “15 Anos de RTP Madeira” edição n.º 548, semana de 5 a 11 de agosto de 1988.

TV Guia, edição n.º 624, semana de 25 a 31 de maio de 1991, p. 29.

TV Guia, edição n.º 676, semana de 18 a 24 de janeiro de 1992, p. 24.

TV Guia, edição n.º 856, semana de 1 a 7 de julho de 1995, pp. 30-31.

TV Guia, edição n.º 1121, semana de 28 de julho a 3 de agosto de 2000, pp. 32-33.

Jornais diários:

(À seguinte bibliografia, acrescem as grelhas de programação da RTP Madeira consultadas nas edições do *Diário de Notícias da Madeira*, publicadas entre 30 de junho e 31 de dezembro de 1972.)

“A televisão na Madeira – A primeira experiência” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 837, de 1 de abril de 1972, p. 1.

“Afim o 1.º de abril não foi televisionado ...” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 838, de 1 de abril de 1972, p. 5.

“A televisão na Madeira quando as torres crescem” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 877, de 13 de maio de 1972, p. 1 e 2.

“Em Regime Experimental – A Madeira terá televisão a partir do mês de julho” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 897, de 3 de junho de 1972, p. 1 e 8.

“Televisão na Madeira – emissões experimentais a partir de hoje” – *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 923, de 30 de junho de 1972, p. 1 e 5.

“A televisão na Madeira seguida com interesse – A primeira emissão experimental”- *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 924, de 1 de julho de 1972, p. 1 e 5.

“Os Secretários de Estado da Informação e Turismo e das Obras Públicas chegaram ontem à Madeira em visita oficial” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 960, de 6 de agosto de 1972, p. 1 e 3.

“Com a presença dos Secretários de Estado da Informação e Turismo e das Obras Públicas foram inauguradas as instalações da Radiotelevisão” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 31 961, de 7 de agosto de 1972, p. 1, 4, 5 e 6.

“RTP – Madeira – Novo Centro de Produção em projeto” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 34 215, de 22 de outubro de 1978, p. 5 e 6.

Entrevista de Armindo Abreu ao jornal *O Dia*, edição de 6 de agosto de 1992.

“O Sr. e a Sr.^a televisão” – Revista do *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 43 953 de 2 de janeiro de 2011, p. 4 a 7.

“RTP-Madeira extingue noticiário das duas da tarde” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 44 322, de 5 de janeiro de 2012, p.2.

“RTP-Madeira passará a abrir às 17 horas” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 44 536, de 6 de agosto de 2012, p. 4 e 5.

“Regionalizar ou Fechar” - *Diário de Notícias da Madeira*, edição número 44 555, de 25 de agosto de 2012, p. 14.

Arquivo televisivo da RTP:

Gravações de programas consultadas, disponíveis na fonte audiovisual da RTP, cronologicamente ordenadas:

Diz que é uma espécie de Magazine, Série II (2007) rubrica “Tesourinhos Deprimentes”, transmitido a 25 de novembro de 2007.

A Voz do Cidadão (2010) – O programa do provedor do telespectador da RTP, transmitido no dia 27 de março de 2010.

RTP Madeira 40 anos (2012) transmitido no dia 6 de agosto de 2012.

Telejornal Madeira, edição do dia 6 de agosto de 2012.

Espaço Memória (2012) – rubrica semanal que repõe antigos programas da RTP Madeira, onde foram visionados:

Hotel Bon Séjour (2008) - 21 e 28 de outubro de 2012.

Sissi – Uma Imperatriz Romântica na Madeira (2008) - 04 e 11 de novembro de 2012.

Músicos Madeirenses (2012) – 4 de novembro de 2012.

Ilha de Arguim (1998) – 18 e 25 de novembro de 2012.

Os Grandes Êxitos de Max (1959) – 2 de dezembro de 2012.

Homenagem da Madeira a Max (1979) – 9, 16, 23 e 28 de dezembro de 2012.

Jogos Sem Fronteiras (1982) – 6 de janeiro de 2013.

Jogos Sem Fronteiras (1989) – 13 e 20 de janeiro de 2013.

Splash (2004) – 3 e 10 de fevereiro de 2013.

Quintas da Madeira (2000) – 17 e 24 de fevereiro de 2013.
Minha Terra Minha Gente (1988) – 3 de março de 2013.
Roda de Amigos (1988) – 10 e 17 de março de 2013.
Homenagem a Virgílio Teixeira (1984) – 17 de março de 2013.
Circomúsica (1989) – 24 e 31 de março de 2013.
Retrospectiva 20 Anos RTP Madeira – 10, 17, 24 e 31 de março de 2013.
Ínsula (1984) – 7 de abril de 2013.
Corsários Voltam a Atacar (1990) – 14 de abril de 2013.
Madeira – A Civilização do Açúcar (1996) – 14 de abril de 2013.
Vinho da Roda (1999) 14 de abril de 2013.
Canta Madeira Canta (1990) – 21 de abril de 2013.
Uma Tarde de Domingo No Funchal (1988) – 28 de abril de 2013.
A Terra e o Povo (1984) – 5, 19 e 26 de maio de 2013.
Visita Pastoral de João Paulo II (1991) – 12 de maio de 2013.
Atlântida – Homenagem a Maria Aurora (2004) – 2 e 9 de junho de 2013.
Viagem ao Fundo da Ilha (1994) – 16 de junho de 2013.
A Madeira de Outros Verões (2003) – 23 e 30 de junho, 14 e 28 de julho e 4 de agosto de 2013.

Páginas da Internet:

BOCC - Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação - [http:// www.bocc.ubi.pt/](http://www.bocc.ubi.pt/)
RTP – <http://www.rtp.pt/homepage/>

ANEXOS

Anexo 1 – Discurso de Inauguração da RTP Madeira

Discurso do Dr. César Moreira Batista, Secretário de Estado da Informação e Turismo, proferido aquando da inauguração da televisão na Madeira, publicado na íntegra no *Diário de Notícias da Madeira*, edição de 7 de agosto de 1972.

A Radiotelevisão Portuguesa teve a gentileza de me convidar, em representação do Governo, inaugurar as suas instalações nesta ilha.

Foi com muito prazer que aceitei o encargo por razões para mim muito importantes: Primeiro, justifica-se uma nova visita a esta terra onde venho sempre com renovado interesse e encantamento, segundo, permitia-me dirigir algumas palavras ao povo madeirense num momento, especialmente, significativo da sua vida. E tal momento é especialmente significativo não apenas por esta inauguração que, por si, representa um progresso relevante nas estruturas das comunicações sociais desta Comunidade, mas ainda porque a Madeira está a viver e a participar num surto de desenvolvimento que tornará possível - dentro de um prazo que não será longo – se criem as condições que hão de permitir que as suas aspirações de progresso económico e social se alcancem plenamente.

Por outro lado, tendo diligenciando, há algum que a Rádiatelevisão Portuguesa, com a possível urgência concretizasse o seu plano da cobertura televisiva da Madeira, é-me muito grato assistir à plena concretização de uma iniciativa pela qual muito me interessei por estar convicto da sua necessidade e oportunidade.

Efetivamente, a Madeira está a atingir, em certos setores sócio-económicos, níveis de expansão que exigem se não descure a criação de meios de informação e culturais de forma a promover a participação de todos os seus habitantes, não só nas realidades vivas da terra onde nasceram, mas também se sintam ainda mais profundamente ligados às demais parcelas da Pátria a que todos pertencemos. A força de comunicação unanimamente reconhecida à televisão poderá contribuir decisivamente para que tais objetivos se atinjam.

Teremos, portanto – agora que possuímos os necessários meio técnicos – saber utilizá-los em toda a extensão e tirar deles todos os benéficos que poderão conceder como veículo de informação e cultura. Complementarmente poderá ajudar à expansão do ensino, instituindo, com já no Continente se faz, cursos de Telescola. E numa terra tão densamente

habitada como é a Madeira, fácil é compreender a projeção que um plano bem estruturado de extensão de ensino pelos meios áudio-visuais poderá ter para uma rápida aceleração na promoção da sua gente.

Benefícios no plano da informação – noticiando e trazendo até junto de todos as realidades da vida portuguesa e da vida do Mundo; fornecendo imagens de acontecimentos e da trajetória da humanidade na história, mas sobretudo, fazendo participar com a intensidade que resultará do conhecimento exato, do esforço extraordinário que todos estamos a fazer, quer ao defendermos os nossos direitos que os inimigos ofendem, quer considerando o sacrifício e a maravilhosa abnegação da nossa juventude – e tantos rapazes são desta ilha – que batalham na defesa essencial do Ultramar; quer ainda para que todos estejamos mais conscientes e mais interessados no esforço ingente que está a processar-se na modernização das estruturas do país, não só as que interferem com a definição das liberdades dos portugueses, mas também as que respeitam ao desenvolvimento económico e social. É realmente indispensável que cada vez mais se conheça em toda a sua dimensão a obra extraordinária do Presidente do Conselho para o progresso da Nação portuguesa em todos os aspetos que dependem da ação do Governo - a educação, a saúde, a promoção social, especialmente do setor rural, o fomento económico e, mais do que tudo, a defesa intransigente, onde quer que tenha de fazer-se, dos interesses de Portugal no Mundo.

Benefícios para o espírito, utilizando-se os tempos livres recreando e formando: da simples diversão de adultos e crianças, à transmissão de grandes espetáculos nacionais e estrangeiros, de concursos, competições desportivas e de manifestações culturais. Em tão largos setores de interesse, a televisão há de encontrar e imaginar as soluções mais convenientes, rodeando-as de cuidadosa preparação e tornando-as atrativas. E não há de certamente esquecer como esta ilha está sendo cada vez mais procuradora por estrangeiros a quem não será indiferente virem encontrar uma televisão que lhes possa ir ensinando a conhecer melhor a Madeira e a aproveitar mais amplamente o tempo que desejavam passar nesta terra.

Eis outro campo onde naturalmente a televisão poderá vir a contribuir ativa e positivamente, colaborando na obra verdadeiramente aliciante no incremento que está a verificar-se no Turismo do Arquipélago da Madeira, quer quando promova uma mentalização esclarecida e atuante do que convém fazer para que o turismo seja uma indústria que sirva todos os interesses dos habitantes desta região: quer ainda ajudando a

valorização profissional dos que mais diretamente estão envolvidos numa indústria onde se exige, cada vez mais, preparação técnica e um exato sentido da atuação de cada qual.

Largo é, portanto, o campo de atividade que antevemos para este maravilhoso meio de comunicação social. Tudo está em que, sem se deixar arrastar numa uniformização que desconheça os particularismos desta terra a cujo serviço se encontra, procure antes colaborar eficaz e adequadamente na sua valorização.

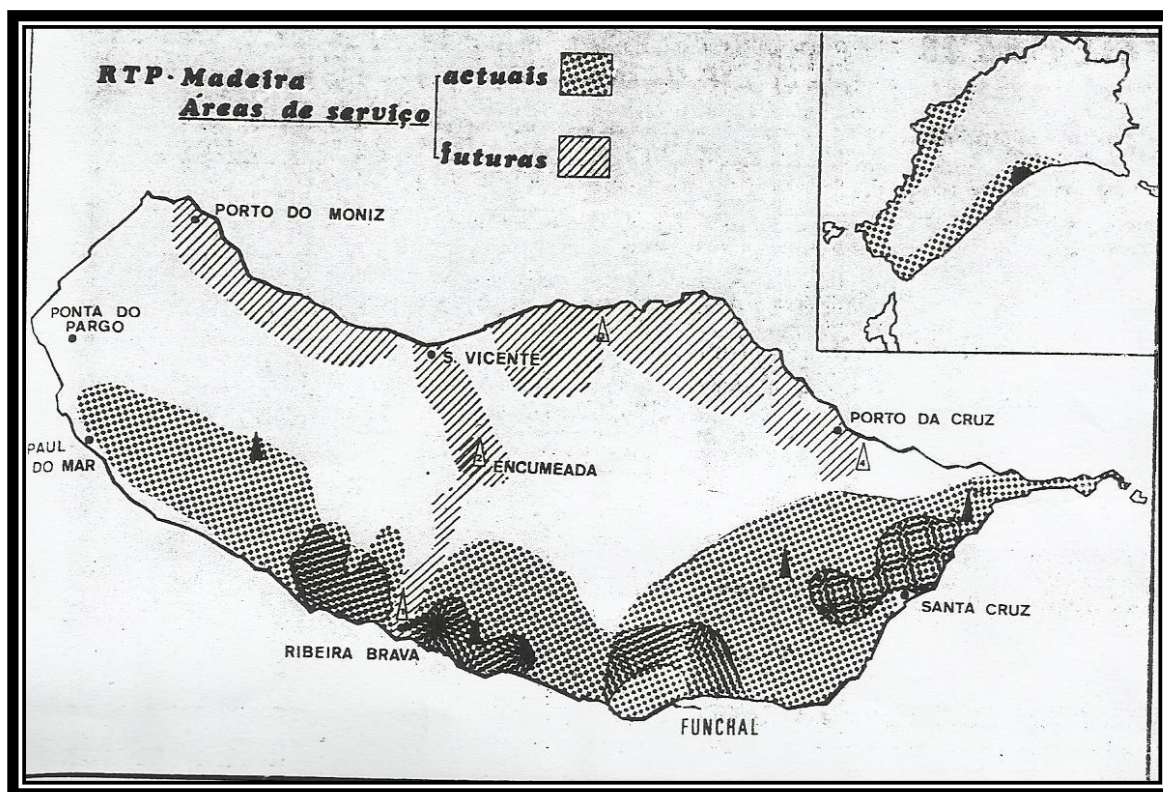
Estou seguro, porém, que a dedicação de todos quantos na RTP trabalham, a colaboração e compreensão dos madeirenses vão conseguir caminhar-se com segurança para as soluções mais convenientes.

Resta-me dirigir uma palavra de saudação às autoridades desta maravilhosa ilha tão bem fadada por Deus; e aos seus habitantes cujas qualidades de trabalho e amor à Pátria constituem constantes da sua vida e da sua História. Termino formulando o desejo de que consigam um progresso cada vez mais intenso e que a todos por igual sirva nas suas justas aspirações.

Funchal, 6 de agosto de 1972.

Anexo 2 – Mapa das Áreas de Serviço da RTP Madeira em 1978

Mapa da Madeira e Porto Santo, datado de 1978, extraído do *Diário de Notícias da Madeira*, edição de 22 de outubro de 1978, p. 5.



Na figura podemos visualizar as áreas onde a RTP Madeira ainda tencionava chegar. Estão também indicadas as zonas onde iriam ser colocados os retransmissores que possibilitaram a propagação do sinal televisivo a toda a região: 1 – Ribeira Brava; 2 – Encumeada; 3 – Pico de S. Jorge; 4 – Pico do Cura.

Anexo 3 – Guiões das Entrevistas

No âmbito deste trabalho foram realizadas entrevistas a dois jornalistas com uma longa carreira na RTP Madeira: Maria Luísa e Roquelino Ornelas. Os seus testemunhos notáveis permitiram fazer ressurgir os factos e as memórias dos tempos passados da história da televisão da Madeira.

3.1 Guião da Entrevista a Maria Luísa

1. Em que ano começou a sua atividade como jornalista da RTP Madeira e como descreve os primeiros anos em que esteve no canal?
2. A notícia era transmitida conforme a rádio, mas não havia o cuidado de acompanhar a emissão com imagens?
3. Como reagia a população perante a chegada das equipas de reportagem da RTP Madeira ao terreno para a cobertura noticiosa?
4. Quais os momentos marcantes da cobertura noticiosa, que lhe ficaram na memória?
5. E dos programas que apresentou, existe algum que a tenha marcado?
6. Como analisa os 40 anos de existência da televisão da Madeira?

3.2 Guião da Entrevista a Roquelino Ornelas

1. Em que ano começou a sua atividade como jornalista na RTP Madeira?
2. Como descreve os primeiros anos em que esteve no canal?
3. Recorda-se qual foi a primeira notícia que transmitiu no *Telejornal Madeira* como pivô?
4. Durante a sua atividade como jornalista, quais os acontecimentos ou momentos que mais o marcaram?
5. E dos programas e reportagens que teve a oportunidade de trabalhar? Há algum que lhe tenha dado maior apreço?
6. Como analisa a atual situação em que se encontra a RTP Madeira? Que futuro espera do canal, numa altura em que tanto se especula em privatização e regionalização?

Anexo 4 – Transcrição das Entrevistas

Entrevista a Maria Luísa

Duração: 61 minutos e 25 segundos

Local: na residência da entrevistada

Elementos presentes: Maria Luísa e entrevistador

E: Em que ano e como começou a sua atividade como jornalista da RTP Madeira e como descreve os primeiros anos em que esteve no canal?

ML.: Em 1975, como estagiária, claro. Mas eu entrei na televisão em 1972. Mas nós em 1975 tínhamos um processo que era do mais artesanal possível. Aliás, eu acho que já vos tenham dito que Lisboa enviou para a Madeira tudo o que eles tinham velho, que era para o lixo. Mas quando nós começamos a fazer reportagens, portanto, a partir de 1975, 76, mais 76 que 75. Em 1975 começa-se a montar a redação e aparecem as câmaras que são um caixote num lado, uma bobine e uma câmara no outro lado. Em 1972 o que se fazia eram notícias radiofónicas. Quer dizer, o Armindo Abreu trabalhava no *Diário de Notícias* e o Ramos Teixeira era bancário e tinham um programa no posto emissor. Daí terem vindo os dois para fazer informação, uma informação que era perfeitamente radiofónica. Aliás em 74, também, há episódios engraçados após a Revolução que é o próprio Armindo Abreu a ler um comunicado contra ele. Isso passou-se na rádio. Também na televisão havia muita filtragem. Porque era aquela história do PREC e era complicado. Mas a minha vida: eu entro em 1972, em dezembro, e não podia aparecer porque tinha feito parte da equipa e continuava a receber o *Comércio do Funchal*, o célebre jornal rosa e por essa razão nunca poderia aparecer no ecrã. Então fui fazendo assim uns serviços administrativos, ainda lhes dava uma ajuda na redação das notícias. Vocês estão a ver? Eram notícias que me chegavam de quê! Do governador que ia não sei onde, do ... Isto não eram notícias! E durante alguns tempos a televisão ainda funcionou assim a fazer as coisas à base do que nos ia chegando em vez de sermos nós a procurar a notícia. Mas era aquilo que ia sendo feito na altura. E nessa altura as coisas eram lidas exatamente como na rádio. Tínhamos a

preocupação, de vez em quando, de olhar o ecrã. Mas, realmente, as notícias eram sobretudo radiofónicas e não podiam ser de outra maneira, escritas. Também não era uma linguagem muito própria para a televisão. A linguagem televisiva é falada, conversar e eu defendo muito isso. Mesmo com o teleponto nós não ... Quando eu oiço as pessoas dizerem que têm saudades minhas eu percebo porquê.

E: A notícia era transmitida conforme a rádio mas não havia o cuidado de acompanhar a emissão com imagens?

ML.: A notícia era escrita por eles, batida à máquina, o papel depois era encaminhado para o estúdio. Nessa altura não havia imagens nenhuma. Só a partir de 1975/1976 é que nós tivemos esse privilégio. De televisivo não tinha absolutamente nada. Era um jornal radiofónico um pouco mais simplificado. As notícias eram vistas por uma mini censura. Mas havia! Houve até um dia em que uma colega nossa se enganou na redação de uma notícia e no momento da sua leitura no jornal, não sei se foi o Ramos Teixeira ou o Armindo Abreu, um deles teve de justificar que tinha sido um erro de quem tinha escrito aquilo. Portanto não havia imagens e para já o movimento aeroportuário não tinha nada a ver com o de hoje. E o Telejornal que era emitido na segunda-feira à noite no continente era retransmitido na terça-feira à noite na Madeira. Com um dia de atraso relativamente a Lisboa. Porquê? Porque nem sempre havia aviões de manhã e à noite não havia possibilidade nenhuma. E era trazida a bobine, às vezes a correr porque o avião chegava quase à hora. Nós tínhamos de facto um motorista – o Isidro – que já faleceu há uns anos, ele que foi um dos primeiros trabalhadores da RTP Madeira. O Isidro conseguia fazer pela estrada antiga meia hora e às vezes menos do aeroporto à RTP Madeira que era na Rua das Maravilhas. Vocês estão a imaginar o que era aquilo! Então, normalmente, estava alguém no topo da escada (o estúdio era no rés do chão e no primeiro andar estavam todos os equipamentos, enfim de emissão) para pegar a bobine e levar ao supervisor de emissão para a colocar no ar. Este foi um episódio que achei um piadão. Tal como nós aqui, de vez em quando víamos as emissões de Lisboa, embora seja verdade que nós víamos mais de Canárias do que de Lisboa. De Lisboa víamos no Santo da Serra, às vezes em Santa Cruz, mas não era sempre. Dependia do estado do tempo. No Santo da Serra havia uma casa que fazia gala por assistir ao *Telejornal* com as notícias do próprio dia quando a maior parte

dos madeirenses teria de esperar pelo dia seguinte. Mas nem sempre se via bem. Mas se realmente conseguíamos assistir às emissões de Lisboa a verdade é que um belo dia a emissão da Madeira foi parar também a Lisboa. Mas no Algarve da mesma maneira. Isto na década de 70, depois do 25 de Abril. Até que nós recebemos, aliás fui eu que atendi, um telefonema de um colega da RTP, Adriano, que nos informou que tinha havido uma emissão pirata da RTP Madeira. E eu respondi: Qual emissão pirata? Foi o Telejornal de vocês de ontem! Porque nós aqui, de vez em quando, conseguimos ver a vossa emissão. Foi exatamente o que aconteceu. O tempo foi favorável às avessas e vocês viram a vossa emissão do *Telejornal* na RTP Madeira.

Entretanto a redação na Madeira, como redação, só se forma a partir de 1975. Em 1974 estava a ocorrer um concurso para apresentadores, isto numa altura em que apenas havia a Ana Bela e uma outra que se chamava Gilda Camacho. Nesse concurso apareceu montes de gente e eu vendo a falta de competência inculcada pelos jurados do concurso, ensinei-os a melhor forma como se devem dirigir ao público num programa de televisão. Fui chamada a concurso para fazer o teste. Fiquei logo admitida mas não era aquilo que eu queria, porque, realmente, o que eu queria era o jornalismo. Consegui aguentar um ano, mais ou menos, mas muito reivindicativa porque Lisboa tinha subsídios para a roupa e a Madeira não tinha. E um dia estávamos naquela altura de grande garra, em que toda a gente era capaz de gritar e onde os sindicatos tinham pouco. Um dia disse para Lisboa: das duas, uma, ou vocês dão-nos o subsídio para a roupa ou nós vamos aparecer de t-shirt todos os dias a semana inteira. Apenas tínhamos uma maquilhadora, e só isso. A roupa era o que cada um vestia. Claro que nós devíamos ter a noção do que deveria ser ou o que não deveria ser em televisão. Para esse efeito nunca tivemos nenhum conselheiro. Isso veio muito tempo depois. Mas havia situações em que ficávamos furiosos em que pedíamos material a Lisboa e eles respondiam-nos que já tínhamos a mais. Ainda me lembro a preto e branco de tentar fazer correr um genérico final com o nome das participações. Cheguei a utilizar para isso uns quadros grandes pretos que eram muito utilizados na época nos bancos para informar sobre os câmbios. Esses quadros eram compostos por linhas que tinham um sistema de aderência e lá colocávamos as letras para a composição do género. Nisto em vez de ser o quadro a passar foi a câmara que passou e tivemos de nos adaptar às dificuldades. Mas nessa altura com as dificuldades a nossa criatividade tinha que aumentar. Ela continua a ter de existir mesmo com os meios que hoje temos, embora sejam já

bastante bons. Eu própria quando saí já tinha meios bastante bons na televisão. Já fiz várias coisas e ainda me lembro que para fazer a mistura de uma imagem eu precisava de ter três gravadores: um que debitava a imagem; outro que tinha outra imagem; e o terceiro ia fazer a junção das duas. Vocês estão a imaginar o tempo que se perdia. Mas aí também criávamos. Já não nos davam uma lista de coisas para nós selecionarmos. Nós tínhamos de inventar uma forma de fazer.

E: Como reagia a população perante a chegada das equipas de reportagem da RTP Madeira ao terreno para a cobertura noticiosa?

ML.: Nessa altura o sistema era de retransmissores e não cobríamos a ilha toda. Cobríamos apenas uma parte. Para já quando chegávamos com a equipa de reportagem aquilo era uma alegria. As pessoas não se coíbiam. Há muita gente que diz que as pessoas têm vergonha da cobertura televisiva, mas eu penso que hoje elas têm mais a noção de que aquilo que dizem pode ser importante. Mas nessa altura, mesmo quando saí da televisão, eu nunca tive dificuldade nessas situações porque tudo depende da forma como nos dirigimos às pessoas (introduzindo como exemplo o caso da péssima informação feita por Manuela Moura Guedes). A forma como se diz e a forma como se pergunta, isso é extraordinariamente importante. E não me vai coibir nunca de perguntar nada. Eu lembro-me de uma situação na qual entrevistei o Alberto João Jardim, relativamente à construção da nova ponte do Faial que viria a substituir a anterior existente destruída por um temporal. Eu estava no estúdio e o Alberto João estava lá para ver as obras, depois chamámo-lo ao estúdio da RTP Madeira para falar acerca da reconstrução da ponte. Ele falou algumas questões em torno da construção e também disse que a obra iria ser paga com um fundo para os prejuízos. E eu coloquei a questão: Desculpe Senhor Presidente! Mas esse fundo foi criado quando? Ele ficou sem resposta. Depois dizia que eu tinha sido a primeira pessoa que o tinha conseguido interromper. Eu não fui malcriada! Nós não precisamos ser malcriados. Temos é de ser oportunos e não deixar passar. E essas coisas, esses factos de chegar por exemplo a uma zona rural, eu nunca tive essa dificuldade. Eu tenho uma costela que, também, é rural que é de S. Vicente. O meu pai era de S. Vicente, embora eu tenha nascido no Funchal mas ia lá. Essa costela rural deu-me para entender as pessoas. Para eles é malcriado não se dar bom dia. Para eles é malcriado oferecerem-nos uma coisa e nós recusarmos. Essas coisas

sempre me tiveram cá dentro. Por isso eu acho e nunca tive grande dificuldade. Pelo contrário, aquilo era uma deificação. Quer dizer, eles estavam a ver quem viam naquela “coisinha”, a ver pessoalmente. Em princípio eu ficava meia “apalpada”, embora não pareça mas sou um bocado para o introvertido. Para já era a única mulher na redação e tive que me habituar à linguagem dos homens que nessa altura era um bocado complicado. E eu tive que me habituar a ouvir. Às vezes respondiam e houve um que disse: Estás pior do que nós. Eu respondi: Foram vocês que me ensinaram. Não fui eu! Nunca deixei de ser eu própria mas pôr vezes tinha que dar uma resposta para por as coisas no seu lugar. Mas para a população rural a nossa chegada era uma alegria e eles não se coíbiam. Eu fiz um dia um trabalho sobre o sítio do Lombo Galego no Faial. Lombo Galego não tinha estrada e isso deu uma polémica com o Governo e eu acabei a reportagem dizendo que o Governo tinha deliberado fazer estrada mas eles nem sequer ouviram nada disso. Só ouviram a forma como aquela gente vivia e para lá chegar tive de andar muito tempo ao pé, e por acaso aí não combinei com ninguém. E para chegar a este local, Lombo Galego, tive sorte. Cheguei ao topo da ida para o Faial vi uma rapariga e uma senhora já de idade a descerem. De cá de cima gritei: Sr.^a Maria! Eu pensei: isto no campo são todas Maria, alguma delas há de olhar. (risos) A gente viveu também deste improviso do saber como lidar. Claro que as duas olharam para trás. Eu disse: Podem esperar por nós? Eu e o repórter de imagem tínhamos vindo há relativamente pouco tempo do nosso estágio em Lisboa e funcionávamos em pleno como jornalistas. Chegamos lá perto das senhoras e fizemos o percurso todo e acompanhámos a chegada da filha a casa e o seu pedido de bênção ao pai. Portanto, todo um meio rural e de se queixarem que pagavam a “roda de caminho” e daqui a uns tempos talvez nos obriguem a pagar algo parecido. Esta família coitada nem estrada tinham e pagavam “roda de caminho”. Esta história do Lombo Galego foi notícia no noticiário local e por isso o Governo regional ficou louco e nem sequer ouviu que eu tinha acabado a reportagem no meio da ribeira a dizer que Lombo Galego ia ter estrada. Mas enfim, contei como era a vida deles e que poderia ser diferente depois de terem a estrada. O Governo não gostou muito, mas não interessa. Os meios de informação existem para o sentido de chamar atenção sobre determinadas coisas que não estão bem. Eu apenas disse a verdade: que o Governo já tinha dinheiro para a construção da estrada. Por é que eu digo: pior do que tudo é nós perdermos a nossa própria privacidade. Porque quando chegávamos a toda a ilha já não havia um único canto em que não me conhecessem. Vou-vos dizer uma

coisa que aconteceu, porque eu realmente adorava sair para o campo. Houve uma altura em que estive aqui um individuo do continente, chamava-se Carlos Noivo, e eu nessa altura tinha os cabelos mais curtos e ele mais para o comprido. E ele um dia chega-me à televisão e diz-me assim: Ouve, eu já tive vergonha e tive que me enfiar pelo carro abaixo porque cada vez que me viam diziam Maria Luísa, Maria Luísa! (risos) Quer dizer, a imagem repentina era parecida e eles nem viam se era homem ou mulher. Eu já era muito reconhecida pelo público e entrava na casa das pessoas. Lembro-me, mas isto na altura em trabalhava na locução, o primeiro dia em que eu entrei arregalada numa casa particular, porque aquando disto, a única coisa que me lembrou foi que ia entrar na casa de cada um sem lhes ter pedido licença. Tinha a sensação que entrei meia assustada. Mas nessa altura havia carinho e ainda hoje encontro pessoas que me dizem: Nós temos saudades suas! E eu disse: Pois é, é preciso dar lugar aos novos. Mas foi bastante agradável. Se eu nessa altura me retraía um bocado, sentia-me como que assustada, contudo não mostrava má cara mas tinha a noção que perdemos a privacidade por completo.

E: Quais os momentos marcantes da cobertura noticiosa, que lhe ficaram na memória?

ML.: As coisas que mais me marcaram estão relacionadas com ambos os acidentes dos aviões. Primeiro, o da TAP. Aquando do sucedido eu estava a acabar de chegar a casa, estava de folga nesse dia e fui contactada pela RTP Madeira, quando me informaram: Maria Luísa anda depressa para a RTP que vamos precisar de ti porque houve um avião da TAP que caiu. Eu pensei logo que estivessem a brincar comigo e que fosse uma aldrabice. Desliguei o telefone e voltei a contactar a RTP Madeira e vi que era verdade. Dirigi-me de imediato para o estúdio e fui fazendo todos os apelos que o hospital pedia e nunca mais me hei de esquecer que fiz o apelo para uma farmacêutica que tinha falecido no próprio voo. Mas o hospital também não sabia que ela vinha no voo e isso deu-me alguma sensação de tristeza, por estar a chamar por uma pessoa que afinal morreu. Outra que foi má, mas ao mesmo tempo deu uma certa noção de informação precisa foi o acidente com o avião da SATA, ocorrido um mês depois. Eu estava no estúdio para a apresentação do *Telejornal* e telefonam-me da torre de controlo do aeroporto e dizem: Maria Luísa é só para informá-la que há um avião suíço da SATA que desapareceu no mar a seguir à ponta de S. Lourenço. Bem. Com esta situação o *Telejornal* terá que entrar no ar mais tarde mas eu tinha de fazer

a confirmação da notícia. Pedi para ligar para a torre de controlo e reconheci que era verdade e transmiti a notícia que foi divulgada nesse mesmo dia. Por eu ter dado a notícia, houve um comandante de um dos rebocadores que arrancou de imediato que conseguiu salvar algumas das vítimas. E ele dizia-me sempre: Se não fosse a sua notícia não tínhamos socorrido a tempo alguns dos passageiros que se encontravam no mar. Isto porque eu abri o *Telejornal* com a notícia, e disse: entramos hoje mais tarde porque tive de confirmar uma notícia que acabou de chegar, um avião da SATA caiu ao mar na Madeira. Seguiu-se o jornal mais ou menos normal e depois já começou outro tipo de notícias. Ainda houve gente da RTP Madeira que acabou por ir ao local mas foi muito complicado efetuar recolha de imagens. Isto porque o acidente ocorreu no mar e tivemos que esperar pelo salvamento das vítimas, entre eles os dois comandantes que conseguiram sobreviver e que tive a oportunidade de entrevistar no dia seguinte no hospital. Mas nenhum deles abriu a boca porque eram dois grandes comandantes graduados e nenhum deles deu conta de que a aparelhagem a bordo estava avariada. Eles em vez de aterrarem amararam. Para eles o altímetro no avião dava-lhes uma distância muito maior do que a que estava. Evidentemente que foram condenados os dois. Um era relativamente novo e o outro nem assim tanto e foram os responsáveis pela morte de uma série de velhotes (uns morreram de coração, aflitos, imaginem o que é entrar assim dentro de água). Mas mesmo assim conseguiram salvar muita gente, assim como há coisas incríveis, por exemplo: o pai do Miguel de Sousa aterrou de bancada e tudo dentro de um poio de bananeiras. Isto na situação ocorrida no acidente da TAP em que parte do avião ficou em terra e a restante no calhau. Estas foram algumas das situações mas também existem outras. Nós de vez em quando também temos aluviões (as aluviões, não se esqueçam que aluviões é feminino). Apercebi-me desta situação quando estava a fazer um trabalho e para tal consultei o *Elucidário Madeirense*. Na minha perspetiva aluvião era do género masculino e o padre que organizou este volume da História madeirense tirou-me a dúvida. Achei interessante que uma vez uma professora de Português me chamou atenção para essa questão e eu para lhe tirar a dúvida peguei no *Elucidário* para a esclarecer. Mas aluvião é realmente feminino. Houve uma altura que ocorreu uma aluvião na zona norte. Aliás, houve até um padre que desapareceu na Boaventura no carro que conduzia. Toda aquela zona norte até à Calheta foi atingida por desmoronamentos de terra monstruosos. Na cobertura destas situações eu numa estive de um lado e o operador de câmara noutra. Estive sempre junto

do operador de câmara. O perigo é igual para os dois, os problemas são iguais para os dois. O operador de câmara, também, não tem uma tarefa fácil, pois assim como se aprende na área das ciências a estar com um olho no microscópio e o outro a desenhar na câmara de filmar passa-se exatamente o mesmo, mas de uma forma mais complicada. E se o jornalista topar qualquer coisa é capaz de bichanar ao operador e ele de repente fazer a outra coisa. Se nós estivermos perfeitamente despassarados há coisas que se vão passar. Não acho e nunca achei que fosse indigno (eu como jornalista) estar junto do operador de câmara. Para mim ele é uma peça fundamental e se, então, não trabalhamos em televisão todos em conjunto estamos todos fritos. Noutros assuntos que ainda me recordo, lembro-me da confusão que as pessoas faziam de que por me verem elas também me viam. (risos) Em princípio a televisão era assim agora vocês estão a imaginar o que isto é. Havia um homem que passava por mim e fazia uns grandes acenos e eu fazia um sorriso meio amarelo. E eu pensava assim: Mas de onde conheço eu este homem? Não me lembro dele de lado algum! Houve um dia (ainda estávamos na Rua das Maravilhas) em que ele lá foi entregar um comunicado. Ao ver o homem perguntei-lhe: Desculpe! Não me lembro bem de onde o conheço? E ele respondeu-me: Então a menina não sabe? Sempre que a menina aparece na televisão eu digo-lhe adeus. Eu não tive coragem de dizer ao homem que não o via. Fiquei com as bochechas metidas para dentro porque estava com um ataque de riso longo. E o homem foi embora, acenei-lhe e desatei a rir. (risos) De entre outras coisas que gostei muito de fazer algumas têm ultimamente passado no *Espaço Memória* da RTP Madeira. Fiz coisas sobre o aeroporto. Fiz sobre a Revolta do Leite, um grande trabalho, muito antes do Rui Nepomuceno que há pouco tempo falou deste tema. Toda a gente conhece a Revolta da Madeira e as pessoas esquecem-se da Revolta do Leite. E a Revolta do Leite tem exatamente a ver com os produtores de leite do Faial. A ideia era que a Junta Geral queria coordenar aquilo tudo e as pessoas revoltaram-se e nessa altura houve um padre, padre Teixeira da Fonte, que tentou apaziguar a situação. Trabalhar estas coisas deu-me imenso gozo, assim como tudo quanto seja uma reportagem um bocadinho maior, onde se pode também ter a nossa participação na realização. É verdade que a realização vai partir do operador de montagem, passando depois pelos supervisores. Mas eles podem sugerir uma ideia e nós podemos modifica-la, dando o nosso ponto de vista para não tornar as coisas banais. Adotando essas ideias fiz imensos trabalhos sobre o aeroporto que me deram gozo. Lembro-me de ver um indivíduo que era do PCP e que fazia parte do

sindicato a falar dos xelins que compraram para o Presidente Américo Tomás. E eu meti como música de fundo “memories”. Mas reparem que eu consegui com que esse homem me dissesse sinceramente o que é que se tinha passado naquela altura. E ele conseguiu falar disto e do Américo Tomás, embora ele estivesse do lado do PCP. Esse tipo de situações, assim como ouvir o povo, tentar saber o que ele quer dizer e ao mesmo tempo ajudá-lo a exprimir melhor as suas ideias, essas coisas deram-me sempre prazer. Se me colocarem a questão: o que é que preferes em t.v? Apresentar o jornal? Bem. Tudo tem o seu lugar, mas o que me dá grande gozo é a reportagem. A reportagem dá gozo fazer, porque é um trabalho completo.

E: E dos programas que apresentou, existe algum que a tenha marcado?

ML.: Dos programas que fiz, a maior parte deles foram reportagens. Lembro-me do programa *Vidas* que fiz com 4 pessoas: comandante Passos Gouveia (que passou há relativamente pouco tempo no *Espaço Memória*), o historiador António Aragão Mendes Correia, Ricardo Camacho (filho do Engenheiro Ornelas Camacho) e o Padre Manuel de Nóbrega. Foi um espaço de entrevista que deu a conhecer as pessoas e achei que não se deviam fazer só com pessoas com uma idade avançada, mas também com mais novos e o Ricardo Camacho foi um exemplo disso. O Ricardo Camacho trabalha numa área que é a pesquisa sobre a SIDA e eu estive no hospital com ele para desenvolver e completar a entrevista. Portanto estes tipos de trabalho foram motivo de grande satisfação para mim. Recordo-me do primeiro grande programa que a informação apresentou que foi no dia da criança. Teve uma hora e meia e foi dividida em duas partes, isto numa altura em que estava bem no princípio da minha carreira. Uma parte foi relativa às crianças abandonadas da zona de Câmara de Lobos e que dormiam debaixo das pontes do Funchal e tive um operador que foi ótimo porque aí já não tive que ir com ele à noite para debaixo das ribeiras ver as crianças ao abandono, porque era algo que causava sensibilidade a qualquer pessoa. Ele conhecia bem os sítios e achou que fez esse trabalho por mim e depois víamos as imagens e discutíamos quais as melhores para a composição da reportagem. E graças a este programa, pela primeira vez muita, gente na Madeira ficou a saber que nós tínhamos ensino para pessoas menos capazes, pessoas com deficiência (os auditivos, os mentais, os surdos-mudos). Para os surdos-mudos de hoje ensina-se a linguagem gestual mas na altura

foi difícil estabelecer contacto com eles. Mas este foi um tipo de grande reportagem que deu bastante gozo de fazer, apresentar e criar. É um trabalho de investigação, embora enquanto lá no continente na estação pública tens alguém a investigar para ti, cá no Centro Regional nós temos de fazer tudo. Na reportagem da Revolta do Leite consegui falar com um homem que tinha participado. Quando cheguei à casa do homem (após ter feito o contacto) ele estava a cavar a fazenda e lá me contou que tinha participado nessa revolta. Ouvir os testemunhos é algo interessante e engraçado. É sentir a alma do povo. E eu digo; se hoje tivesse a oportunidade de fazer um programa iria tentar saber de que forma é que os madeirenses sabem e conhecem a sua autonomia. Porque sem se saber a História, também, não se pode gostar da autonomia e então surgem aquelas ideias loucas de independência e as pessoas fazem umas ideias engraçadas sobre isso. Se nós como país já nem nós aquentamos, quando mais este pequeno ilhéu num oceano independente. Isto não significa que não goste da minha terra? Calma aí! Eu gosto bastante da minha terra. E defendo-a. E acho que a História é extraordinariamente importante. É por isso que eu gosto de guardar as tradições. Não são para ficar no passado mas são para conhecer a História, saber a razão do nosso ser para assim podermos olhar para o futuro e torná-lo diferente mantendo o que é a nossa História. A História não se altera. Por isso muitas das tradições fazem parte da História. E muitas dessas tradições que fazem parte da nossa História devem ser divulgadas e salvaguardadas pela nova televisão, porque senão correm o risco de se perderem. Se vocês repararem muitos dos programas da televisão madeirense foram todos à vida. Não existem! E vocês sabem porquê? Porque as pessoas não tinham a ideia do que é fazer um arquivo. Porque, entretanto, chovia no sítio onde estavam arrumadas as gravações na Rua das Maravilhas. Aliás até a própria casa de banho servia de arquivo. Mas esqueceram-se que essas coisas são recuperáveis! Então foi-se deitando tudo fora. Tudo o que era da década de 70 não existe. Nada! Absolutamente nada. E algumas da década de 80 também foram à vida. Eu penso que isto deveu-se à falta de cultura geral. Mas havia um indivíduo que achava piada nisto. Eu lembro-me que o José Manuel Rodrigues um dia quando chegou a casa foi abrir a mala do carro tinha lá dentro uma grande quantidade de bobines todas emaranhadas que lhe tinham deitado lá dentro. Esta era um pouco a ideia que se tinha. Eu sempre fui contra, mas diziam que quem guarda as coisas são os velhos. Mas ficamos sem arquivo. Esquecemo-nos da nossa história.

E: Como analisa os 40 anos de existência da televisão da Madeira?

ML.: Eu penso que temos de dividir-nos por épocas: a década de 70 como não existe nada é a época do preto e branco; a década da cor em 80 quando vamos para a sede em Santo António; e depois em 90 os satélites. Eu divido isto em épocas porque realmente é mais fácil. Há uma evolução e nós vamos sempre um bocadinho atrás porque não nos deixavam ir mais à frente. Mas relativamente a isto a culpa já não era nossa. De qualquer forma, nós tivemos uma grande evolução, embora toda a gente tivesse criticado o Soares Lopo que endividou a televisão porque pôs a cores. E se ele não a tivesse posto a cores se calhar ainda andávamos a ver t.v a preto e branco. Mas quando fomos para o estúdio no caminho de Santo António já tínhamos tudo preparado para a cor. E aliás a primeira emissão dessa altura foi feita a cor, onde víamos o Cavaco Silva a inaugurar aquele grande edifício. É a primeira vez em que isso é a cores. E o mais engraçado é que a câmara que estava no estúdio não era a que realmente iria ficar no estúdio, mas sim uma câmara de um carro de exteriores que tinha muito melhor imagem que aquela que estava no estúdio. Mas penso que a televisão madeirense evoluiu nem sempre talvez no bom sentido. Julgo que houve algumas situações que poderiam ser feitas de outra forma. Nós tentámos aumentar o número de blocos informativos mas depois de eu ter saído, e de o Roquelino ter ido embora um bocado marginalizado, a verdade seja dita é que aquilo que aconteceu foi um excesso de informação. E isto fez com que houvesse uma quebra na qualidade da informação. Ora, fazer informação não é só pôr um indivíduo a desbobinar palavras. Por amor de Deus! Portanto, com o excesso de informação perdeu-se a qualidade porque nós não tínhamos capacidade para fazer tanto serviço informativo com qualidade. Esse foi o grande problema. Eu depois tive a dar aulas e depois via coisas que ... é a tal história. Para mim, televisão é conversar com quem está em casa. Não é só desbobinar palavras. Não é só ler. É conversar com quem está com outro lado, porque eles veem-nos como seus amigos. Daí, essa questão do grande fluxo de informação ter-se tornado um exagero. Lembrei-me agora de uma situação que me ocorreu quando estava a apresentar o *Telejornal*: Um dia não consegui perante as câmaras e com o teleponto dizer a palavra regionalização. E agora estava acontecendo a mesma história com a palavra exagero. (risos) E lembro-me que tentei três vezes e só pensei no seguinte: Ora bem! Estes tipos

devem andar lá em casa a dizer: anda esta aqui toda espaventosa a desbobinar notícia e agora não é capaz de dizer a palavra? Olhei para a câmara, ri-me, e pensei: lá estão todos em casa à gargalhada a rir-se de mim. Depois já num tom mais sério ergui a cabeça e disse acertadamente – regionalização. Li pelo papel que lá estava e depois continuei. Mas essas são das tais coisas que de vez em quando acontecem. Outra situação quase semelhante me ocorreu na altura em que o teleponto era uma coisa manual (escrito numas tirinhas de papel ao lado) e aquilo passava ao meio da câmara. Isto foi num dia em que o teleponto se avariou e felizmente que tinha sido eu a fazer a redação das notícias senão ficava perdida no meio do jornal. Graças a Deus consegui fazer o jornal todo olhando de vez em quando para o papel e isto sem dar a entender que o teleponto tinha deixado de funcionar. Mas estas coisas aconteciam. Quanto à RTP Madeira que temos hoje acho que na programação que temos ao nosso dispor acabamos por ser demasiado repetitivos. Penso que seria mais importante a nível da informação dar a conhecer a história, as tradições e todas as coisas boas que suscitem o interesse do público madeirense.

Entrevista a Roquelino Ornelas

Duração: 15 minutos e 38 segundos

Local: Café do Teatro, Funchal

Elementos presentes: Roquelino Ornelas e entrevistador

E: Em que ano começou a sua atividade como jornalista na RTP Madeira?

RO.: Entrei para a RTP Madeira em 1987 a convite, que era a fórmula usual nessa altura. Portanto, qualquer pessoa que entrasse na televisão, raramente entrava por concurso público e hoje não sei se será bem assim. Portanto, foi a convite pessoal, em 1987, e foi para colaborar durante um determinado período do dia com a redação do *24 Horas* que era um jornal muito interessante que havia na altura, apresentado por José Eduardo Moniz e onde a partir dessa minha colaboração passou a ser um pouco mais assídua a presença da Madeira nos noticiários nacionais. O que é ainda a meu ver a grande fórmula e que aí foi provado que sim que é possível.

E: Como descreve os primeiros anos em que esteve no canal?

RO.: Os meus primeiros anos na RTP Madeira foram em termos pessoais de grande realização pessoal. Não vou esconder com excesso de modéstia e vaidade que foi um momento de grande satisfação e de grande realização a nível profissional, porque nessa altura assim como hoje já tinha um pouco de carreira. Claro que nos podemos sentir realizados como jornalistas, em qualquer atividade, ou em qualquer órgão, mas o impacto que a televisão tem e tinha na altura a nível regional, que era ainda maior do que é hoje, era grande porque era o único canal que transmitia informação regional. Portanto, são anos de satisfação e de realização e de alegria, porque também era mais jovem talvez e tinha um trabalho desafiante pela frente. Na altura desempenhava as funções de repórter. Fazia todo o trabalho que faz um repórter. Não vou dizer que era estagiário, porque tinha dez anos de

profissão atrás. Já tinha dez anos de rádio e continuava a ter porque fui colaborador. Portanto era jornalista a tempo inteiro na Radiodifusão Portuguesa, que também me manteve nesses quadros. Portanto, fazia as funções todas de um repórter em ação, desde os telefonemas para confirmar informação, consultar telex, fazer contactos para reportar este ou aquele momento e sair em reportagem e fazer a recolha, trazer a notícia e montar uma reportagem. Nessa altura ainda não apresentava, tive de esperar algum tempo até seguir para o estúdio.

E: Recorda-se qual foi a primeira notícia que transmitiu no *Telejornal Madeira* enquanto pivô?

RO.: Lamentavelmente, já nem me recordo qual foi a primeira notícia. Comecei a apresentar o *Telejornal* como pivô talvez em 1989/1990. Eu entrei para os quadros da RTP para substituir uma vaga que ficou disponível, isto porque, entretanto, o Armindo Abreu estava à frente da direção do canal. Nessa altura era um quadro restrito, não havia lugares fixos e não era muito fácil passar-se em definitivo ao quadro. Isso foi em 1988 e um ano depois passei a apresentar aí o *Telejornal* fim de semana. Lembro-me que o primeiro *Telejornal* que apresentei foi à tarde e tinha um genérico muito bonito e colorido. Eu apresentei uma notícia nesse momento e de certeza que foi uma notícia regional, porque nessa altura já era um pouco filosofia e intenção nossa abrir sempre o *Telejornal* com uma coisa que fosse nossa. Intenção nossa, de toda a redação e de todos os jornalistas de dar realmente primazia à atualidade regional na perspetiva que estávamos a trabalhar numa redação que dava notícias de tudo o que se passava no mundo, o que é um conceito interessante. Tudo o que era internacional, nacional, não era só regional, mas enquadrando o regional no resto do contexto e tendo sempre que possível como notícia de abertura de origem local que tivesse impacto suficiente. A não ser que outra de extrema importância a nível internacional domine a atualidade. Por exemplo, no dia em que se deu a libertação de Mandela, a redação da RTP Madeira deu especial atenção a esse grande momento ao invés de uma de índole regional. O critério do jornalista prevalecia sempre e havia o cuidado de apresentar uma notícia com algum impacto, bem construída para a atualidade informativa regional.

E: Durante a sua atividade como jornalista quais os acontecimentos ou momentos que mais o marcaram?

RO.: Eu considero que tive a sorte de ser duma geração que assistiu a estas transformações a nível das tecnologias e de conceito de filosofia de redação e de serviço público. Portanto, comecei por enquadrar a produção regional num contexto de toda a informação global. Depois assisti à entrada dos outros canais (os generalistas) em catadupa e nós passamos a estar digamos num painel, ou num xadrez, com várias televisões e várias opções, onde tínhamos de nos esforçar mais para dar um produto que levasse as pessoas a escolher a RTP Madeira. Portanto, passei por esses momentos de transformação anterior e por acontecimentos externos da própria agenda mundial que também foram interessantes e nos quais tive a felicidade de participar. Um deles foi a cobertura das eleições da África do Sul. Assisti lá às primeiras eleições em abril de 1994 onde fui chamado para fazer um trabalho específico para a RTP Madeira e depois acabei por integrar a equipa da RTP nacional que lá foi trabalhar. Foi um trabalho que me deu muito prazer e muita honra, quer a nível regional quer a nível nacional. Outro momento foi a vinda do Papa à Madeira, que se revelou num momento extraordinário, onde eu também integrei a equipa de repórteres. E depois, outro grande momento foi a inauguração do aeroporto em 2000, no qual bati o recorde sentado a fazer de pivô. Foram horas e horas a partir da pista a fazer o direto daquele grande acontecimento. Adorei esse momento. Mas devo-lhes dizer que foram as mais pequenas histórias que me comoveram. E eu assisti, mas sei que isto é usado como comentário político, ao registo da chegada da luz elétrica, do caminho e do acesso, tanto ao mundo como à civilização, de tantos sítios desta Madeira onde vi transparecido no rosto a alegria das pessoas que viam chegar ali um pouco de avanço civilizacional. Não era só água que passava a ser mais fácil de chegar canalizada mas também outras coisas. Lembrome de uma vez ter perguntado a uma senhora num sítio (que já não me lembro, mas era muito bonito), isto num dia de festa e de inauguração da chegada da eletricidade, o porquê de ela estar tão contente. Ela respondeu que agora tinha luz. E depois perguntei-lhe, o que ela iria fazer com a luz. Eu pensei que ela iria comprar um frigorífico, mas ela disse que não e acrescentou que a partir de agora iria poder ver televisão. Portanto, são pequeninos momentos, pequeninas coisinhas de reportagens que nós contávamos a história da vida toda. Isto era o sal da vida para eles e também o sal da nossa reportagem.

E: E dos programas e reportagens que teve a oportunidade de trabalhar? Há algum que lhe tenha dado maior apreço?

RO.: Sim. Trabalhei em imensas reportagens e programas que gostei muito. Fiz uma grande reportagem que veio dar a conhecer as instituições europeias e a reportagem chamava-se *Um Madeirense no Parlamento Europeu*. E era um pouco à volta do dia a dia do professor Virgílio Pereira, que era uma pessoa que tinha uma clara ideia acerca do parlamento europeu. Ele acabava por ser o nosso guia ao longo de um pouco de uma série de instituições. Nós acabámos por mostrar qual era o papel de cada instituição, o lugar onde estava instalada e mostrávamos um pouco do seu funcionamento. Essa reportagem foi premiada com o prémio Leacock e foi um prazer receber esse prémio e foi uma reportagem interessante para a sua altura. Mas de todos os programas que fiz, e eu fiz muitos, entre entrevistas, reportagens e de debate (gosto muito dos programas de debate) o *Dossier de Imprensa* foi aquele de que mais gostei. E acabei a minha carreira com este programa, numa altura em que estava a fazer vários, nomeadamente o programa *Parlamento*. Mas o *Dossier de Imprensa* (feito por jornalistas onde dávamos a opinião) foi o que mais gostei de fazer pela alegria que me deu e pela alegria que transmitia. Ainda hoje é um programa de que as pessoas muito me falam nas ruas e acho que foi bastante interessante para mim, para a minha carreira e penso que até para a própria história da televisão na Madeira. Pela primeira vez se fez um programa aqui, onde os jornalistas saíam um pouco do papel de frios e objetivos e transmissores de notícias para pessoas que davam essas notícias mas que também davam a sua opinião. O programa ainda hoje continua e teve início com a minha apresentação. Por tudo isto, adorei trabalhar na televisão da Madeira e adorei a minha carreira. Realmente saí um bocadinho cedo, mas, enfim, nós temos que atender às circunstâncias das nossas vidas e ver qual o momento em que se deve partir para outra fase. É quase circunscrito a isso, mas foi uma posição pessoal.

E: Como analisa a atual situação em que se encontra a RTP Madeira? Que futuro espera do canal numa altura em que tanto se especula em privatização e regionalização?

RO.: Assisto à atual situação da RTP Madeira com muito receio. Estou receoso e não é como jornalista, que já sou ex-jornalista da RTP Madeira, embora me considere como

jornalista, ainda, mas obviamente não é de forma impune que se deixa uma carreira de trinta e três anos, vinte e três ao serviço da televisão. E eu vejo a televisão não muito negra, mas posso dizer turva, porque esta ideia de meter privados não é bom. E também esta ideia de meter um governo como acionista não é boa, porque nós evoluímos muito mas ainda somos um microcosmos muito especial e particular e isso poderá significar a morte da independência da RTP Madeira. A entrada de privados até à escala de quarenta e nove por cento é um risco enorme para o telespectador e pode-se perder qualidade e isenção do trabalho que é feito na RTP Madeira. Quanto a isso não tenho dúvidas. E depois temos a grande desvantagem de, a nível nacional, a tutela não entender o papel que a televisão exerce. Devemos ter uma televisão isenta, assim como se faz a nível nacional. A nível nacional temos boa televisão porque há concorrência e o trabalho é bem feito e ninguém teme pelos seus lugares, só porque fazem uma percentagem isenta em que foque problemas a nível governamental. Desconfio que aqui seja assim tão fácil. Desconfio que essa isenção e espírito de abertura venham a continuar. E a RTP a nível nacional também não entendeu que poderia integrar os espaços de informação regional com mais assiduidade nos seus lugares. Nós deveríamos ser informação e deveríamos ser notícia a nível nacional, não só quando há cheias, não só quando há coisas bombásticas. Poderíamos ser informação assim como é qualquer parte do país. Infelizmente, a RTP e muita gente noutras televisões também a nível nacional não têm este conceito. Têm o conceito que não se queixa o país todo, a não ser Lisboa. O país é Lisboa e o resto é paisagem. Infelizmente é assim. É por isso que eu receio que estas privatizações, estes modelos experimentais e estas soluções jurídicas possam vir a ser uma grande golpada e ameaça à isenção e ao jornalismo feito na Madeira. Na RTP Madeira deram-se saltos qualitativos muito grandes. O problema da televisão em não ir mais à rua hoje prende-se com a falta de pessoal ou muita gente fora. Porque há um trabalho que tem de ser feito sentado lá dentro e há um outro trabalho que tem de ser feito cá fora com as pessoas. E neste momento as pessoas que existem são poucas e às vezes parecem estar sentadas dentro do canal mas andam muito na rua. Talvez seja outra a filosofia e o enquadramento não pode ser nem muito no exterior e nem muito no interior. Para isso tem que haver mais gente para trabalhar e é isso neste momento que se vê, porque muito se luta contra a falta de meios muito acentuada. E neste contexto de promessas há a falta da chegada de material prometido que nunca se vê. Não geramos meios financeiros suficientes para entrarmos nós diretamente no mercado e comprarmos os

equipamentos que precisamos. Tudo isso é problemático e claro que isto é fundamento para a entrada de privados, mas depois vamos ficar submetidos ao poder político e ao poder económico que são os dois piores inimigos do jornalismo livre.